

ELVIS SIMÕES PITOCO DA SILVA



**A GEOPOLÍTICA DO ESPORTE NA NOVA ORDEM MUNDIAL: UMA ANÁLISE
DOS BRICS NOS MEGAEVENTOS – COPA DO MUNDO E OLIMPÍADAS**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**A GEOPOLÍTICA DO ESPORTE NA NOVA ORDEM MUNDIAL: UMA
ANÁLISE DOS BRICS NOS MEGAEVENTOS – COPA DO MUNDO E
OLIMPIADAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Tecnologia, campus de Presidente Prudente - SP - Área de concentração: Desenvolvimento Territorial.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Terezinha
Serafim Gomes

**Presidente Prudente
2024**

P685g Pitoco da Silva, Elvis Simões
A Geopolítica do Esporte na nova ordem mundial : uma análise dos BRICS nos megaeventos – Copa do Mundo e Olimpíadas / Elvis Simões Pitoco da Silva. -- Presidente Prudente, 2024
267 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente
Orientadora: Maria Terezinha Serafim Gomes

1. Geografia do Esporte. 2. Geopolítica do Esporte. 3. BRICS. 4. Soft Power. 5. Copa do Mundo e Olimpíadas. I. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ELVIS SIMÕES PITOCO DA SILVA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - CÂMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE.

Aos 01 dias do mês de fevereiro do ano de 2024, às 14:00 horas, no(a) Anfiteatro VII, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de ELVIS SIMÕES PITOCO DA SILVA, intitulada "**A Geopolítica do Esporte na nova ordem mundial: uma análise dos BRICS nos megaeventos, Copa do Mundo e Olimpíadas**". A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. MARIA TEREZINHA SERAFIM GOMES (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Geografia / Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente - FCT/Unesp, Prof. Dr. ELISEU SAVÉRIO SPOSITO (Participação Presencial) do(a) Departamento de Geografia / Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente - FCT/Unesp, Prof. Dr. ANTONIO MARCOS ROSEIRA (Participação Virtual) do(a) Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas (CECS) / Universidade Federal do ABC. Após a exposição pelo mestrando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. MARIA TEREZINHA SERAFIM GOMES



AGRADECIMENTOS

Esta dissertação só foi possível graças ao apoio, incentivo e colaboração de diversas pessoas e instituições que fizeram parte dessa trajetória, às quais expresso minha mais sincera gratidão.

À minha família, especialmente aos meus pais, Djane Simões dos Santos e Elcio da Silva, ao meu irmão, Bruno Augusto Simões Alves, às minhas tias, Noeme Simões dos Santos e Marluvia Simões dos Santos, e à minha avó, Maria Simões Fraga, a qual dedico esse trabalho e que me viu iniciar essa caminhada e, infelizmente, não viu o seu término. A vocês, e aos demais familiares, por todo amor, paciência, carinho, incentivo e suporte ao longo desse percurso, meu mais profundo agradecimento. Sem vocês, esta pesquisa não passaria de um sonho distante.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Maria Terezinha Serafim Gomes, por aceitar o desafio de orientar um tema inovador e desafiador, pela paciência, compreensão, acolhimento nos momentos mais difíceis, e pelos anos de ensinamentos que transcendem esta dissertação. Seu apoio foi essencial para o meu crescimento acadêmico e profissional. Aos membros da banca, Prof. Dr. Antonio Marcos Roseira (UFABC) e Prof. Emérito Dr. Eliseu Savério Sposito (UNESP), pelas valiosas contribuições e questionamentos que enriqueceram este trabalho.

Aos colegas do NUPERG – Núcleo de Pesquisas e Estudos Regionais, do Grupo de Estudos Gilmar Mascarenhas e do MDF4L – Mundo Dentro e Fora das 4 Linhas, pelos debates produtivos, pela troca de ideias e pela camaradagem ao longo dessa jornada. Também agradeço a pessoas especiais: Ananda Yumi Yamashiro, pelos intermináveis debates filosóficos; Janaína Conceição da Silva, pelas trocas de ideias sobre geopolítica e geoeconomia mundial; Arthur Massagardi, pela rica contribuição cartográfica; Dambrenio Odacir Boró, pelas sugestões de design e pelo aprimoramento das minhas (antes cinzas) tabelas; e a Jean Adrien Jose Legroux pelas ajudas com as inúmeras traduções. A todos vocês, meu sincero agradecimento pelas conversas descontraídas, pelas reflexões compartilhadas e pelo apoio inestimável.

À UNESP – Universidade Estadual Paulista e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia – Campus de Presidente Prudente, pelo ambiente acadêmico propício ao desenvolvimento desta pesquisa. Ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pelo apoio financeiro fundamental para a concretização deste trabalho, por meio do processo nº 160786/2021-5.

Por fim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta dissertação, meu mais sincero agradecimento.

EPÍGRAFE

Hoje, mais do que nunca, a geografia serve, antes de tudo, para fazer a guerra (...) e ao exercício do poder.

Yves Lacoste

RESUMO

PITOCO DA SILVA, Elvis Simões. A Geopolítica do Esporte na nova ordem mundial: Uma análise dos BRICS nos megaeventos – Copa do Mundo e Olimpíadas. 2024. 267 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2025.

A nova ordem internacional pós-1991 reestruturou as dinâmicas do poder global, desencadeando uma série de mudanças significativas nos âmbitos político, econômico e social. Os vácuos de poder deixado pela União Soviética foram ocupados por outros atores do sistema internacional, incluindo atores não estatais. Paralelamente, os esportes consolidam-se como instrumentos de poder, juntamente com seus agentes, como a FIFA (Federação Internacional de Futebol e Associados) e o COI (Comitê Olímpico Internacional), assim como os megaeventos, tais como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Nesse cenário, ocorre a formação dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), uma coalizão de nações que constitui o bloco do Sul-Global, detendo a capacidade de confrontar a hegemonia e a influência do Ocidente. Esses países nas últimas duas décadas instrumentalizaram o esporte, sediando megaeventos, buscando ocupar novas posições no sistema internacional, uma estratégia de *Soft Power*. Portanto, nosso objetivo é analisar o esporte como um instrumento de poder e sua instrumentalização a partir dos BRICS, com foco na realização das Olimpíadas e da Copa do Mundo, buscamos entender quais são os propósitos dos BRICS em abrigar os megaeventos e qual as razões para o deslocamento em direção aos países emergentes. A metodologia da pesquisa foi implementada por meio de uma análise sistemática da bibliografia, buscando outros estudos que já abordaram a temática, utilizando o Portal de Periódicos da CAPES e as plataformas *Scopus*, *Web Of Science* e *Google Acadêmico*. Os dados foram organizados e elaborados por meio da ferramenta *Bibliometrix*. Nessa ordem multipolar, o *Soft Power* ganhou espaço como ferramenta geopolítica. Com isso, os megaeventos assumem papel relevante para os países emergentes, tornando-se cada vez mais integrados ao cenário dos Jogos Internacionais, seja ao sediá-los ou ao participar através de suas empresas, que exportam a imagem do país para a opinião pública internacional. Por outro lado, a FIFA e o Comitê Olímpico Internacional buscam expandir para novos mercados, com foco especial no eixo Ásia-Pacífico. O esporte é um objeto analítico que ainda recebe pouca atenção da comunidade geográfica, embora alguns geógrafos dispersos tenham investigado o tema. Dessa forma, buscamos incentivar o uso do esporte como objeto de análise na Geografia, promovendo a integração desses autores e evidenciando que o fenômeno esportivo, principalmente no contexto das questões internacionais, é pesquisado por outros campos do conhecimento em várias regiões do mundo.

Palavras-Chave: Geografia do Esporte, Geopolítica do Esporte, BRICS, *Soft Power*, Copa do Mundo e Olimpíadas.

ABSTRACT

PITOCO DA SILVA, E. S. (2025). The Geopolitics of Sport in the new world order: An analysis of the BRICS in mega-events – World Cup and Olympics (Master's thesis, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente).

The new post-1991 international order restructured the dynamics of global power, triggering a series of significant changes in the political, economic and social spheres. The power vacuum left by the Soviet Union were filled by other actors in the international system, including non-state actors. At the same time, sports consolidate themselves as instruments of power, together with their agents, such as FIFA (International Football Federation and Associates) and the IOC (International Olympic Committee), as well as mega events, such as the World Cup and the Olympic Games. In this scenario, the BRICS (Brazil, Russia, India, China and South Africa) are formed, a coalition of nations that constitutes the Global South bloc, with the capacity to confront the hegemony and influence of the West. These countries in the last two decades have instrumentalized sports, hosting mega events, seeking to occupy new positions in the international system, a Soft Power strategy. Therefore, our objective is to analyze sport as an instrument of power and its instrumentalization from the BRICS perspectives, focusing on the holding of the Olympics and the World Cup, we seek to understand the purposes of the BRICS in hosting mega-events and the reasons for the shift towards emerging countries. The research methodology was implemented through a systematic analysis of the bibliography, searching for other studies that have already addressed the topic, using the CAPES Portal and the *Scopus*, *Web Of Science* and *Google Scholar* platforms. The data was organized and prepared using the *Bibliometrix* tool. In this multipolar order, *Soft Power* gained space as a geopolitical tool. As a result, mega-events assume a relevant role for emerging countries, becoming increasingly integrated into the International Games scenario, whether by hosting or by sponsoring them through their companies, which export the country's image to international public opinion. On the other hand, FIFA and the International Olympic Committee seek to expand into new markets, with a special focus on the Asia-Pacific axis. Sports are an analytical object that still receives little attention from the geographic community, although a few scattered geographers have investigated the topic. We, therefore, seek to encourage the use of sports as an object of analysis in Geography, which is researched by other fields of knowledge in various part of the world, promoting the integration of these authors and highlighting the sporting phenomenon, mainly in the context of international issues.

Keywords: Geography of Sport, Geopolitics of Sport, BRICS, Soft Power, World Cup and Olympics

RÉSUMÉ

PITOCO DA SILVA, E. S. (2025). La Géopolitique du Sport dans le nouvel ordre mondial: Une analyse des BRICS dans les méga-événements – Coupe du Monde et Jeux Olympiques (Thèse de maîtrise, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente).

La nouvelle ordre internationale post-1991 a restructuré les dynamiques du pouvoir mondial, entraînant une série de transformations significatives aux niveaux politique, économique et social. Les vides de pouvoir laissés par l'Union soviétique ont été comblés par d'autres acteurs du système international, y compris des acteurs non étatiques. Parallèlement, le sport s'est consolidé comme un instrument de pouvoir, avec ses principaux agents, tels que la FIFA (Fédération Internationale de Football Association) et le CIO (Comité International Olympique), ainsi que les méga-événements, comme la Coupe du Monde et les Jeux Olympiques. Dans ce contexte, les BRICS (Brésil, Russie, Inde, Chine et Afrique du Sud) émergent en tant que coalition de nations formant le bloc du Sud global, dotées de la capacité de contester l'hégémonie et l'influence de l'Occident. Au cours des deux dernières décennies, ces pays ont instrumentalisé le sport en accueillant des méga-événements afin d'occuper de nouvelles positions dans le système international, dans une stratégie relevant du Soft Power. Ainsi, notre objectif est d'analyser le sport en tant qu'instrument de pouvoir et son instrumentalisation par les BRICS, en mettant l'accent sur l'organisation des Jeux Olympiques et de la Coupe du Monde. Nous cherchons à comprendre quels sont les objectifs des BRICS en accueillant ces méga-événements et quelles sont les raisons du déplacement de ces compétitions vers les pays émergents. La méthodologie de cette recherche repose sur une analyse systématique de la bibliographie existante, en s'appuyant sur des études antérieures traitant de cette thématique. Les sources ont été consultées via le Portail de Périodiques de la CAPES ainsi que sur les plateformes Scopus, Web of Science et Google Scholar. Les données ont été organisées et traitées à l'aide de l'outil Bibliometrix. Dans ce nouvel ordre multipolaire, le Soft Power a gagné en importance en tant qu'outil géopolitique. Ainsi, les méga-événements jouent un rôle central pour les pays émergents, devenant de plus en plus intégrés à la scène des Jeux Internationaux, que ce soit en tant qu'hôtes ou à travers la participation de leurs entreprises, qui projettent l'image de leur pays auprès de l'opinion publique internationale. Par ailleurs, la FIFA et le Comité International Olympique cherchent à s'étendre vers de nouveaux marchés, en mettant particulièrement l'accent sur l'axe Asie-Pacifique. Le sport demeure un objet d'analyse encore peu exploré par la communauté géographique, bien que certains géographes s'y soient déjà intéressés de manière dispersée. De ce fait, nous souhaitons encourager l'usage du sport comme objet d'analyse en géographie, en favorisant l'intégration des chercheurs travaillant sur cette thématique et en mettant en évidence que le phénomène sportif, notamment dans le cadre des relations internationales, fait l'objet de recherches dans d'autres disciplines et dans diverses régions du monde.

Mots-clés: Géographie du sport, Géopolitique du sport, BRICS, Soft Power, Coupe du Monde, Jeux Olympiques.

RESUMEN

PITOCO DA SILVA, E. S. (2025). La Geopolítica del Deporte en el nuevo orden mundial: Un análisis de los BRICS en los megaeventos – Copa del Mundo y Olimpiadas (Tesis de maestría, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente).

El nuevo orden internacional posterior a 1991 reestructuró la dinámica del poder global, desencadenando una serie de cambios significativos en los ámbitos político, económico y social. El vacío de poder dejado por la Unión Soviética fue llenado por otros actores del sistema internacional, incluidos actores no estatales. Al mismo tiempo, los deportes se consolidan como instrumentos de poder, junto a sus agentes, como la FIFA (Federación Internacional de Fútbol y Asociados) y el COI (Comité Olímpico Internacional), así como los megaeventos, como la Copa del Mundo y la Copa del Mundo. Juegos olímpicos. En este escenario se forman los BRICS (Brasil, Rusia, India, China y Sudáfrica), una coalición de naciones que constituye el bloque del Sur Global, con capacidad de enfrentar la hegemonía e influencia de Occidente. Estos países en las últimas dos décadas han instrumentalizado el deporte, albergando megaeventos, buscando ocupar nuevas posiciones en el sistema internacional, una estrategia de Soft Power. Por lo tanto, nuestro objetivo es analizar el deporte como instrumento de poder y su instrumentalización desde las perspectivas de los BRICS, centrándonos en la realización de los Juegos Olímpicos y el Mundial, buscamos comprender los propósitos de los BRICS al albergar megaeventos y las razones. para el giro hacia los países emergentes. La metodología de investigación se implementó a través de un análisis sistemático de la bibliografía, buscando otros estudios que ya abordaron el tema, utilizando el Portal CAPES y las plataformas Scopus, Web Of Science y Google Scholar. Los datos fueron organizados y preparados utilizando la herramienta Bibliometrix. En este orden multipolar, el poder blando ganó espacio como herramienta geopolítica. Como resultado, los megaeventos asumen un papel relevante para los países emergentes, integrándose cada vez más en el escenario de los Juegos Internacionales, ya sea acogiéndolos o patrocinándolos a través de sus empresas, que exportan la imagen del país a la opinión pública internacional. Por otro lado, la FIFA y el Comité Olímpico Internacional buscan expandirse hacia nuevos mercados, con especial foco en el eje Asia-Pacífico. Los deportes son un objeto analítico que todavía recibe poca atención por parte de la comunidad geográfica, aunque algunos geógrafos dispersos han investigado el tema. Buscamos, por tanto, incentivar el uso de deportes como objeto de análisis en Geografía, que es investigado por otros campos del conocimiento en diversas partes del mundo, promoviendo la integración de estos autores y resaltando el fenómeno deportivo, principalmente en el contexto de las cuestiones internacionales.

Palabras clave: Geografía del deporte, Geopolítica del deporte, BRICS, Soft Power, Copa del Mundo y Juegos Olímpicos.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. NUVEM DE PALAVRAS DAS PESQUISAS SOBRE GEOPOLÍTICA E ESPORTE NO BRASIL	40
FIGURA 2. NUVEM DE PALAVRAS: OS 10 TERMOS MAIS RELEVANTES NAS PESQUISAS SOBRE GEOPOLÍTICA E ESPORTE NO EXTERIOR.....	42
FIGURA 3. AS 10 PALAVRAS MAIS RELEVANTES NAS PESQUISAS SOBRE GEOPOLÍTICA E ESPORTE NO EXTERIOR	43
FIGURA 4. NUVEM DE PALAVRAS: AS 50 PRINCIPAIS PALAVRAS DAS PESQUISAS SOBRE GEOPOLÍTICA E ESPORTE NO EXTERIOR.....	43
FIGURA 5. NUVEM DE PALAVRAS: AS 100 PRINCIPAIS PALAVRAS NAS PESQUISAS SOBRE GEOPOLÍTICA E ESPORTE NO EXTERIOR.....	44
FIGURA 6. MAPA DE CAMPO: PRINCIPAIS EXPOENTES, PAÍSES E PALAVRAS-CHAVE NAS PESQUISAS SOBRE GEOPOLÍTICA E ESPORTE NO EXTERIOR.....	47
FIGURA 7. PRODUÇÃO POR INTENSIDADE DOS PAÍSES AO LONGO DO TEMPO NAS PESQUISAS SOBRE GEOPOLÍTICA E ESPORTE NO EXTERIOR.....	47
FIGURA 8. ORGANOGRAMA DO FÚTEBOL INTERNACIONAL: ESTRUTURA E RELAÇÕES ENTRE AS PRINCIPAIS ENTIDADES	66
FIGURA 9. MOEDA COMEMORATIVA DE 1 RUBLO PARA OS JOGOS OLÍMPICOS DE 1980.....	102
FIGURA 10. LOCALIZAÇÃO DA FORMAÇÃO VACA MUERTA	136
FIGURA 11. AREA DO ENTRONO DA ARENA DE SÃO PAULO NA COPA DO 2014	151
FIGURA 12. CERVEJA BRAHMA EDIÇÃO COMEMORATIVA DA SELEÇÃO BRASILEIRA PARA A COPA DE 2014 – BRASIL	152
FIGURA 13. PALCO DE SHOWS DO BOULEVARD OLÍMPICO – 2016.....	154
FIGURA 14. MOEDAS COMEMORATIVAS DE 1 REAL DESTINADAS À LIVRE CIRCULAÇÃO EM CELEBRAÇÃO AOS JOGOS OLÍMPICOS DE 2016 NO BRASIL.....	157
FIGURA 15. CARIMBO DE ENTRADA E SAÍDA NOS PASSAPORTES, REPRESENTATIVO DOS JOGOS OLÍMPICOS, UTILIZADO PELO BRASIL DURANTE AS OLIMPÍADAS	157
FIGURA 16. PLACAS DE PUBLICIDADE NAS OLIMPÍADAS RIO 2016.....	158
FIGURA 17. DISPOSIÇÃO DOS PATROCINADORES NA ROUPAGEM DOS ATLETAS	159
FIGURA 18. COPO DE DISTRIBUIÇÃO DA COCA COLA NO JOGOS PARALÍMPICOS – RIO 2016	159
FIGURA 19. EMBALAGENS DE COCA COLA DA EDIÇÃO ESPECIAL DOS JOGOS OLÍMPICOS – RIO 2016.....	160
FIGURA 20. NOVO TERMINAL DE TRENS DA RUSSIAN RAILWAYS EM SOCHI – 2018	166
FIGURA 21. FRENTE E VERSO DAS MOEDAS COMEMORATIVAS DOS JOGOS OLÍMPICOS DE INVERNO DE SOCHI – RÚSSIA 2014.....	169
FIGURA 22. PLACA DE PUBLICIDADE DOS PATROCINADORES DA COPA DO MUNDO – RÚSSIA 2018.....	175
FIGURA 23. ESPAÇO DE INTEIRAÇÃO DA BUDWEISER COM O PÚBLICO.....	176
FIGURA 24. COPO DE DISTRIBUIÇÃO DA CERVEJA BUDWEISER NA COPA DO MUNDO DE FÚTEBOL MASCULINO 2018 – RÚSSIA.....	177
FIGURA 25. EMBALAGEM DE COCA COLA COMEMORATIVA PARA A COPA DO MUNDO 2018 - RÚSSIA.....	178
FIGURA 26. FRENTE E VERSO DAS MOEDAS COMEMORATIVAS DA COPA DO MUNDO 2018 – RÚSSIA.....	179

FIGURA 27. NOTA COMEMORATIVA DOS JOGOS OLÍMPICOS DE 2008 – PEQUIM 2008	195
FIGURA 28. LATAS DE COCA-COLA DISTRIBUÍDAS DURANTE A COPA DO MUNDO DE RÚGBI DE 1995	199

LISTA DE MAPAS

MAPA 1. LOCALIZAÇÃO DOS BRICS E OS NOVOS CONVIDADOS (2022)	21
MAPA 2. REGIONALIZAÇÃO DA FIFA (2023)	64
MAPA 3. ORIGEM DAS PRINCIPAIS ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS INTERNACIONAIS ESPORTIVAS (1880 – 1935).....	78
MAPA 4. SEDE DOS JOGOS OLÍMPICOS POR ORDEM DE ESTABELECIMENTO	79
MAPA 5. SEDES DOS JOGOS OLÍMPICOS DA ORDEM ENTRE GUERRAS 1920 – 1944.....	88
MAPA 6. SEDES DAS COPAS DO MUNDO DE FUTEBOL NA ORDEM ENTRE GUERRAS 1930 – 1938	90
MAPA 7. SEDES DOS JOGOS OLÍMPICOS DA ORDEM BIPOLAR 1948 – 1988	111
MAPA 8. SEDE DAS COPAS DO MUNDO DE FUTEBOL DA ORDEM BIPOLAR 1950 – 1990.....	112
MAPA 9. SEDES DOS JOGOS OLÍMPICOS DA ORDEM MULTIPOLAR 1992 – 2032.....	129
MAPA 10. SEDES DAS COPAS DO MUNDO DE FUTEBOL DA ORDEM BIPOLAR 1990 – 2034.....	130
MAPA 11. PAÍSES COM EMPRESAS PATROCINADORAS DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO – BRASIL 2014	153
MAPA 12. PAÍSES COM EMPRESAS PATROCINADORAS DOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO - BRASIL 2016..	161
MAPA 13. A POSIÇÃO GEOESTRATÉGICA DA CIDADE DE SOCHI – 2022	165
MAPA 14. PAÍSES COM EMPRESAS PATROCINADORAS DOS JOGOS OLÍMPICOS DE INVERNO – RÚSSIA 2014	170
MAPA 15. PAÍSES COM EMPRESAS PATROCINADORAS DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO – RÚSSIA 2018	180
MAPA 16. PAÍSES COM EMPRESAS PATROCINADORAS DOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO - PEQUIM 2008.	196
MAPA 17. PAÍSES COM EMPRESAS PATROCINADORAS DA COPA DO MUNDO DE RÚGBI – ÁFRICA DO SUL 1995	200
MAPA 18. PAÍSES COM EMPRESAS PATROCINADORAS DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO 2010 – ÁFRICA DO SUL	207
MAPA 19. CLUBES SOB O DOMÍNIO DO CITY FOOTBALL GROUP NO MUNDO (2022).....	212

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1. PESQUISAS SOBRE A GEOPOLÍTICA E O ESPORTE NO BRASIL.....	41
GRÁFICO 2. PAÍSES DOS AUTORES DAS PESQUISAS SOBRE GEOPOLÍTICA E ESPORTE NO EXTERIOR.....	45
GRÁFICO 3. PRODUÇÃO DAS PESQUISAS SOBRE GEOPOLÍTICA E ESPORTE NO EXTERIOR AO LONGO DO TEMPO (1989-2022).....	46
GRÁFICO 4. PARTICIPAÇÃO NO PIB MUNDIAL (1990 - 2023).....	133

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. PRIMEIROS COLOCADOS DOS JOGOS OLÍMPICOS DE 1896 A 1912	79
QUADRO 2. PRIMEIROS COLOCADOS DOS JOGOS OLÍMPICOS DE 1920 A 1936	87
QUADRO 3. PRIMEIROS COLOCADOS DOS MUNDIAIS DE FUTEBOL DE 1924 A 1938	89
QUADRO 4. PRIMEIROS COLOCADOS DOS JOGOS OLÍMPICOS DE 1948 A 1988.....	110
QUADRO 5. PRIMEIROS COLOCADOS DOS JOGOS OLÍMPICOS DE 1992 A 2021	127
QUADRO 6. PATROCINADORES DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO – BRASIL 2014	150
QUADRO 7. PATROCINADORES DOS JOGOS OLÍMPICOS – RIO DE JANEIRO 2016	156
QUADRO 8. PATROCINADORES DOS JOGOS OLÍMPICOS DE INVERNO – SOCHI 2014	168
QUADRO 9. PATROCINADORES DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO – RÚSSIA 2018	174
QUADRO 10. PATROCINADORES DOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO – PEQUIM 2008.....	193
QUADRO 11. PATROCINADORES DA COPA DO MUNDO DE RÚGBI – ÁFRICA DO SUL 1995	199
QUADRO 12. PAÍSES COM EMPRESAS PATROCINADORAS DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO – ÁFRICA DO SUL 2010	205

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. COMPARAÇÃO DO NÚMERO DE NAÇÕES RECONHECIDAS PELA ONU/FIFA/COI/CONIFA	52
TABELA 2. QUANTIDADE DE SEGUIDORES NO INSTAGRAM DE AGENTES ESPORTIVOS E CHEFES DE ESTADO – FEV. DE 2023	57
TABELA 3. NÚMERO DE PAÍSES E CHEFES DE ESTADO NAS ÚLTIMAS ABERTURAS DE JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO.....	58
TABELA 4. COMPARATIVO ENTRE A FIFA E A ONU	67
TABELA 5. ELEIÇÕES PARA A SEDE DA XI JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO.....	85
TABELA 6. ELEIÇÕES PARA A SEDE DA XIV JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO	92
TABELA 7. ELEIÇÕES PARA A SEDE DA XV JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO	94
TABELA 8. ELEIÇÕES PARA A SEDE DA XVI JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO	95
TABELA 9. ELEIÇÕES PARA A SEDE DA XVII JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO.....	97
TABELA 10. ELEIÇÕES PARA A SEDE DA XVIII JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO	97
TABELA 11. ELEIÇÕES PARA A SEDE DA XIX JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO	98
TABELA 12. ELEIÇÕES PARA A SEDE DA XX JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO	99
TABELA 13. ELEIÇÕES PARA A SEDE DA XXI JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO	100
TABELA 14. ELEIÇÕES PARA A SEDE DO XXII JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO.....	101
TABELA 15. QUANTIDADE DE PAÍSES E TERRITÓRIOS QUE TIVERAM COBERTURA DE TV NOS JOGOS OLÍMPICOS.....	106
TABELA 16. ELEIÇÕES PARA A SEDE DA XXIII JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO	108
TABELA 17. ELEIÇÕES PARA A SEDE DA XXV JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO	119
TABELA 18. ELEIÇÕES PARA A SEDE DA XXVI JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO	120
TABELA 19. ELEIÇÕES PARA A SEDE DA XXVII JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO.....	121
TABELA 20. ELEIÇÕES PARA A SEDE DA XXVIII JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO.....	123
TABELA 21. ELEIÇÕES PARA A SEDE DA XXIX JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO	123
TABELA 22. ELEIÇÕES PARA A SEDE DO XXXI JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO	125
TABELA 23. ELEIÇÕES PARA A SEDE DO XXX JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO	125
TABELA 24. ELEIÇÕES PARA A SEDE DO XXXII JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO.....	126
TABELA 25. ELEIÇÃO PARA A XXIII COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO	129
TABELA 26. INDICADORES SOCIOECONÔMICOS DOS BRICS.....	132
TABELA 27. PRODUTO ÍTERNO BRUTO (PIB) DOS BRICS DE 1990 ATÉ 2022.....	133
TABELA 28. ELEIÇÕES PARA A SEDE DA XXII JOGOS OLÍMPICOS DE INVERNO.....	164
TABELA 29. ELEIÇÃO PARA A XIX COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO.....	202

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
AFC	Confederação Asiática de Futebol
ATP	Associação de Profissionais de Tênis – em inglês
APEC	Cooperação Econômica Ásia-Pacífico
AUKUS	Austrália, Estados Unidos e Reino Unido – em inglês
BRICS	Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
CAF	Confederação Africana de Futebol
CAN	Copa Africana de Nações
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CSNU	Conselho de Segurança das Nações Unidas
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
COI	Comitê Olímpico Internacional
CONCACAF	Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe
ConIFA	Confederação de Futebol de Associações Independentes
CONMEBOL	Confederação Sul-americana de Futebol
COSAFA	Conselho das Associações de Futebol da África Austral
CSNU	Conselho de Segurança das Nações Unidas
DIT	Divisão Internacional do Trabalho
EUA	Estados Unidos da América
FIA	Federação Internacional de Automobilismo
FIBA	Federação Internacional de Basquetebol
FIFA	Federação Internacional de Futebol e Associados
FMI	Fundo Monetário Internacional
IAAF	Associação Internacional de Federações de Atletismo
IBA	Associação Internacional de Boxe
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
MoU	Memorando de Entendimento
NDB	New Development Bank
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OEA	Organização dos Estados Americanos
OFC	Confederação de Futebol da Oceania
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONGI	Organização Não Governamental Internacional
ONU	Organização das Nações Unidas
OPEP	Organização dos Países Exportadores de Petróleo
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
OUA	Organização da Unidade Africana

PBCC	Conselho Paquistanês De Críquete Para Cegos – em inglês
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
QUAD	Diálogo de Segurança Quadrilateral – em inglês
ROSATOM	Companhia Estatal de Energia Nuclear – em russo
SADC	Comunidade de Desenvolvimento da África Austral – em inglês
SWIFT	Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication
UNFCCC	Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima
UA	União Africana
UE	União Europeia
UEFA	União das Associações Europeias de Futebol
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura
UNFCCC	Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima – em inglês
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
WADA	Agência Mundial Antidoping – em inglês

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1. A GEOPOLÍTICA DO ESPORTE: DIMENSÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	25
1.1 O ESPORTE COMO INSTRUMENTO DE PODER	50
1.2 AS ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAIS INTERNACIONAIS ESPORTIVAS: A FIFA E O COI	59
2. A ORDEM E O SISTEMA INTERNACIONAL A PARTIR DA GEOPOLÍTICA DO ESPORTE	69
2.1 A ORDEM DE ESTABELECIMENTO (1856 – 1919).....	72
2.2 A ORDEM ENTRE GUERRAS (1919 – 1945)	81
2.3 A ORDEM BIPOLAR: PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1945 – 1991)	91
2.4 A ORDEM MULTIPOLAR (DESDE 1991)	113
3. OS BRICS E A NOVA ORDEM MULTIPOLAR	132
3.1 OS BRICS NOS MEGAEVENTOS INSERIDOS NO MUNDO MULTIPOLAR.	141
3.1.1 <i>Brasil: de líder regional a player global</i>	146
3.1.2 <i>Rússia: o soerguimento da nação</i>	163
3.1.3 <i>Índia: buscando o smart power</i>	183
3.1.4 <i>China: da liderança regional para as maiores economias globais</i>	187
3.1.5 <i>África do Sul: a reunificação da nação e uma nova liderança continental</i>	197
3.1.6 <i>O BRICS +: Argentina, Arabia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Egito, Etiópia e Irã</i>	209
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	215
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	219
6. APÊNDICES	219
APÊNDICE A – PESQUISAS QUE ENVOLVEM A TEMÁTICA DA GEOPOLÍTICA E ESPORTE NO BRASIL.	241
APÊNDICE B – FRENTE E VERSO DO INGRESSO DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO DE 2014.	245
APÊNDICE C – COPO DE DISTRIBUIÇÃO DE BEBIDA COCA COLA NA COPA DO MUNDO DE 2014.	246
APÊNDICE D – DECORAÇÃO DA COCA COLA PARA A COPA DO MUNDO 2014 – BRASIL	247
APÊNDICE E – LOJA DE PRODUTOS LICENCIADOS PARA A COPA DO MUNDO DE 2014.....	248
APÊNDICE F – ESTANDE DA COCA COLA PARA A COPA DO MUNDO DE 2014	249
APÊNDICE G - FRENTE E VERSO DO INGRESSO DOS JOGOS OLÍMPICOS – RIO 2016.....	250
APÊNDICE H - FRENTE E VERSO DO INGRESSO DOS JOGOS PARALÍMPICOS – RIO 2016.....	251
APÊNDICE I – COPO DE DISTRIBUIÇÃO DA CERVEJA SKOL NO JOGOS OLÍMPICOS – RIO 2016.	252
APÊNDICE J - FRENTE E VERSO DO INGRESSO DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO DE 2018 – RÚSSIA	253
APÊNDICE K – FACHADA DA LOJA OFICIAL DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO 2018 – RÚSSIA.	254
APÊNDICE L – ESTANDE DA HYUNDAI NA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO 2018 – RÚSSIA.	255
APÊNDICE M – ESTANDE DA HYUNDAI NA <i>FAN FEST</i> DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO 2018 – RÚSSIA.	256

APÊNDICE N – ESTANDE DA HISENSE NA <i>FAN FEST</i> DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO 2018 – RÚSSIA.	257
APÊNDICE O – ESTANDE DA COCA COLA NA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO 2018 – RÚSSIA.	258
APÊNDICE P – ESTANDE DA CATAR AIRWAYS NA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO 2018 – RÚSSIA.	259
APÊNDICE Q – CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO DE ATIVIDADE DA COCA COLA NA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO 2018 – RÚSSIA.	260
APÊNDICE R - ESTANDE DA BUDWEISER NA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO 2018 – RÚSSIA.	261
APÊNDICE S - ESTANDE DA BUDWEISER NA <i>FAN FEST</i> DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO 2018 – RÚSSIA.	262
APÊNDICE T – COPO DE DISTRIBUIÇÃO DA CERVEJA BUDWEISER NA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO 2018 – RÚSSIA.	263
APÊNDICE U – COPO DE DISTRIBUIÇÃO DE BEBIDA COCA COLA NA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO 2018 – RÚSSIA.	264
APÊNDICE V – EMBALAGEM DE DISTRIBUIÇÃO DA CERVEJA WARSTEINER NA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO 2018 – RÚSSIA.	265
7. ANEXOS	266
ANEXO A – PARCEIROS E PATROCINADORES OFICIAIS DA COPA DO MUNDO DESDE 1982.	267

INTRODUÇÃO

A nova ordem internacional pós-1991 reestruturou as dinâmicas do poder global, desencadeando uma série de mudanças significativas nos âmbitos político, econômico e social. O vácuo deixado pela União Soviética e as características do mundo bipolar foram ocupados por outros atores do sistema internacional, incluindo atores não estatais. Inicialmente, os Estados Unidos emergiram como a única superpotência, permitindo-lhes expandir sua influência em questões globais, como segurança, comércio, diplomacia e questões climáticas.

A expansão da UE (União Europeia) e da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) em direção ao Leste Europeu, Balcãs, Cáucaso e toda a esfera de influência soviética é um exemplo da hegemonia unilateral exercida pelos Estados Unidos nessa nova ordem. Por outro lado, a disseminação do poder global alcançou as nações periféricas e semiperiféricas, intensificando conflitos regionais, especialmente nas regiões do Cáucaso, Sudoeste da Ásia, África e Balcãs. Além disso, observou-se um aumento na intensidade do terrorismo e no envolvimento de organizações não governamentais nesse cenário.

Durante esse período, a globalização se intensificou, resultando em uma maior interconexão entre as economias e culturas globais. Isso se manifestou no aumento do comércio internacional, no fortalecimento das relações e, conseqüentemente, na interdependência por meio de investimentos estrangeiros diretos e nos avanços técnicos-informacionais, especialmente com a disseminação da internet.

Essas reconfigurações exigiram mudanças na governança global, incluindo debates sobre a reforma das instituições das Nações Unidas, como o Conselho de Segurança, para melhor refletir as atuais dinâmicas de poder. Os desafios globais adquiriram cada vez mais características transnacionais, demandando cooperação internacional e ação conjunta para lidar com questões como a fome, mudanças climáticas, pandemias e migrações em massa.

Retomando o contexto das nações, a ascensão da China se destaca pelo robusto crescimento econômico, pelos investimentos expressivos em infraestrutura e por uma nova abordagem dos processos de inovação. Além disso, sua política externa enfatiza a ampliação de sua esfera de influência, sobretudo por meio da Iniciativa *Belt and Road* (Iniciativa Cinturão e Rota), também conhecida como Nova Rota da Seda.

O ressurgimento da Rússia representa uma faceta igualmente relevante, pois envolveu uma profunda reestruturação econômica no país, marcada pela transição de uma economia planificada para uma economia de mercado, aliada à estabilização do cenário político interno.

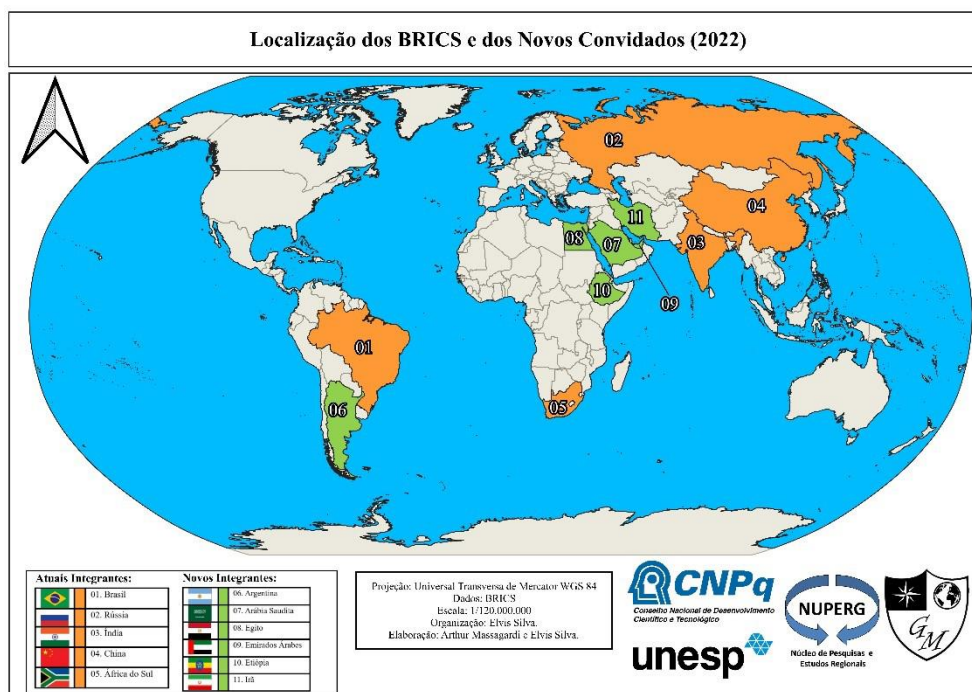
Ademais, a modernização de suas forças armadas e a reafirmação da doutrina militar russa desempenham um papel central na recuperação de seu protagonismo. Esse movimento se reflete na participação ativa da Rússia na Guerra da Síria, nos conflitos do Sahel e nas disputas por influência nas ex-repúblicas soviéticas, o que frequentemente gera tensões com o Ocidente.

A difusão do poder global se intensificou após a crise de 2008, desencadeando uma série de contestações à ordem capitalista mundial. Esse evento abalou a confiança no sistema financeiro e na economia de mercado, dando origem a diversos desdobramentos, tais como o aumento do populismo e do nacionalismo, bem como a diminuição da confiança nas instituições globais. Além disso, o crescimento das economias não ocidentais suscitou questionamentos em relação à hegemonia absoluta dos Estados Unidos, estimulando a busca por alternativas ao dólar como moeda de transações globais.

Neste contexto, ocorre o estabelecimento do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) (**Mapa 1**), um bloco de países que formam uma coalizão do Sul Global com capacidade de desafiar a hegemonia e a influência do Ocidente. Os BRICS se destacaram pelo seu robusto crescimento econômico, mas também buscaram fortalecer as relações entre os países do Sul, promover a cooperação sociocultural e econômica e pressionar por reformas nas instituições internacionais.

Em 2022, os BRICS convidaram seis novos países para se juntarem ao grupo: Argentina, Arábia Saudita, Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia e Irã. A Argentina, no entanto, recusou o convite após a eleição de Javier Milei, que buscou um alinhamento político com os Estados Unidos, especialmente após o retorno de Donald Trump.

Na cúpula de 2024, Belarus, Bolívia, Cazaquistão, Cuba, Malásia, Tailândia, Uganda e Uzbequistão foram convidados a integrar uma nova categoria de países parceiros a partir de 2025. E, sob a presidência brasileira, em 2025, a Indonésia foi confirmada como membro pleno. Contudo, esta pesquisa foi finalizada em dezembro de 2023, razão pela qual nossa análise será pautada nos BRICS originais.

Mapa 1. Localização dos BRICS e os novos convidados (2022)

Tais considerações indicam que a ordem pós-1991 tende a caminhar para a multipolaridade, tanto no círculo das nações quanto entre os atores não estatais. As manifestações de poder no século XXI são plurais, e não mais concentradas exclusivamente nos agentes estatais. Nesse sentido, destacamos o esporte como um dos instrumentos de poder.

No último século, ocorreram diversos casos de instrumentalização do esporte, assim como o uso estratégico de megaeventos esportivos, como a Copa do Mundo de Futebol Masculino e os Jogos Olímpicos de Verão. Podemos destacar, por exemplo, os Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, e a Copa do Mundo realizada na Argentina, em 1978. Esse uso do esporte, assim como de outras expressões culturais, princípios, valores e ideias como instrumentos de influência, é caracterizado por Nye (2011) como *soft power*, ou Poder Brando.

O *soft power*, amplamente empregado pelas potências globais ao longo do século passado, agora é adotado pelos países da semiperiferia e da periferia global, a começar pelos BRICS. Somente neste século, o bloco sediou três das seis edições da Copa do Mundo de Futebol Masculino – África do Sul em 2010, Brasil em 2014 e Rússia em 2018; duas Olimpíadas de Verão – China em 2008 e Brasil em 2016; e duas Olimpíadas de Inverno – Rússia em 2014 e China em 2022. Essa posição é inédita para os países do Sul Global.

Os megaeventos são plataformas globais de propaganda, realizadas a cada quatro anos, e, por isso, tornam-se objeto de competição entre nações. Assim, o fato de sediar esses megaeventos evidencia que os países anfitriões desfrutam de estabilidade política interna e

econômica. Isso não apenas os posiciona de maneira diferente na divisão internacional do trabalho, mas também lhes confere capacidade de influência, persuasão e dissuasão diplomática, além de uma posição vantajosa no sistema-mundo.

Nas Ciências Humanas, a análise do esporte ainda carece de maior atenção, de maneira geral, pois frequentemente se observa uma relutância em explorar a fundo esse tema. Os estudos nessa área são predominantemente conduzidos por profissionais de campos mais tradicionais, mas que têm um interesse pessoal no esporte e, ocasionalmente, realizam pesquisas específicas sobre o assunto. Enquanto nas áreas de História e Sociologia o estudo do esporte se consolida gradualmente, na comunidade geográfica essa temática ainda está nos estágios iniciais de desenvolvimento, com poucas contribuições em termos de trabalhos acadêmicos, periódicos especializados e grupos de pesquisa.

Por isso, uma das nossas propostas é destacar a relevância do vínculo entre o esporte e o espaço/território, ou seja, sua relação com a Geografia e a Geopolítica, adotando uma abordagem que se distingue das demais pesquisas geográficas sobre o esporte, que se concentram na produção do espaço urbano. Nesta pesquisa, daremos ênfase às relações de poder e suas repercussões no sistema internacional de nações.

Com base nas considerações apresentadas, nossa proposta é abordar as seguintes problemáticas: Como ocorre a instrumentalização do esporte internacional no século XXI? Quais estratégias políticas os países empregam para garantir o direito de sediar megaeventos esportivos? A nova ordem que emergiu após o fim da Guerra Fria tem intensificado o uso político do esporte e permitido a participação de países periféricos em megaeventos? Existe uma rivalidade entre os países centrais e periféricos no que diz respeito ao esporte e à busca pela sede de megaeventos? Qual é a origem das empresas patrocinadoras desses megaeventos?

Nossa hipótese é que os megaeventos funcionam como poderosas plataformas de propaganda global, facilitando a disseminação de influência e poder. A nova ordem que surgiu após o fim da Guerra Fria possibilitou o uso de novas manifestações de poder, como o esporte, e abriu as portas para a inclusão de países periféricos na arena global. Ao contrário do que ocorria no século XX, as empresas patrocinadoras desempenham hoje um papel significativo na formação da imagem geográfica dos países. Essa inserção deu origem a uma rivalidade entre os países centrais em relação ao espaço que ocupavam durante o século passado, tanto na organização dos megaeventos quanto na exposição de suas empresas.

Posto isso, o objetivo geral do trabalho é analisar o esporte como instrumento de poder e sua instrumentalização a partir dos BRICS, com ênfase na realização das Olimpíadas e da Copa do Mundo. Os nossos objetivos específicos são:

- Analisar as relações de poder e identificar o uso do esporte como instrumento político;
- Identificar as premissas que os países adotam para pleitear megaeventos;
- Analisar o papel dos BRICS na governança global e compreender os megaeventos como ferramentas de propagação de poder;
- Identificar as empresas envolvidas na organização de megaeventos.

A metodologia da pesquisa inicialmente incluía a realização de entrevistas com figuras governamentais envolvidas na organização dos eventos nos BRICS, jornalistas especializados e membros da FIFA (Federação Internacional de Futebol Associação) e do COI (Comitê Olímpico Internacional). Contudo, em virtude da indisponibilidade dessas pessoas e do contexto da pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2), essa abordagem foi adaptada para uma análise sistemática da literatura.

Outro procedimento adotado foi o referenciamento bibliográfico da pesquisa, fundamentado nas palavras-chave: Geografia do Esporte, Geopolítica do Esporte, BRICS, *Soft Power*, Copa do Mundo e Olimpíadas. A escolha dos textos foi orientada pela identificação de conexões com os conceitos-chave predominantes, como território e poder.

Para a compreensão aprofundada dos conceitos, processos e dinâmicas investigados no desenvolvimento deste estudo, realizamos levantamentos bibliográficos minuciosos. Buscamos teses, dissertações, livros e artigos nas bibliotecas e repositórios online de instituições acadêmicas como a Universidade Estadual Paulista (UNESP), por meio do catálogo Athena; a Universidade de São Paulo (USP), através da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP; e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), entre outras fontes. Além disso, exploramos outras fontes de pesquisa em sites com credibilidade acadêmica, como a Scientific Electronic Library Online (SCIELO), o Portal CAPES e o Google Acadêmico. A coleta de dados e os estudos também incluíram a análise de sites especializados, como o site da FIFA, do COI, da ONU (Organização das Nações Unidas) e outros órgãos políticos, especialmente dos países envolvidos na pesquisa. Os dados das empresas foram obtidos a partir de relatórios anuais, de marketing e de mídia da FIFA e do COI, bem como de artigos que abordam a temática.

Para a redação do trabalho, utilizamos o software *Microsoft Word*. Para a elaboração de tabelas e gráficos, recorremos ao *Microsoft Excel*. Na criação de mapas e produtos cartográficos, empregamos o software de código aberto *Quantum GIS*. Além disso, para a

representação de uma nuvem de palavras, utilizamos o site *WordArt.com* para as pesquisas nacionais e o *Bibliometrix* para as pesquisas estrangeiras.

O trabalho está dividido em três capítulos, além da introdução. No primeiro capítulo, exploramos a Geopolítica do Esporte, abordando sua dimensão teórico-metodológica e sua relação com as dinâmicas de poder no cenário internacional, bem como a influência das empresas que detêm o monopólio no mundo esportivo, como a FIFA e o COI.

No segundo capítulo, realizamos uma historização da origem do sistema internacional de nações, considerando seu entrelaçamento com o resgate do esporte, uma vez que ambos se expandiram na mesma época, culminando com o fim da ordem bipolar.

No terceiro capítulo, examinamos a atual ordem pós-Guerra Fria, que está caminhando em direção a um cenário multipolar. Nesse contexto, destacamos os BRICS e sua influência na esfera esportiva, não apenas no que diz respeito à organização de megaeventos, mas também no que se refere às empresas originárias desses países e sua importância no imaginário geográfico das nações.

Por fim, nas considerações finais, encerramos o texto recapitulando os principais pontos da discussão, destacando os resultados mais relevantes e delineando perspectivas futuras sobre a Geopolítica do Esporte.

1. A GEOPOLÍTICA DO ESPORTE: DIMENSÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Este capítulo tem como meta explorar a geopolítica no contexto esportivo, enfocando como o esporte é empregado como uma ferramenta para disseminação de poder e influência. Nessa análise, recorreremos a diversos autores, incluindo Augustin (1995), Bale e Dejonghe (2008), Becker (2005), Boniface (2010, 2011, 2014 e 2016), Mascarenhas (1999, 2001 e 2013), Favero (2006 e 2009), Giglio e Spaggiari (2010), Lacoste (2004), Suppo (2012), Frank (2014) entre outros.

O estudo dos esportes, inicialmente, ganhou espaço, no meio acadêmico principalmente por meio da Educação Física. Desde a Antiguidade, a prática esportiva já era incentivada, especialmente em contextos militares, muito antes de ser vista como uma atividade de lazer ou um meio de expressão corporal. No entanto, sua retomada e revalorização na era contemporânea permitiram uma expansão significativa de suas características, influenciadas por diferentes períodos e sociedades. Esse processo levou o esporte a se tornar objeto de análise multifacetado e com abordagem multidisciplinar.

De forma semelhante a essas áreas, a Geografia também desempenha um papel essencial, contribuindo com abordagens que abrangem perspectivas urbanas, sociais, culturais e políticas, as quais serão exploradas nesta pesquisa.

Nas Ciências Humanas, disciplinas como a Sociologia, História e Antropologia foram pioneiras na análise do esporte, impulsionadas pelo interesse em compreender as expressões culturais dos povos da Antiguidade e hoje, e despontam como campos em vias de consolidação nessas ciências. Todavia, a ciência geográfica ainda pouco discute o fenômeno esportivo.

Os estudos sociológicos sobre esportes possuem uma longa trajetória, remontando ao século XVIII. Ao longo dos anos, diversas contribuições significativas emergiram, inclusive de pesquisadores que não eram sociólogos de formação.

Destacam-se alguns autores fundamentais nesse contexto. Heinz Hise foi um dos pioneiros na elaboração de estudos sociológicos voltados para o esporte. Além disso, Anthony Giddens, nascido em 1938, dedicou sua dissertação de mestrado à análise do papel do esporte na sociedade inglesa. Eric Dunning (1936 – 2019), sob a orientação de Norbert Elias (1897 – 1990), também realizou uma importante contribuição ao desenvolver uma dissertação de mestrado sobre o desenvolvimento do futebol (Souza e Machi Júnior, 2010).

Com o conjunto dessa obra, pode-se dizer que Elias e Dunning inventaram um novo objeto de pesquisa que, até então, não era um tema considerado digno de investigação em ciências sociais. No entender dos autores, apesar da continuidade do vocabulário e da semelhança de gestos, há mais diferenças do que semelhanças entre os esportes modernos (Martins e Altmann, 2007, p. 1).

No entanto, a Sociologia do Esporte consolidou-se como um campo de estudo específico, sobretudo, a partir da década de 1960, quando passou a ser explorada por meio de diversas perspectivas teórico-metodológicas, conforme apontam Souza e Machi Júnior (2010, p. 51 – 52).

[...] sobre o campo da sociologia do esporte que, entre os anos 1960 e 1980, se a linha de raciocínio delimitada estiver correta, institucionalizou-se criteriosamente como um lugar legítimo para o investimento acadêmico-científico[...] Outro ponto se refere à pluralidade de abordagens teórico-metodológicas passíveis de serem identificadas no período de 1960 a 1980 no campo da sociologia do esporte. Para ter-se uma ideia mais precisa dessa diversidade, basta olhar para as inúmeras frentes de apreciação que partem do funcionalismo, marxismo, estruturalismo, interacionismo, etnometodologia, teorias feministas, abordagem figuracional etc (Souza e Machi Júnior, 2010, p. 51 – 52).

A contribuição da Sociologia para os estudos sobre o futebol no Brasil foi pioneira e remonta à década de 1940. As primeiras incursões nesse campo foram registradas na Revista de Sociologia, a primeira publicação nacional dedicada às Ciências Sociais. Destacam-se o ensaio de Mário Miranda Rosa (1944), O papel da magia no futebol, e a resenha de Luiz Aguiar Costa Pinto (1947) sobre o livro de Mário Filho, O negro no futebol brasileiro. Embora algumas produções esporádicas tenham surgido até o final da década de 1970, o estudo do esporte como objeto de pesquisa ganhou maior fôlego a partir desse período, impulsionado pela criação da disciplina de Sociologia do Esporte nas universidades (Giglio e Spaggiari, 2010).

Apesar da consolidação dessa subdisciplina, Souza e Machi Júnior (2010) ressaltam os desafios enfrentados pelos sociólogos ao analisarem o esporte. Frequentemente, esses pesquisadores são alvo de descrédito acadêmico, dado que o esporte ainda é percebido como um objeto de estudo de menor prestígio em comparação com abordagens teórico-metodológicas consideradas mais tradicionais.

No campo da História, as primeiras abordagens às práticas esportivas em uma perspectiva internacional remontam ao século XIX. Porém, a sua consolidação como subdisciplina ocorreu apenas na década de 1970, impulsionada por debates interdisciplinares

com a Linguística e a Antropologia, que passaram a reconhecer o esporte como um objeto legítimo de estudo. Nesse contexto, a partir da análise das práticas esportivas, a Nova História Cultural contribuiu significativamente para a consolidação da História do Esporte (Melo e Fortes, 2010).

No Brasil, as primeiras produções sobre o tema datam do final do século XIX e início do século XX, desenvolvendo-se em cinco fases distintas (Melo e Fortes, 2010). A primeira fase centrou-se na análise do turfe e do remo. A segunda, ocorrida nas décadas de 1920 e 1930, foi marcada por escassa produção acadêmica e forte influência de referências estrangeiras, com ênfase na Educação Física e na Ginástica.

A terceira fase, abrangendo as décadas de 1940 a 1980, testemunhou um aumento considerável na produção acadêmica, incluindo a obra mencionada anteriormente de Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*. A quarta fase foi caracterizada pela crítica e revisão dos trabalhos anteriores, influenciada pelo pensamento marxista.

A terceira fase, abrangendo o período de 1940 a 1980, registrou um crescimento significativo na produção acadêmica, incluindo a já mencionada obra de Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*. A quarta fase caracterizou-se pela revisão crítica dos trabalhos anteriores, fortemente influenciada pelo pensamento marxista.

A partir da década de 1990, na quinta fase, a História do Esporte passou por um processo de maior sistematização e institucionalização enquanto campo de pesquisa, consolidando-se dentro da historiografia. Um indicativo dessa consolidação é que, entre 1990 e 2010, aproximadamente 10% das dissertações e teses sobre futebol no Brasil estavam inseridas na área da História (Giglio e Spaggiari, 2010).

Apesar desse avanço, ainda persiste resistência por parte de alguns pesquisadores, que veem o tema como um objeto de estudo de prestígio acadêmico limitado e de pouca relevância científica.

[...]Sem valor econômico e considerado vulgar, os historiadores, tal qual os sociólogos, insistem em não perceberem esporte como um objeto de estudo capaz de mostrar as mais tênues nuances das relações sociais que, fora da lógica esportiva, parecem excludentes, como a competição e a cooperação ou o conflito e a harmonia. É, justamente, por abrir esta possibilidade de análise que podemos pensar no esporte como um objeto da história social ou da história cultural (Genovez, 1998 [online]).

No Brasil, os campos da História e da Sociologia desempenharam um papel central no impulso de outras disciplinas a desenvolverem análises sobre o esporte como objeto de estudo. Nesse contexto, destacam-se a Antropologia do Esporte, com Simoni L. Guedes sendo uma das pioneiras nesse campo no continente (Rojo, 2019), e a Psicologia do Esporte, que ainda se configura como um campo emergente dentro da Psicologia (Vieira et al., 2010).

Apesar de sua emergência, a Psicologia do Esporte já contribuiu com cerca de 5% das pesquisas de mestrado e doutorado sobre futebol realizadas no Brasil entre 1990 e 2009 (Giglio e Spaggiari, 2010). Entre as principais referências dessa área, destaca-se Katia Rubio, cujos estudos têm sido fundamentais para a sua consolidação.

No campo político, embora a Primeira Conferência Internacional de Ministros e Altos Funcionários Responsáveis por Educação Física e Desporto, organizada pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) em 1976, tenha buscado fomentar a colaboração global por meio do esporte, Suppo (2012, [online]) destaca que o estudo do esporte ainda enfrenta desafios para se consolidar no núcleo das Ciências Políticas. Isso ocorre apesar do aumento significativo de revistas científicas especializadas na análise sociológica do esporte.

Ao analisar o papel do esporte nas Relações Internacionais, Suppo (2012, p. 412) destaca sua relevância com base em quatro razões fundamentais. Primeiramente, que o esporte é um elemento de grande importância social e cultural. Em segundo lugar, sua crescente internacionalização o insere no sistema internacional, ainda que este seja anárquico, gerando interdependências significativas entre os Estados e outros atores. Em terceiro lugar, o esporte se configura como uma ferramenta estratégica para políticas governamentais. Por fim, as organizações privadas internacionais dedicadas ao esporte desempenham um papel central, exigindo análises aprofundadas no contexto das organizações internacionais e transnacionais. Apesar dessa relevância, entre 1990 e 2009, apenas uma dissertação ou tese relacionada ao futebol foi registrada nessa área, correspondendo a apenas 0,28% do total de publicações (Giglio e Spaggiari, 2010).

Entre as razões apontadas pelo autor, destaca-se a prevalência da abordagem do realismo internacionalista, que prioriza os aspectos econômicos, políticos e militares do poder, frequentemente negligenciando dimensões culturais, como o esporte. Ademais, Boniface (2010, p. 14 – Tradução Nossa) observa que, até 1998, nenhum estudo havia abordado de forma sistemática os aspectos geoestratégicos do futebol.

Apesar dessas contribuições, os esportes foram historicamente negligenciados pelas Ciências Humanas, frequentemente subestimados como objeto de estudo. Essa negligência

pode ser explicada, em parte, por sua associação com atividades predominantemente lúdicas e voltadas para o lazer. Além disso, a instrumentalização política do esporte e seu vínculo com o nacionalismo geraram resistências no meio acadêmico, o qual também foi influenciado por uma tradição científica que não valorizava adequadamente os aspectos culturais.

No Brasil, apesar da centralidade do futebol na sociedade, a produção acadêmica sobre o tema foi escassa até os anos 1970. Esse cenário decorreu, em grande medida, da centralização das discussões em torno da obra de Mário Filho, que monopolizou os debates, e do contexto político da ditadura militar, que instrumentalizou o futebol como ferramenta de propaganda ufanista. A mudança começou a ocorrer com a dissertação de Simoni L. Guedes, iniciada em 1972, e com o trabalho pioneiro da linguista Maria do Carmo Fernández (Campos e Alfonsi, 2014).

A partir da década de 1990, diversas perspectivas sobre o fenômeno esportivo impulsionaram um aumento significativo na produção acadêmica e no desenvolvimento de subáreas dedicadas ao esporte nas Ciências Humanas e Sociais (Mascarenhas, 1999). Para ilustrar, entre 1990 e 2009, as Ciências Sociais representaram cerca de 20% das dissertações e teses sobre futebol no Brasil, ficando atrás apenas da Educação Física (Giglio e Spaggiari, 2010).

[...] desde a década de 1990, em diversas áreas de conhecimento (História, Educação Física, Educação, Economia, Comunicação Social, Antropologia, Sociologia, entre outras) identifica-se a proliferação de estudos do esporte na interface com o arcabouço das ciências humanas e sociais. É notável o aperfeiçoamento das iniciativas de pesquisa: busca-se discutir com maior profundidade a presença e o papel da prática nos diversos quadros socioculturais (Melo e Fortes, 2010, p. 20).

Na Geografia, a análise do esporte seguiu um percurso semelhante ao das demais Ciências Sociais. A Geografia dos Esportes foi fortemente influenciada pelo pensamento de Denis Cosgrove (1948 – 2008) e pela Nova Geografia Humana, que, a partir da década de 1970, passou a valorizar o simbolismo e a subjetividade nos estudos espaciais. Essa abordagem possibilitou, no período subsequente, a expansão e consolidação da Geografia Cultural, frequentemente apontada como a base para o desenvolvimento da Geografia dos Esportes (Mascarenhas, 1999).

Nesse contexto, torna-se fundamental discutir as raízes e o status epistemológico da Geografia do Esporte. Trata-se de uma subdisciplina das Ciências do Esporte? Uma extensão

da Geografia Cultural? Ou, conforme sugerido por Mascarenhas (1999), uma área autônoma em formação, capaz de articular análises espaciais com os aspectos culturais, sociais e políticos do fenômeno esportivo?

A Geografia do Esporte, embora ainda em processo de consolidação, vem demonstrando seu potencial ao incorporar uma ampla gama de perspectivas teórico-metodológicas. Ela aborda questões que vão desde a influência do espaço na prática esportiva e na formação de identidades até as dinâmicas de poder e territorialidade nos megaeventos esportivos. Dessa forma, sua relevância transcende os limites do esporte como lazer, posicionando-se como uma ferramenta indispensável para a compreensão das relações socioespaciais contemporâneas.

[...] a incorporação do universo esportivo aos grandes campos da geografia, como por exemplo as geografias cultural, urbana, política, etc., posto que os esportes se relacionam ampla e intensamente com outras dimensões do acontecer social, podendo enriquecer nosso entendimento acerca da urbanização, das redes e das políticas territoriais, das identidades e representações, etc (Mascarenhas, 1999, [online]).

Também se pode argumentar que as premissas não impõem impedimentos para as coexistências. Ou seja, a Geografia dos Esportes pode tanto ser uma subdisciplina da Ciência do Esporte, quanto fazer parte de uma subárea dentro da ciência geográfica, integrando abordagens tradicionais e categorias analíticas típicas dos geógrafos. No entanto, essa perspectiva impediria que a Geografia dos Esportes fosse também uma ramificação da Geografia Cultural, embora, sistematicamente, a Geografia dos Esportes tenha sido introduzida pela Geografia Cultural. Nesse sentido, a perspectiva cultural seria apenas uma das diversas abordagens que a Geografia dos Esportes poderia explorar.

Neste trabalho, como adotamos uma abordagem política sobre o espaço mundial, investigando as rivalidades de poder e os conflitos entre os países. Essas reflexões convergem com a concepção de Lacoste (2004), que vê a geografia como um campo de análise das relações de poder no espaço.

(...) consideramos geopolítica qualquer rivalidade de poder sobre territórios. Essa definição procede da análise de tantas rivalidades entre potências que são vizinhas territoriais umas das outras, seja do lado de uma fronteira, de um front ou mesmo de linhas de descontinuidade dentro de um mesmo Estado (Lacoste, 2004, (online) – Tradução Nossa).

Também partimos do entendimento de que a Geopolítica é o campo de análise das relações de poder no espaço geográfico (Becker, 2005), sendo responsável por examinar e explicar as rivalidades de poder sobre os territórios (Lacoste, 2004). Nesse sentido, concebemos a Geopolítica do Esporte como uma vertente geográfica dedicada à investigação das relações de poder nos espaços político-esportivos, bem como à análise de seus agentes e dos eventos esportivos.

A influência do pensamento de Denis Cosgrove e da Nova Geografia Cultural ampliou as perspectivas sobre os elementos culturais, incluindo o esporte. Nesse contexto, a Geografia dos Esportes emerge como um campo de estudo que, embora enraizado nas características culturais, apresenta uma abordagem ampla e multifacetada, conforme destacado por Mascarenhas (1999).

(...) a incorporação do universo esportivo aos grandes campos da geografia, como por exemplo as geografias cultural, urbana, política, etc., posto que os esportes se relacionam ampla e intensamente com outras dimensões do acontecer social, podendo enriquecer nosso entendimento acerca da urbanização, das redes e das políticas territoriais, das identidades e representações, etc. (Mascarenhas, 1999, (online)).

A Geografia dos Esportes é consolidada e de notável desenvolvimento em alguns países, como os EUA e o Reino Unido. Por outro lado, passa por processos de consolidação na França e ainda é incipiente no Brasil (Augustin, 1995; Mascarenhas, 1999; Frank, 2014), onde as análises sobre o esporte são feitas por geógrafos especializados nos campos tradicionais, que ultrapassam as barreiras do conhecimento, integrando suas temáticas com o esporte. Também é possível observar profissionais não geógrafos que utilizam a abordagem geográfica para entender o esporte no espaço geográfico. A Geografia esportiva objetiva-se, na visão de Frank (2014):

(...) com o estudo das atividades esportivas e sua distribuição espacial pelo território. E como todo fenômeno social, apresenta padrões de difusão e institucionalização, suas formas manifestas no espaço são testemunhas oculares das variações verificadas no interior do processo de desenvolvimento regional, compreendendo a singularidade de cada local a partir de um panorama geral presente na sociedade em seus momentos históricos (Frank, 2014, p. 2).

Porém, somente a partir dos anos 1980, a Geografia Cultural abriu um leque de abordagens analíticas à dimensão espacial da cultura, permitindo que o esporte se tornasse parte das discussões geográficas. A importância da análise do futebol feita pela Geografia é destacada por Campos (2006):

É fundamental que a Geografia dê mais atenção para o futebol, pois este é um importante elemento da sociedade brasileira, tanto sob sua dimensão esportiva quanto cultural, social, identitária, e até mesmo espacial. O futebol faz parte do cotidiano dos brasileiros, que manifestam através dele sua cultura e sua visão do espaço. Ele constrói territorialidades próprias, apropriando-se de elementos simbólicos. Ele transcende, assim, sua qualidade esportiva, passando ser um fator essencial para a compreensão da construção espacial e social brasileira e até mesmo mundial(...) as possibilidades teóricas e metodológicas não se esgotam neste conceito. Há um caminho muito longo a ser traçado, pois o futebol é um tema complexo, repleto de variáveis, nuances, peculiaridades locais, regionais e nacionais, que merecem ser estudadas com maior atenção e afinco pela ciência geográfica (Campos, 2006, p. 4 - 13).

O esporte nem sempre foi um objeto de estudo recorrente entre os geógrafos (Mascarenhas, 1999; Favero, 2009). Sua associação predominante ao lazer e ao entretenimento, além do forte vínculo do futebol brasileiro com os governos militares, contribuiu para o afastamento da academia e dificultou a construção de uma leitura sociocultural mais aprofundada sobre o tema. Como reflexo desse desinteresse, entre 1990 e 2009, apenas três trabalhos foram desenvolvidos na área de Geografia, correspondendo a apenas 0,84% das dissertações e teses produzidas no Brasil.

A partir de 2007, uma nova onda de estudos sobre o esporte foi impulsionada, em grande parte, pela realização dos megaeventos sediados pelo Brasil. O marco inicial foi os Jogos Pan-Americanos de 2007, seguidos pela Copa do Mundo de 2014 e pelos Jogos Olímpicos de 2016. Muitos desses trabalhos evidenciam o impacto dos megaeventos no espaço urbano, bem como a introdução de novas metodologias de ensino em Geografia.

O Pan-Americano representou um ponto de inflexão significativo, despertando o interesse de pesquisadores das Ciências Humanas para a relevância do esporte enquanto fenômeno sociocultural. Esse evento também estimulou uma maior colaboração entre o Ministério do Esporte, o Comitê Olímpico Brasileiro, o Comitê Paralímpico Brasileiro, o Conselho Federal de Educação Física e outras entidades, resultando na produção do Atlas do Esporte no Brasil.

No estudo *Antes da Copa, depois do Pan: O Rio de Janeiro na era dos megaeventos esportivos*, Miagusko (2012) destaca que, nesse período, o Rio de Janeiro se tornou um verdadeiro laboratório de experimentações em intervenções urbanas e sociais. Essas experiências provocaram mudanças substanciais na política urbana da cidade, sustentadas por um Estado de exceção que favoreceu o capital privado, especialmente estrangeiro, além das Organizações Não Governamentais Internacionais (ONGI's).

Rodrigues (2013) aponta que a lógica competitiva para a escolha de cidades-sede de megaeventos se baseia no potencial de desenvolvimento da infraestrutura urbana a longo prazo. Esse critério, orientado pelas exigências de organizações privadas internacionais, evidencia a submissão do Estado — um agente central na produção do espaço urbano — à interferência direta ou indireta dessas entidades, moldando um território que, por essência, é uma construção social.

Grandes eventos significam uma das formas pelas quais o Estado define, permite, influencia e acelera intervenções do capital nacional e internacional, por meio de organizações privadas como a Fédération Internationale de Football Association - FIFA e o Comitê Olímpico Internacional - COI. Há uma interferência direta e indireta no espaço socialmente produzido, uma condição para a competitividade, tornando-o um meio rápido e eficiente de aplicar os excedentes de capitais e, assim, inseri-los ainda mais na competitividade do e para o mercado (RODRIGUES, 2013 p. 15).

No campo da Geografia, Gilmar Mascarenhas se destaca como um dos principais estudiosos dos megaeventos esportivos no Brasil, com ênfase na análise da Copa do Mundo de 1950 e seu impacto na configuração do espaço urbano do país (Mascarenhas, 2013). O autor oferece uma visão abrangente sobre a espacialização das cidades-sede, a distribuição dos estádios e as características urbanas do Brasil à época.

Mascarenhas observa as desigualdades regionais na seleção das cidades-sede, com uma forte concentração no litoral e nas regiões Sul e Sudeste. As cidades de São Paulo e Rio de Janeiro receberam a maior parte dos jogos, sendo que o Rio de Janeiro, na condição de Distrito Federal, destacou-se como o epicentro urbano e político do evento, concentrando a maior parte dos investimentos. Esse recorte evidencia as dinâmicas espaciais e as assimetrias na organização do território brasileiro naquele período.

Além disso, o autor discute o papel da Copa do Mundo de 1950 na construção do imaginário geográfico do Brasil no exterior, ressaltando como o evento contribuiu para projetar a imagem do país no cenário internacional.

(...) a copa representou, no cenário internacional, a afirmação do Brasil como potência emergente, no futebol, na engenharia civil e na economia. O desenvolvimentismo que caracterizou a década de 1950 não pode ser desvinculado deste evento, e em especial da construção de um estádio que, por muitas décadas, se manteve como o maior do mundo. Também no contexto nacional, esta copa representa a consolidação do futebol como instituição onipresente no território e como incontestável paixão nacional (Mascarenhas, 2013, p. 17).

Outros estudos com temas e abordagens semelhantes foram realizados por Mascarenhas. Um deles examinou os Jogos Pan-Americanos de 1963, em São Paulo, que representaram um dos primeiros megaeventos a causar um impacto significativo no Brasil. Durante esse evento, a Vila Olímpica foi transformada em residências estudantis da Universidade de São Paulo (Mascarenhas, 2011). Outro estudo concentrou-se nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, em 2003 (Mascarenhas, 2008).

Antes de o Brasil ser escolhido como sede da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos, Curi, Knijnik e Mascarenhas (2011) realizaram uma análise dos impactos dos Jogos Pan-Americanos de 2007 e dos megaeventos em um país do BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China). Abordando o mesmo evento, Mascarenhas (2007), em seu trabalho intitulado “*Megaeventos Esportivos, Desenvolvimento Urbano e Cidadania: Uma Análise da Gestão da Cidade do Rio de Janeiro por Ocasão dos Jogos Pan-Americanos-2007*”, tem como objetivo analisar a emergente economia do esporte e o novo paradigma de planejamento e gestão urbana. O autor explora como os megaeventos se transformaram em ferramentas de gestão urbana na era neoliberal, assim como sua contribuição para a acumulação de capital. A partir desse ponto, são discutidas questões como a apropriação do espaço público por interesses privados, a especulação imobiliária e as respostas sociais a esse fenômeno.

Outra pesquisa que aborda os impactos do Pan-Americano no Rio de Janeiro foi a dissertação de Borges (2009), sob orientação de Gilmar Mascarenhas, intitulada “*A cidade para quem? Empreendedorismo e resistência nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro: o caso da Marina da Glória*”, que busca analisar a expropriação do espaço público pelo capital privado e a limitação do direito à cidade, ou seja, os megaeventos como ferramenta de acumulação e expansão do capital.

Existem diversas pesquisas nas ciências humanas relacionadas aos impactos da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016. O livro “*Brasil: os impactos da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016*” explora uma variedade de tópicos dentro desse contexto. Isso inclui o movimento político “Não Vai Ter Copa” e as manifestações durante o evento, além de abordar questões econômicas, como os investimentos públicos e privados e seus impactos. O

livro também analisa a produção do espaço urbano das cidades-sede e questiona o conceito de arenas trazido para o Brasil pelos megaeventos esportivos. Por fim, traz perspectivas internacionais sobre os megaeventos, incluindo os Jogos de Inverno de 2014, em Sochi, e seu investimento recorde, bem como a Copa do Mundo da África do Sul e os lucros exorbitantes do COI e da FIFA (Santos Junior, Gaffney e Ribeiro, 2015).

Durante a Copa de 2014, surgiu uma discussão sobre a diferenciação entre arenas e estádios. Enquanto o estádio é concebido como um espaço destinado à prática do futebol, as arenas são projetadas para abrigar uma diversidade de eventos. No entanto, essa diferenciação parece ser mais uma tentativa de reconfigurar o espaço urbano anteriormente ocupado pelas camadas populares da sociedade. Atualmente, esse espaço passa por um processo de elitização higienista que restringe o acesso ao estádio, direcionando-o para o consumo passivo do espetáculo (Mascarenhas, 2019, online). Isso se alinha com a análise de Ferreira (2013), ao descrever a transformação do Maracanã “de uma centralidade popular para a sociedade do espetáculo”.

A questão da remoção de populações nas cidades-sede é outra temática explorada por diversos autores. Viana (2015) analisa a violação do direito à cidade e as remoções forçadas da população em Fortaleza, Ceará. Silva (2015) investigou a remoção de habitantes no bairro de Itaquera para a construção do novo estádio em São Paulo. Silva, Portella e Pereira (2015) discutem o caso de Porto Alegre, enquanto Latorraca Netto e Ugeda Júnior (2019) abordam a remoção da vegetação para as obras do veículo leve sobre trilhos em Cuiabá.

A construção de um novo estádio em São Paulo inicialmente envolveu a promessa de realocar os moradores da Favela da Paz, localizada a poucos metros do local da obra. No entanto, essa realocação ocorreu de forma abrupta e afetou diretamente a população, sobretudo devido ao aumento de 58% no valor do terreno (Silva, 2015), impulsionado pela realização da Copa do Mundo na região. A especulação imobiliária e a influência dos interesses privados em São Paulo foram analisadas por Name (2015, p. 99–100), que ressalta o seguinte:

(...) o impacto de um Megaevento, como a Copa do Mundo, é seletivo e desigual em seus reflexos nas populações envolvidas. A urgência com que se desenvolveram as obras do Estádio de Itaquera e seu entorno serviu apenas como adequação ao tempo fugaz dos eventos e a interesses, alguns pertinentes e, outros, a serviço da especulação e do lucro predatório (Name, 2015, p. 99 – 100).

O modelo de urbanismo olímpico, consolidado nas últimas três décadas e empregado durante os Jogos Pan-Americanos, se destacou pela sua monumentalidade exagerada e pelas exigências excessivas que tornaram cada edição dos Jogos Olímpicos extremamente onerosas. No Rio de Janeiro, um processo singular ocorreu, intensificado pela realização das Olimpíadas. As transformações urbanas não se restringiram aos estádios, mas impactaram toda a cidade (Mascarenhas, 2016).

A especulação imobiliária, assim como a gentrificação e a segregação socioespacial, são tendências comuns associadas a megaeventos esportivos, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas. No Rio de Janeiro, esses eventos provocaram um aumento significativo nos preços dos imóveis, especialmente nos bairros nobres da Zona Sul, como Barra da Tijuca e Copacabana, que receberam os maiores investimentos e apresentaram os maiores acréscimos no valor médio dos imóveis. Além disso, o valor dos terrenos na cidade carioca registrou um crescimento mais expressivo em comparação com outras cidades brasileiras (Brazil, 2011).

A Zona Portuária, que desde a década de 1940, com a criação da Avenida Getúlio Vargas, ficou isolada do centro da cidade, se tornou um espaço dominado por galpões antigos, antigas igrejas, atividades econômicas de pequena escala, habitações de baixa renda e era de grande interesse para empresários. Eles viam nela a "porta de entrada" do Rio de Janeiro, buscando replicar o sucesso de áreas semelhantes, como o Puerto Madero em Buenos Aires (Mascarenhas, 2016).

O projeto do Porto Maravilha envolveu a demolição do Elevado da Perimetral, a construção do Museu do Amanhã e a criação do Boulevard Olímpico, um espaço público com restaurantes, telões para transmissão de competições e shows musicais. Este projeto foi realizado, apesar de não estar originalmente previsto nas instalações olímpicas e de se situar em uma área consideravelmente distante dos demais locais de competição. No entanto, atendia a uma demanda das elites econômicas. Para viabilizá-lo, foi necessário desalojar à força os residentes da Providência, o que resultou em uma valorização significativa do mercado imobiliário na área. Isso evidencia que as Olimpíadas marcaram um momento crucial em que o setor empresarial se consolidou na Zona Portuária do Rio de Janeiro (Mascarenhas, 2016).

Cerca de 2,9 milhões de pessoas visitaram o Boulevard Olímpico durante os Jogos Olímpicos de 2016 (Comitê Olímpico Internacional, 2017).

Assim, como podemos observar, tanto a Copa do Mundo quanto as Olimpíadas estimularam inúmeras pesquisas no Brasil, inclusive após a conclusão desses eventos, bem como sobre outros megaeventos. A relação entre o futebol, territorialidades e as identidades, assim como sua característica globalizada, foi explorada por Campos (2022), com base nos

eventos da Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2018. Inicialmente, o autor destaca a relevância do futebol como meio de explicar fenômenos geográficos em diversas escalas. O texto investiga as várias facetas da identidade associada ao futebol, desde a perspectiva dos torcedores em nível local até a de ídolos de alcance global, que são atores desterritorializados e podem representar novas configurações de poder.

Campos evidencia que, embora o futebol apresente cada vez mais traços de transcendência das fronteiras territoriais, no contexto do crescente globalismo, multiculturalismo e identidades híbridas e fluidas, ele continua a manter seus alicerces nos elementos físicos do território, como os estádios e as seleções nacionais. Em outras palavras, o futebol ainda conserva uma conexão intrínseca com as identidades nacionais e o território.

Esse período também desempenhou um papel relevante no ensino de Geografia. Moura, Silva e Cavalcante (2016) destacam a transdisciplinaridade dos megaeventos e a importância desses eventos, como a Copa das Confederações de 2013, e do futebol na contextualização de conceitos geográficos e na compreensão da regionalização do espaço global em sala de aula. No trabalho, são apresentados cartazes com características geográficas dos países participantes e uma breve exploração da gastronomia italiana, realizada pelos estudantes. Essa abordagem proporcionou uma maneira de aproximar o conhecimento teórico e empírico por meio do esporte, impulsionada pelo megaevento.

A polissêmica característica dos megaeventos e do universo esportivo, identificada por Tiradentes (2020), ressalta sua importância como consumidores significativos do espaço geográfico. Essa característica possibilita a exploração de conceitos geográficos essenciais, como lugar, paisagem e território. No âmbito de sua pesquisa, o autor também enfatiza o uso do esporte como uma metodologia de ensino, particularmente no contexto do ensino médio, propondo um conjunto de tópicos para o currículo da disciplina de Geografia dos Esportes. Esses tópicos abrangem a análise dos impactos dos megaeventos no espaço urbano, a transformação de paisagens e a relação entre cultura, território e globalização:

- Introdução e interface com os conceitos geográficos;
- A transformação do espaço geográfico pelo desporto;
- Os impactos desportivos na paisagem local e global;
- O lazer como atividade econômica, social e cultural;
- Os grandes eventos esportivos e a geopolítica dos esportes.

É notável a amplitude da abordagem do autor, que abarca diversos domínios da Geografia, incluindo a interligação dos megaeventos esportivos com uma Geopolítica própria, um aspecto também abordado em nossa pesquisa.

Diversos trabalhos têm explorado as oportunidades oferecidas pelos megaeventos como práticas e metodologias de ensino. No estudo de Machado (2018), a conexão entre o ensino de Geografia e a Copa do Mundo de 2018 é estabelecida por meio do uso de maquetes que representam os países e introduzem as principais questões globais relacionadas aos países participantes, ao mesmo tempo em que estimulam o pensamento crítico e a autonomia dos estudantes. Lejanski e Roza (2018) conduziram uma análise da Copa do Mundo com foco na alfabetização cartográfica no ensino fundamental, resultando na produção de mapas temáticos. Já Carvalho (2014) apontou que a Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2014 foi abordada por 70% dos professores entrevistados, abrangendo tópicos das áreas físicas e humanas, em escalas locais e globais.

Esses recortes abordam a Geografia dos Esportes no Brasil. Ao estreitar a análise, outros estudos tratam da relação entre a Geopolítica e os esportes, destacando diferenças significativas. No contexto brasileiro, muitas pesquisas se concentram no futebol, analisando-o como um instrumento de poder, um elemento da identidade nacional, do nacionalismo e como um produto com valor econômico sujeito à mercantilização. Outros estudos foram influenciados pelos megaeventos realizados no Brasil, que serviram como ponto de partida para as análises

Por exemplo, Gilberto Agostino, em seu livro “*Vencer ou Morrer: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional*”, faz uma historização do futebol com ênfase na violência das torcidas e sua instrumentalização por regimes autoritários. João Fábio Bertonha, em seu artigo Olimpíadas e Geopolítica, oferece uma visão abrangente das relações de poder no espaço internacional relacionadas ao esporte, incluindo uma análise do histórico de medalhas das Olimpíadas. O Trabalho de Conclusão de Curso de João Pedro de Almeida Ribeiro segue a perspectiva da instrumentalização dos Jogos Olímpicos em edições como Berlim (1936), Moscou (1980), Los Angeles (1984) e Pequim (2008). Gabriel Barcellos Brum investigou o papel do futebol como instrumento de *soft power* na Copa do Mundo realizada no Catar.

Outros pesquisadores se destacam na análise dos megaeventos esportivos. Emanuel Leite Jr. e Carlos Rodrigues, em “*A Geopolítica do Futebol em Transformação: O Caso Chinês*”, exploram a entrada da China no cenário do futebol, desde sua ambição de sediar a Copa do Mundo até seu envolvimento com patrocínios de empresas chinesas. Raul de Paiva Oliveira Castro contribui com a pesquisa “*A Nova Rota Econômica do Futebol: Megaeventos Esportivos e o 'Sonho Chinês das Três Copas*”.

A maioria dos estudos sobre esporte e geopolítica está centrada no futebol como objeto de análise. José Eliomar Filho, por exemplo, adota uma perspectiva geopolítica e econômica sobre o futebol asiático em *Geopolítica do G-14 e as Disputas pelo Mercado Asiático de Futebol*. Jonathan Dias Portela analisa as relações coloniais e pós-coloniais no estudo “*Os Black Stars Chegam ao Mercado: O Jogador Ganês na Geopolítica das Relações Internacionais entre Inglaterra e Gana no Pós-Colonialismo (1996 – 2014)*”.

No campo da análise do futebol como instrumento de poder, Thiago Canettieri investiga sua influência na geopolítica internacional, enquanto Hugo Suppo reflete sobre o papel do esporte nas relações internacionais. Igualmente, Igor Breno Barbosa de Sousa, Gabriel Costa da Costa e José Sampaio de Mattos Junior, em “*A Geografia das Quatro Linhas: O Futebol e a Geopolítica nas Rivalidades das Seleções Nacionais*”, identificam as rivalidades histórico-políticas no futebol, destacando a interseção entre esporte e geopolítica.

Carles Viñas Gracia e Xavier Ginesta Portet analisam a tentativa de quebrar o monopólio do futebol mantido pela UEFA e FIFA, explorando o interesse do Catar no mercado europeu e a projeção global do esporte, como destacado em sua pesquisa “*A Dimensão Geopolítica do Fracassado Projeto da Superliga Europeia de Futebol*”.

Alberto Luiz dos Santos e Daniel Bruno Vasconcelos também reconhecem o esporte como ferramenta de poder em “*O Futebol como Mercadoria e Poder: Concepções Geográficas sobre o Torcer no Brasil*”, focando na mercantilização do futebol, nos torcedores e nas cidades-sedes durante os megaeventos. Gabriella dos Santos Rodrigues, em “*O Futebol na Perspectiva Histórica: Os Processos de Politização e Capitalização do Esporte*”, investiga como o esporte foi politizado e capitalizado ao longo do tempo.

Pesquisas em escalas locais, como as de Israel Campos Cayo, em “*Geografizando o Futebol: Do Global ao Local*”, e Edvanderson Ramalho dos Santos, com estudo de caso no Operário Ferroviário de Ponta Grossa, no Paraná, também contribuem para a compreensão das identidades e símbolos construídos na geopolítica do futebol.

A Geopolítica como ferramenta de ensino foi explorada por Marcos Vinicius Santos Dourado em “*O Ensino da Geopolítica dos Conflitos Regionais através do Contexto do Futebol: Possibilidades no Ensino Médio*”, e por Guilherme Pereira Meirelles em “*Antigeopolítica em Campo: Futebol, Geopolítica e a Construção de Conhecimento Poderoso na Educação Básica*”, ambos abordando a interseção entre futebol, Geopolítica e o ensino de Geografia.

Juliano Oliveira Pizarro tem se destacado nas pesquisas sobre o futebol como instrumento de poder, com trabalhos como “*Globalização e o Sistema-Mundo Moderno do*

do Futebol”. Essas áreas refletem a multidimensionalidade das pesquisas que abordam a interseção entre esporte e geopolítica, abrangendo diferentes perspectivas e abordagens para entender a complexidade dos megaeventos esportivos e seu impacto global.

Podemos observar, também, um crescimento significativo nas pesquisas da área nos últimos dez anos (**Gráfico 1**). Esse aumento pode estar diretamente relacionado à realização de megaeventos durante esse período, evidenciando o papel relevante desses eventos na promoção de estudos sobre a interseção entre geopolítica e esporte. Após os Jogos Pan-Americanos de 2007, nota-se um crescimento expressivo na produção acadêmica, refletindo o aumento do interesse e a percepção da importância geopolítica desses eventos. Com o ciclo que incluiu a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, os trabalhos sobre essa temática tornaram-se ainda mais numerosos, consolidando os megaeventos como catalisadores essenciais para pesquisas que abordam a complexa relação entre esporte, política e poder internacional.

Gráfico 1. Pesquisas sobre a Geopolítica e o Esporte no Brasil



Fonte: Google Acadêmico, Scielo e Portal de Periódicos CAPES, 2023.

Org: O próprio autor/Excel.

No cenário internacional (**Figura 2**), as pesquisas que abordam essa temática destacam, assim como no Brasil, a centralidade do futebol e das Olimpíadas, identificando-os como instrumentos de poder. Isso fica evidente nas referências ao “*soft sower*”, especialmente em análises sobre países como Rússia e China, frequentemente acusados, na última década, de instrumentalizar o esporte e os megaeventos para fins políticos e diplomáticos. Além disso,

nota-se a presença dos termos “*migration*” e “*deportation*”, que estão relacionados aos processos migratórios — uma temática que não se sobressai nas pesquisas brasileiras. Essa abordagem internacionalmente mais ampla reflete questões globais emergentes, como a utilização do esporte para moldar políticas de imigração e deportação, algo possivelmente vinculado a contextos políticos específicos de cada país.

Figura 2. Nuvem de Palavras: Os 10 Termos Mais Relevantes nas Pesquisas sobre Geopolítica e Esporte no Exterior

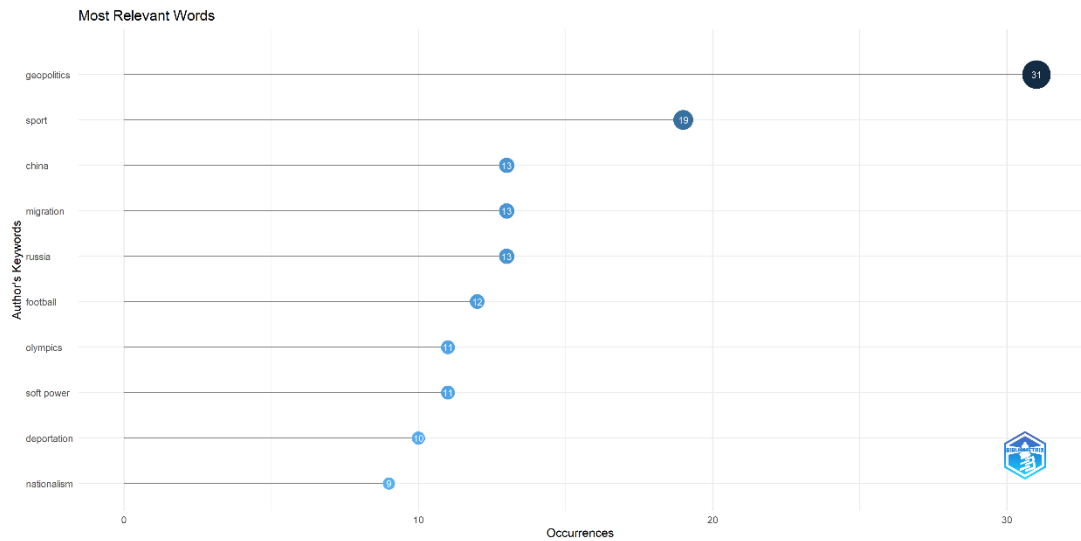


Fonte: Scopus e Web of Science, 2023.

Org: O próprio autor/Bibliometrix.

A partir das palavras-chave mais relevantes (**Figura 3**), é possível hierarquizá-las, observando que os termos geopolítica, esporte e China ocupam o topo da lista. Em seguida, aparecem “*migração*”, “*Rússia*”, “*futebol*”, “*Olimpíadas*”, “*Poder Brando*”, “*deportação*” e “*nacionalismo*”. Essa hierarquização reflete uma reorientação analítica em direção à Ásia, especialmente no que se refere aos principais rivais do Ocidente, que recentemente se consolidaram como atores centrais no cenário do futebol e das Olimpíadas. Por fim, temas estruturantes do espaço mundial contemporâneo, como os fluxos migratórios, também se destacam nesse contexto.

Figura 3. As 10 Palavras Mais Relevantes nas Pesquisas sobre Geopolítica e Esporte no Exterior



Fonte: Scopus e Web of Science, 2023.

Org: O próprio autor/Bibliometrix.

Ao analisarmos as cinquenta principais palavras-chave (**Figura 4**), identificamos a presença de diversos países, como México, Ucrânia, Itália, Austrália, Grécia e Japão, além da região centro-americana. Também se destacam termos associados a megaeventos, como “*Olympic Games*”, “*Beijing Olympics*”, “*2008 Beijing Olympic Games*” e “*Asian Games*”, bem como à instrumentalização institucional do esporte, evidenciada por expressões como “*Sports Diplomacy*” e “*Sport Governance*”.

Figura 4. Nuvem de Palavras: As 50 Principais Palavras das Pesquisas sobre Geopolítica e Esporte no Exterior

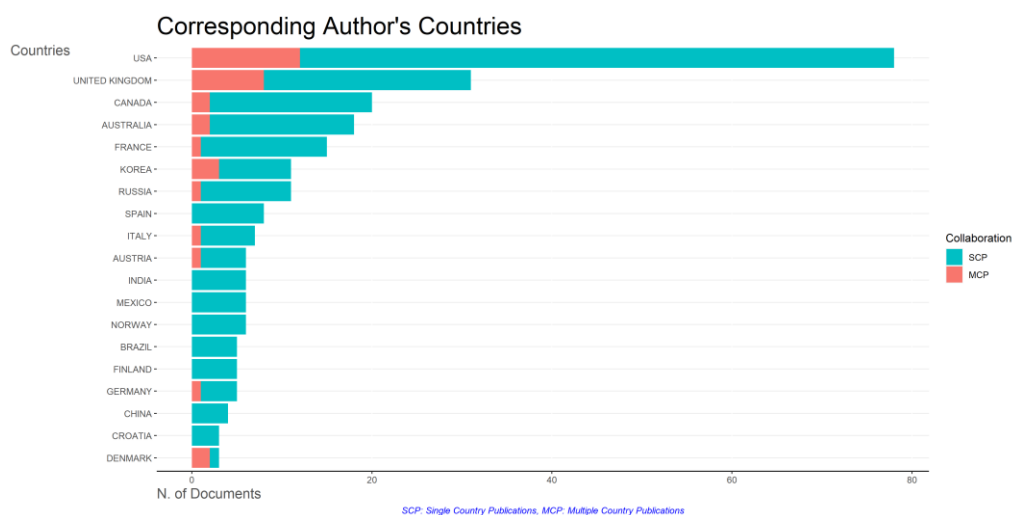


Fonte: Scopus e Web of Science, 2023.

Org: O próprio autor/Bibliometrix.

Observa-se que os Estados Unidos despontam como o país que mais produz pesquisas sobre a temática, seguidos pelo Reino Unido, Canadá, Austrália e França. É curioso notar que esses cinco principais países pertencem ao norte global e, com exceção da França, são predominantemente anglófonos. Esse dado pode refletir uma maior produção acadêmica nessas nações, possivelmente devido à maior concentração de recursos para a pesquisa, infraestrutura acadêmica e à influência global de suas universidades e centros de pesquisa. Além disso, a predominância da língua inglesa nas publicações acadêmicas pode facilitar a disseminação e o acesso a esses estudos internacionalmente.

Gráfico 2. Países dos Autores das Pesquisas sobre Geopolítica e Esporte no Exterior



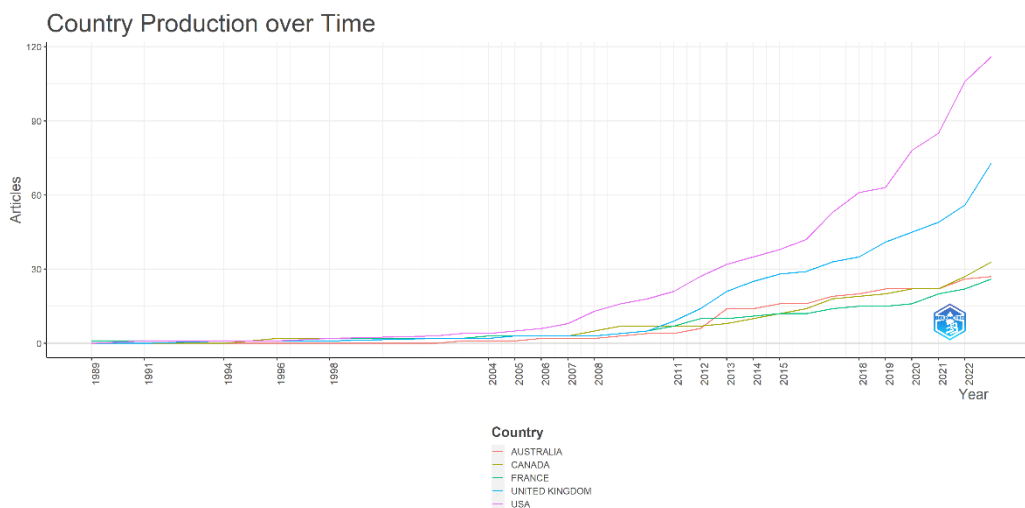
Fonte: Scopus e Web of Science, 2023

Org: O próprio autor /Bibliometrix

Quanto aos países do sul global, a Rússia lidera com o maior número de autores, seguida pela Índia, México, Brasil e China. Ao analisarmos os cinco países que mais produzem pesquisas — Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Austrália e França — no Gráfico 3, que mostra a produção ao longo do tempo das pesquisas que abordam a temática da Geopolítica e Esporte no exterior (1989 – 2022), é possível observar que, inicialmente, há uma escassez de estudos no período anterior a 2004. Esse dado sugere que o campo de estudos sobre Geopolítica e Esporte era ainda emergente e não possuía a visibilidade e a relevância que adquiriu nos anos subsequentes. A partir de 2004, no entanto, o volume de pesquisas aumenta consideravelmente, e, especialmente após 2010, a temática ganha relevância acadêmica e social, com um crescimento robusto. Esse crescimento pode ser atribuído ao aumento do número de megaeventos esportivos, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, que se tornaram cada vez mais integrados às estratégias de poder e diplomacia global. O impacto desses eventos nas

relações internacionais e suas implicações geopolíticas passaram a ser reconhecidos e estudados com maior profundidade.

Gráfico 3. Produção das Pesquisas sobre Geopolítica e Esporte no Exterior ao Longo do Tempo (1989-2022)



Fonte: Scopus e Web of Science, 2023

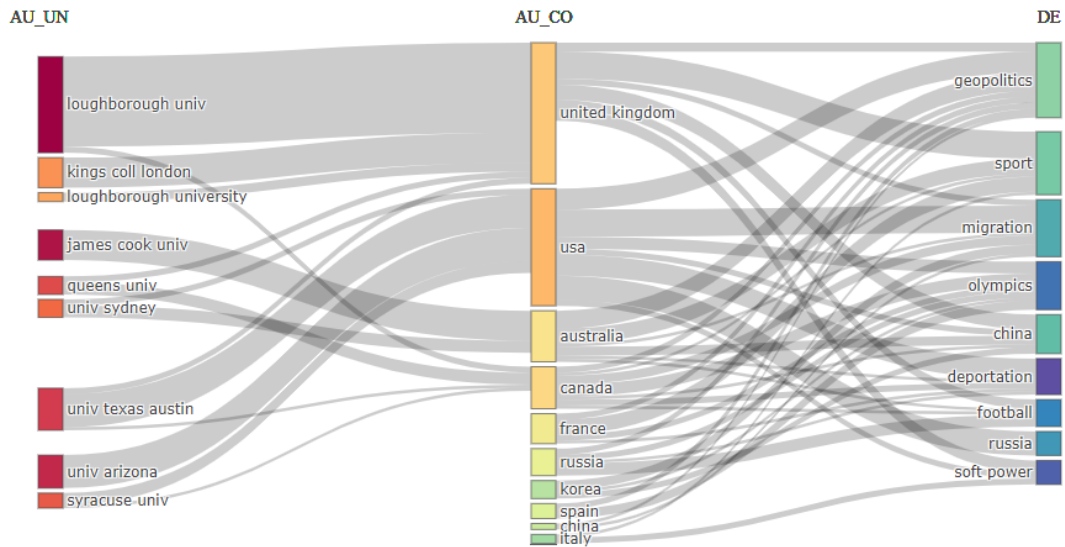
Org: O próprio autor /Bibliometrix

No mapa de campo das pesquisas estrangeiras (**Figura 6**), onde "AU_UN" se refere às universidades dos autores, "AU_CO" indica o país de origem dos autores e "DE" representa as palavras-chave, é possível observar algumas correlações interessantes entre essas três variáveis.

Os Estados Unidos se destacam com as palavras-chave principais “*Geopolítica*”, “*migração*”, “*deportação*” e “*Rússia*”. A Austrália, por sua vez, apresenta um cenário semelhante, com foco em “*Geopolítica*”, “*Esporte*” e “*China*” entre suas palavras-chave predominantes. Já a Rússia concentra seus estudos em termos como o próprio país, “*megaeventos*” e “*Olimpíadas*”.

Por outro lado, as universidades dos autores estão concentradas em quatro países distintos. Nos Estados Unidos, destacam-se a Universidade do Texas Austin, a Universidade de Syracuse e a Universidade do Arizona. No Reino Unido, as principais instituições são a Universidade de Loughborough e o King’s College London. Na Austrália, as pesquisas têm como base a James Cook University e a University of Sydney, enquanto, no Canadá, a Queen's University se destaca como uma referência importante.

Figura 6. Mapa de Campo: Principais Exponentes, Países e Palavras-chave nas Pesquisas sobre Geopolítica e Esporte no Exterior

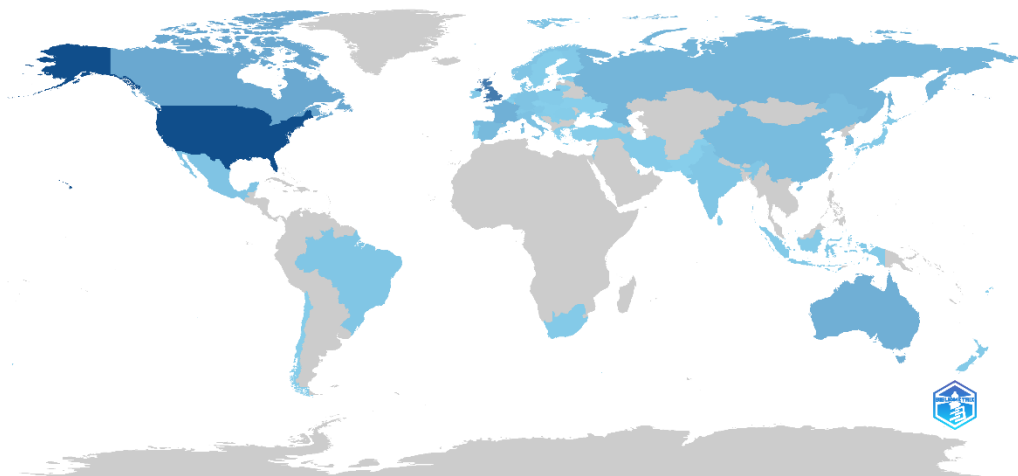


Fonte: Scopus e Web of Science, 2023

Org: O próprio autor /Bibliometrix

Num panorama geral, a espacialização das pesquisas (**Figura 7**) revela uma concentração significativa no Norte Global, englobando países como Estados Unidos, Canadá, Europa Ocidental, Japão e Austrália. Em contrapartida, na América Latina, África e no Sudoeste da Ásia (Oriente Médio), as produções sobre a temática são escassas ou praticamente inexistentes. No Sul Global, áreas como a Europa Oriental, com ênfase na Rússia, o Sul da Ásia e a China se destacam por apresentarem uma presença mais marcante nesse cenário de pesquisa.

Figura 7. Produção por Intensidade dos Países ao Longo do Tempo nas Pesquisas sobre Geopolítica e Esporte no Exterior



Fonte: Scopus e Web of Science, 2023

Org: O próprio autor /Bibliometrix

Na França, o principal expoente da temática da geopolítica do esporte é Pascal Boniface, autor de diversas pesquisas e livros relevantes. Entre suas obras destacam-se “*Géopolitique du sport*”, que oferece um panorama geral sobre a geopolítica esportiva, além de “*La Terre est ronde comme un ballon*” e “*Football & mondialisation*”, que focam especificamente no futebol. Boniface também aborda as relações esportivas internacionais, como no livro “*JO politiques: Sport et relations Internationales*”, que analisa os Jogos Olímpicos. Outro autor de destaque é Simon Chadwick, que explora a nova geopolítica econômica do esporte, com seu artigo “*From utilitarianism and neoclassical sport management to a new geopolitical economy of sport*”, que revisita a gestão e a economia esportiva sob essa nova ótica.

Jean-Pierre Augustin é outro pensador importante na França, cujas primeiras contribuições se concentraram na interseção entre o esporte e a Geografia, com obras como “*Sport, géographie et aménagement e Qu'est-ce que le sport? Cultures sportives et géographie*”. À medida que suas pesquisas se aprofundaram, ele passou a explorar questões mais geopolíticas, abordando megaeventos no artigo “*Les Jeux Olympiques, l'événement spatial par excellence*” e analisando esportes específicos, como no trabalho “*Le rugby: une culture monde territorialisée e Éléments géopolitiques du sport africain*”.

Assim, as pesquisas na França inicialmente focaram o esporte como um fator social, influenciando o planejamento urbano, a espacialização e os fluxos migratórios. No entanto, recentemente, há uma tendência crescente de atenção aos aspectos geopolíticos, com ênfase nos megaeventos, nas rivalidades entre países, nas relações com ex-colônias francesas e, especialmente, nos esportes populares no país, como o futebol e o rugby. Isso se reflete na concentração das palavras-chave nas pesquisas francesas, como “geopolítica”, “esporte”, “Olimpíadas” e “deportação”, conforme ilustrado na **Figura 6**, que mostra a produção por intensidade dos países ao longo do tempo.

Nos Estados Unidos, a discussão sobre a geopolítica do esporte foca no uso do esporte como instrumento de poder em regimes autoritários e nacionalistas, especialmente em países do Sul Global, como Rússia, China e os países do Golfo Pérsico. As principais palavras-chave nas pesquisas americanas incluem geopolítica, migração, Olimpíada, China, Rússia, deportação e soft power. Natalie Koch, geógrafa política da Universidade de Syracuse, é uma das principais autoras nesse campo, com obras como “*The geopolitics of Gulf sport sponsorship*” e “*The geopolitics of sport beyond soft power: event ethnography and the 2016 cycling world championships in Qatar*”.

O foco das pesquisas nos Estados Unidos é compreender o esporte como uma ferramenta de poder utilizada para fortalecer o autoritarismo e o nacionalismo, principalmente no Sul

Global. Contudo, há uma lacuna na pesquisa que aborda a instrumentalização do esporte nos países do Norte Global, um aspecto que muitas vezes é negligenciado, mas que é crucial para uma análise completa do poder no campo esportivo.

No Reino Unido, a abordagem das temáticas sobre a geopolítica do esporte é semelhante à dos Estados Unidos, com ênfase no esporte, especialmente o futebol, como um instrumento de poder usado para fomentar o nacionalismo e a manipulação social. As palavras-chave mais frequentes incluem “Geopolítica”, “esporte”, “migração”, “China”, “futebol” e “deportação”, conforme demonstrado na **Figura 6**, que mapeia os principais expoentes, países e palavras-chave das pesquisas. Contudo, também se observa a falta de uma perspectiva crítica em relação aos países do Norte Global, com o foco voltado principalmente para a Rússia, China e os países do Golfo.

Dentre os pesquisadores britânicos, destacam-se três nomes. A professora Scarlett Cornelissen contribui com obras como “*The Geopolitics of Global Aspiration: Sport Mega-Events and Emerging Powers*”, que analisa os países emergentes e suas aspirações globais por meio dos megaeventos, e “*Sport Mega-Events as Political Mega-Projects*”, que se concentra especificamente nos megaeventos. Jonathan Grix, professor de Política e Política Esportiva na Manchester Metropolitan University, também é um autor relevante, com trabalhos como “*Sport Politics and the Olympics*” e “*Soft Power, Sports Mega-Events and Emerging States: The Lure of the Politics of Attraction*”. Além disso, Paul Michael Brannagan, também da Manchester Metropolitan University, foca no Catar e seu uso do esporte, com obras como “*Soft Power and Soft Disempowerment: Qatar, Global Sport and Football’s 2022 World Cup Finals e Russia’s Unique Soft Power Strategy*”.

Em síntese, a Geopolítica do Esporte é um campo incipiente, mas crescente, com contribuições significativas da Geografia, História, Relações Internacionais e Ciência Política. Embora o debate político sobre o esporte apresente diferentes nuances em diversos países, a constante nas pesquisas é a compreensão do fenômeno esportivo como uma ferramenta nas relações de poder no cenário internacional. Este é o foco da nossa pesquisa, que busca ampliar a compreensão da instrumentalização do esporte nas dinâmicas geopolíticas globais.

1.1 O ESPORTE COMO INSTRUMENTO DE PODER

O esporte, historicamente, tem sido associado pelos Estados nacionais às práticas de lazer, saúde pública e uso pedagógico. Na atualidade, no entanto, é cada vez mais difícil definir o esporte de forma simples, pois ele engloba não apenas lazer e entretenimento, mas também cultura, arte, negócios e mercadorias. A partir da globalização e da reconfiguração das relações de poder, o esporte se difundiu por redes articuladas em diversos territórios, permitindo-lhe alcançar proporções globais. Aliado a essa popularidade e aos valores éticos do esporte, sua forte aceitação popular torna-o passível de instrumentalização política e comercial. Inclusive, contrariar os abusos políticos e comerciais é um dos objetivos estabelecidos pela Carta Olímpica.

Boniface (2014) salienta que o esporte pode atuar como um instrumento de guerra e/ou como substituto da guerra, o que não significa que os conflitos ocorram por causa do esporte, mas devido ao contexto turbulento que os envolve. O esporte constitui um campo de batalha pacífico e regulamentado, onde países – como na Copa do Mundo e nas Olimpíadas – podem desfrutar de momentos de paz, lembrando suas interdependências. No contexto da globalização e das perdas das identidades nacionais, provocadas pela porosidade das fronteiras, o vencedor adquire forte poder de influência, respeito e admiração coletiva, semelhante ao dos chefes de Estado. Isso, numa perspectiva de longo prazo, pode ser mais vantajoso economicamente e para a imagem dos países do que o uso militar.

O futebol é o fenômeno cultural mais difundido no globo (Drummond, 2008, p. 393 *apud* Canettieri, 2010, p. 125) e possui uma geopolítica própria. A Geopolítica do futebol, que analisa a relação entre o poder do futebol e o espaço do futebol (Favero, 2006, p. 13), foi tema de investigação de alguns geógrafos. Rodrigues e Leite Jr. (2018), ao analisar o caso chinês, explicaram como, por meio de investimentos nacionais e patrocínios de empresas chinesas na Copa do Mundo, o país tem buscado se reposicionar no espaço do futebol. A geopolítica da FIFA e a mercantilização do futebol foram abordadas por Favero (2006), enquanto Canettieri (2010) destaca a importância do futebol como instrumento de geopolítica internacional.

Os megaeventos são vitrines globais com a capacidade de atrair bilhões de pessoas e funcionam como uma plataforma de promoção da imagem e prestígio dos países por meio de elementos socioculturais (Pizarro, 2017). A Copa do Mundo e as Olimpíadas são eventos que atingiram proporções gigantescas, mas o que, de fato, os torna “mega” é sua:

grandiosidade em termos de público, mercado alvo, nível de envolvimento financeiro do setor público, efeitos políticos, extensão de cobertura televisiva, construção de instalações e impacto sobre o sistema econômico e social da sociedade anfitriã (Hall, 2006, p. 59).

Dada as suas características multifacetadas, os megaeventos se apresentam como objetos interdisciplinares de pesquisa (Boniface, 2014) e, por isso, são relevantes para os geógrafos (Augustin, 1995). Além disso, demonstraram ser ferramentas geopolíticas importantes, como visto nas Olimpíadas de Inverno de Sochi, em 2014, que tiveram o maior gasto real da história dos Jogos Olímpicos, mas permitiram a reestruturação do território russo no Cáucaso, que posteriormente serviram de base para o conflito russo-georgiano e o ucraniano (Pitoco da Silva, 2024).

A Geopolítica, enquanto campo que investiga as relações de poder que se desenrolam no território, tem desempenhado, através do esporte, um papel importante na reafirmação do território por algumas nações. Boniface (2014) explicita que, não bastando às nações possuírem os elementos básicos propostos pelos contratualistas – o território, uma população e o governo –, na atual conjuntura, é essencial que a nação possua um time de futebol ou uma seleção nacional que leve suas cores e símbolos mundo afora.

(...) o esporte pode ser um sinal prenúncio da existência de um Estado. Então, uma vez que o estado é criado, ele pode vir a consolidar um sentimento nacional ainda mal ancorado internamente, parecendo incerto internacionalmente. Finalmente, uma vez que a existência é bem afirmada, permite irradiar, impressionar, ganhar prestígio. Desde o início, as nações usam competições esportivas para serem reconhecidas por seus pares (Boniface, 2014, p. 52 – Tradução Nossa¹).

¹ (...) le sport peut être le signe avant-coureur de l'existence d'un État. Ensuite, une fois l'État créé, il peut venir conforter un sentiment national encore mal ancré sur le plan intérieur, apparaissant incertain sur le plan international. Enfin, une fois l'existence bien affirmée, il permet de ayonner, d'impressionner, d'obtenir du prestige. Dès l'origine, les nations vont se servir des ompétitions sportives pour se faire reconnaître par leurs pairs (Boniface, 2014, p. 52).

Essa relação do esporte com o território está intimamente ligada à identidade nacional e ao sentimento de pertencimento, mas também visa reafirmar a soberania e a existência dos países. Por esses fatores, a territorialização mundial do esporte se diferencia da que é construída pela ONU, como demonstrado na **Tabela 1**.

Tabela 1. Comparação do Número de Nações Reconhecidas pela ONU, FIFA, COI e ConIFA

	ONU	FIFA	COI	ConIFA	World Athletics
Número de membros reconhecidas	193	211	206	54	214

Fonte: COI, FIFA, ONU, ConIFA, World Athletics 2023

Org: O próprio autor

A World Athletics, antiga IAAF (Associação Internacional de Federações de Atletismo), reconhece 214 nações em seu quadro de membros. Por sua vez, a ConIFA (Confederação de Futebol de Associações Independentes) aceita apenas nações de reconhecimento limitado, que não são legitimadas pela ONU ou pela FIFA. Isso sugere que o número de nações existentes pode se aproximar das três centenas, evidenciando a relação do esporte com a identidade nacional e a reafirmação soberana do território.

Outra perspectiva importante a ser observada é o sentimento de união nacional, que se intensifica durante a participação na Copa do Mundo e nas Olimpíadas. O campo competitivo do esporte estimula a torcida dos espectadores, e as cores e símbolos nacionais servem para unir os torcedores em apoio à sua seleção, como foi o caso da Argentina na Copa do Mundo de 1978, onde a seleção nacional foi instrumentalizada pelo regime militar.

(...) a redefinição do poder, onde a imagem, o prestígio e o soft power ocupam um lugar cada vez mais importante, dá nova importância às vitórias desportivas. O campeão é um embaixador cuja influência ultrapassa fronteiras e que é muito mais popular que o chefe de Estado (Boniface, 2011, p. 194 – Tradução Nossa²).

² (...) a redéfinition de la puissance, où l'image, le prestige et le soft power occupent une place de plus en plus importante, donne une importance nouvelle aux victoires sportives. Le champion est un ambassadeur dont le rayonnement dépasse les frontières et qui est bien plus populaire que le chef de l'État (Boniface, 2011, p. 194).

A festa dos torcedores de Trinidad e Tobago após o empate em sua inédita participação na Copa do Mundo de 2006 é um exemplo claro de como a simples presença em um megaevento pode ser vista como uma grande conquista. Mesmo sem marcar gols e sendo eliminados sem avançar, o fato de ter chegado à competição foi um marco significativo. Esse evento, para um país com um número limitado de vagas, representa uma oportunidade de estar sob os holofotes globais, de se destacar no cenário internacional e, de certa forma, afirmar sua presença no mapa-múndi.

O sentimento de unidade nacional proporcionado por uma vitória em um evento esportivo globalizado e de prestígio é forte. Mas a participação, a percepção de “fazer parte”, oferece esse sentimento, de ser uma parte plena, completa e soberana do mundo. “O esporte oferece um meio útil e barato nesse sentido, pois o treinamento de um atleta de alto nível exige menos dinheiro do que a construção de uma ferrovia. O esporte também desempenha um papel na “construção da nação” (Boniface, 2014, p. 55 – Tradução Nossa³).

O esporte pode tanto unir e reafirmar a soberania de um país quanto atuar como um instrumento diplomático, um provedor de paz ou até mesmo como um campo de conflito, onde rivalidades e disputas se estendem para as arenas esportivas. É importante destacar que não é o esporte que provoca essas rivalidades ou conflitos, mas sim as tensões e disputas existentes em outros campos da política que se projetam para o esporte, frequentemente tornando as competições espaços de manifestações dessas tensões.

Esses aspectos indicam que o esporte, além de ser um fenômeno sociocultural, possui uma dimensão política, sendo suscetível à instrumentalização. Como ferramenta de política internacional, o futebol e outros esportes podem refletir e expressar as características simbólicas das estruturas de poder que os moldam, criando territorialidades que se alinham às dinâmicas geopolíticas. Um exemplo claro disso são os cinco países que mais conquistaram medalhas olímpicas: Estados Unidos, Rússia, Reino Unido, França e China (Comitê Olímpico Internacional, 2023). Esses países também ocupam posições de destaque no cenário internacional, com assentos permanentes no Conselho de Segurança da ONU e são os que mais possuem ogivas nucleares (SIPRI, 2022).

³ Le sentiment d’union nationale fourni par une victoire dans une épreuve sportive mondialisée et prestigieuse est fort. Mais la participation, la perception d’ “en être”, offre ce sentiment, de faire partie de façon pleine, entière et souveraine du monde. “Le sport fournit à cet égard un moyen utile et peu coûteux puisque l’entraînement d’un athlète de haut niveau nécessite moins d’argent que la construction d’un chemin de fer”. Le sport joue également un rôle de “Nation Building” (Boniface, 2014, p. 55).

No sistema internacional contemporâneo, fatores como o alto custo dos complexos industriais militares, a ameaça de destruição mútua, a interdependência econômica, os tratados de paz e o enfraquecimento político dos Estados ajudam a explicar, em parte, a redução dos grandes conflitos armados. No entanto, as rivalidades ainda persistem, agora se deslocando para outros espaços, como o esportivo, que, devido ao seu apelo popular massivo, se torna um novo campo de batalha. Nesse contexto, o esporte, com sua ampla cobertura e engajamento global, surge como um dos substitutos mais visíveis para os conflitos militares tradicionais.

O esporte é um instrumento de poder tanto pela organização de competições quanto pelas vitórias nelas, para “continuar a guerra por outros meios” parafraseando Clausewitz, de quem conhece a fórmula “A guerra é que a continuação da política por outros meios”. O esporte permite que você brilhe sem agressão, permite que você domine enquanto é popular, o que não é o caso em termos de dominação estratégica e econômica. Isso sempre causa ressentimento e rejeição, embora possa causar admiração e reconhecimento no campo esportivo.

O poder do esporte pode acompanhar o poder o poder estratégico ou servir como seu substituto (...) O esporte é guerra. Excita as piores paixões nacionalistas, o sentimento odioso de pertencer aos outros. Liberando os instintos mais gregários, ele desencadeia multidões furiosas. É o substituto dos confrontos de outrora, dos quais permite a sobrevivência. O esporte incita a violência e o ódio aos outros (Boniface, 2014, p. 11 - 83, Tradução Nossa⁴).

As rivalidades de poder no sistema internacional se refletem claramente no cenário da Geopolítica do futebol, como destacado por Souza, Costa e Mattos Junior (2021). Eles elaboraram um mapa que quantificou as rivalidades entre seleções nacionais de futebol, observando que a maioria dessas rivalidades vai além do próprio esporte. Muitas delas têm origem em contextos externos ao futebol, sendo posteriormente incorporadas a ele.

⁴ Le sport est un instrument de puissance tant par l'organisation des compétitions que par les victoires dans ces dernières. C'est une façon “de continuer la guerre par d'autres moyens” pour paraphraser Clausewitz dont on connaît la formule “la guerre est la continuation de la politique par d'autres moyens”. Le sport permet de rayonner sans agressivité, il permet de dominer tout en étant populaire, ce qui n'est pas du tout le cas en termes de domination stratégique et économique. Celle-ci entraîne toujours rancœurs et rejet alors qu'elle peut provoquer admiration et reconnaissance dans le domaine sportif. La puissance sportive peut accompagner la puissance stratégique ou lui servir de substitut (...) Le sport c'est la guerre. Il excite les pires passions nationalistes, le sentiment d'appartenance haineux à l'égard des autres. Libérant les instincts les plus gregaires, il déchaîne les foules colériques. Il est le substitut des affrontements d'antan, dont il permet la survie. Le sport attise la violence et la haine de l'autre (Boniface, 2014, p. 11 – 83).

A Rússia é um exemplo de país com o maior número de rivalidades, seguida pela França, incluindo algumas rivalidades intercontinentais. Entre as mais destacadas estão as rivalidades com os Estados Unidos, Alemanha, Turquia, Ucrânia e Polônia. Por outro lado, os ingleses possuem uma rivalidade com os argentinos, que certamente tem suas raízes na Guerra das Malvinas (Souza; Costa e Mattos Junior, 2021).

Outra situação da relação de guerra e paz fica evidente quando observamos o recente conflito russo-ucraniano⁵. Na perspectiva da guerra, a partir do acirramento do conflito em 2022, o COI pressionado pelas sanções do ocidente impostas à Rússia e Belarus, sob a narrativa do não cumprimento da trégua olímpica, expulsou os países dos XXII Jogos Olímpicos de Inverno, na China, recomendou que todas as organizações internacionais dos esportes fizessem igual e que realocassem seus eventos para fora destes e proibiu que a bandeira, as cores e os símbolos russos fossem utilizados.

Desde então, as recomendações foram seguidas e uma série de medidas semelhantes ocorreram. No futebol, a Rússia foi impedida de disputar as eliminatórias para a Copa do Mundo de futebol, consequentemente a excluindo do torneio; a *Premier League*, rompeu o contrato de direitos de transmissão com a empresa russa Rambler (Okko Sport); a UEFA (União das Associações Europeias de Futebol) substituiu São Petersburgo por Paris como sede da final da Liga dos Campeões, impactando a cidade russa em EUR 60 milhões, rompeu o contrato de patrocínio com a Gazprom, excluiu as seleções e clubes russos das suas competições e anunciou que as candidaturas russas para a Eurocopa de 2028 e 2032 não serão aceitas; diversos clubes romperam contratos de patrocínio com empresas russas, outros apoiaram a iniciativa russa, como o Estrela Vermelha, da Sérvia; atletas se posicionaram e alguns morreram no conflito; empresas de jogos eletrônicos e de materiais, como Adidas, Nike e Puma deixaram o mercado russo. Outras medidas semelhantes foram adotadas no basquete pela FIBA (Federação Internacional de Basquetebol) e pela Euroliga, no tênis por *Wimbledon*, entre muitos outros (Pitoco da Silva, 2024).

Por outro lado, o esporte tem sido instrumento de paz, mesmo que de tentativas sejam vagas e muitas vezes apenas propagandística, a instrumentalização existe. Desde o início do conflito direto, mensagens de paz com as cores ucraniana ou no idioma ucraniano foram comuns nas principais ligas de futebol europeias, inclusive na Copa do Mundo do Catar. Os clubes europeus apoiando os ucranianos, fizeram torneios amistosos com clubes deste país,

⁵ O conflito russo-ucraniano é um conflito por procuração que, na nossa percepção, tem início *de facto* em 2014 e intensificado em 2022.

iluminaram seus estádios com as cores ucranianas e participaram de ações humanitárias de apoio aos refugiados (Pitoco da Silva, 2024).

Foi evidenciado através do conflito russo-ucraniano, as diversas possibilidades funcionais que o esporte pode ter na relação de guerra e paz, seja na escala global com os megaeventos ou na escala local com os clubes e os estádios. O que também nos indica a condição multipolar da ordem global vigente.

As características do mundo multipolar se refletem também no esporte, como veremos a seguir. Das Copas do Mundo neste século, a de 2022, realizada na República da Coreia e no Japão, foi a primeira na Ásia; a de 2006 foi a primeira na Alemanha, após o término do processo de reunificação; a de 2010 foi a primeira na África; em 2014, a Copa retornou ao continente sul-americano após mais de três décadas; a Copa da Rússia foi a primeira em um país eslavo e do Leste Europeu; por fim, a Copa do Catar foi a primeira em um país do Sudoeste da Ásia, árabe e de maioria muçulmana. Na Copa de 2018, sete das dezenove patrocinadoras eram chinesas e foram responsáveis pelo investimento de USD 835 milhões no evento (Leite Jr e Rodrigues, 2018).

Para ilustrar o prestígio que o esporte carrega, podemos observar o funeral de Pelé, que atraiu 230 mil pessoas ao seu velório na cidade de Santos. Poucos dias depois, 160 mil pessoas compareceram à Praça São Pedro para prestar condolências ao Papa emérito Bento XVI (Globo, 2023). O fato demonstra que o rei do futebol, assim como o próprio esporte, vem se consolidando como um fenômeno de grande impacto global; o rei simbólico do futebol tem uma popularidade que supera até mesmo a do rei cristão ocidental.

Como colocado por Boniface (2014), na atualidade, a popularidade e o poder de influência dos atletas superam os dos chefes de Estado, o que também indica a difusão do poder dos Estados, como buscamos evidenciar na **Tabela 2**.

Tabela 2. Quantidade de seguidores no Instagram de agentes esportivos e chefes de Estado – Fevereiro de 2023

Personalidade	Função	Instagram
Cristiano Ronaldo	Jogador de futebol	550
Messi	Jogador de futebol	431
Virat Kohli	Jogador de Críquete	237
Neymar	Jogador de futebol	204
LeBron James	Jogador de Basquete	146
Narendra Modi	Primeiro Ministro da Índia	72,8
Manchester United	Time de Futebol	60,9
Joko Widodo	Presidente da Indonésia	50,6
Joe Biden	Presidente dos EUA	17,6
Volodymyr Zelensky	Presidente da Ucrânia	16,9
Flamengo	Time de Futebol	16,5
Pelé	Jogador de Futebol	15,9
Lula da Silva	Presidente do Brasil	12,7
Scuderia Ferrari	Equipe de Formula 1	10,5

Fonte: Instagram, 2023

Org: O próprio autor

A pessoa com mais seguidores na rede social Instagram é um jogador de futebol, Cristiano Ronaldo, seguido por Lionel Messi e diversos outros atletas que possuem mais fãs do que muitos países têm de população. Nossa intenção não é elencar os maiores públicos das redes sociais, mas destacar a capacidade de comunicação dos agentes do esporte, superior à dos grandes líderes globais, o que indica que o esporte se apresenta como um instrumento relevante de poder.

Considerações sobre o lugar do esporte nas Relações Internacionais foram feitas por Suppo (2012), destacando os seguintes pontos:

(...) é um fator de enorme importância social e cultural; a crescente internacionalização do esporte o tornou parte do sistema internacional, que, apesar de ser um sistema anárquico, pode ser influenciado pela interdependência que o esporte cria; o esporte é um instrumento formidável para a política governamental; as organizações privadas internacionais que se ocupam do esporte são muito importantes e deveriam ter sido estudadas no quadro da análise global das organizações internacionais e transnacionais (SUPPO, 2012, p. 412).

Outro aspecto que indica o esporte como um relevante instrumento de poder são os megaeventos. Na última Olimpíada de Inverno, realizada na China, trinta e dois líderes estiveram presentes, incluindo o Secretário-Geral da ONU, António Guterres. Além disso, diversos encontros bilaterais importantes ocorreram na ocasião, como a entrada da Argentina na iniciativa Cinturão e Rota e a aproximação da China com a Arábia Saudita.

Tabela 3. Número de países e chefes de Estado nas últimas aberturas de Jogos Olímpicos de Verão

Jogos Olímpicos	Número de países participantes	Número de chefes de Estado e Governo
2008 - Pequim, China	205	104
2012 - Londres, Reino Unido	204	95
2016 - Rio de Janeiro, Brasil	207	45
2021 - Tóquio, Japão	206	Sem público

Fonte: BONIFACE, 2014; COI, 2023

Org: O próprio autor

A **Tabela 3**, nos indica a relevância que os Jogos Olímpicos possuem, primeiro pelo número de participantes ser maior do que a ONU considera como países, evidenciando a capacidade de alcançar nações não representadas pela instituição supranacional, segundo pela marcante presença dos chefes de Estado e Governo, que dão ao evento uma cara de convenção internacional de países. Tais elementos são apenas alguns, que levam os países a disputar a sua organização.

Apresentamos, a seguir, alguns indícios da multipolarização dos agentes esportivos, evidenciando o processo multipolar pelo qual estamos atualmente passando. Dentro desse cenário multipolar, no qual o mundo dos esportes se insere em uma nova dinâmica de poder, as instituições responsáveis por sua governança ocupam posições de destaque no sistema internacional das nações. Nos próximos tópicos, debatemos as duas maiores instituições: o COI e a FIFA.

1.2 AS ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAIS INTERNACIONAIS ESPORTIVAS: A FIFA E O COI

As ONGI's são entidades multilaterais não governamentais que, durante a era científico-informacional, tornaram-se polos de poder significativos. Suas características transnacionais, ou seja, a natureza de atores desterritorializados, permitem que elas cruzem as fronteiras políticas e se transformem em entidades globais.

Apesar das características transacionais das ONGI's esportivas, a Suíça abriga 45 delas, podendo chegar a 65 se considerarmos aquelas de escala regional (GGBA, 2023). A atração que o país exerce se deve à sua neutralidade política, localização central na Europa, mão de obra altamente qualificada, segurança, qualidade de vida, facilidades para arbitragem privada e um regime fiscal, bem como código legal atrativos. De acordo com o Código Civil Suíço, essas instituições esportivas multilaterais são consideradas instituições multilaterais associativas e, portanto, não podem visar ao lucro, sendo obrigadas a reinvestir todos os recursos que obtêm. Conseqüentemente, não estão sujeitas à necessidade de registro estatal ou à divulgação de seus balanços financeiros. Elas recebem incentivos fiscais e operam dentro de um quadro legal flexível, o que lhes permite administrar suas atividades de forma independente, frequentemente ficando isentas das leis suíças de combate à corrupção.

A atração dessas organizações proporcionou um notável impacto econômico positivo para o país, sustentando empregos, estimulando o turismo de negócios e contribuindo para o crescimento do setor de construção suíço. Estima-se que essas organizações gerem cerca de USD 1,1 bilhão em receita anual, sustentando uma cadeia produtiva que emprega aproximadamente 2.000 pessoas. Além disso, em 2013, essas instituições atraíram mais de 32 mil pernites relacionadas a viagens de negócios. No período entre 2008 e 2013, as organizações esportivas internacionais contribuíram com CHF 366 milhões para o setor de construção civil do país (Swissinfo, 2015).

O cantão de Vaud e a cidade de Lausanne estão entre os principais impulsionadores desse setor. O COI foi a primeira organização internacional a estabelecer sua sede na cidade, o que ocorreu em 1915, durante a Primeira Guerra Mundial. Em 1994, Lausanne recebeu o título de "capital olímpica" pelo próprio COI, e desde 2006, a cidade abriga a *Maison du Sport*, um

local que acolhe mais de 30 instituições esportivas, incluindo a IBA (Associação Internacional de Boxe) e o escritório europeu da WADA (Agência Mundial Antidoping⁶).

Lausanne abriga cerca de 75% das instituições de esportes olímpicos (Ruiz, 2016), o que destaca a notável atração dos incentivos fornecidos pela cidade e pelo governo do cantão. Qualquer federação esportiva que opte por estabelecer sua presença na cidade, seja como locatária na *Maison du Sport* ou em qualquer outra localização, desfruta de dois anos de isenção de aluguel e a vantagem de ficar permanentemente isenta de impostos.

Essa situação se traduz em resultados significativos para o Estado, com metade da arrecadação anual oriunda dessas instituições no país, aproximadamente USD 500 milhões, concentrando-se em Vaud, sendo que USD 200 milhões permanecem em Lausanne (GGBA, 2023).

Nesse cenário esportivo, surgiu um ecossistema de inovações no campo dos esportes, onde várias empresas e *startups* de tecnologia esportiva optaram por estabelecer sua base na Suíça Ocidental. Um exemplo notável é a Bearmind, que tem sua sede no Parque de Inovação EPFL em Lausanne. Essa empresa desenvolve sensores e software integrados em capacetes esportivos para oferecer monitoramento em tempo real e prevenir lesões cerebrais em atividades esportivas (GGBA, 2023).

Além disso, no cantão de Valais, encontra-se a empresa Myotest, especializada em dispositivos portáteis e software dedicados à análise de métricas biomecânicas. Por outro lado, no cantão de Neuchâtel, o CSEM concentra seus esforços na pesquisa de tecnologias de sensores e soluções de monitoramento não invasivo nas áreas de saúde, bem-estar e esportes. Vale a pena destacar que há outros exemplos notáveis, como a Darftfish no cantão de Friburgo, a Pomoca no cantão de Vaud, a Timeon no cantão de Genebra e a Bodygee no cantão de Berna, entre outros (GGBA, 2023). Esse conjunto de empresas faz da região um verdadeiro “Vale do Silício” no mundo dos esportes (Ruiz, 2016).

Essas instituições são responsáveis pela governança do mundo esportivo, no entanto, os esportes são fenômenos socioculturais, o que significa que são construídos socialmente e são patrimônio da humanidade. Isso nos leva a questionar a legitimidade dessas instituições para exercer um monopólio e obter lucro a partir de um patrimônio cultural.

O **Comitê Olímpico Internacional** foi estabelecido em 1894, na cidade de Paris, França. O COI foi criado com o propósito de coordenar os Jogos Olímpicos e desempenha um

⁶ Sigla em inglês

papel orientador e de liderança em organizações esportivas multilaterais, com base na Carta Olímpica e na filosofia do olimpismo.

Atualmente, o COI reconhece 206 países e registrou uma receita durante o ciclo olímpico de 2013 a 2016 de USD 5,7 bilhões, representando um aumento de 7,6% em comparação ao ciclo anterior. Deste montante, USD 4,2 bilhões provêm de direitos de telecomunicações, marcando um aumento de 8,1% em relação ao ciclo anterior (Comitê Olímpico Internacional, 2017).

No último ciclo olímpico, abrangendo o período de 2017 a 2021, a receita total atingiu a marca de USD 7,6 bilhões (Comitê Olímpico Internacional, 2017). É digno de nota que uma parcela significativa, ou seja, USD 3,6 bilhões, foi arrecadada exclusivamente no ano olímpico por meio dos direitos televisivos, o que destaca a importância dos Jogos Olímpicos para a instituição. Para efeitos de comparação, o orçamento da ONU para 2023 foi de USD 3,39 bilhões para 2023 (Organização Das Nações Unidas, 2022).

O COI adota um modelo de organização política que pode ser descrito como liberal-aristocrático e único. Em outras palavras, ele opera como um clube composto por membros da alta aristocracia e nobreza europeia, conforme apontado por Rocha (2019), e busca minimizar a influência estatal. Para alcançar esse objetivo, o COI criou várias instituições que orbitam em torno de sua estrutura. Além disso, o COI possui seus próprios valores, princípios, símbolos, hinos e rituais distintivos. Em suma, o COI desempenha o papel de instituição de maior hierarquia no sistema internacional do esporte, tanto em termos políticos como jurídicos.

Pierre de Frédy, mais conhecido por seu título nobiliárquico, Pierre de Coubertin, desempenhou um papel crucial no renascimento dos Jogos Olímpicos. Apesar de sua origem aristocrática, o historiador e pedagogo francês tinha como objetivo estabelecer um modelo de paz social republicana após a revolução, e a pedagogia esportiva desempenhava um papel central nesse esforço. Coubertin é o principal idealizador do movimento olímpico e do olimpismo.

Coubertin é o principal idealizador do movimento olímpico e do olimpismo. O movimento olímpico de Coubertin representa uma ideia universal com raízes nos Jogos Olímpicos da Antiguidade. Seu objetivo é elevar a integração entre corpo e mente a um ideal sublime através da prática esportiva, simbolizando a força de vontade (Cardoso, 2013). Por outro lado, o olimpismo é uma filosofia que orienta o esporte em direção a valores mais amplos e nobres.

O movimento olímpico fundado por Coubertin, portanto, precisava não apenas de uma estrutura institucional (Comitê Olímpico Internacional, Comitês Olímpicos Nacionais, Jogos Olímpicos), mas de uma orientação intelectual, uma filosofia olímpica, para a qual Coubertin cunhou o termo Olimpismo, com os sinônimos de: ideia olímpica, pensamento olímpico, ideais ou princípios olímpicos. Consequentemente, Coubertin enfatizou repetidamente que o Olimpismo era não um sistema, mas uma atitude espiritual ⁷ (Muller, 2023, (online) – Tradução Nossa).

Assim, o olimpismo age como uma ideologia que confere significado ao esporte por meio de seus princípios e valores universais, com ênfase na promoção da paz e na facilitação da conexão entre o aspecto nacional e internacional.

A relação entre nacionalismo e paz internacional, até então unilateral devido à sua aparente contradição interna, é precisamente o que torna o Olimpismo tão fascinante. Desde o início, a intenção de Coubertin era uma competição entre nações amantes da paz e um internacionalismo que enfatizava cerimonialmente a honra pacífica da nação⁸ (Muller, 2023, (online) – Tradução Nossa).

A eficácia da promoção da paz pelo movimento olímpico é sujeita a questionamentos; no entanto, ele resgata o princípio orientador que remonta aos Jogos Olímpicos na Antiguidade. As Olimpíadas tiveram origem em um acordo de cessar-fogo conhecido como *Ekecheiria*, estabelecido entre Pisa, Esparta e Elis. Esse acordo não apenas tinha o propósito de encerrar os conflitos entre essas comunidades, mas também estipulava a realização de competições esportivas a cada quatro anos em Olímpia. Durante esses eventos, todas as hostilidades entre as cidades-estados gregas eram suspensas como parte da celebração da paz e em reverência aos deuses, através de rituais religiosos (Fauria, 1968); (Rubio, 2002). Isso destaca o objetivo subjacente de promover a coesão e a unidade nacional entre os diversos povos gregos por meio do esporte.

⁷ The Olympic movement founded by Coubertin therefore needed not only an institutional framework (International Olympic Committee, National Olympic Committees, NOKs, Olympic Games), but an intellectual orientation, an Olympic philosophy, for which Coubertin coined the term Olympism; synonyms are: Olympic idea, Olympic thought, Olympic ideals or principles. Consequently, Coubertin repeatedly emphasized that Olympism was not a system, but a spiritual attitude (Muller, 2023, (online)).

⁸ The relationship between nationalism and international peace, so far one-sided due to its perceived internal contradiction, is precisely what makes Olympism so fascinating. From the very beginning, Coubertin's intention was a competition between peace-loving nations and an internationalism that ceremonially emphasized the peaceful honour of the nation ⁸ (Muller, 2023, (online)).

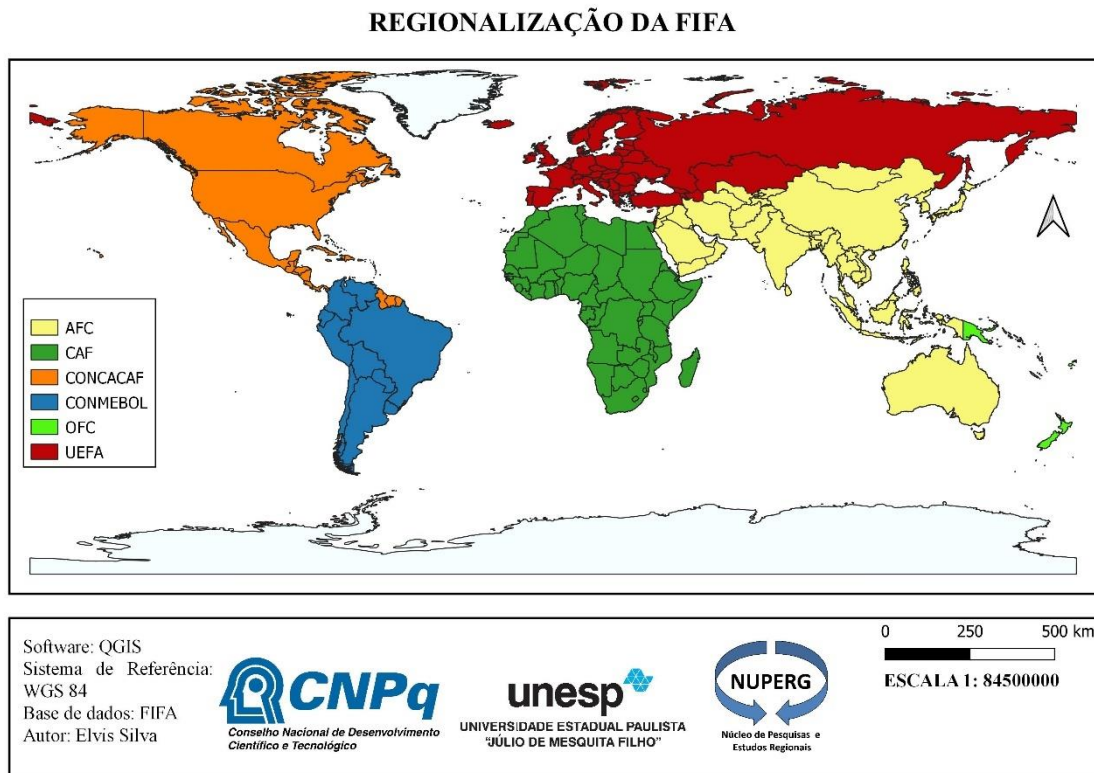
É importante acrescentar que essa relação da paz como esporte é um elo das relações do COI com as Nações Unidas. Desde 1993, a ONU vem submetendo a “trégua olímpica” a uma votação simbólica na Assembleia Geral, com o objetivo de promover a paz durante os Jogos Olímpicos (Organização Das Nações Unidas, 2022).

A Carta Olímpica representa o alicerce central tanto para o movimento olímpico quanto para o COI. Nela estão delineados os princípios orientadores, valores, atribuições e funções do esporte olímpico. A Carta Olímpica, “(...) instaurou um autêntico sistema de direito internacional paralelo ao direito internacional público” (Latty *apud* Suppo, 2012, p. 4). Isto é, este documento desempenha um papel análogo ao de uma constituição para o mundo esportivo, criando um sistema internacional de direito próprio, funcionando como uma diretriz global para as práticas esportivas.

A partir da carta olímpica e do olimpismo, o COI se coloca como a instituição moral e jurídico-política do esporte global e a partir dessa legitimidade, reconhece povos, nações e outras instituições esportivas.

A **FIFA** é a instituição reconhecida pelo COI como a entidade responsável pela gestão do futebol. De acordo com Rocha (2019, p. 56), ela é uma empresa de tipo *offshore* que detém o monopólio do futebol. Embora tenha sido fundada na França em 1904, a organização atualmente tem sua sede em Zurique, Suíça. No cenário atual, a FIFA reconhece 211 associações nacionais masculinas e 129 femininas (Pizarro, 2015), agrupadas em seis confederações continentais, como ilustrado no **¡Error! No se encuentra el origen de la referencia.:** CONCACAF (Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe), CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol), CAF (Confederação Africana de Futebol), UEFA (União das Associações Europeias de Futebol), AFC (Confederação Asiática de Futebol) e OFC (Confederação de Futebol da Oceania).

Mapa 2. Regionalização da FIFA (2023)



A regionalização da FIFA segue as divisões geoculturais, refletindo elementos político-culturais. Por exemplo, Israel e Cazaquistão, apesar de estarem localizados geograficamente na Ásia, estão afiliados à UEFA devido a afinidades culturais e políticas. Da mesma forma, Guiana e Suriname, embora fisicamente na América do Sul, competem na região centro-norte americana, alinhando-se com sua orientação geopolítica em direção ao Mar do Caribe.

Embora a FIFA detenha o monopólio do futebol, ela não exerce controle absoluto sobre o espaço-futebol, que são territórios onde o esporte é praticado. Sua territorialização não abrange todas as áreas em que o futebol é presente. Isso é exemplificado pelas Ilhas Marshall, o único membro da ONU que não está afiliado à FIFA.

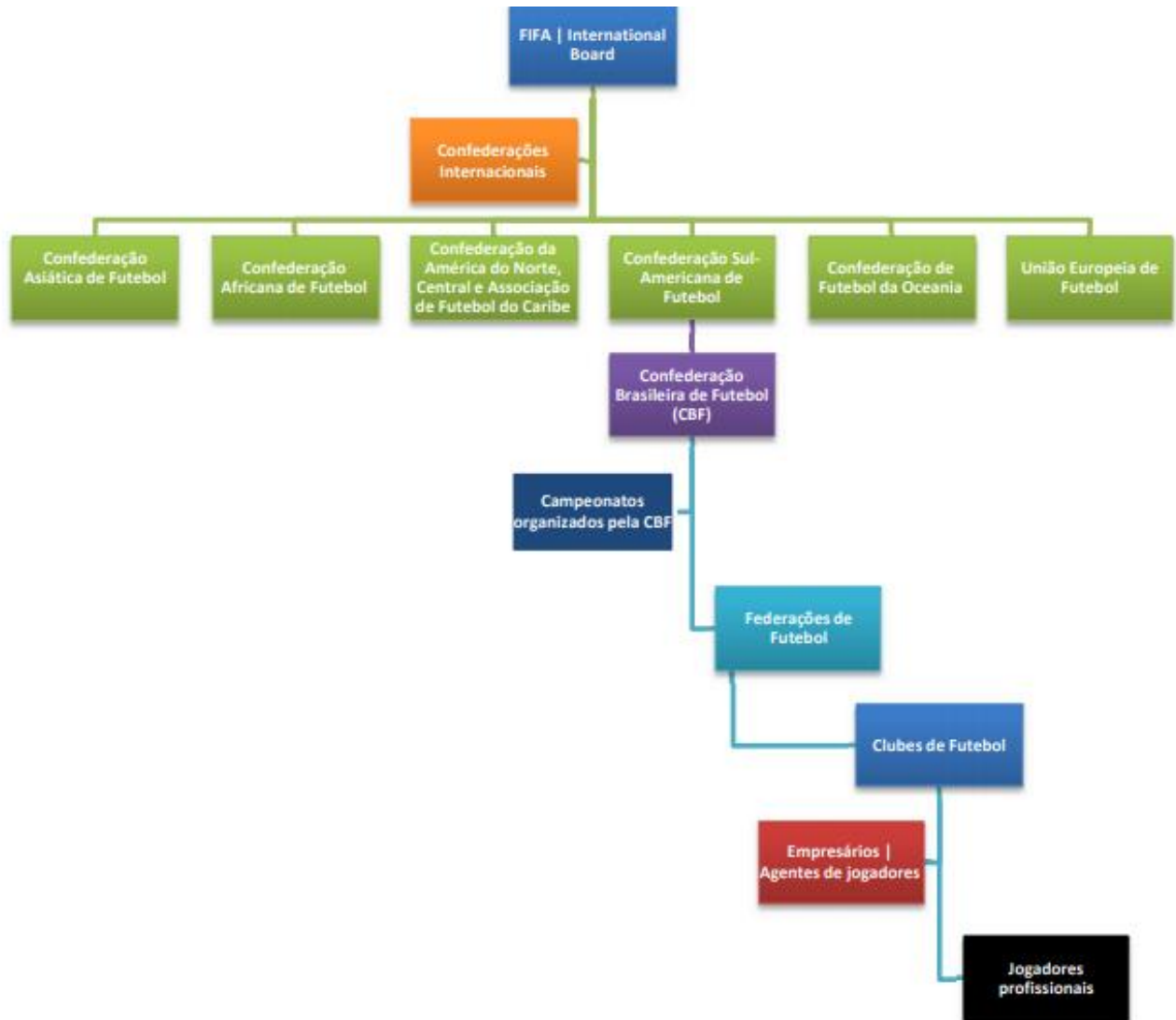
A estrutura de poder da FIFA é fundamentada no modelo liberal burguês, o que significa que a instituição mantém um monopólio, mas opera sob um sistema de certificação. Nesse sistema, a FIFA reconhece as federações nacionais como as únicas autoridades legítimas para administrar o futebol em seus respectivos países, estabelecendo, assim, uma rede jurídica global. Além disso, o reconhecimento da FIFA se estende a torneios e ligas, o que implica que eles só existem efetivamente quando são oficialmente reconhecidos pela instituição. Isso cria uma realidade social única e distintiva (Rocha, 2019).

A estrutura do futebol segue um formato piramidal, no qual a FIFA ocupa o topo, seguida pelas seis confederações continentais. Em sequência, estão as federações nacionais, seguidas pelas federações regionais. Na base da pirâmide, encontramos os clubes de futebol, os atletas e empresários (**Figura 8**). Essa estrutura em forma de pirâmide é estabelecida através do reconhecimento, com o objetivo de alcançar a legitimidade para cada instituição nacional. Cada federação nacional representa uma unidade política dentro da FIFA, o que se traduz em um voto nas discussões internas.

A estrutura do futebol segue um formato piramidal, no qual a FIFA ocupa o topo, seguida pelas seis confederações continentais. Em sequência, estão as federações nacionais, seguidas pelas federações regionais. Na base da pirâmide, encontramos os clubes de futebol, os atletas e empresários (**Figura 8**). Essa estrutura em forma de pirâmide é estabelecida através do reconhecimento, com o objetivo de alcançar a legitimidade para cada instituição nacional. Cada federação nacional representa uma unidade política dentro da FIFA, o que se traduz em um voto nas discussões internas.

Desde 2016, as edições da Copa do Mundo Masculinas são decididas através da maioria dos votos de todas as federações nacionais, não mais através do conselho executivo.

Figura 8. Organograma do Futebol Internacional: Estrutura e Relações entre as Principais Entidades



Fonte: Giglio (2013, p. 89).

Sob essa estrutura de poder, a FIFA, legitimada pelo COI, desempenha a Geopolítica do Futebol e se posiciona como um ator no sistema internacional de nações. É importante notar que esse sistema está cada vez mais preenchido por atores não estatais. Curiosamente, a FIFA reconhece mais povos e nações do que a própria ONU, que teria como propósito principal esse reconhecimento (**Tabela 4**).

Tabela 4. Comparativo de Membros entre a FIFA e a ONU

Ano	Número de Federações Filiadas à FIFA	Número de países membros da Liga das Nações ou da ONU
1904	7	0
1914	24	0
1920	20	42
1923	31	43
1930	41	41
1938	51	38
1950	73	60
1954	85	76
1959	95	99
1984	150	159
1991	165	166
1994	190	185
2010	208	192
2023	211	193

Fonte: Boniface (2010, p. 45) – Atualizado
Org: O próprio autor

A FIFA é frequentemente chamada de “ONU do futebol” (Pizarro, 2015; Rodrigues, 2015) e busca estabelecer essa comparação com as Nações Unidas, tanto no que diz respeito ao reconhecimento de nações, como mencionado anteriormente, quanto na promoção da paz, segurança global e direitos humanos, principalmente por meio do uso do *soft power*.

Para ilustrar, durante o período do apartheid, a FIFA liderou um boicote, juntamente com o COI, contra o regime sul-africano, resultando na proibição do país de participar da Copa do Mundo por décadas. Isso contrasta com a posição da Fórmula 1 de manter o Grande Prêmio da África do Sul. Há também diversas campanhas antirracismo, inclusive a última grande campanha foi chefiada por Vinicius Junior (Globo Esporte, 2023), que vem sofrendo diversos ataques racistas na Europa.

Houve várias ações conjuntas entre a FIFA e a ONU, que ocorrem desde os anos 1990, abrangendo a campanha para erradicar a poliomielite na África em 2000, os jogos anuais contra a pobreza que direcionam recursos para o programa do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) no Haiti, a campanha de combate ao Ebola na África Ocidental em 2014 e também a iniciativa “Juntos podemos parar o HIV e a AIDS”, esta última em colaboração com o COI (PIZARRO, 2015). Mais recentemente, as duas entidades assinaram um Memorando de Entendimento (MoU) com o ACNUR (Alto Comissariado das Nações

Unidas para Refugiados), Agência da ONU para Refugiados, com o objetivo de fortalecer ainda mais os laços.

Portanto, é evidente que o esporte se tornou uma das manifestações de poder na era moderna, e que as organizações não governamentais esportivas desempenham um papel importante no sistema internacional de nações. A origem do esporte contemporâneo, assim como a do sistema internacional, está profundamente entrelaçada com o contexto histórico, geográfico e político, como será explorado no próximo capítulo.

2. A ORDEM E O SISTEMA INTERNACIONAL A PARTIR DA GEOPOLÍTICA DO ESPORTE

“El fútbol y la pátria están siempre atados; y com frecuencia los políticos y los dictadores especulan com esos vínculos de identidade.”

*Eduardo Galeano*⁹

Este capítulo tem como objetivo explicitar a dimensão política do esporte e analisar a construção da ordem e do sistema internacional contemporâneo, a partir dos megaeventos esportivos. Para isso utilizamos autores como, Amorim (2022), Bull (2002), Favero (2009), Giglio (2013), Pizarro (2017), Rubio (2010), Santos (2013), Sigoli e Rose Junior (2004), dentre outros.

De início, introduziremos a discussão pela conceituação de ordem e sistema internacional e, a partir desses, faremos uma periodização da construção do sistema internacional e das ordens de poder. Concomitantemente, a reflexo dessas transformações políticas, o esporte foi resgatado da antiguidade e se tornou uma das dimensões do poder, por isso, faremos essa periodização a partir das rivalidades manifestadas através do esporte.

Desde a sistematização das Relações Internacionais, os conceitos de ordem e sistema internacional delineiam um impasse entre diversas abordagens teóricas, destacando-se na complexidade da questão da soberania. Após a Paz de Vestfália de 1648, que estabeleceu o poder absoluto do Estado dentro de suas fronteiras, o cenário internacional passou a ser caracterizado como um espaço propenso à anarquia. Isso conduz a uma contradição fundamental entre a capacidade soberana dentro das fronteiras estatais e a viabilidade de se submeter a uma governança global ou a um sistema internacional. Atualmente, os teóricos direcionam sua atenção para a análise da ordem pós-Guerra Fria (Herz, 1997).

As questões que serão colocadas adiante dizem respeito uma ordem, mas qual o sentido que a palavra ordem nos traz? A ordem no sentido mais simples “(...) é um conjunto de coisas que estão relacionadas entre si de acordo com uma certa estrutura (Bull, 2002, p. 7)”. Porém, como colocado por Bull (2002), a desordem na vida social não condiz a ausência de sistematizações e de estruturas, mas condiz aos conjuntos de estruturas que podem levar a

⁹ GALEANO, Eduardo. El fútbol a sol y sombra. Siglo XXI Editores, 1995. ISBN: 978-843-231-134-5.

sociedade ao medo e a insegurança generalizada, o que foi descrito por Hobbes como “estado de natureza” ou por Hugo Grotius como “sociedade internacional”.

Já o conceito de ordem, é amplo e pode variar em cada tempo e espaço, o que significa que é moldado as perspectivas de cada sociedade, porém a ordem social almejada, objetiva, de forma abrangente, três objetivos: garantir a vida e impedir a violência que leva a morte, em todas as sociedades; a garantia que os acordos tenham embasamento jurídico e sejam cumpridos; e garantir a estabilidade na posse das propriedades (Bull, 2002). Desta forma, Bull (2002, p. 9) entende que ordem na vida social é “(...) um padrão de atividade humana que sustenta os seus objetivos elementares, primários ou universais”.

A ordem internacional, segundo Bull (2002, p. 13), refere-se “(...) a um padrão de atividade que sustenta os objetivos elementares ou primários da sociedade dos Estados, ou seja, da sociedade internacional”. De acordo com o autor, esses objetivos são: a preservação do próprio sistema internacional, garantindo que os Estados sejam sempre os principais atores na sociedade de Estados; a manutenção da independência ou soberania externa dos Estados, o que implica no reconhecimento e na aceitação mútua como Estados nacionais; a promoção da paz, entendida como a ausência de guerras; e, por fim, a busca dos objetivos mencionados anteriormente.

Esta introdução conceitual foi elaborada para estabelecer a base da concepção de ordem mundial. É importante ressaltar que essa concepção não deve ser confundida com a de ordem internacional. A perspectiva mundial é mais abrangente, uma vez que sua descrição requer uma análise tanto da ordem internacional quanto das escalas locais e internas (Bull, 2022).

Por "ordem mundial" entendemos os padrões ou disposições da atividade humana que sustentam os objetivos elementares ou primários da vida social na humanidade considerada em seu conjunto. A ordem internacional é uma ordem entre os estados, mas estes são agrupamentos de indivíduos, e os indivíduos podem ser agrupados de maneira diferente, sem formar estados (...) A ordem mundial é mais fundamental e primordial do que a ordem internacional porque as unidades primárias da grande sociedade formada pelo conjunto da humanidade não são os estados (como não são as nações, tribos, impérios, classes ou partidos), mas os seres humanos individuais - elemento permanente e indestrutível, diferentemente dos agrupamentos de qualquer tipo (...) a ordem mundial precede moralmente a ordem internacional. Assumir esta posição significa propor a questão da ordem mundial e do seu papel na hierarquia dos valores humanos (Bull, 2002, p. 26 - 29).

A ordem mundial em vigor é um tema que planejamos abordar a seguir. Ao examinar os conjuntos de relações que se desenrolam no espaço, torna-se evidente que o estabelecimento

de uma nova ordem implica na necessidade de reorganizar os arranjos de poder de uma ordem anterior, orientando-se em direção a um novo padrão hegemônico.

Para haver uma ordem deve haver uma (re)ordenação, e na ação de (re)ordenar há um controle e, portanto, uma firme relação de poder, inclusive sobre o território. Além disso, uma nova ordem mundial deve significar uma nova divisão internacional do trabalho, novos papéis às parcelas que compõem a sociedade à escala planetária para uma ordem global, são colocadas algumas formas de regionalização acerca de índices socioeconômicos e político-militares (Haesbaert, 2015, p. 4).

No nível mais geral, os acordos e as organizações internacionais são tentativas de estabelecer uma governança global, isto é, criar um conjunto de mecanismos, instituições, regras e processos que permitam o diálogo e as tomadas de decisão coletivamente (Hurrell, 1999). É um conceito que foi amplamente difundido pelo Banco Mundial nos anos 1990, mas que diz respeito ao papel e influência dos países nas decisões coletivas globais (Ansani, 2016).

Governança global pode ser entendido não só como os meios e processos políticos usados para governar, mas também como todos os outros elementos que compõem a sociedade e estão vinculados com a influência exercida pelo Estado no ambiente transnacional (Ansani, 2016, p. 55).

No próximo tópico, discutiremos as composições das ordens mundiais e como isso pode ser observado através do esporte. Em outras palavras, as relações de poder são tão profundas que permeiam todas as camadas da sociedade global, inclusive nas interações esportivas.

2.1 A ORDEM DE ESTABELECIMENTO (1856 – 1919)

O período que será abordado neste tópico abrange o Tratado de Paris, assinado em 1856, e o Tratado de Versalhes, em 1919. O Tratado de Paris foi um marco significativo nas relações internacionais, primeiro por estabelecer a paz na Europa após a Guerra da Crimeia (1853 – 1856). Além disso, contribuiu para a restauração do equilíbrio de poder no continente, abrindo caminho para a consolidação do Estado alemão e assegurando o prestígio europeu à França.

Por sua vez, o Tratado de Versalhes oficializou o término da Primeira Grande Guerra.

Primeiramente, o que é a dimensão internacional e como realizamos essa identificação? A dimensão internacional, em sua essência, contrasta com a dimensão regional-nacional. Em meio às diversas disparidades socioculturais, um conjunto de pessoas se reconhece como uma comunidade por meio de certos traços comuns e, a partir desses traços, se demarcam em relação ao que percebem como diverso. A noção do Estado nacional surge da afinidade sociocultural entre um grupo de indivíduos, do interno, enquanto a dimensão internacional, se contraposta ao interno e emerge das variações em relação a esses atributos.

Posto o que é o internacional, é evidente que o mundo é composto por inúmeros Estados nacionais, do externo, que fazem contato e trocam experiências entre si, a partir de então há a formação de um sistema internacional, que “(...) se forma quando dois ou mais estados têm suficiente contato entre si, com suficiente impacto recíproco nas suas decisões, de tal forma que se conduzam, pelo menos até certo ponto, como partes de um todo (Bull, 2002, p. 15)”. Esse processo de estruturação do sistema internacional percorreu por todo o século XIX, com a sua consolidação se tornou mais integrado, sofisticado e complexo, com uma rica variedade de instituições multilaterais.

Assim como o sistema internacional de Estados, o esporte moderno é um resultado das transformações decorrentes da Revolução Industrial. Um dos desdobramentos desse processo industrial foi o êxodo rural na Inglaterra, que impulsionou o crescimento das indústrias e, por conseguinte, dos espaços urbanos. Nesse período, o esporte moderno floresceu e foi moldado pela abordagem racional que permeava o desenvolvimento industrial, resultando na incorporação de características de sistematização e foco nos resultados (Sigoli e Rose Junior, 2004).

É também nesse período que os pesquisadores se voltaram ao pensamento grego, buscando a explicar fenômenos contemporâneos ocidentais, como a prática esportiva e assim chegaram as Olimpíadas e os Jogos Públicos romanos. Como Rubio (2011), aponta:

(...) o renascimento do interesse pelos estudos clássicos, fazendo reviver na intelectualidade de então a fascinação que a cultura helênica exercia sobre a cultura europeia, além das descobertas de sítios arqueológicos que permitiam desvendar acontecimentos relacionados aos Jogos Olímpicos da Antiguidade (Rubio, 2010, (online)).

Essa condição é evidente ao analisarmos que diversos espaços e agentes esportivos contemporâneos surgiram na Universidade, o futebol e o rúgbi surgiram de debates na Universidade de Cambridge, o futebol americano foi introduzido a partir da disputa de ligas universitárias e as Olimpíadas nasceram do I Congresso do COI, na Universidade de Sorbonne (Rubio, 2010). Em outras palavras, o esporte também é resultado de processos analíticos, metodológicos e de inovação (Mascarenhas, 2001).

Para Genovez (1998), o esporte é uma prática social reflexo das sociedades, em pequenas escalas. Porém o esporte é capaz de criar suas próprias representações e simbologias.

O descontrolo "controlado" favorecido pelo esporte apresenta-se como um antídoto para o stress da vida real através de tensões miméticas, envolvendo o perigo e a tensão da realidade em contraposição àqueles criados numa prova desportiva. Mas, para além do emocional, o esporte também favorece o estudo das ações humanas em grupo, tendo em vista que o processo do jogo é exatamente este: uma configuração dinâmica de seres humanos cujas ações e experiências se interligam continuamente, representando um processo social em miniatura (Genovez, 1998, (online)).

Os jogos internacionais são manifestações do aumento da interação e complexidade do sistema global, assim como do resgate da cultura greco-romana. Podemos observar esse resgate na França revolucionária, entre 1796 e 1798, com os *L'Olympiade de la République*. Durante o século XIX, surgiram várias outras iniciativas, como na Guerra de Independência da Grécia em 1823, quando Panagiotis Soutsos, um poeta e jornalista, propôs reviver os Jogos Olímpicos em uma Grécia recentemente independente, livre do domínio dos Turcos Otomanos, em seu poema intitulado "Diálogo dos Mortos". Outro exemplo é o *Grand Olympic Festival*, que ocorria anualmente em Liverpool entre 1862 e 1867. Estes últimos foram organizados pela Associação Olímpica Britânica, que desempenhou um papel significativo na criação do COI.

O esporte moderno tem suas raízes na Inglaterra, principalmente entre os aristocratas que tinham à disposição tempo livre para o lazer, incluindo atividades ao ar livre como os esportes de campo, a exemplo da caça. Essas práticas eram restritas às elites, por isso a sua prática evidenciava alto grau de prestígio social. Por meio do militarismo, o esporte também se

tornou sinônimo de disciplina e de promoção da boa saúde, enfatizando a busca de corpos tidos como ideais. É com base nesses fundamentos que o esporte foi gradualmente incorporado às *Public-Schools*¹⁰.

O *Rugby College* foi umas dessas escolas que adotaram o esporte no sistema de ensino. A escola foi dirigida por Thomas Arnold, que foi influenciado pelo pensamento darwinista e sustentava a ideia de que o esporte contribuiria para a seleção dos indivíduos mais talentosos e competentes. O diretor foi pioneiro na tentativa de regulação, sistematização e institucionalização dos esportes, criando um marco inicial do esporte moderno.

Da Antiguidade até a primeira metade do século XIX, ocorreu o Esporte Antigo. O Esporte Moderno, concebido depois de 1820 pelo inglês Thomas Arnold, começou a institucionalizar as práticas esportivas existentes, codificando-as por meio de regras e entidades (Tubino, 2010, p. 20).

Neste contexto de incorporação do esporte à sociedade britânica, a prática esportiva passou da elitização, para a popularização nas classes mais amplas. O esporte atingiu as classes trabalhadoras à medida que o acesso as escolas se tornaram acessíveis, mas principalmente pela redução das jornadas de trabalho (Betti, 1993), através do que Santos (2013) definiu como fixos e fluxos.

Nos fixos, o esporte era disseminado e praticado em praças públicas, portos, armazéns, fábricas, igrejas e escolas. Há diversos exemplos de clubes britânicos enraizados no trabalhismo e na indústria, tais como o *Arsenal*, *Manchester United*, *Liverpool* e *West Ham United*. Outros tiveram origens ligadas a espaços religiosos, como é o caso do *Everton*, *Fulham* e os escoceses, *Celtic* e *Rangers*, que refletem a rivalidade religiosa do país entre católicos e protestantes, respectivamente. Por meio dos fluxos, com as redes marítimas do império britânico, o esporte foi disseminado pelo mundo.

Praticamente todos os países com laços comerciais com os britânicos importaram jogos como futebol (Mascarenhas, 2001), críquete ou rúgbi, juntamente com outros produtos. Os dois últimos tiveram particular relevância nas antigas colônias britânicas no Indo-Pacífico. Esse movimento comercial e migratório também alcançou o Brasil, desempenhando um papel fundamental na difusão do futebol no país. Isso é notável no exemplo do Paulista de Jundiaí,

¹⁰ As escolas públicas inglesas eram exclusivas a aristocracia e depois foram acessíveis as demais camadas sociais (Betti, 1993, p. 45).

um clube de futebol que teve sua origem na formação por um conjunto de empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, conhecida como Cia. Paulista. Muitos desses indivíduos, se estabeleceram em Jundiaí durante os anos 1890 e eram de ascendência inglesa ou escocesa, incluindo seus descendentes (Grandi e Roubicek, 2021).

À medida que as agremiações esportivas se proliferavam e solidificavam em várias nações, surgiu a necessidade de estabelecer regras padronizadas, impulsionando assim a criação de entidades esportivas de âmbito nacional, como a *Football Association*. Fundada em 1863 com o intuito de administrar e coordenar o futebol na Inglaterra, essas associações nacionais, por sua vez, abriram caminho para competições internacionais. No entanto, a disparidade nas regras destacou a urgência de uma padronização global para os esportes.

Dessa forma, as associações nacionais passaram a buscar a criação de instituições multilaterais capazes de promover a padronização em nível global, que exemplificam a manifestação da interação cívica em um contexto multilateral. Essas interações multilaterais culminaram na criação de um sistema internacional de instituições esportivas, refletindo o sistema dos Estados nacionais.

O sistema internacional de Estados opera em um estado de anarquia, o que significa que carece de leis e princípios universais. Não há regulamentos globais que determinem os limites das ações das nações ou as consequências resultantes. Em vez disso, existem acordos e tratados destinados a estabelecer compromissos entre determinados países com interesses em comum. No entanto, a execução dessas ações não possui garantias eficazes.

A coesão nacional é um elemento chave para o debate nesse trabalho. A nossa percepção é a de Ratzel, que enxerga que a unidade nacional é um bloco orgânico, composto pela relação entre Estado, território e povo, motivada pelo nacionalismo oriundo do romantismo alemão, ou seja, é o sentimento do povo pelo solo que o mantém coeso (Ratzel, 2011).

É justamente por envolver a dimensão sentimental dos indivíduos que o esporte se torna uma ferramenta de coesão nacional. Ele incorpora diversos elementos das nações, tais como suas cores, símbolos, a relação com o território e o envolvimento da população. Essa afinidade fundamental entre a identidade nacional e o ato de "torcer" por um time se assemelha à autodeterminação dos povos¹¹. A necessidade de pertencimento a um grupo étnico-social e a estabilização em um território guardam semelhanças com o compromisso dos torcedores para com seus clubes.

¹¹ O princípio da autodeterminação dos povos confere aos povos o direito de seu autogoverno e aos Estados o direito de defesa de sua existência e de sua associação a outros Estados (HEPP, 2005, p. 3).

Dessa maneira, o esporte absorve as características do espaço e as transforma em territórios simbólicos. Boniface (2014) concorda que a tríade território, população e governo, originalmente proposta por Ratzel como a base do Estado, pode ser ampliada para incluir a seleção nacional de futebol como um desses elementos. É causa do sentimento e da territorialização que o esporte estimula as rivalidades e a prática esporte se torna uma zona de guerra.

Em 1894, o Barão de Coubertin organizou um congresso esportivo, na Universidade de Sorbonne, onde foi apresentado para mais de duas mil pessoas, de doze países, como seria feito o resgate os Jogos Olímpicos. A partir desse ponto, o debate se concentrou na abordagem para a realização dos jogos: eles deveriam preservar alguns dos princípios gregos originais, enquanto também refletir o espírito contemporâneo da época. A visão de Coubertin era que os Jogos fossem sediados em Paris, sua cidade natal; no entanto, a simbologia das Olimpíadas em relação à Grécia levou-os a serem realizados em Atenas em 1896.

Desta primeira edição, 241 atletas de quatorze nações participaram do evento, das quais onze são europeias (Alemanha, Áustria¹², Bulgária, Dinamarca, França, Grã-Bretanha e Irlanda, Grécia, Hungria¹³, Itália, Suécia e Suíça), duas americanas (Chile e Estados Unidos) e um da Oceania (Austrália) (Comitê Olímpico Internacional, 2023). Boa parte das atividades foram realizadas no do Estádio Pantatênico, que foi reformado pelo filantropo grego Evangelis Zappas, que se apresentou ao Rei da Grécia, Oto, a oferta de patrocinar os Jogos Olímpicos.

Em 1900, os Jogos Olímpicos foram a Paris, todavia nesse contexto o Movimento Olímpico ainda não era difundido e apoiado pelo mundo, assim como pela classe política. Por isso, o governo francês não ofereceu o apoio que o Barão de Coubertin esperava e jogos foram realizados por quatro meses, durante a Exposição Universal de 1900 e foram considerados um fracasso. Apesar do pouco apoio organizacional, a quantidade de atletas passou de mil e o de países chegou a vinte e seis, com representantes de quatros continentes, apenas à África não teve representes nesta edição.

Na edição subsequente, os Jogos Olímpicos deixaram a Europa e chegaram à América pela primeira vez, mais precisamente aos Estados Unidos. A escolha desse país foi influenciada pelo apoio que deram aos Jogos receberam em edições anteriores. Inicialmente prevista para ocorrer em Chicago, a realização dos Jogos foi disputada por Saint Louis, e após a aprovação do presidente Theodore Roosevelt, a cidade tornou-se a sede do evento.

¹² A Áustria fazia parte do Império Austro-húngaro.

¹³ A Hungria fazia parte do Império Austro-húngaro.

Entretanto, as Olimpíadas ainda não desfrutavam do prestígio que têm hoje, o que levou à sua incorporação em outra exposição mundial, a *Louisiana Purchase Exposition*. Esse evento tinha o propósito de celebrar o centenário da compra da Louisiana pelos EUA.

Esperava-se que os Jogos em Saint Louis superassem os de Paris, porém, acabaram sendo um fracasso ainda maior. A distância e a viagem transoceânica foram alguns dos motivos que levaram à ausência de diversos países. Apenas doze nações participaram: África do Sul, Alemanha, Austrália, Áustria, Canadá, Cuba, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Grécia, Hungria e Suíça (Comitê Olímpico Internacional, 2023).

Os Jogos de Saint Louis também foram marcados pelo racismo e pela xenofobia durante os “dias antropológicos” ou “Jogos Antropológicos”. Esses jogos precederam as Olimpíadas, mas eram destinadas ao que foram chamados de “primitivos”, isto é, nativos americanos, negros e minorias étnicas. O objetivo dessas competições foram verificar os “recursos físicos” dos nativos e indicar a superioridade da raça branca (Delsahut, 2011).

En este contexto se enfrentaron Crow, Sioux, Pawnee, Navajo, Chippewa y "otros pueblos de los Estados Unidos", Ainu del Japon, Cocopa "de Baja California en Mexico", Sirios de Beyrouth, "Patagones de America del sur", "Zulus y Pigmeos de Africa", y, de las Filipinas, Moros, Negritos, y Igorots, repartidos en ocho "grupos culturales" diferentes (Delsahut, 2011, (online))¹⁴.

Após dez anos do resgate dos Jogos Olímpicos, uma edição não oficial ocorreu na Grécia em 1906, contando com a participação de vinte países.

Em 1908, os Jogos retornaram à Europa e seriam sediados em Roma. No entanto, devido à erupção do vulcão Vesúvio, o governo italiano foi levado a dar prioridade aos gastos públicos, o que resultou na desistência da realização das Olimpíadas. Como alternativa, os Jogos foram relocados para Londres, com o apoio pessoal do Rei Eduardo VII. Esse evento marcou a primeira vez em que os Jogos Olímpicos foram organizados de maneira realmente bem estruturada e independente de exposições mundiais, sendo o primeiro caso de sucesso.

A participação unificada da Grã-Bretanha sob uma única bandeira desagradou aos atletas irlandeses, e por temerem um possível boicote, o país anfitrião optou por competir como Grã-Bretanha e Irlanda. Isso se destaca como um dos primeiros impasses geopolíticos nos Jogos

¹⁴ Foram divididos em oito “grupos culturais” os Crow, Sioux, Pawnee, Navajo, Chippewa e 'outros povos dos Estados Unidos', Ainu do Japão, Cocopa 'da Baja California no México', Sírios de Beyrouth, 'Patagones da América do Sul', 'Zulus e pigmeus da África', e, das Filipinas, Moros, Negritos e Igorots (Delsahut, 2011, (online) – Tradução Nossa).

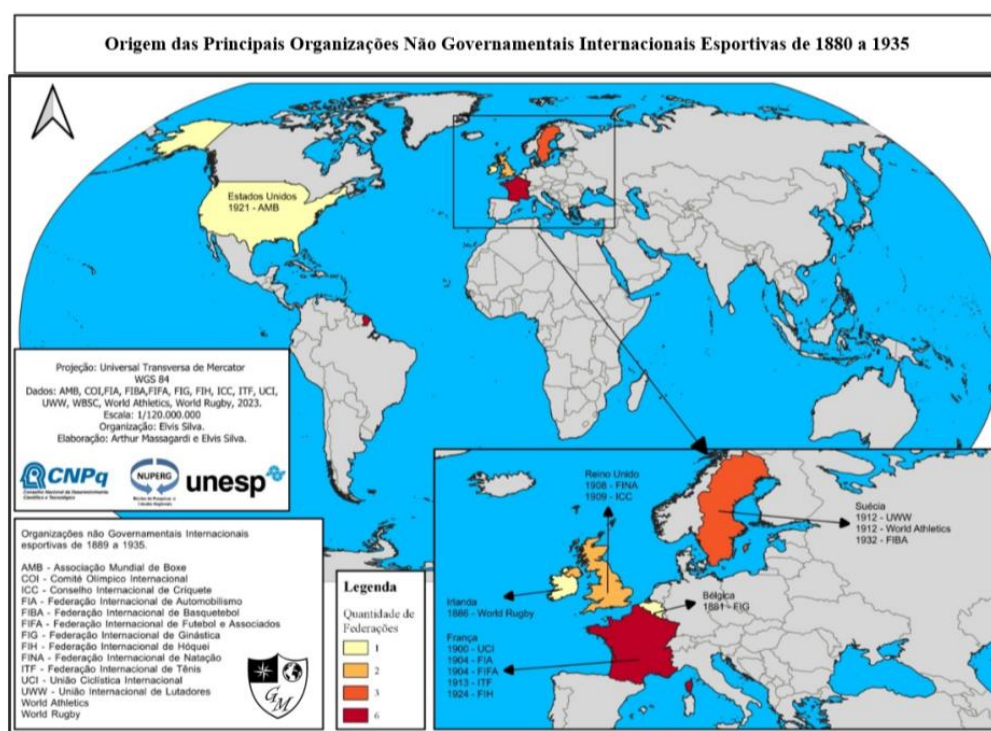
Modernos. A presença de vinte e dois países de todos os continentes foi notável, sendo um feito inédito até aquela ocasião (Comitê Olímpico Internacional, 2023).

A edição subsequente permaneceu na Europa, com a capital sueca sendo a escolhida como sede. Este evento manteve o padrão da edição anterior em termos de empenho e apoio governamental aos Jogos. O Rei Gustavo V destacou-se como um fervoroso entusiasta desse evento. Um total de 2407 atletas provenientes de vinte e oito países e representando todos os continentes compareceram à Suécia. Incluindo a Sérvia, que fez sua última participação antes de ser afetada pelo término da Primeira Guerra Mundial. O país só retomaria sua presença nas Olimpíadas em 2008 (Comitê Olímpico Internacional, 2023).

Durante esse período de estabilização, os Jogos atravessaram uma fase de aceitação popular. Inicialmente, enfrentaram resistência por parte da classe política, porém logo se percebeu o potencial que o evento poderia trazer.

Uma das nossas propostas neste trabalho é analisar as relações de poder a partir do esporte, nesse sentido analisaremos os arranjos de poder desse período, a partir dos resultados e das sedes dessas Olimpíadas.

Mapa 3. Origem das Principais Organizações Não Governamentais Internacionais Esportivas (1880 – 1935)



Esse período que principais organiza es esportivas mundiais foram estabelecidas, em grande parte durante o último quarto do século XIX e o primeiro quarto do século XX (**Mapa**

3), é o mesmo que as organizações internacionais e multilaterais são criadas e se proliferam (Hoberman, 1995; Tavares Da Silva, 2003), a exemplo do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, de 1863. Portanto, é evidente que o nascimento do esporte moderno é concomitante a estruturação e estabelecimento do sistema internacional de nações.

Podemos observar que grande parte das principais ONGI's são oriundas da França, Reino Unido, Suécia e Estados Unidos, assim como os principais vencedores das Olimpíadas desse período (**Quadro 1**). Esses países chamam a atenção, já que todos foram integrantes da Tríplice Entente e de seus aliados durante a Primeira Guerra Mundial. Apenas a Suécia, que manteve sua neutralidade, e o Império Alemão, derrotado no conflito, são exceções entre os grandes vencedores olímpicos.

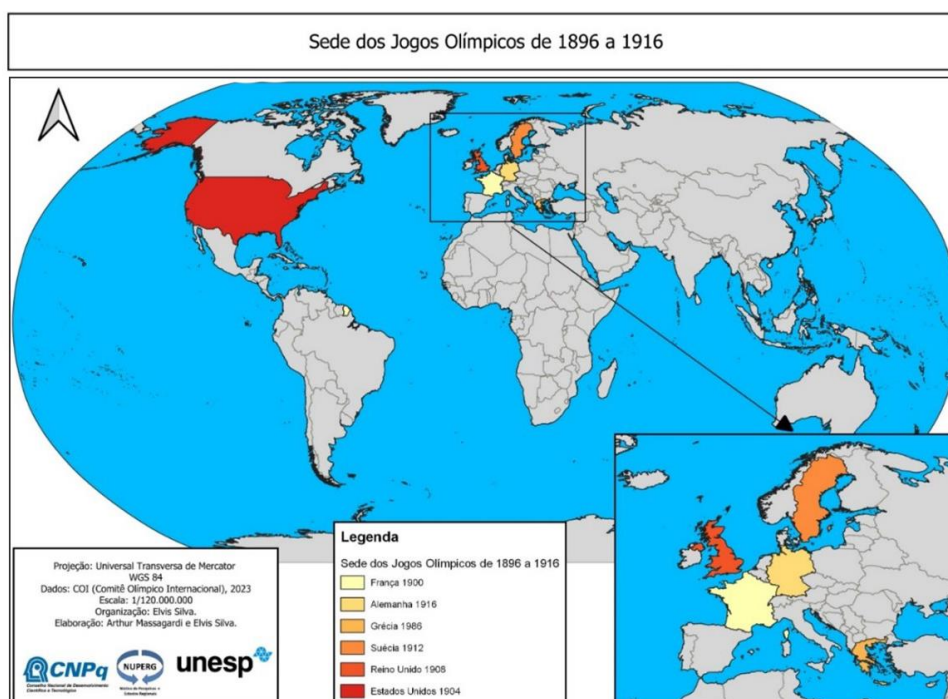
Quadro 1. Primeiros Colocados dos Jogos Olímpicos de 1896 a 1912

	1896	1900	1904	1908	1912
1º	Estados Unidos	França	Estados Unidos	Grã-Bretanha	Estados Unidos
2º	Grécia	Estados Unidos	Alemanha	Estados Unidos	Suécia
3º	Alemanha	Grã-Bretanha	Canadá	Suécia	Grã-Bretanha

Legenda: **País sede**
 Fonte: COI, 2023
 Org: O próprio autor

No total, foram cinco edições dos Jogos Olímpicos, sendo três realizadas em monarquias - Grécia, Suécia e Reino Unido - e duas em repúblicas – França e Estados Unidos. A cidade de

Mapa 4. Sede dos Jogos Olímpicos por Ordem de Estabelecimento



Berlim estava designada para sediar os Jogos Olímpicos de 1916, porém eles foram cancelados devido à eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Mais uma vez, podemos notar a Tríplice Entende¹⁵ nos Jogos Olímpicos, com exceção da Suécia, todas as sedes ficaram do lado considerado vencedor da Primeira Guerra. Outra característica importante que podemos identificar é que há uma indefinição sobre a ordem e a hegemonia vigente.

A hegemonia está comumente ligada à dominação (Agnew, 2008), significando que se refere ao país que, naquele tempo e espaço, exerce o domínio sobre uma parte significativa do sistema mundial. A partir das concepções de ordem e hegemonia, podemos identificar que, nesse período, a hegemonia e a ordem mundial são indefinidas. Em outras palavras, trata-se de um contexto que marca o fim da era dos impérios (Hobsbawn, 1995) e antecede a Primeira Guerra Mundial, caracterizando um momento de transição de poderes.

Durante esse período, a hegemonia e a ordem mundial são fluidas. Enquanto as Monarquias, como o Reino Unido, desempenham um papel hegemônico no século XIX, as repúblicas também estão presentes, exemplificadas pelos Estados Unidos, que emergem como uma potência em ascensão.

Nessa perspectiva, torna-se evidente que o esporte abrange uma ampla gama de dimensões, englobando lazer, aspectos lúdicos e até mesmo impactos econômicos. Contudo, nosso enfoque se concentrará na dimensão política do esporte. Isso se deve ao fato de que o esporte não apenas reflete as características do sistema internacional, mas também as reproduz, contribuindo para a construção de novas estruturas e simbologias. Fica evidente que o esporte se configura como um instrumento de poder significativo, especialmente no âmbito do sistema internacional.

¹⁵ A Tríplice Entente foi uma aliança militar formada por três grandes potências europeias, França, Reino Unido e o Império Russo durante a Primeira Guerra Mundial.

2.2 A ORDEM ENTRE GUERRAS (1919 – 1945)

No tópico anterior, ressaltamos que o surgimento do esporte moderno coincidiu com a formação do sistema internacional de nações. É por essa razão que o esporte incorporou as características do espaço internacional, como cores, símbolos e a conexão com o território, despertando assim o sentimento nacional na população.

Ao longo do século XX, observou-se um estímulo exacerbado à identidade nacional, sendo o esporte destacado como uma das ferramentas primordiais para alcançar esse propósito, conforme será examinado a seguir.

A Conferência de Paris¹⁶ não conseguiu conter completamente os desdobramentos da Primeira Guerra Mundial. Uma das consequências foi o fortalecimento do **nacionalismo**, especialmente entre aqueles considerados derrotados. O colapso dos antigos impérios, como o Austro-Húngaro, Otomano e Russo, resultou no surgimento de novos Estados-nação na Europa e no Oriente Médio. Grupos étnicos que haviam sido subjugados sob o domínio imperial buscaram agora autodeterminação e independência, impulsionando esses movimentos nacionalistas.

Também na Conferência de Paris que a Liga das Nações, uma precursora da ONU, foi fundada por quarenta e dois países, em uma tentativa de acabar com o estado de anarquia do espaço internacional e, conseqüentemente, evitar uma outra guerra de proporções globais. Para efeitos comparativos, vinte e nove nações participaram dos Jogos Olímpicos (Comitê Olímpico Internacional, 2023), que discutiremos a frente e dez países integravam a FIFA (Boniface, 2010).

Os desdobramentos da Primeira Guerra Mundial ecoam até os dias atuais, o uso político do esporte, uma vez que provocou o cancelamento das Olimpíadas de 1916, inicialmente agendada para Berlim.

A edição de 1920 dos Jogos Olímpicos sentiu fortes reverberações da Primeira Guerra Mundial, uma vez que o Tratado de Versalhes havia sido assinado ao longo do ano anterior. Portanto, a presença do conflito ainda estava viva e recente no pensamento popular. Esse contexto levou o Comitê Olímpico Internacional a escolher a Bélgica, um país da Tríplice

¹⁶ A Conferência de Paz de Paris ocorreu em 1919 e buscou discutir as disputas territoriais após a I Guerra Mundial. Foi nessa oportunidade que o Tratado de Versalhes foi produzido.

Entente, como sede da próxima Olimpíada, sob a narrativa de que o país foi um dos mais impactados pelo conflito.

No entanto, a decisão de não convidar a Alemanha para os jogos desagradou os países da Tríplice Aliança e outras nações que se sentiram prejudicadas com as redefinições territoriais estabelecidas no tratado. Como resultado, Áustria, Bulgária, Hungria, Polônia e Rússia optaram por protestar e não participaram dos Jogos em Antuérpia, marcando o primeiro boicote da história olímpica (Rubio, 2010, p. 59). Podemos definir os boicotes, de acordo com Rodrigues (2021), como:

(...) uma estratégia da diplomacia esportiva, quando Estados, agindo sozinhos ou em conjunto, muitas vezes banem outros Estados de competições internacionais ou se recusam a permitir que seus atletas participem. Essa ação de boicote é antiga, sendo o primeiro registrado no ano de 420 a. C, quando Esparta foi impedida de assistir os jogos de Olympia, depois de não terem pagado uma multa, sendo barrada por uma coalizão de cidades-estados liderada pelos atenienses (Rodrigues, 2021, p. 16).

Tais fatos indicam que, apesar das Olimpíadas estarem em uma fase de afirmação (Rubio, 2010), já eram consideradas instrumentos na dinâmica entre paz e guerra. Durante todo o período entre guerras (1919 – 1939), em meio às reverberações do acentuado nacionalismo e ufanismo estimulados pelo Tratado de Versalhes, os Estados procuravam se apropriar dos eventos internacionais como meio de autopromoção (Rodrigues, 2014).

Giglio (2013) contextualiza esse nacionalismo no período entre guerras ao abordar a interseção entre futebol e política nas Olimpíadas de 1920.

O vínculo entre o esporte e a política podia ser visto por meio das inúmeras aparições que Reis, Príncipes e Barões faziam nos eventos esportivos. Por exemplo, na partida entre a Bélgica e a Tchecoslováquia, o príncipe Carlos, da Bélgica esteve presente (...) a exacerbação do sentimento nacional era um dos principais fatores de manifestações de violência, simbólica ou real, no futebol no início do século XX (...) Esse nacionalismo pôde ser visto nessa partida final entre os belgas e os tchecoslovacos, quando houve um incidente no qual os jogadores da Tchecoslováquia não aceitaram a marcação de uma falta e abandonaram o campo (...) Muitos dos 42 mil espectadores eram belgas e promoveram uma atmosfera explosiva produzida por meio de gritos de guerra, instrumentos musicais e bandeiras (Giglio, 2013, p. 144 – 145).

Os Jogos Olímpicos foram resgatados e idealizados na França e por um francês, o Pierre de Coubertin, porém a primeira edição no país (1900) enfrentou diversas dificuldades de apoio e suporte estatal francês, levando a competição a se integrar como parte da Exposição Universal de 1900. Depois de vinte e quatro anos, as competições voltavam a França sob um contexto divergente do de 1900, nesta edição a participação do governo francês e a cobertura midiática foi fundamental, com quarenta e quatro países convidados, foi necessário a construção de um complexo olímpico, com estádio para sessenta mil pessoas e uma inédita vila olímpica.

Os jogos de Amsterdam em 1928, abrem dois debates interessantes, o primeiro é a relação Olimpíadas e religião, uma vez que a rainha Guilhermina da Holanda, era contra as Jogos Olímpicos pela origem grega pagã, contudo a popularidade do evento levou-a reconsiderar sua posição. O segundo ponto é político, pela volta dos considerados derrotados na primeira guerra, estimulando as rivalidades acirradas pelos nacionalismos do contexto.

Antes de falarmos do esporte na década de 1930, faremos uma digressão para contextualizar a Copa do Mundo de Futebol. O futebol não esteve presente na primeira edição dos Jogos Olímpicos em 1896 e marcou presença em 1900 e 1904, com caráter exibitivo e experimental. A FIFA surge em 1904 e assume o futebol nas Olimpíadas para 1908, com muita discussão e impasse sobre regras com o COI. Em 1912, os empasse se mantiveram e a explosão popular do futebol levou a FIFA a repensar a continuidade do futebol no programa olímpico, mas optou por ficar (Giglio, 2013).

O questionamento sobre a continuidade do futebol no torneio olímpico aconteceu pelo fato desse esporte ter conquistado grande popularidade e com isso houve um aumento do interesse pela sua prática. Com esse rápido crescimento não foram mais somente os aristocratas que o praticavam. Inúmeros trabalhadores passaram a jogá-lo e esse acesso, para além da aristocracia, representou a entrada nos Jogos Olímpicos de atletas que não pertenciam a elite (Giglio, 2013, p. 141).

A década de 1920 continuou turbulenta nas relações entre FIFA e COI. Em 1924, o futebol foi um sucesso em público e renda, além de levar as camadas populares as arenas esportivas. A partir do Congresso de Praga do COI de 1925, houve discussões sobre padronização de regras e a imposição do amadorismo nas Olimpíadas, então que a FIFA discordou e as divergências se acentuaram. A FIFA aceitou as condições do amadorismo, mas adotou critérios de ressarcimentos pelo tempo fora dos clubes aos atletas, em 1928 (Giglio, 2013).

A popularidade que o futebol alcançou e as divergências com o COI levaram a FIFA a criar um torneio de magnitude global a parte dos Jogos Olímpicos, a Copa do Mundo. A crise econômica de 1929 reverberou na Europa e forçou a FIFA a escolher alternativas para sediar o seu torneio, então que então bicampeão olímpico (1924 e 1928) Uruguai foi escolhido para comemorar seu centenário de independência.

Desde então a FIFA rivaliza e disputa o monopólio do futebol com o COI e Copa do Mundo se tornou maior que as Olimpíadas, ou tão grande quanto. Com isso, a FIFA abandonou a edição de Los Angeles dos Jogos Olímpicos.

Apesar da crise financeira, esses jogos de 1932 foram enorme sucesso financeiro, com lucros em torno de USD 1 milhão (Rubio, 2010; Giglio, 2013), os EUA que almejavam o torneio de 1920, 1924 e 1928, investiram fortemente nessas Olimpíadas, o que ficou evidente na cerimônia de abertura produzida pelo cineasta Cecil B. De Mille (Rubio, 2010). A ideia era consolidar a potência cinematográfica que Los Angeles se tornaria e apresentar os EUA como um país que seria protagonista no século XX, apesar da guerra e da crise de 1929.

Após 1930, a FIFA acordou que a Copa do Mundo seria realizada num período quadrienal, nos intervalos dos Jogos Olímpicos e que haveria a intercalação das sedes entre América do Sul e Europa, por isso a Itália foi escolhida para a edição de 1934. As rivalidades continentais do futebol entre sul-americanos e europeus pode ter começado ou ter sido acentuada nesse período, uma vez que em 1930, algumas seleções optaram por não ir ao Uruguai, este que em 1934, retaliou os europeus e não compareceu na Itália.

Por todo o período abordado acima, as olimpíadas foram organizadas por países da Tríplice Entente, mas 1934 marca a introdução dos considerados não vencedores do conflito nos eventos internacionais. A Itália, que era governada por Benito Mussolini, se apropriou do evento para fins de propaganda do regime e serviu de exemplo para as Olimpíadas de Berlim dois anos depois.

A realização dos Jogos Olímpicos seria utilizada para exaltar a honra do povo alemão, abalada pelas imposições humilhantes do tratado de Versailles. No entanto, em 1936, os jogos acabaram representando os interesses de propaganda do governo totalitário nazista, e tornaram-se um marco de referência da utilização do esporte para fins políticos (Sigoli e Rose Junior, 2004, p. 116).

Os Jogos Olímpicos de 1936 foram os primeiros a contar com disputas e por isso foi feito uma votação interna do COI para decidir a cidade-sede, também indica que o interesse pelos megaeventos aumentou. Nesta edição foram apenas duas candidatas (**Tabela 5**).

Tabela 5. Eleições para a Sede dos XI Jogos Olímpicos de Verão

Cidade	País	Rodada Única
Berlim	Alemanha	43
Barcelona	Espanha	16

Legenda: **País vencedor**
Fonte: COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL, 1931
Org: O próprio autor

A Alemanha foi um dos mais prejudicados com o Tratado de Versalhes e essas consequências produziram crises econômicas no país, além de ter estimulado o ressentimento e incentivado o nacionalismo alemão (Sigoli e Rose Junior, 2004; Rubio, 2010; Mostaro, 2012). Nesse contexto, o Estado alemão se utilizou do esporte, que adota as cores nacionais, para ressignificar as vitórias esportivas como avanços do campo de batalha e vinganças a rivais históricos.

A máquina do Estado Nazista organizou a melhor edição dos Jogos Olímpicos até então. A população foi orientada a receber bem os participantes. Os hotéis e restaurantes receberam a determinação de atender bem a todos relevando os preceitos racistas. Os jornais e boletins oficiais de perseguição aos judeus foram recolhidos. Os cartazes antisemitistas foram retirados dos locais públicos. O Exército e a Polícia Nazista S.A. ocuparam Berlim durante os jogos. A cidade foi decorada com bandeiras e pinturas ostentando os aros olímpicos e a suástica nazista. Hinos nazistas e olímpicos eram entoados a todo tempo nos alto-falantes instalados pela cidade. Imagens dos jogos foram reproduzidas em telões espalhados pelas praças de Berlim. Durante os jogos, todas as ações exaltavam a ordem e a glória do governo nazista do III Reich (Sigoli e Rose Junior, 2004, p. 115 – 116).

As Olimpíadas de Berlim foram utilizadas para controlar e manipular as massas do contexto interno alemão, como também para buscava vender uma imagem positiva no cenário internacional, que Alemanha não adotava políticas higienistas e racistas, que o país havia superado as dificuldades socioeconômicas da década anterior e que o fascismo era um modelo ideal para as nações. As telecomunicações exerceram papel fundamental para atingir tais

objetivos, foi nessa edição que houve a primeira transmissão por televisão na história, ainda que fosse em pontos de exibição coletivos.

A cobertura midiática dos Jogos foi a mais intensa até então. Mais de 300 estações de rádio transmitiram os Jogos em mais de 25 idiomas. Estes foram os primeiros Jogos transmitidos pela televisão, ainda que apenas em Berlim (...) 150 mil pessoas assistiram aos Jogos em 28 salas de transmissão espalhadas pela capital. As salas de cinema funcionavam como a televisão de hoje. Era o grande veículo audiovisual nos anos 30. Calcula-se que tenham sido produzidos 1.350 longas-metragens nos doze anos de domínio do partido nazista. Quarenta mil escolas, de um total de 62 mil, espalhadas pelo território alemão, dispunham de salas de projeção (Mostaro, 2012, p. 103 – 104).

Um esboço de boicote foi encabeçado pelos espanhóis, estadunidenses e franceses, mas perdeu força após as Olimpíadas de Inverno concretizarem o acordo que dos alemães junto ao COI que os minorizados não seriam discriminados, mas na verdade toda a situação foi maquiada. Foi nessa edição que os quadros de medalhas passaram a ser métricas de comparação entre nações pela mídia (Mostaro, 2012).

Esta edição foi a primeira olímpica fortemente apropriada pelo Estado e costuma ser um marco para os debates da relação esporte e política, alguns utilizam-se do argumento de que o esporte deve ser apolítico para evitar esse tipo de situação, mas na verdade é que o fato deixa claro que é impossível separar esses fenômenos. O fato é que os megaeventos se tornaram lucrativos e ferramentas de Estado.

Não se sabe ao certo se os vencedores dos Jogos de 1936 tiraram vantagens políticas substanciais de seus êxitos esportivos, mas o que é certo é que a imagem política de Hitler saiu reforçada no solo alemão, mas também no exterior (Rubio, 2010).

Essa edição não apenas teve um impacto significativo no cenário esportivo e (geo)político, mas também desempenhou um papel crucial no desenvolvimento do marketing esportivo. A introdução de capital pela Adidas marcou o início dessa influência, tornando-se uma parte essencial do panorama esportivo moderno décadas mais tarde. A prática de fornecer calçados para alguns atletas, incluindo Jesse Owens ¹⁷, para associar os valores olímpicos a

¹⁷ Jesse Owens foi um atleta afro-americano que conquistou quatro medalhas de ouro nas Olimpíadas de 1936, em Berlim, desafiando as ideias de superioridade racial propagadas pelo regime nazista.

marcas, persiste até hoje, evidenciando como eventos históricos moldam nossa compreensão e experiência do esporte ao longo do tempo (Proni, 1998).

Para 1938, havia três países candidatos a Copa do Mundo, a Alemanha acima citada, a Espanha governada por Francisco Franco e a Argentina, que era tida como destino natural do torneio pela rotação de continentes, contudo o congresso da FIFA decidiu em 1936 durante as Olimpíadas, que em homenagem a Jules Rimet e Henri Delaunay, a competição seria na França. A escolha desagradou os americanos que, à exceção de Brasil e Cuba, boicotaram a Copa do Mundo.

A partir desse ponto, ocorre um hiato nos principais eventos esportivos internacionais devido à Segunda Guerra Mundial. As Olimpíadas de 1940 inicialmente estavam planejadas para ocorrer em Tóquio, mas devido à II Guerra Sino-Japonesa em 1937, o local foi alterado para Helsinque e, eventualmente, foram canceladas. O mesmo destino ocorreu com a edição subsequente de 1944, originalmente prevista para Londres.

No que diz respeito à Copa do Mundo de 1942, três países se candidataram como possíveis sedes: Alemanha, Argentina e Brasil. Contudo, devido à guerra, a escolha foi impedida, levando ao cancelamento dessa edição e da seguinte, em 1946.

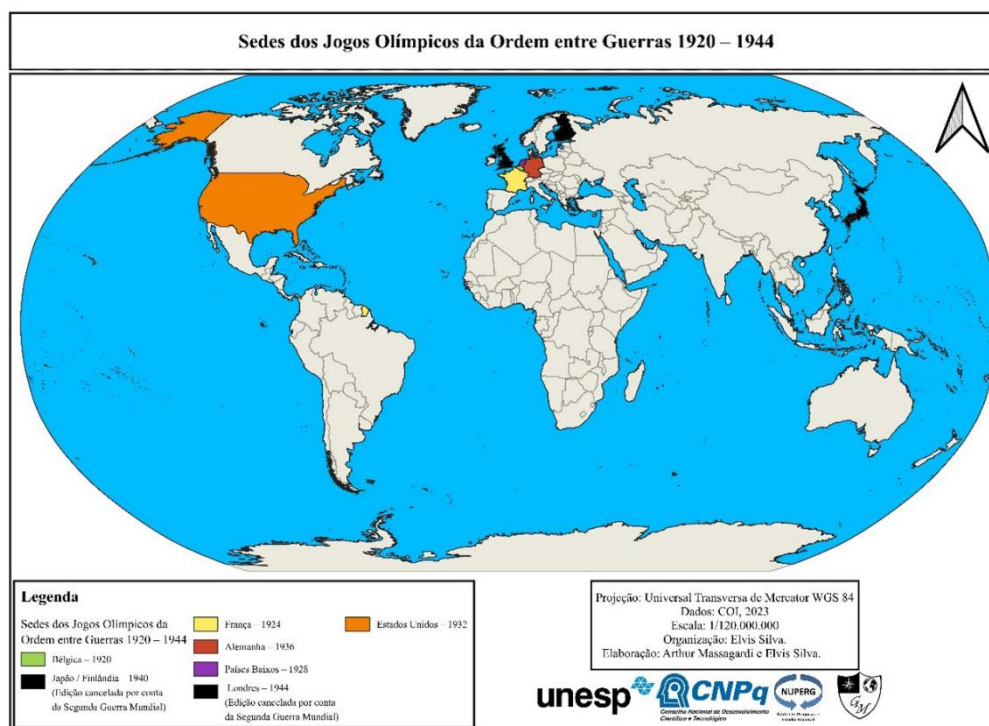
Portanto, a síntese desse período nos Jogos Olímpicos (**Quadro 2**) evidencia a hegemonia estadunidense, que liderou quatro das cinco Olimpíadas nesse intervalo e sediou uma delas em seu território. Esse período é protagonizado pelos países da Tríplice Entente. No entanto, as Olimpíadas de 1936 já indicavam a retomada da Tríplice Aliança, assim como a formação dos arranjos de poder do Eixo. Isso ficou evidente pela escolha da Alemanha como sede, pela liderança no quadro de medalhas, interrompendo uma sequência de cinco edições consecutivas de liderança estadunidense, além da presença significativa da Hungria dentre os três primeiros.

Quadro 2. Primeiros Colocados dos Jogos Olímpicos de 1920 a 1936

	1920	1924	1928	1932	1936
1°	Estados Unidos	Estados Unidos	Estados Unidos	Estados Unidos	Alemanha
2°	Suécia	Finlândia	Alemanha	Itália	Estados Unidos
3°	Bélgica	França	Finlândia	França	Hungria
Legenda: País sede					
Fonte: COI, 2023					
Org: O próprio autor					

Nesse período, cinco países sediaram os Jogos Olímpicos: Estados Unidos, França, Bélgica, Países Baixos e Alemanha. O Japão estava inicialmente designado como sede para a edição de 1940; no entanto, devido à Guerra Sino-Japonesa, foi transferido para a Finlândia. Com a eclosão do conflito global, a edição foi cancelada. Situação semelhante ocorreu com o Reino Unido em 1944, sendo transferida para 1948 (**Mapa 5**).

Mapa 5. Sedes dos Jogos Olímpicos da Ordem entre Guerras 1920 – 1944



A distribuição geográfica dos países concentrou-se no Norte Global, abrangendo tanto o hemisfério norte quanto regiões como a Europa Ocidental e os Estados Unidos.

No âmbito da Copa do Mundo de futebol, cabe uma explicação. Nas edições de 1900 e 1904, o futebol era um esporte de demonstração. A partir de 1908, passou a integrar o programa olímpico. Após a Primeira Guerra, a FIFA começou a reconhecer o Torneio Olímpico como um Campeonato Mundial de Futebol Amador. Nas edições de 1924 e 1928, a FIFA permitiu a inclusão de atletas profissionais, tornando-as equivalentes à Copa do Mundo que seria criada em 1930.

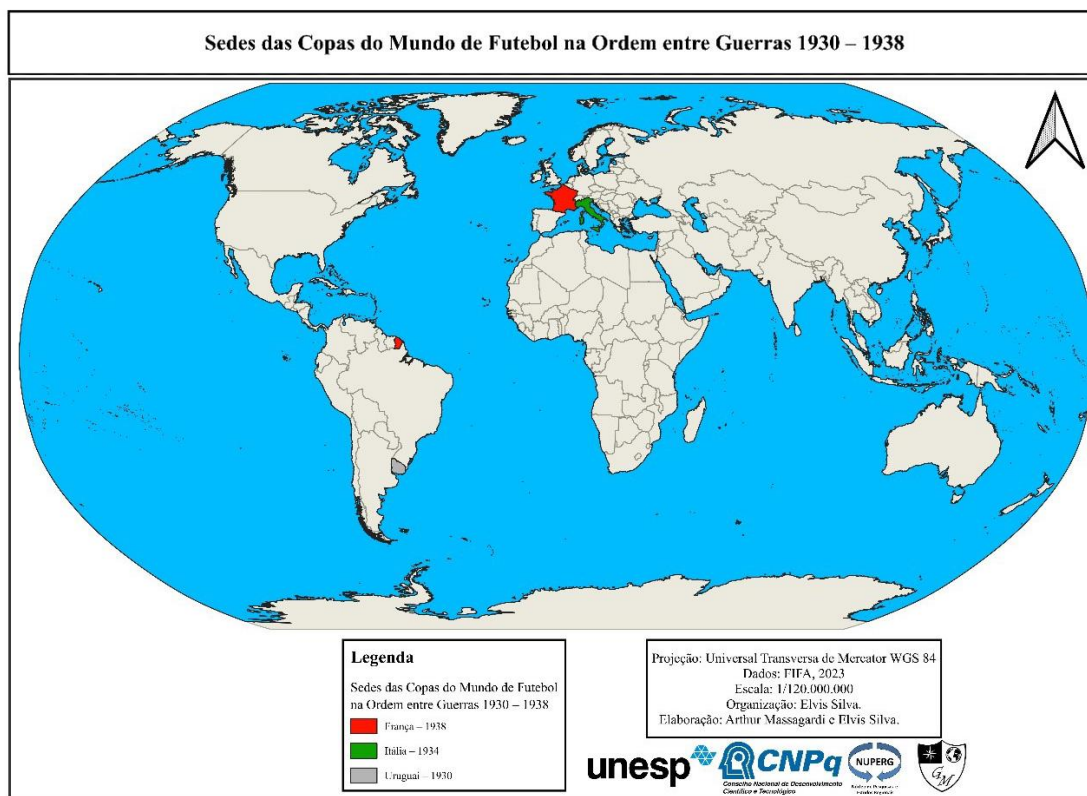
Atualmente, a FIFA reluta em reconhecer as edições de 1924 e 1928, devido à disputa pelo monopólio do futebol com o COI. No entanto, os uruguaios consideram essas edições. Neste trabalho, também consideraremos as edições de 1924 e 1928 como precursoras e equivalentes à Copa do Mundo, conforme reconhecido pela FIFA, pelas confederações e pela imprensa no tempo histórico dos eventos (Giglio, 2013).

Quadro 3. Primeiros colocados dos Mundiais de Futebol de 1924 a 1938

	1924*	1928*	1930	1934	1938
1°	Uruguai	Uruguai	Uruguai	Itália	Itália
2°	Suíça	Argentina	Argentina	Tchecoslováquia	Hungria
3°	Suécia	Itália	Estados Unidos	Alemanha	Brasil
Legenda: País sede					
Fonte: FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL, 2023					
Org: O próprio autor					

Dito isso, a Geopolítica do Futebol apresenta um panorama diferente das Olimpíadas. Como colocado no **Quadro 3**, os Estados Unidos não ocupam uma posição central, sendo o Uruguai um protagonista notável. Além disso, os países sul-americanos têm uma relevância significativa. A Copa do Mundo também evidencia, principalmente após 1934, que os vencedores eram países que associavam o esporte como elemento de coesão nacional e de estímulo ao nacionalismo. Ademais, à exceção do Brasil e da Tchecoslováquia, os demais vencedores foram países do Eixo durante a Segunda Guerra.

Mapa 6. Sedes das Copas do Mundo de Futebol na Ordem entre Guerras 1930 – 1938



Portanto, durante esse período de apenas três edições da Copa do Mundo, o torneio foi organizado por apenas três países: Uruguai, França e Itália (**Mapa 6**).

A espacialização desses países abrange apenas a Europa Ocidental e a América do Sul, que eram os locais que o futebol estava em estágios mais avançados.

Para concluir este tópico, reforçamos que tanto a Copa do Mundo quanto as Olimpíadas não foram realizadas durante os períodos das I e II Guerras Mundiais, evidenciando que as relações (geo)políticas são indissociáveis do mundo esportivo. Ao contrário, o esporte reflete a imagem dessas estruturas de poder. No próximo tópico, abordaremos o contexto bipolar que perdurou até o final do século XX.

2.3 A ORDEM BIPOLAR: PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1945 – 1991)

Neste tópico, abordaremos a ordem bipolar que se delineou através das correntes ideopolíticas capitalistas pelos EUA e socialistas pela URSS (União Soviética), persistindo após a II Guerra Mundial até a dissolução da URSS em 1991. Este período é notável pela intensificação dos nacionalismos por meio do esporte e pela sua instrumentalização na disputa desse conflito ideopolítico, como será explorado a seguir.

A II Guerra Mundial reconfigurou as estruturas de poder, transformando o espaço mundial em um cenário bipolar. O contexto do nacionalismo inflado pelo Tratado de Versalhes deu lugar a uma nova concepção que critica a globalização e uma identidade global única. O novo nacionalismo valoriza as questões locais, individuais e culturais dos povos, em contraste com a ideia de uma identidade global uniforme.

O nacionalismo, então, apresentaria uma relação direta à sensação individual e coletiva de dúvida e de fragmentação oriundas da globalização. A necessidade de estabelecer um vínculo coletivo forte que impeça o desaparecimento de determinadas culturas locais favorece o contínuo fortalecimento do papel das tradições (Machado, 2009, p. 18).

Nesse contexto, os conflitos da Guerra Fria se refletiram nos Jogos Olímpicos, classificados por Rubio (2010) como um período de disputas geopolíticas no esporte. Assim como ocorreu após a Primeira Guerra Mundial, na década de 1950, os países mais prestigiados nos eventos esportivos internacionais foram aqueles considerados vencedores da Segunda Guerra. Os Jogos Olímpicos de 1948 foram realizados em Londres, seguidos por Helsinque em 1952 e Melbourne em 1956. A Copa do Mundo seguiu o percurso dos vencedores, sendo sediada no Brasil em 1950, na Suíça em 1954 e na Suécia em 1958.

Os candidatos para os Jogos Olímpicos de 1948 foram Reino Unido, Itália, Estados Unidos e Suíça (**Tabela 6**). São três europeus ocidentais e apenas os Estados Unidos de representante americano.

Tabela 6. Eleições para a sede da XIV Jogos Olímpicos de Verão

Cidade	País	Rodada Única
Londres	Reino Unido	20
Roma	Itália	11
Detroit	Estados Unidos	2
Lausanne	Suíça	1
Legenda: País vencedor Fonte: COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL, 1939 Org: O próprio autor		

Após doze anos, os Jogos Olímpicos foram realizados em um Reino Unido ainda abalado pela guerra, resultando em uma edição financeiramente modesta. No entanto, o evento marcou um novo modelo comercial, baseado nas primeiras transmissões televisivas domésticas dos Jogos, que buscavam projetar a imagem de um Reino Unido ainda forte e hegemônico, apesar das dificuldades do pós-guerra. Embora houvesse a expectativa de que os Jogos simbolizassem a paz no período pós-guerra, na prática, os conflitos se perpetuaram por meio das Olimpíadas, como destaca Colli (2004):

Dos Derrotados na Segunda Guerra, apenas a Convidada União Soviética não aceitou e na última hora, Bulgária, Letônia e Lituânia foram anexados à União Soviética e foram impedidos de participarem e o COI, pressionado pelos estados árabes, usando o artifício de que o Estado de Israel era recém fundado e não tinha comitê olímpico, não foi convidado (Colli, 2004, p. 29).

Em Londres, o futebol também retornou ao cenário olímpico, com 23 seleções disputando vagas. A FIFA estava disposta a manter a modalidade no programa dos Jogos, mas as divergências com o COI permaneciam. A principal questão girava em torno da exigência do amadorismo imposta pelo COI, o que levou à desistência de algumas seleções, como a Argentina (Giglio, 2013). Além disso, outras equipes, como a Birmânia, Hungria, Palestina, Polônia e Paquistão, também se retiraram, possivelmente devido a essa restrição.

Nesse contexto, a FIFA via com desagrado a impossibilidade de contar com seus principais jogadores no torneio olímpico. Assim, crescia a necessidade de reativar a Copa do Mundo. No entanto, com a Europa em processo de reconstrução pós-guerra e os países pouco dispostos a sediar a edição de 1950, a FIFA voltou seu olhar para a América do Sul.

O interesse do Brasil em sediar a Copa já era antigo, remontando ao primeiro governo de Getúlio Vargas. Desde os anos 1930, o futebol vinha sendo utilizado como ferramenta de mobilização popular, impulsionando a construção de grandes estádios, como o Pacaembu e São Januário. A partir de 1938, a seleção brasileira passou a ser pensada como símbolo da identidade nacional, integrando paulistas, cariocas e jogadores negros na equipe, superando rivalidades regionais e o debate sobre a presença de atletas negros no futebol do país (Silva, 2016).

No Brasil, o Estado foi um dos grandes responsáveis pela formulação da identidade nacional, tendo como aliados os grandes intelectuais que desenvolveram propostas nacionalistas que unissem o povo (Silva, 2016, p. 114).

A Copa de 1938 era estratégica para o governo Vargas, a ponto de ignorar o boicote americano aos europeus. Drumond (2009) destacou algumas atitudes que evidenciam a prioridade que a seleção brasileira tinha para o líder brasileiro.

(...) a seleção brasileira pôde disputar a Copa do Mundo de 1938 com seus principais jogadores. A Copa de 38, na França, deixaria ainda mais evidente a aproximação do “pai dos pobres” com o futebol. Além de conceder uma alta subvenção à delegação brasileira para as despesas com o campeonato, o presidente da República fez questão de cumprimentar os jogadores antes do embarque para a França, deixando clara a importância que o título teria para o futuro da nação. Getúlio Vargas dispensou atenção especial à grande estrela da seleção, Leônidas da Silva. Leônidas, conhecido também como Diamante Negro, era o maior ídolo do futebol brasileiro. Ao lado de Getúlio Vargas e de Orlando Silva, foi um dos brasileiros mais populares durante a Era Vargas (Drumond, 2009, p. 401 – 402).

Essa Copa foi a primeira de mobilização popular, de ampla cobertura da mídia e de apropriação do Estado brasileiro buscando materializar o sentimento de nacionalidade do brasileiro (Silva, 2016). Vistas as apropriações dos eventos pela Itália e Alemanha, o governante do Brasil buscava se utilizar da Copa do Mundo de 1942 para fazer propaganda do Estado Novo (Drumond, 2009; Mascarenhas, 2013). A guerra frustrou os planos brasileiro para 1942, mas em 1946 pleiteou a candidatura para 1950.

A Copa de 1950 consolida a vinculação da seleção brasileira de futebol com a identidade nacional, através de um time que buscasse representar o povo em estádios enormes, como o Maracanã que ainda mantém o maior público do futebol.

O Maracanã foi construído com o pretexto de erguer o maior estádio do mundo na capital do Brasil, consolidando-se como o estádio nação do país. Um estádio nação é aquele que se torna um grande palco no imaginário da população, considerado a casa da seleção nacional (Holanda, 2014). Além de servir como local para eventos esportivos, o estádio nação é frequentemente utilizado como palco para comícios dos chefes de Estado e geralmente está situado nas capitais nacionais. Exemplos notáveis incluem o Estádio de Wembley, em Londres, e o Estádio Azteca, no México.

As Olimpíadas de 1952 tiveram sete candidatas (**Tabela 7**): Helsinque representando a Finlândia, Amsterdã pelos Países Baixos e quatro representantes pelos Estados Unidos - Minneapolis, Los Angeles, Detroit, Chicago e Filadélfia. Nesta edição, há mais candidatas americanas, enquanto os Países Baixos representam a Europa Ocidental, e a vencedora Finlândia pertence à Europa Setentrional.

Tabela 7. Eleições para a sede da XV Jogos Olímpicos de Verão

Cidade	País	Rodada 1	Rodada 2
Helsinque	Finlândia	14	15
Minneapolis	Estados Unidos	4	5
Los Angeles	Estados Unidos	4	5
Amsterdã	Países Baixos	3	3
Detroit	Estados Unidos	2	-
Chicago	Estados Unidos	1	-
Filadélfia	Estados Unidos	-	-

Legenda: **País vencedor**
Fonte: COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL, 1947
Org: O próprio autor

Os Jogos de Helsinque marcaram um novo recorde de nações participantes, totalizando 69 delegações. Assim como ocorreu no pós-Primeira Guerra Mundial, países anteriormente considerados derrotados voltaram a integrar a competição. Em 1948, Alemanha e Japão haviam sido excluídos, mas em 1952 a Alemanha Ocidental foi convidada a participar, refletindo a nova configuração política do período.

Essa edição também foi marcada por uma série de boicotes, consequência das tensões geopolíticas da Guerra Fria. Taiwan (China Nacionalista) recusou-se a competir na Finlândia em protesto contra a participação da China Comunista e em meio a desdobramentos da guerra

civil chinesa. Por sua vez, a China se retirou dos Jogos devido ao retorno da União Soviética ao cenário olímpico e ao início da ruptura sino-soviética, que se desenhava naquele contexto.

Em Helsinque, teve início uma disputa paralela à olimpíada, o confronto ideológico entre os dois blocos antagonistas dentro dos recintos esportivos. Essa disputa ideológico-esportiva se estendeu pelas outras edições dos jogos, culminando com os boicotes dos Jogos de Moscou em 1980 e Los Angeles em 1984 (Sigoli e Rose Junior, 2004, p. 117).

Os Jogos Olímpicos de 1956 contaram com nove candidaturas (**Tabela 8**), sendo seis cidades dos Estados Unidos – Los Angeles, Detroit, Chicago, Saint Paul-Minneapolis, Filadélfia e São Francisco –, além de Melbourne, na Austrália. Pela primeira vez, duas cidades do chamado terceiro mundo entraram na disputa: Buenos Aires, representando a Argentina, e Cidade do México, pelo México.

Tabela 8. Eleições para a sede da XVI Jogos Olímpicos de Verão

Cidade	País	Rodada 1	Rodada 2	Rodada 3	Rodada 4
Melbourne	Austrália	14	18	19	21
Buenos Aires	Argentina	9	12	13	20
Los Angeles	Estados Unidos	5	4	5	-
Detroit	Estados Unidos	2	4	4	-
Cidade do México	México	9	3	-	-
Chicago	Estados Unidos	1	-	-	-
Saint Paul-Minneapolis	Estados Unidos	1	-	-	-
Filadélfia	Estados Unidos	1	-	-	-
São Francisco	Estados Unidos	-	-	-	-

Legenda: **País vencedor**
Fonte: COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL, 1949
Org: O próprio autor

Um aspecto notável dessa edição foi a ausência de candidaturas europeias. Ao final, Melbourne foi escolhida, tornando-se a primeira cidade a sediar uma Olimpíada fora do tradicional eixo Europa-Estados Unidos.

As Olimpíadas de 1956 foram mais conturbadas do que as anteriores. O contexto de invasão soviética na Hungria motivara a desistência da Espanha, Países Baixos e Suíça, assim como a presença anglo-francesa no Canal de Suez, estimulou o boicote do Egito, Iraque e Líbano a Israel (Rubio, 2010; Campos, 2016). Outras questões conflituosas se mantiveram

nessa edição e por outras seguintes, como as indefinições chinesas, as alemãs, que em alguns casos, competiam separadamente, em outros, juntos e por fim, as questões coreanas persistem até as edições mais recentes, como destaca Rubio (2010).

Quando os governantes da China nacionalista souberam que Taiwan participaria na condição de Estado Nacional, também resolveram impedir a presença de seus atletas às vésperas do embarque da delegação, frustrando a expectativa de centenas deles que haviam se preparado para a competição (...) As questões relacionadas com a Alemanha, a Coreia e a China tornaram-se um grande problema sem solução para o COI ao longo de várias décadas. No caso da Alemanha a estratégia envolveu, a princípio, a escolha dos atletas por critério numérico. Isso favorecia, obviamente, a Alemanha Ocidental até os Jogos Olímpicos de 1964, quando então os atletas da Alemanha Oriental representaram a maioria da delegação. Estavam dadas as condições para a formação de duas delegações a partir da edição seguinte que ocorreria no México em 1968. No caso da China optou-se por duas delegações desde sempre, embora a China tentasse de diversas maneiras excluir Taiwan dos Jogos Olímpicos (Rubio, 2010, p. 62).

Em 1954, a Copa do Mundo retornou à Europa após a Segunda Guerra Mundial, e a escolha pela Suíça foi feita devido à sua neutralidade política. Pela primeira vez, o evento foi televisionado e foram cunhadas moedas comemorativas. O sucesso de audiência de 1954 levou a FIFA a investir na transmissão ao vivo para a Europa através do satélite Sputnik III, lançado em maio de 1958. Essa Copa foi de extrema importância para o Brasil, pois foi a primeira vez que os brasileiros a venceram.

As edições subsequentes das Olimpíadas na década de 1960 visitaram os países considerados derrotados na Segunda Guerra Mundial, começando por Roma em 1960, seguida por Tóquio em 1964 e Alemanha em 1972. Essa escolha buscava demonstrar que essas nações haviam superado os traumas da guerra e eram capazes de conviver harmoniosamente com os demais. Em contraste, a Copa do Mundo, após duas edições consecutivas na Europa, foi realizada no Chile em 1962 e retornou ao continente europeu em 1966, na Inglaterra.

Para 1960, quatro cidades europeias concorreram para sediar os Jogos Olímpicos (**Tabela 9**): Lausanne na Suíça, Roma na Itália, Bruxelas na Bélgica e Budapeste, a primeira cidade do Pacto de Varsóvia¹⁸ a se candidatar. Fora da Europa, Tóquio no Japão, Cidade do México e Detroit nos Estados Unidos também estavam na disputa. Roma emergiu como vencedora, marcando o início do ciclo para países derrotados na Segunda Guerra Mundial.

¹⁸ O Pacto de Varsóvia foi uma aliança militar estabelecida em 1955 entre a União Soviética e países do Bloco do Leste durante a Guerra Fria, servindo como resposta ao Pacto de Varsóvia da OTAN. Dissolvido em 1991 com o fim do bloco socialista.

Tabela 9. Eleições para a sede da XVII Jogos Olímpicos de Verão

Cidade	País	Rodada 1	Rodada 2	Rodada 3
Roma	Itália	15	26	35
Lausanne	Suíça	14	21	24
Detroit	Estados Unidos	6	11	-
Budapeste	Hungria	8	1	-
Bruxelas	Bélgica	6	-	-
Cidade do México	México	6	-	-
Tóquio	Japão	4	-	-

Legenda: **País vencedor**
Fonte: COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL, 1953
Org: O próprio autor

Os Jogos ocorreram em Roma, e é crucial destacar a influência do Estado da Cidade do Vaticano. Diante da postura de Teodósio I reconhecida como equivocada de proibir os Jogos Pan-Helênicos, levou o Papa João XXIII a conduzir uma audiência com os atletas na Praça São Pedro, um dia antes da cerimônia de abertura, em um simbólico ato de desculpas, mas também de aproximação dos comunidade olímpica.

Esta edição também é simbólica devido à iniciativa não alcançada pela ONU ou pela FIFA, que foi a participação conjunta das Alemanhas Ocidental e Oriental como uma única delegação.

As Olimpíadas de 1964 tiveram quatro candidaturas (**Tabela 10**): Tóquio no Japão, Detroit nos Estados Unidos, Viena na Áustria e Bruxelas na Bélgica. Tóquio foi a vencedora e foram os primeiros Jogos Olímpicos na Ásia.

Tabela 10. Eleições para a sede da XVIII Jogos Olímpicos de Verão

Cidade	País	Rodada Única
Tóquio	Japão	34
Detroit	Estados Unidos	10
Viena	Áustria	9
Bruxelas	Bélgica	5

Legenda: **País vencedor**
Fonte: COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL, 1959
Org: O próprio autor

Sob o prisma técnico-informacional, essa edição foi pioneira na transmissão via satélite geostacionário para outros continentes, sendo também o primeiro programa televisivo a cruzar,

ao vivo, o Oceano Pacífico. Em termos políticos, a partir desse evento, a África do Sul foi excluída das Olimpíadas devido às suas políticas de *apartheid*. E a Indonésia também foi vetada dessa edição por se recusar a conceder vistos a atletas israelenses e taiwaneses nos Jogos Asiáticos de 1962.

Os Jogos de 1968 contaram com quatro candidaturas (**Tabela 11**): Detroit, representando os Estados Unidos; Lyon, pela França; Buenos Aires, representando a Argentina pela segunda vez; e a vencedora em turno único, a Cidade do México. Nessa seleção de sedes, é evidente a competição entre países centrais e periféricos, marcando a maior edição com mais candidaturas americanas, na variedade de países, do que europeias.

Tabela 11. Eleições para a sede da XIX Jogos Olímpicos de Verão

Cidade	País	Rodada Única
Cidade do México	México	30
Detroit	Estados Unidos	14
Lyon	França	12
Buenos Aires	Argentina	2

Legenda: **País vencedor**
Fonte: COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL, 1963
Org: O próprio autor

O bom momento econômico do México na década de 1960, permitiu que o país fosse o primeiro a sediar uma Olimpíada e uma Copa do Mundo de forma consecutiva, em 1968 e 1970. Rubio (2010, p. 68) ressalta que o protagonismo de uma nação do terceiro mundo incomodava os países centrais: “Naquele momento o mundo não se dividia apenas entre capitalistas e socialistas, mas havia também uma discriminação entre ricos e pobres, desenvolvidos e subdesenvolvidos”.

Outro ponto de destaque da Copa de 1970, é conquista do tricampeonato mundial da seleção brasileira, que foi amplamente explorado pela ditadura militar brasileira, como colocado por Chaim (2014):

A glória conquistada pelo futebol brasileiro no Mundial foi um marco decisivo para a relação entre Médici e o futebol brasileiro e com reverberações muito importantes também para o futuro da relação entre política (e políticos) e o esporte do país, sendo o futebol sempre tratado como o mais importante dos esportes (...) No período pós-Copa, a aproximação feita pelo Presidente com direção ao esporte e ao futebol nacional foi ainda maior (Chaim, 2014, p. 73 – 74).

O contexto dessas Olimpíadas foi tumultuado, influenciado por eventos globais como a Guerra do Vietnã, a Revolução Cultural da China, a invasão soviética da Tchecoslováquia que culminou na Primavera de Praga, além de diversas marchas por direitos civis. Internamente, o México enfrentava instabilidade política, culminando no Massacre de Tlatelolco¹⁹, o que levou à consideração do cancelamento dos Jogos.

Essa edição foi a primeira a contar com a participação de mais de cem países, inclusive com as Alemanhas competindo separadas, até a reunificação do país. Além disso, ocorreu o simbólico gesto dos punhos levantados, uma referência ao símbolo dos Panteras Negras, realizado pelos atletas afro-americanos Tommie Smith e John Carlos.

Para a edição de 1972, quatro candidaturas foram apresentadas (**Tabela 12**): Munique, representando a Alemanha; Madrid, representando a Espanha; Montreal, pelo Canadá; e Detroit, pelos Estados Unidos. Embora todos sejam países centrais, a Alemanha foi membro do Eixo, completando assim o ciclo dos países derrotados. Dessa forma, as Olimpíadas foram sediadas em Munique em 1972.

Essa foi a última vez que a cidade de Detroit se candidatou a sediar os Jogos Olímpicos, encerrando uma série de seis tentativas frustradas desde a retomada dos Jogos no Pós-Segunda Guerra. As candidaturas possivelmente eram fundamentadas no potencial econômico da cidade, impulsionado pela indústria automotiva, que já apresentava sinais de declínio. Esse declínio culminou na declaração de falência em 2013 e na perda de mais de um milhão de habitantes desde 1950.

Tabela 12. Eleições para a sede da XX Jogos Olímpicos de Verão

Cidade	País	Rodada 1	Rodada 2
Munique	Alemanha Ocident	29	31
Madrid	Espanha	16	16
Montreal	Canadá	6	13
Detroit	Estados Unidos	6	-

Legenda: **País vencedor**
Fonte: COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL, 1966
Org: O próprio autor

¹⁹ O Massacre de Tlatelolco foi uma repressão violenta que resultou na morte de centenas de pessoas e milhares de feridos na Praça das Três Culturas. Durante um protesto estudantil contra o governo autoritário e os gastos excessivos com os Jogos Olímpicos de Verão de 1968, as forças de segurança mexicanas abriram fogo, resultando em centenas de mortes. Este massacre representa um episódio significativo na história do movimento estudantil e na luta pela democracia no México, marcando um período de repressão política. Notavelmente, ocorreu apenas 10 dias antes da abertura dos Jogos Olímpicos.

Esses Jogos foram marcados pela discordância política, quando o grupo palestino Setembro Negro atacou a delegação de atletas israelenses. A Alemanha repetiria o feito do México sediando a Copa do Mundo em 1974 juntamente das Olimpíadas. Ambos os eventos buscavam apagar as memórias dos Jogos Olímpicos de 1936 e demonstrar que o país não se ressentia pelos resultados da guerra.

As candidaturas para as Olimpíadas de 1976 apresentaram um perfil divergente em relação às edições anteriores e foram semelhantes ao cenário de 1980, representando o ápice das disputas ideopolíticas da época. Esse pleito contou com três candidaturas: Montreal, pelo Canadá, e Los Angeles, pelos Estados Unidos, representando o bloco da OTAN, e Moscou, como a capital soviética e líder do Pacto de Varsóvia (**Tabela 13**). Para esses Jogos Olímpicos, a disputa ocorreu entre os blocos de poder, como evidenciado na votação, onde Moscou venceu a primeira rodada e Montreal a rodada final. Foi a primeira vez que o país que venceu a primeira rodada não venceu as demais, e marcou a primeira vez que a União Soviética pleiteou sediar um megaevento como parte de um processo de abertura cultural e introdução global.

Tabela 13. Eleições para a sede da XXI Jogos Olímpicos de Verão

Cidade	País	Rodada 1	Rodada 2
Montreal	Canadá	25	41
Moscou	União Soviética	28	28
Los Angeles	Estados Unidos	17	-
Legenda: País vencedor Fonte: COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL, 1970 Org: O próprio autor			

Os Jogos Olímpicos de 1976, realizados em Montreal, no Canadá, foram marcados por alguns acontecimentos políticos significativos. O primeiro foi a falta de apoio do governo canadense pelo receio da cidade se utilizar do evento para promover a independência política do Canadá francês. O segundo foi um boicote liderado por países africanos, que protestaram contra a participação da Nova Zelândia, que havia mantido relações esportivas com a África do Sul durante o regime de *apartheid*.

A Copa de 1978, chegou finalmente à Argentina, após inúmeras candidaturas não sucedidas e o país vivia um contexto semelhante ao Brasil de 1970, governado por regime militar, contudo a vitória da seleção argentina em casa foi essencial para a manutenção do regime no poder, como destacado por Archetti (2004):

Para la Junta estaba claro: la victoria expresaba el éxito de la nación y la importancia de permanecer unidos, como el equipo nacional, contra todo tipo de enemigos. El fútbol se definió como una palestra privilegiada en lo que tocaba al patriotismo (Archetti, 2004, p. 2004).

Os Jogos Olímpicos de 1980 ficaram marcados pela forte disputa ideopolítica, que colocou os rivais diretos pela disputa da cidade sede, Los Angeles pelos Estados Unidos e Moscou pela União Soviética. Esse cenário já vinha se desenhando desde a edição anterior e culminou na escolha da União Soviética. Pela primeira vez um país socialista sediaria os Jogos Olímpicos de Verão, bem como a Rússia/União Soviética.

Tabela 14. Eleições para a sede do XXII Jogos Olímpicos de Verão

Cidade	País	Rodada Única
Moscú	União Soviética	39
Los Angeles	Estados Unidos	20

Legenda: **País vencedor**
 Fonte: COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL, 1974
 Org: O próprio autor

As edições das Olimpíadas de 1980, em Moscou, e 1984, em Los Angeles, destacaram a complexidade da competição geopolítica entre os Estados Unidos e a União Soviética durante a Guerra Fria. Nos últimos oito Jogos Olímpicos de Verão, os Estados Unidos haviam dominado o quadro de medalhas em quatro edições — 1948, 1952, 1964 e 1968 — enquanto a URSS conquistou a liderança em 1956, 1960, 1972 e 1976.

Desde 1952, quando pela primeira vez os soviéticos tomaram parte nos jogos, as rivalidades entre EUA e URSS deram o tom dos encontros olímpicos. Apesar de se tratarem de disputas individuais, as duas superpotências passaram a disputar a primazia esportiva por meio dos quadros de medalhas por países, não reconhecidos oficialmente pelo Comitê Olímpico Internacional (Campos, 2016, p. 17).

As edições de 1980 em Moscou e 1984 em Los Angeles não foram apenas marcadas pela rivalidade geopolítica entre os Estados Unidos e a União Soviética, mas também pelas consequências de ações militares específicas. Em 1979, a União Soviética interveio militarmente no Afeganistão, com a intenção de apoiar o governo pró soviético contra uma rebelião armada. A intervenção foi amplamente vista como uma invasão, sendo condenada pela

comunidade internacional, incluindo os Estados Unidos. Como resposta, o presidente Jimmy Carter anunciou o boicote da equipe olímpica americana aos Jogos de Moscou.

Esse contexto gerou uma situação semelhante à “Armadilha de Tucídides²⁰”, já que, após liderar o quadro de medalhas nas edições anteriores, a URSS esperava uma vitória retumbante em casa, o que simbolicamente poderia representar uma vantagem tecnológica e estratégica.

Desde 1976 havia rumores de que os Jogos de 1980 não teriam a participação dos EUA por razões de segurança e de diferenças irreconciliáveis com a URSS. Entretanto se torna necessário ressaltar que em 1976 foi a primeira vez que os EUA se encontraram em terceiro lugar no quadro de medalhas desde sua primeira aparição (...) A URSS por sua vez tentava de diversos modos diplomáticos que não houvesse boicote aos Jogos em seu país, já que queriam uma Olimpíada de sucesso. (Rodrigues, 2021, p. 17).

Dos 142 países convidados, apenas 81 foram inscritos (Lico, 2007, p. 68), porém o Afeganistão se fez presente. Por isso, especula-se que questão afegã foi apenas uma justificativa para que os ocidentais não fossem a União Soviética, como indica Rodrigues (2021, p. 17): “A questão que permanecia após a intervenção soviética ao Afeganistão era se a invasão foi somente uma forma mais simples, justificável e aceitável de um boicote político liderado pela potência americana para desmoralizar a potência soviética”.

As moedas comemorativas têm sido uma presença regular nas lembranças dos Jogos Olímpicos desde Helsinque, em 1952 (Comitê Olímpico Internacional, 2017). Gostaríamos de destacar as moedas comemorativas criadas especificamente para este evento. Essas peças não apenas celebram a grandiosidade dos Jogos, mas também se tornam valiosas recordações que capturam a essência e a significância histórica de cada edição olímpica.

Figura 9. Moeda comemorativa de 1 rublo para os Jogos Olímpicos de 1980



Fonte: União Das Repúblicas Socialistas Soviéticas, 1980.

²⁰ A “Armadilha de Tucídides” descreve o risco de conflito quando uma potência emergente ameaça o poder de uma potência estabelecida, gerando medo e rivalidade. O conceito foi desenvolvido pelo historiador grego Tucídides para explicar o conflito entre Atenas e Esparta, onde o receio do crescimento de uma potência levou à guerra.

Foi uma das primeiras edições de moedas comemorativas para megaeventos. As moedas comemorativas representam uma ferramenta crucial para que o Estado reafirme seu apoio aos eventos. Abordaremos mais sobre o papel das moedas comemorativas no próximo capítulo.

A retaliação soviética veio em 1984 e foram seguidos por dezesseis países soviéticos, sob a narrativa de que “a segurança dos atletas da URSS não era assegurada pelo evento e eles corriam riscos (Rodrigues, 2021, p. 17) “e “que a profissionalização de atletas e os crescentes interesses econômicos constituíam-se em violações do princípio do amadorismo (Campos, 2016, p. 17)”, todavia China, Romênia e Iugoslávia não aderiram o boicote (Campos, 2016).

Nesse momento, os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de futebol já eram estabelecidos como eventos de proporções globais, eram grandes vitrines globais que o capital expunha seus produtos e inovações. A grandeza desses eventos os coloca em outra categoria, partindo desse princípio entendemos que são megaeventos, que são:

(...) acima de tudo Copa do Mundo FIFA e Jogos Olímpicos, são práticas comunicativas que podem ter sucesso em atrair a atenção de bilhões de pessoas. São, portanto, uma plataforma perfeita para mostrar a cultura e imagem do país-sede para o resto do mundo, tendo a possibilidade de aumentar seu prestígio e capacidade de atração internacional (Pizarro, 2017, p. 4).

A globalização, ao incorporar o meio técnico-científico-informacional, teve um impacto direto nas relações espaciais, na cultura e na organização social do espaço, além de influenciar a interconexão global. Isso significa que não se restringe apenas à expansão econômica. Dado que o esporte está intrinsecamente ligado a essas questões, ele foi fortemente impulsionado nesse período, alcançando, assim, a mundialização e a mercantilização (Santos, 2003; Chesnais, 2005; Ferreira, 2018).

Durante o período técnico-científico-informacional, o esporte, especialmente o futebol, passou por transformações que vão desde a inserção de patrocínios esportivos até a desterritorialização das práticas esportivas (Hirata, 2014). Esse processo teve início com a adoção da tecnologia, exemplificada pela FIFA ao utilizar a transmissão via satélite na Copa do Mundo. Isso ampliou a abrangência do futebol em escala global, resultando na mundialização. A abertura de novos mercados e a mercantilização desse amplo público consumidor, composto por bilhões de pessoas, atraem o capital das grandes corporações.

(...) a mundialização da cultura revela-se através do cotidiano, expressando um mecanismo que reorienta a organização das sociedades atuais, através da alimentação, vestuário, filmes, supermercados, o futebol também pode ser expressão dessas mudanças, afinal, a sua abrangência planetária e o seu poder de penetração é de tal modo que todas as grandes companhias do mundo se voltam para ele (Santos, 2003, p. 58).

No futebol, a financeirização teve início com a eleição de João Havelange para a presidência da FIFA. Ele proclamou a seguinte frase: "Vim para vender o produto chamado futebol", indicando a transformação do esporte em um produto mercadológico (Ferreira, 2018). Esse processo começou com o acordo da FIFA com a Adidas e, posteriormente, com a Coca-Cola, que já era uma parceira histórica do Comitê Olímpico (Proni, 1998).

Proni (1998), explanou a estratégia de Havelange para implementar seu projeto de expansão de poder político dentro da FIFA, aumentando a injeção de capital:

(...) A única fonte de recursos provinha, a cada quatro anos, da organização da Copa do Mundo. O segredo do sucesso de João Havelange foi ter estabelecido parceria com a Adidas, que há muito vinha desenvolvendo esquemas de marketing apoiados em esportes de alto rendimento, e com a Coca-Cola, que tradicionalmente patrocinava os Jogos Olímpicos (Proni, 1998, p. 166).

Outro elemento que contribuiu para a concentração de capitais no futebol foi a Lei Bosman. Esta legislação foi originada a partir do caso do jogador belga Jean-Marc Bosman e resultou na decisão do Tribunal de Justiça das Comunidades Europeias, agora denominado Tribunal de Justiça da União Europeia, que reconheceu a União Europeia como um território único para a livre circulação de trabalhadores. Na prática, isso significa que os atletas europeus não estão mais sujeitos às regras que limitavam o número de jogadores estrangeiros por equipe, apenas são considerados os atletas de fora do bloco.

A implicação direta da Lei Bosman é a formação de super equipes de futebol compostas por atletas de diversas origens, resultando em times tão poderosos quanto as seleções nacionais de futebol. Essa regulamentação permite que a metropolização do futebol ocorra sem restrições, ou seja, a hierarquia urbana das cidades reflete-se em suas equipes. A Lei Bosman é um marco no futebol, desequilibrando as estruturas de poder no esporte.

A título de exemplificação, podemos destacar uma situação que ilustra esse cenário. Ao observarmos a origem dos clubes campeões mundiais de futebol no período de 1990 a 1995,

antes da implementação da Lei Bosman, as equipes sul-americanas venceram vinte edições, enquanto as europeias conquistaram catorze torneios. Após 1995, os times europeus venceram vinte e três edições, em comparação com apenas sete das equipes sul-americanas.

Embora reconheçamos a necessidade de análises mais aprofundadas para confirmar essa correlação entre os campeões mundiais de futebol e a Lei Bosman, é inegável que essa regulação aboliu as fronteiras do futebol, estimulando o processo de metropolização e permitindo a concentração de capitais no continente europeu.

Atualmente, na Liga dos Campeões da Europa, não é mais uma competição composta exclusivamente por europeus, para europeus e limitada aos limites territoriais da Europa. Pelo contrário, o evento está cada vez mais mundializado, com a participação de atletas de outros continentes e um público que se estende para além das fronteiras europeias, explorando assim outros mercados, como o asiático e o sul-americano.

Outro indicativo da globalização no futebol é a prática do *multi-club ownership*, “um termo que se refere à existência de várias agremiações controladas pelo mesmo proprietário, seja um grupo ou investidor (Santos, Ferreira, Pisani, 2022, P. 3)”. Esta temática será abordada no próximo capítulo, no entanto, gostaríamos de destacar o caso da Red Bull como exemplo. A empresa de energéticos investe bilhões de dólares anualmente na aquisição de direitos de patrocínio, *naming rights* e na compra de equipes em diversos esportes, incluindo a Fórmula 1 e o futebol.

No âmbito do futebol, a empresa adquire clubes já estabelecidos e altera seus nomes, cores e símbolos para os da empresa, causando repúdio entre os torcedores dessas equipes, que veem suas identidades descaracterizadas. Atualmente, a *Red Bull* possui clubes no Brasil, como o *Red Bull Bragantino* – antigo *Bragantino* de Bragança Paulista, o *Red Bull Leipzig*, que gerou revolta tão intensa por parte dos torcedores que estes refundaram o clube, há também o *Red Bull Salzburg*, o *Red Bull New York* e o extinto *Red Bull Gana*.

Com esse ecossistema de clubes em diversos continentes, a empresa estabelece os dois clubes europeus como suas bases, enquanto os clubes nos demais continentes servem como fontes de matéria-prima coletada globalmente e vendida a preços mais baixos. Mais uma vez, a metropolização do futebol está em ação, descaracterizando as tradições que são tão fundamentais para o esporte. Como aponta Santos, Ferreira, Pisani (2022):

O modelo de MCO (multi-club ownership) estruturado pela RedBull tem como uma de suas principais fortalezas a gestão integrada de recursos, que dá ênfase ao fluxo de jogadores entre as equipes da empresa com o intuito de desenvolver jovens talentos

em diferentes campeonatos nacionais. Além de dar um maior alcance na prospecção de talento, esse sistema cria um verdadeiro corredor transnacional para os atletas migrarem dentro das equipes da RedBull, o que ajuda a otimizar custos da operação com o futebol e melhorar as margens nas transferências. Essa inteligência na formação e gestão de talento, podem ser vistas tanto no desenvolvimento de atletas, quanto no de treinadores, no momento que esses profissionais saem dos times da empresa e vão para equipes com orçamentos ainda maiores. Ao transformar os resultados com sua proposta de MCO, a Red Bull se transformou em uma verdadeira grife da cadeia produtiva do futebol no mundo (Santos, Ferreira, Pisani, 2022, P. 4).

Esses fenômenos ilustram a presença e influência de empresas globais no mundo do futebol, mas também destacam os desafios e resistências que podem surgir quando há mudanças significativas na identidade e tradição dos clubes.

A televisão possibilitou que as Olimpíadas se transformassem em um produto de consumo global, atingindo bilhões de pessoas em todo o mundo. A importância do meio científico-informacional pode ser observada através da globalização da cobertura dos Jogos Olímpicos de Verão ao longo do tempo (**Tabela 15**).

Tabela 15. Quantidade de países e territórios que tiveram cobertura de TV nos Jogos Olímpicos

Ano	Edição	Nº de países e territórios	Ano	Edição	Nº de países e territórios
1936	Berlim	1	1980	Moscou	111
1948	Londres	1	1984	Los Angeles	156
1952	Helsinque	2	1988	Seul	160
1956	Melbourne	1	1992	Barcelona	193
1960	Roma	21	1996	Atlanta	214
1964	Tóquio	40	2000	Sydney	220
1968	México	-	2004	Atenas	220
1972	Munique	98	2008	Pequim	220
1976	Montreal	124			

Fonte: Feizabadi; Bakhtiari; Rashidzade; Khakian, 2013, p. 614).

A transmissão desses eventos não está restrita às barreiras físicas das fronteiras; pelo contrário, opera precisamente nas permeabilidades dos limites dos estados nacionais. Foi durante as décadas de 1970 e 1980 que as Olimpíadas se consolidaram como um produto televisivo, alcançando mais de cem países e territórios. Esse alcance ampliou-se para mais de duzentos no século XXI.

Esse forte **poder econômico e financeiro** que foi introduzido maciçamente a partir da década de 1980, com a permissão da introdução de patrocínios esportivos as equipes, aos atletas e as competições, que levou à reabertura do debate sobre o amadorismo no esporte.

Em 1981 houve outro fato significativo: a liberação das logomarcas dos patrocinadores nas camisas dos times. O Juventus, de Turim, obteve o maior contrato de patrocínio na época: US\$ 800 mil por ano, pagos pela Ariston, fabricante de cozinhas e eletrodomésticos. O Milan assinou por US\$ 400 mil com a Pooh Jeans, fabricante de roupas jovens. Na Alemanha, o Bayern de Munique também obteve US\$ 400 mil da Magyrus Deutz, empresa de equipamentos pesados²⁴⁶. De um modo geral, a publicidade nas camisas acabou sendo adotada por todas as grandes equipes européias (a principal exceção é o Barcelona) e ajudou a revolucionar o modo de gerir o esporte (Proni, 1998, p. 168).

Assim, os meios de telecomunicação desempenharam um papel essencial na expansão do mercado esportivo, especialmente ao consolidá-lo como um produto da sociedade de consumo. Essa dinâmica também resultou em uma transformação significativa na realidade financeira do mundo esportivo (Favero, 2009; Ferreira, 2018).

O futebol já havia abandonado a fase amadora há décadas, mas o COI, apesar da resistência, acabou cedendo à pressão do poder econômico, marcando assim o início da era profissional do esporte olímpico nos Jogos Olímpicos de 1988 (Rubio, 2010).

o novo sistema midiático globalizado da chamada "era da informação" é um novo campo de enfrentamento onde ocorre o embate entre os Estados, as empresas transacionais e os novos movimentos sociais. O poder, num mundo dominado pelo sistema midiático, consiste em grande parte no controle da produção e na manipulação de símbolos que possam seduzir. Dessa forma, o imenso poder de sedução do esporte e seu impacto econômico não podem hoje ser ignorados pelos Estados nem pela indústria cultural. Nesse sentido, a geopolítica do esporte encontra-se no centro das disputas e rivalidades nacionais e internacionais, mas também, paradoxalmente, pode servir como vetor da paz e da cooperação (SUPPO, 2012, (online)).

[...] jogos olímpicos não são apenas uma oportunidade de ser a sede de um espetáculo global e, conseqüentemente, de reconhecimento internacional; eles também proporcionam uma oportunidade para negócios, transações imobiliárias (Short, 1999, *apud* Andreucci, 2015, p. 123).

Os interesses políticos e econômicos frequentemente se alinham na escolha dos países responsáveis pela organização dos megaeventos, criando uma intersecção entre as dinâmicas de poder e os objetivos financeiros.

Em 1988, houve duas candidaturas para sediar os Jogos Olímpicos: Seul, pela República da Coreia, e Nagoya, pelo Japão, ambas localizadas no Sudeste Asiático (**Tabela 16**). A possibilidade de uma Coreia unificada organizar os jogos foi levantada, mas acabou sendo descartada após discussões com a comunidade internacional e o COI. Assim, os Jogos Olímpicos de 1988 foram realizados em Seul, embora essa situação tenha sugerido que o esporte poderia atuar como um meio para a unificação nacional da Coreia.

Tabela 16. Eleições para a sede da XXIII Jogos Olímpicos de Verão

Cidade	País	Rodada Única
Seul	República da Coreia	52
Nagoya	Japão	27
Legenda: País vencedor Fonte: COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL, 1980 Org: O próprio autor		

A Copa do Mundo de 1982 foi realizada na Espanha, que buscava se reintegrar entre as nações democráticas após a morte de Francisco Franco. Por sua vez, a edição de 1986 estava prevista para ser sediada na Colômbia, porém problemas econômicos levaram o país a desistir da organização. O México, então, aceitou sediar o torneio. Essa edição de 1986 ficou marcada por um dos jogos que reeditavam a Guerra das Malvinas²¹, entre Argentina e Inglaterra.

A vitória no confronto não representava apenas avançar no torneio, mas também era uma oportunidade para os argentinos se vingarem, como se o conflito de quatro anos antes tivesse se estendido ao Estádio Azteca naquele dia, e foi exatamente o que aconteceu. Maradona marcou talvez o gol mais controverso da história das Copas, utilizando a mão. Na mesma partida, ele marcou um segundo gol, considerado um dos mais belos da história do futebol, e foi apelidado de “*o gol do século*” pelos jornais argentinos. Impulsionada pela vitória sobre os ingleses, a Argentina acabou se consagrando campeã dessa edição. Boniface (2011) argumenta que o esporte tem o poder de ressignificar vitórias, transformando-as em símbolos de identidade.

²¹ A Guerra das Malvinas foi um conflito armado que ocorreu entre a Argentina e o Reino Unido em 1982. A disputa era pelo controle das Ilhas Malvinas, Geórgia do Sul e Sandwich do Sul, no Atlântico Sul, que era governado pelo Reino Unido, mas reivindicado pela Argentina como parte de seu território.

(...) a redefinição do poder, onde a imagem, o prestígio e o soft power ocupam um lugar cada vez mais importante, dá nova importância às vitórias desportivas (Boniface, 2011, p. 194 – Tradução nossa).

Outro grande exemplo da importância das vitórias esportivas foi a vitória alemã na Copa do Mundo de 1990 na Itália, o país passava por um processo de reunificação das Alemanhas e de restauração da nação após a queda do Muro de Berlim. Cornelsen (2012), explanou sobre a relevância dessa vitória para o povo alemão.

(...) o triunfo da seleção da Alemanha Ocidental em 1990 foi carregado de emoções diversas, resultantes da relação entre futebol e política. A vitória se deu sete meses após a Queda do Muro de Berlim e em meio às negociações para concretização da reunificação. (...) a conquista do título de campeão mundial de futebol pela Alemanha Ocidental, em julho de 1990, na Itália, comemorado tanto por alemães ocidentais quanto por orientais. Apesar de o processo de reunificação ainda estar em curso à época, e a seleção alemã que disputava o Mundial ser composta apenas por jogadores alemães ocidentais, o sentimento da conquista se associou também com as expectativas e esperanças que os alemães na parte oriental e na parte ocidental nutriam em relação ao futuro de seu país unificado. Outro motivo para comemorar, diríamos, mais até que o título no futebol, foi a união monetária ocorrida em 1º de julho de 1990, que introduziu o marco na parte oriental, antes mesmo de a reunificação política do país ser celebrada. Todavia, naquele momento não se falou de uma euforia provocada pelo futebol, mas sim de uma Einheits-Euphorie (“euforia pela unidade”) (Cornelsen, 2012, p. 89 – 90).

Trouxemos alguns indicadores que apresentam o esporte como relevante instrumento de poder na atualidade, no tópico seguinte trataremos considerações acerca do esporte como elemento das relações de paz e de guerra.

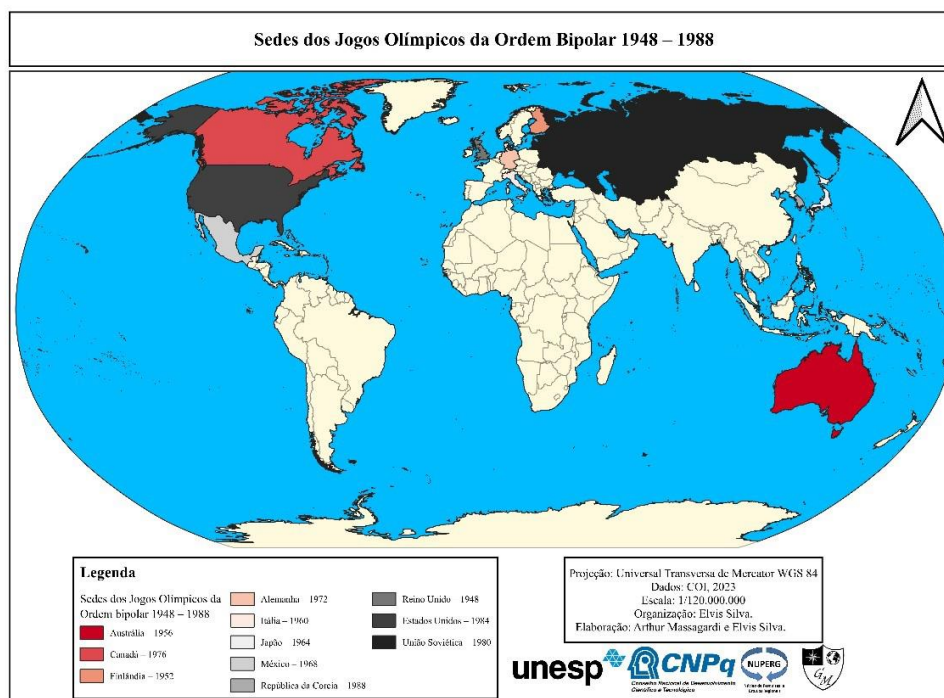
Quadro 4. Primeiros colocados dos Jogos Olímpicos de 1948 a 1988

Ano	1°	2°	3°
1948	Estados Unidos	Suécia	França
1952	Estados Unidos	União Soviética	Hungria
1956	União Soviética	Estados Unidos	Austrália
1960	União Soviética	Estados Unidos	Itália
1964	Estados Unidos	União Soviética	Japão
1968	Estados Unidos	União Soviética	Japão
1972	União Soviética	Estados Unidos	Alemanha Ocidental
1976	União Soviética	Alemanha Oriental	Estados Unidos
1980	União Soviética	Alemanha Oriental	Bulgária
1984	Estados Unidos	Romênia	Alemanha Ocidental
1988	União Soviética	Alemanha Oriental	Estados Unidos

Legenda: **País sede**
 Fonte: COI, 2023
 Org: O próprio autor

Nesse período bipolar, as vitórias adquiriram enormes dimensões simbólicas, e a sua característica bipolar é evidente ao observarmos o quadro de medalhas das Olimpíadas (**Quadro 4**). A primeira posição era alternada entre Estados Unidos e União Soviética, enquanto a segunda posição era ocupada por outros países nos anos em que uma dessas nações não participava do torneio, como em 1948, 1980 e 1984. Apenas em duas ocasiões ambos participaram do torneio, mas em uma delas um ficou em primeiro e o outro em terceiro, ocorrendo em 1976 e 1998, quando a União Soviética liderou, seguida pela Alemanha Oriental, e os Estados Unidos na terceira posição.

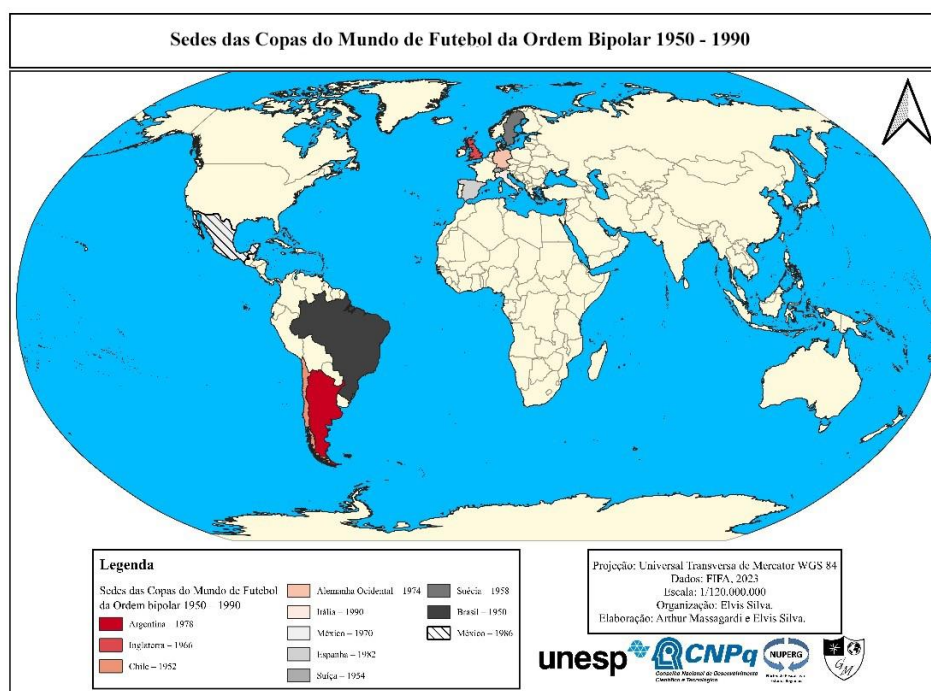
Nesse período, onze países sediaram os Jogos Olímpicos: Estados Unidos, México, Canadá, Reino Unido, Itália, Alemanha Ocidental, Finlândia, União Soviética, Japão, República da Coreia e Austrália (**Mapa 7**).

Mapa 7. Sedes dos Jogos Olímpicos da Ordem bipolar 1948 – 1988

Nesse período bipolar, a distribuição geográfica das sedes dos Jogos Olímpicos abrangeu quatro continentes: América, Europa, Ásia e Oceania. Apesar da diversidade continental, observa-se uma concentração significativa nos países do chamado "primeiro mundo", com apenas a União Soviética representando o "segundo mundo" e o México, exclusivamente, do "terceiro mundo". A Austrália foi a única nação a sediar o evento no hemisfério sul.

A Copa do Mundo de Futebol foi sediada por onze países: Argentina, Reino Unido, Chile, Alemanha Ocidental, Itália, Espanha, Suíça, Suécia, Brasil e o México em duas oportunidades (**Mapa 8**).

Mapa 8. Sede das Copas do Mundo de Futebol da Ordem bipolar 1950 – 1990



A distribuição geográfica da Copa do Mundo durante o período bipolar esteve concentrada nos dois continentes protagonistas do futebol, América e Europa, com destaque para o México, que sediou o evento em duas ocasiões, escapando assim do eixo UEFA-CONMEBOL.

Em suma, enquanto os Jogos Olímpicos estão concentrados nos países do primeiro mundo, a Copa do Mundo também marca presença nesses locais. No entanto, devido à influência do futebol e ao poder político da CONMEBOL, a competição também tem representatividade na América do Sul. Por outro lado, a Copa do Mundo não chegou à Oceania ou à Ásia, como ocorreu com os Jogos Olímpicos. Notavelmente, México, Reino Unido e Alemanha Ocidental foram anfitriões de ambos os eventos.

No próximo tópico, abordaremos a atual ordem mundial multipolar, que teve início com o término da Guerra Fria.

2.4 A ORDEM MULTIPOLAR (DESDE 1991)

O fim da Segunda Guerra Mundial resultou na configuração de uma ordem mundial bipolar. A disputa ideológica entre capitalistas e socialistas, o equilíbrio de poder entre a OTAN e o Pacto de Varsóvia²², a corrida armamentista, a guerra de narrativas e propaganda, e a bipolaridade econômica foram protagonizados pelos Estados Unidos e pela União Soviética, buscando estabelecer uma ordem unipolar.

O fim da União soviética, abriu o debate sobre qual seria concepção da nova ordem, se o vácuo de poder seria ocupado inteiramente pelos EUA, numa concepção unipolar de “hegemonia consentida” (Amorim, 2022), ou o mundo seria composto por diversos polos de poder, o tornando multipolar.

Os anos 1990, foram cheios de questões acerca dos novos arranjos de poder. A questão é que o vácuo de poder deixado pela URSS foi ocupado, em boa parte, pelos EUA. Nas questões militares o país exerceu controle quase que sem resistências, como na Guerra do Golfo e no Iraque, no campo econômico-comercial o Consenso de Washington foi imposto a ponto quase universal e capitaneou a criação da OMC, de acordo com seus interesses, assim como a financeirização da economia torna os países periféricos reféns do capital concentrado nos países centrais (Amorim, 2022).

Com o fim da era bipolar, o poder irrestrito dos Estados Unidos tornou inevitável o escancaramento da conduta cínica do mundo ocidental. A cruzada moral do combate ao terrorismo que resultou na Guerra do Iraque (2003-2011) e na Guerra do Afeganistão (2001-2019) se mostrou um meio para avançar os interesses geoestratégicos da Casa Branca e do Departamento de Estado na Eurásia. O fim da União Soviética tornou possível a agudização da política americana de projeção de poder marítimo no Golfo Pérsico e em todo Mar Árábico, a expropriação de grande parte dos hidrocarbonetos do Oriente Médio, e a retomada da política de cercamento a potências euroasiáticas como a Rússia (Roseira, 2023, p. 5).

A unipolaridade é afirmada por alguns autores, como William Wohlforth (Oliveira, 2011), Nascimento (2009), que enxerga alguns indícios da unipolaridade exercida pelos EUA,

²² A OTAN e o Pacto de Varsóvia foram alianças militares estabelecidas durante a Guerra Fria, no contexto da polarização entre o bloco ocidental liderado pelos Estados Unidos e o bloco oriental liderado pela União Soviética. A OTAN foi criada em 1949 e tinha como objetivo principal a defesa coletiva dos países membros, baseada no princípio de que um ataque a qualquer um deles seria considerado um ataque a todos. O Pacto de Varsóvia, por sua vez, foi formado em 1955 pelos países do bloco oriental, em resposta à entrada da Alemanha Ocidental na OTAN.

através do CSNU (Conselho de Segurança das Nações Unidas), assim como é identificada por Goes (2020), por meio da doutrina Bush e a *pax* americana. Oliveira (2011), constatou, a partir de análises comparativas nas áreas econômicas e militares, que os EUA exercem o controle da atual ordem unipolar. Inclusive, Francis Fukuyama dizia que o “fim da história” estava próximo, isto é, o sistema internacional não sofreria mudanças drásticas (Fukuyama, 1992).

A tese é defendida pelos países centrais, que buscam a manutenção dos blocos de poder, como explícito de Emmanuel Macron, que ao criticar o que ele entende por uma ordem bipolar, defende a unipolaridade, na cúpula da APEC (Cooperação Econômica Ásia-Pacífico), em 2022:

(...) você está com os EUA ou no lado chinês? Porque agora, progressivamente, muitas pessoas conseguem enxergar que existem duas ordens neste mundo. Este é um grande erro. Mesmo para os EUA e a China. Precisamos de uma ordem global única (Macron, 2022, (online) – Tradução Nossa)²³.

Partindo dos elementos histórico-culturais, o Presidente da Rússia, Vladimir Putin, afirmou a não existência da unipolaridade, no Fórum Econômico Mundial, em 2021 e a reforçou no Fórum Econômico Internacional de São Petersburgo, após a intensificação do conflito russo-ucraniano.

Obviamente, a era ligada às tentativas de construir uma ordem mundial centralizada e unipolar terminou. Para ser honesto, esta era nem começou. Uma mera tentativa foi feita nessa direção, mas isso também é história. A essência desse monopólio ia contra a diversidade cultural e histórica de nossa civilização (Putin, 2021, (online) – Tradução Nossa)²⁴.

(Esta era) acabou apesar de todas as tentativas de reanimá-la e mantê-la a qualquer custo. Este é um processo natural, estas mudanças são um curso natural da história porque é difícil conciliar a diversidade civilizacional do planeta, a riqueza de culturas com modelos políticos, econômicos e outros. Esses modelos não funcionam aqui, os

²³ Are you on the US or the chinese side? Because now, progressively, a lot of people would like to see that there are two orders in this world. This is a huge mistake. Even for both the US and China. We need a single global order (Macron, 2022, (online)).

²⁴ Obviously, the era linked with attempts to build a centralized and unipolar world order has ended. To be honest, this era did not even begin. A mere attempt was made in this direction, but this, too, is now history. The essence of this monopoly ran counter to our civilization’s cultural and historical diversity (Putin, 2021, (online)).

modelos que sem rodeios, sem alternativas, estão sendo impostos de um centro", acrescentou o líder russo (...) a falha está na própria ideia de que existe um único, embora forte, poder com um círculo limitado de Estados próximos, ou, como também dizem, admitidos nele, enquanto todas as regras de negócios e relações internacionais, quando necessário, são interpretados exclusivamente no interesse desse poder, ou seja, é uma via de mão única. (...) É um jogo unilateral. Um mundo baseado em tais dogmas é definitivamente instável (Putin *apud* TASS, 2022, (online) – Tradução Nossa)²⁵.

Essa ideia é partilhada pelos países periféricos, que desejam espaço no cenário internacional, como colocado pelo Presidente do Brasil, Lula da Silva, na 27ª reunião da UNFCCC, a Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima.

(...) voltamos para ajudar a construir uma ordem mundial pacífica, assentada no diálogo, no multilateralismo e na multipolaridade. Voltamos para propor uma nova governança global. O mundo de hoje não é o mesmo de 1945. É preciso incluir mais países no Conselho de Segurança da ONU e acabar com o privilégio do veto (Lula Da Silva, 2023).

Os anos 2000, colocou essa hegemonia consentida estadunidense em dúvida. As ações militares se tornaram menos consensuais e cercada de críticas, a ascensão econômica chinesa passou a levantar as possibilidades da Armadilha de Tucídides, paralelamente, a Rússia retornou ao cenário internacional com a II Guerra na Chechênia. Esses elementos foram alguns indicadores da probabilidade de um encaminhamento de uma ordem multipolar.

A multipolaridade refere-se à redistribuição do poder global entre as principais potências mundiais e os grandes polos regionais de influência. Em termos mais simples, trata-se da reorganização global marcada pela presença de vários centros de poder que interagem entre si, entre momentos de proximidade e de competição.

Amorim (2022), aponta que o conceito de ordem multipolar nasceu da possibilidade de combater a unipolaridade estadunidense após a União Soviética.

²⁵ (This era) is over despite all the attempts to revive it and hold on to it at any cost. This is a natural process, these changes are a natural course of history because it is difficult to combine the planet's civilizational diversity, the wealth of cultures with political, economic and other models. These models don't work here, the models that bluntly, without any alternatives, are being imposed upon from one center," the Russian leader added (...) the flaw lies in the very idea where there is a single, albeit strong power with a limited circle of close states, or, as they also say, those admitted to it, while all the rules of business and international relations, when necessary, are interpreted exclusively in the interests of this power, that is, it's a one-way street (...)It's a one-sided game. A world based on such dogmas is definitely unstable (Putin *apud* TASS, (online)).

O conceito de um mundo multipolar ou multipolaridade é, em geral, atribuído a Yevgeni Primakov, sucessivamente ministro do Exterior e primeiro-ministro russo, no final dos anos 1990. Primakov tinha em mente a articulação do seu país com Índia e China para enfrentar a hegemonia norte-americana (Amorim, 2022, (online)).

Zhebit (2003) destaca que a multipolaridade é amplamente debatida nas Relações Internacionais. Para os realistas, o multipolarismo constitui o cerne do equilíbrio de poder, conforme posteriormente proposto por Kenneth Waltz. Já para os idealistas, é o bojo da instabilidade do sistema internacional, originando crises políticas e guerras.

Portanto, neste período pós-Guerra Fria, houve uma indefinição das características da ordem mundial em vigor. No entanto, alguns indicativos sugerem uma transição em direção a uma ordem mundial multipolar. Se, após a queda da União Soviética, os Estados Unidos exerceram o poder de forma unipolar, e agora estamos caminhando rumo à multipolaridade, isso indica que essas duas configurações de poder não se transformam instantaneamente, mas são resultado de um processo. Esse processo intermediário se caracteriza um período que é denominado de uni-multipolaridade.

A uni-multipolaridade, proposta por Samuel Huntington, envolve a ideia de uma estrutura de poder composta por uma grande superpotência e outras potências, não se enquadrando completamente na unipolaridade absoluta, mas também não adotando plenamente a multipolaridade (Bezerra, 2016). Essa abordagem sugere um processo de transição de poderes em curso.

A estrutura de poder desse modelo é composta por quatro níveis. O primeiro é ocupado pela superpotência, que é a única com a real capacidade de resolver questões internacionais, como é o caso dos Estados Unidos atualmente. No segundo nível, encontram-se as potências regionais, que desempenham um papel crucial em suas respectivas regiões. Podemos citar exemplos como alguns BRICS, a Turquia, o Irã e a União Europeia. As potências de terceiro nível são aquelas com influência regional secundária, possuindo menor poder de influência do que os líderes regionais, como é o caso do México, Argentina e Nigéria. Por fim, no quarto nível, estão os países que não exercem um papel ativo no sistema internacional (Bezerra, 2016).

Nessa perspectiva, conforme destacado por Bezerra (2016), o neorealismo de Kenneth Waltz é precisa em sua tese sobre os equilíbrios de poder. Em outras palavras, na unipolaridade, há um desequilíbrio de poder, e os demais agentes ocupam o vácuo deixado pelo polo de oposição ao atual dominante. Isso sugere que a unipolaridade é um período breve,

provavelmente evoluindo em direção a uma estrutura multipolar. Esse é exatamente o cenário que temos desde 1991.

A partir dessa perspectiva de um mundo verdadeiramente multipolar, as características dos principais atores podem ser diversas. Alguns autores destacam a Índia e a União Europeia entre as três principais potências, enquanto outros incluem o Japão, Brasil, Irã e a Turquia (Bezerra, 2016). No entanto, observamos que, atualmente, o mundo é dominado por três superpotências: Estados Unidos, China e Rússia, conforme indicado por Costa (2015) e Roseira (2023), além de outras potências regionais como Brasil, Índia, Irã, Turquia, Arábia Saudita, Indonésia, Quênia, entre outros.

A Rússia do século XXI tem buscado expandir sua influência em seus antigos territórios e áreas de influência, como o Cáucaso, o Mar Negro, o Báltico e a Europa Oriental. Essa expansão é conduzida por meio de diplomacia, dissuasão e ações militares. No entanto, a Rússia tem direcionado cada vez mais sua atenção para o leste, em direção à Ásia, estabelecendo alianças estratégicas com países como Irã, China e Índia (Costa, 2015). Além disso, o país tem buscado parcerias estratégicas em outras regiões, como Venezuela, Líbia, Mali e República Centro-Africana.

A nova Rússia passou de uma economia essencialmente industrial para uma economia agrário-exportadora. O país se destaca na exportação de gases e metais nobres essenciais para a indústria eletrônica e fabricação de microchips, como paládio, hélio e xenônio. Além disso, a Rússia é um grande produtor e exportador de hidrocarbonetos. Cerca de 60% do mercado interno alemão é abastecido com gás russo, assim como 38% do mercado da União Europeia. O bloco também importa 50% de todo o petróleo russo produzido, e a Rússia é o segundo maior fornecedor de petróleo para a China, ficando apenas atrás da Arábia Saudita (Roseira, 2023). Essas condições colocam a Rússia em uma posição relevante na divisão internacional do trabalho, apesar de sua atual condição agrário-exportadora.

A China, nos últimos 30 anos, se tornou uma potência econômica. Em 1990, o PIB do país era de USD 360 bilhões e, em 2021, estava próximo de USD 17,7 trilhões (Banco Mundial, 2022). A rápida ascensão econômica da China pode ser atribuída à diplomacia exercida em várias regiões do mundo, como Argentina, Angola, Zâmbia, Nicarágua, bem como à "aliança inabalável" e "sem limites" com a Rússia. Acordos comerciais têm impulsionado o país a se tornar o maior exportador global e a investir em infraestrutura, como na Nova Rota da Seda. Além disso, a China tem buscado aumentar sua participação em órgãos multilaterais e de cooperação econômica (Costa, 2015).

A China e a Rússia, após o encontro entre Putin e Xi Jinping às vésperas da abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno, emitiram uma declaração conjunta que fortaleceu a parceria sino-russa e defendeu a promoção de uma nova ordem baseada na multipolaridade.

No entanto, a abordagem da China tem sido agressiva no Sudoeste da Ásia, no Ásia-Pacífico e em relação a seus territórios separatistas. A disputa por áreas marítimas e Zonas Econômicas Exclusivas tem apresentado desafios para a China, enquanto busca superar a influência dos Estados Unidos na região. (Costa, 2015).

Os sinais da multipolaridade são evidentes em diversas esferas socioeconômicas. Isso se reflete no domínio político do sistema internacional, ainda monopolizado pelos Estados Unidos, no protagonismo econômico da União Europeia e nos avanços sociais e tecnológicos alcançados pela China e Índia. Além disso, destaca-se o poder militar significativo demonstrado recentemente por Rússia e Irã.

Dessa forma, a multipolaridade parece ser uma questão de tempo, e a seguir apresentaremos indicadores dessa nova realidade manifestando-se através do esporte, nos resultados obtidos e nos países que organizam megaeventos. Isso configura uma nova espacialização do poder global, totalmente distinta das ordens anteriores.

A Espanha passou por um processo de transição pós-regime de Francisco Franco (1936 – 1975), buscando fortalecer os laços com outros países e reconfigurar sua imagem no imaginário geográfico da opinião pública internacional. O país, anteriormente associado a valores autoritários e antidemocráticos, empreendeu esse esforço de mudança durante a Copa do Mundo de 1982. No entanto, as Olimpíadas foram consideradas a culminação desse projeto, representando a projeção de uma nova Espanha, especialmente através de Barcelona. A cidade destacou-se pela riqueza artística, planejamento urbano notável e promoção das liberdades individuais, consolidando a imagem de uma Espanha transformada.

A primeira tentativa espanhola de sediar os Jogos Olímpicos ocorreu em 1936, seguida por uma nova tentativa conjunta para os Jogos de 1972 por Madrid e Barcelona. A candidatura de Barcelona foi oficializada durante a Copa do Mundo de 1982, impulsionada por esse evento. Além de Barcelona, as candidatas para a edição dos Jogos Olímpicos de 1992 incluíam Paris, representando a França; Brisbane, pela Austrália; Belgrado, pela Iugoslávia; Birmingham, pelo Reino Unido; e Amsterdã, pelos Países Baixos (**Tabela 17**). A eleição ocorreu durante a 91ª sessão do COI e apresentou exclusivamente candidaturas europeias, com exceção de Belgrado, representando o bloco do Leste, sendo todas as demais oriundas da Europa Ocidental.

Tabela 17. Eleições para a sede da XXV Jogos Olímpicos de Verão

Cidade	País	Rodada 1	Rodada 2	Rodada 3
Barcelona	Espanha	29	37	47
Paris	França	19	20	23
Brisbane	Austrália	11	9	10
Belgrado	Iugoslávia	13	11	5
Birmingham	Reino Unido	8	8	-
Amsterdã	Países Baixos	5	-	-

Legenda: **País vencedor**
Fonte: COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL, 1986
Org: O próprio autor

Durante a realização dos Jogos, a União Soviética já não existia mais, e a maioria das ex-repúblicas soviéticas competiram sob uma bandeira neutra, formando a Equipe Unificada, que ocupou a primeira posição no quadro de medalhas. Isso indica que, apesar do colapso do modelo soviético, o esporte ainda desempenhava um papel significativo no *soft power* da nova Rússia.

Os Jogos de Barcelona transformaram o modelo de realização das Olimpíadas. Embora baseados no investimento privado, semelhante ao ocorrido em Los Angeles em 1984, buscaram reconsiderar a produção do espaço urbano. Isso resultou em um legado não apenas esportivo, mas também urbanístico para a cidade. No entanto, essa abordagem implica na apropriação do capital privado em áreas que, anteriormente em grande parte, eram de responsabilidade do setor público, e acabam sendo afetadas pelos movimentos especulativos no território. A partir desse período, observou-se a completa adoção do capital privado como parte integral dos Jogos Olímpicos, tornando-se um critério a ser seguido por países interessados em sediar o evento.

Durante a década de 1990, a influência unipolar exercida pelos Estados Unidos refletiu-se também no campo esportivo. O país sediou os Jogos Olímpicos de 1996 e a inédita Copa do Mundo Masculina de 1994, enquanto os países que anteriormente estavam atrás da chamada “cortina de ferro”²⁶ ficaram excluídos do calendário dos jogos internacionais.

²⁶ A Cortina de Ferro foi uma metáfora que simbolizou a divisão ideopolítica da Europa durante a Guerra Fria. Essa divisão era representada por uma série de barreiras físicas e ideopolíticas, marcando um período de intensa rivalidade e tensão entre os blocos oriental e ocidental. Ela separava as nações comunistas lideradas pela União Soviética, no Leste, das nações capitalistas lideradas pelos Estados Unidos, no Oeste. A queda da Cortina de Ferro em 1989 é simbolizada pelo colapso do Muro de Berlim e representou o fim do comunismo na Europa Oriental e o encerramento da Guerra Fria.

A ideia de uma Copa do Mundo no Estados Unidos era vislumbrada pela FIFA pois seria a entrada do futebol no maior mercado consumidor do mundo e que possui pouco apego com o futebol. Por outro lado, seria a primeira vez que o país sediaria este evento, seria uma oportunidade de expandir sua influência sem a rivalidade dos países do Leste. Esta edição é atual recordista em público, com mais de 3,5 milhões de pessoas nos estádios.

As cidades candidatas para edição foram: Atenas, representada pela Grécia, Toronto pelo Canadá, Melbourne pela Austrália, Manchester pelo Reino Unido e Belgrado pela Iugoslávia e a vencedora, Atlanta pelo Estados Unidos (**Tabela 18**).

Tabela 18. Eleições para a sede da XXVI Jogos Olímpicos de Verão

Cidade	País	Rodada 1	Rodada 2	Rodada 3	Rodada 4	Rodada 5
Atlanta	Estados Unidos	19	20	26	34	51
Atenas	Grécia	23	23	26	30	35
Toronto	Canadá	14	17	18	22	-
Melbourne	Austrália	12	21	16	-	-
Manchester	Reino Unido	11	5	-	-	-
Belgrado	Iugoslávia	7	-	-	-	-

Legenda: **País vencedor**
Fonte: COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL, 1990
Org: O próprio autor

As Olimpíadas de 1996 seriam a edição centenária da era moderna, e, por isso, a Grécia, com seu legado olímpico, era considerada a grande favorita. Até a terceira rodada de votações, Atenas liderou o processo de escolha. No entanto, nas rodadas seguintes, e após a transferência dos votos de Melbourne e Toronto, que também eram candidaturas robustas, Atlanta emergiu como a vencedora. A decisão em favor de Atlanta, durante a 96ª sessão do COI, foi surpreendente e gerou críticas contundentes ao COI, com acusações de que o comitê da cidade teria utilizado sua influência e poder econômico na argumentação. Além disso, o fato de Atlanta ser a sede do maior parceiro do COI, a Coca-Cola, e a influência do canal CNN foram apontados como fatores decisivos na escolha da cidade.

Em 1998, a Copa do Mundo Masculina retornou à França, país que nunca havia conquistado o título mundial. A seleção nacional despertou o apoio de grande parte da sociedade francesa devido à sua diversidade étnica e multirracial, refletindo assim a composição da sociedade francesa. Por essa razão, a equipe ganhou o apelido de "BBB": *black, blanc et beur* (Freitas, 2018).

Dos 22 campeões mundiais em 1998, 14 tinham origem estrangeira de diferentes partes do mundo. Havia os nascidos em antigas colônias como Lilian Thuram, Christian Karembeue Patrick Vieira e os membros da segunda geração de imigrantes, como Zinedine Zidane, Thierry Henry, Youri Djorkaeff, Bernard Lama, Bernard Diomède, Alain Boghossian, David Trezeguet, Bixente Lizarazu, Robert Pires e Vicent Candela, além de Marcel Desailly que nasceu em Gana e se naturalizou (Freitas, 2018, p. 59).

A vitória da seleção francesa, “impactou o país de uma forma jamais vista em decorrência de um evento esportivo (Freitas, 2018, p. 58)”, desencadeando uma onda de celebrações sem precedentes no país, sendo a maior desde a libertação da ocupação alemã em 1944. Aproximadamente um milhão de pessoas se dirigiram à famosa avenida Champs-Élysées, em Paris. Durante as comemorações “(...) era possível avistar também bandeiras dos países das antigas colônias, representadas no time nacional pelos filhos da imigração (Freitas, 2018, p. 58)”, demonstrando que a conquista da Copa do Mundo contribuiu na difusão de novos valores nacionais (Freitas, 2018).

Para as Olimpíadas de 2000, havia cinco candidaturas: Pequim, representando a China, em sua primeira tentativa; Manchester, pelo Reino Unido; Berlim, pela Alemanha; Istambul, pela Turquia; e Sydney, pela Austrália (**Tabela 19**).

Tabela 19. Eleições para a sede da XXVII Jogos Olímpicos de Verão

Cidade	País	Rodada 1	Rodada 2	Rodada 3	Rodada 4
Sydney	Austrália	30	30	37	45
Pequim	China	32	37	40	43
Manchester	Reino Unido	11	13	11	-
Berlim	Alemanha	9	0	-	-
Istambul	Turquia	7	-	-	-

Legenda: **País vencedor**
Fonte: COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL, 1993
Org: O próprio autor

A votação ocorreu durante a 101ª sessão do COI em Monte Carlo. Pequim liderou nas três primeiras rodadas; no entanto, segundo Soares, Azevedo e Vargas (2023), a reviravolta no placar foi atribuída a uma campanha negativa conduzida pelos Estados Unidos devido aos acontecimentos na Praça da Paz Celestial, resultando na escolha da Austrália como sede dos Jogos Olímpicos. Outro país que se destacou na votação foi a Turquia, iniciando seu processo de candidatura para megaeventos.

A partir de 2000, é possível observar que a ordem internacional continua predominantemente unipolar, mas está caminhando em direção à multipolaridade. Em 2000, a candidatura de Pequim avançou para a fase final, enquanto Brasília desistiu durante a candidatura. Na edição seguinte, Buenos Aires foi eliminada na primeira rodada, e a Cidade do Cabo chegou até a terceira rodada. Outras cidades dos BRICS também se propuseram a organizar o evento, como Rio de Janeiro e São Petersburgo. Em 2001, a China foi escolhida como sede para os Jogos de 2008. Durante todo esse período, podemos identificar a forte presença dos BRICS na agenda dos jogos internacionais.

Em 2002, a Copa do Mundo Masculina deixou o eixo Europa-América e foi realizada na Ásia, na República da Coreia e no Japão. Na edição seguinte, realizada na Alemanha, mesmo sendo um país central, foi a primeira vez que a Copa do Mundo Masculina ocorreu em um país que fez parte da antiga “cortina de ferro”. Além disso, o país buscava superar as memórias dos megaeventos associados ao nazismo e ao terrorismo em 1972.

O término da Copa de 2006 na Alemanha significou, ao mesmo tempo, o final de um período de quatro semanas de pura euforia, numa dimensão que dificilmente alguém teria esperado. A satisfação dos alemães com sua seleção nacional e com a vivência em casa de um megaevento foi acompanhada com um inquestionável modo de lidar com as cores nacionais, numa dimensão que não se via mais desde a reunificação do país. Podemos afirmar que a Copa de 2006 foi mais do que um mero megaevento festivo, cuja dinâmica teria sido impulsionada pelo futebol enquanto esporte de massa e arrastado amplas camadas da população. Durante a Copa, estabeleceu-se uma transformação no modo de se lidar com a “Nação”, numa espécie de “novo patriotismo” (*neuer Patriotismus*) (...) Fato é que a adesão de amplas camadas da população alemã ao “novo patriotismo” e as proporções que a euforia atingiu durante a Copa de 2006 surpreenderam, de modo positivo, os políticos, a mídia e diversos segmentos da vida cultural no país (Cornelsen, 2012, p. 95).

As Olimpíadas de 2004, mais uma vez, contavam com cinco candidaturas: Roma, representando a Itália; Cidade do Cabo, pela África do Sul; Estocolmo, pela Suécia; e Buenos Aires, pela Argentina (**Tabela 20**). A votação foi em 1996, durante a 106ª sessão do COI.

Tabela 20. Eleições para a sede da XXVIII Jogos Olímpicos de Verão

Cidade	País	Rodada 1	Rodada 2	Rodada 3	Rodada 4
Atenas	Grécia	32	38	52	66
Roma	Itália	23	28	35	41
Cidade do Cabo	África do Sul	16	22	20	-
Estocolmo	Suécia	20	19	-	-
Buenos Aires	Argentina	16	44	-	-

Legenda: **País vencedor**
Fonte: COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL, 2023
Org: O próprio autor

Essa edição foi a primeira a apresentar uma configuração de candidaturas totalmente diferente das anteriores, com três candidaturas europeias, uma africana e uma sul-americana. No entanto, havia um sentimento generalizado de que Atenas deveria ser escolhida como sede, considerando uma reparação histórica em relação aos Jogos de 1996.

A decisão do país anfitrião das Olimpíadas de 2008 ocorreu em 13 de julho de 2001, durante a 112ª sessão do COI em Moscou. Cinco cidades chegaram às rodadas de votação: Pequim representada pela China, Toronto pelo Canadá, Paris pela França, Istambul pela Turquia e Osaka pelo Japão (**Tabela 21**). Pequim venceu as duas rodadas com uma vantagem significativa, garantindo o direito de sediar os Jogos Olímpicos de 2008.

Tabela 21. Eleições para a sede da XXIX Jogos Olímpicos de Verão

Cidade	País	Rodada 1	Rodada 2
Pequim	China	44	56
Toronto	Canadá	20	22
Paris	França	15	18
Istambul	Turquia	17	9
Osaka	Japão	6	-

Legenda: **País vencedor**
Fonte: COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL, 2018
Org: O próprio autor

Nos aprofundaremos nos Jogos Olímpicos e na Copa do Mundo nos BRICS no próximo capítulo; no entanto, esta edição foi fundamental para introduzir a China como uma nova potência global. A candidatura chinesa venceu a candidatura do rival regional, o Japão, assim como de outra liderança regional, a Turquia, e de dois países que se configuram entre as maiores economias mundiais. Isso demonstra o poder de persuasão da China no contexto internacional.

Por dez anos, os BRICS estiveram em evidência global na agência esportiva, de 2008 até 2022. A Olimpíada da China, realizada em Pequim em 2008, marcou a entrada do país no cenário internacional de maneira impactante e a introdução dos BRICS na agenda internacional. O país buscou se apresentar ao mundo como uma potência emergente, exibindo seu poderio econômico, tecnológico e cultural.

Essa edição quebrou a hegemonia estadunidense na liderança do quadro de medalhas, o que não aconteceu desde 1996 e que possui grande significado simbólico, como demonstra Uvinha (2009):

O projeto esportivo maior de ganhar os Jogos Olímpicos “em casa”, derrotando os principais adversários norte-americanos e europeus foi atingido, provando para o mundo uma superioridade não somente econômica, mas também esportiva (Uvinha, 2009, p. 123).

Em 2010, a Copa do Mundo finalmente chegou ao continente africano, consolidando um projeto de união, unificação da nação, integração regional e reinserção política no cenário internacional, iniciado na Copa do Mundo de Rugby em 1995 (Reis; Teixeira, 2018). Em 2014 e 2016, o Brasil “(...) foi o primeiro país do chamado Terceiro Mundo a sediar, de forma consecutiva, os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo (Rocha, 2019, p. 339).

A votação para as Olimpíadas de 2016 ocorreu durante a 121ª sessão do COI em Copenhague, Dinamarca, e contou com quatro candidaturas: Madrid, representando a Espanha; Tóquio, representando o Japão; Chicago, pelos Estados Unidos; e o Rio de Janeiro, pelo Brasil (**Tabela 22**).

Tabela 22. Eleições para a sede do XXXI Jogos Olímpicos de Verão

Cidade	País	Rodada 1	Rodada 2	Rodada 3
Rio de Janeiro	Brasil	26	46	66
Madrid	Espanha	28	29	32
Tóquio	Japão	22	20	-
Chicago	Estados Unidos	18	-	-

Legenda: **País vencedor**
Fonte: COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL, 2018
Org: O próprio autor

A espacialização dessas propostas abrange quatro regiões distintas, apresentando maior pluralidade regional, com Ásia, Europa Ocidental, América do Norte e do Sul. Isso demonstra que a transição da unipolaridade para a multipolaridade já se manifestava entre as concorrentes para esta edição olímpica. Além disso, o Brasil foi o primeiro país do hemisfério sul a sediar os Jogos Olímpicos e o primeiro sul-americano a receber a Copa do Mundo Masculina desde 1978, evidenciando os esforços do Brasil em busca de protagonismo global.

A Rússia seguiu um caminho semelhante ao do Brasil, realizando as Olimpíadas de Inverno em Sochi em 2014 e a Copa do Mundo Masculina em 2018. O país não sediava um megaevento desde 1980, marcando um movimento de reerguimento após o declínio da URSS. Por fim, a China organizou mais uma vez as Olimpíadas, dessa vez de Inverno em 2022.

Nesse período, apenas os Jogos Olímpicos de Verão em Londres de 2012 e os de Inverno na República da Coreia de 2018, assim como Tóquio em 2021, não foram em países do BRICS. A Copa do Mundo Masculina de 2022, apesar do Catar não ser BRICS, é um dos que compõem o Sul-global e buscava a inserção dos países árabes no calendário esportivo.

A edição dos Jogos Olímpicos de 2012 foi decidida em 2005, em Singapura, durante a 117ª sessão do COI, contando com cinco candidaturas: Londres, representando o Reino Unido;

Tabela 23. Eleições para a sede do XXX Jogos Olímpicos de Verão

Cidade	País	Rodada 1	Rodada 2	Rodada 3	Rodada 4
Londres	Reino Unido	22	27	39	54
Paris	França	21	25	33	50
Madrid	Espanha	20	32	31	-
Nova Iorque	Estados Unidos	19	16	-	-
Moscou	Rússia	15	-	-	-

Legenda: **País vencedor**
Fonte: COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL, 2018
Org: O próprio autor

Paris, pela França; Madrid, pela Espanha; Nova Iorque, pelos Estados Unidos; e Moscou, pela Rússia (**Tabela 23**).

Esta edição conta com quatro candidaturas europeias, das quais três são ocidentais: Londres, Paris e Madrid, uma oriental: Moscou; e uma americana com Nova Iorque. A Rússia alcançou as rodadas de votações pela primeira vez nesta nova ordem, mas foi eliminada na primeira rodada, as demais candidaturas eram consideradas boas e não havia favoritismos.

A partir da década de 2000, questionamentos sobre o legado olímpico e o modelo de Barcelona, replicado em outras sedes, influenciaram a opinião pública a desencorajar seus países de se candidatarem para sediar megaeventos, especialmente na Europa. Podemos observar que a edição de 2012 foi a última a contar com mais de quatro candidaturas, o que pode estar relacionado a esses fatores.

A edição de 2020 contou apenas com três candidaturas: Istambul, representando a Turquia; Madrid, pela Espanha; e a candidatura vencedora, Tóquio, pelo Japão (**Tabela 24**), durante a 125ª sessão do COI em 2013, em Buenos Aires.

Tabela 24. Eleições para a sede do XXXII Jogos Olímpicos de Verão

Cidade	País	Rodada 1	Rodada 2
Tóquio	Japão	42	60
Istambul	Turquia	26	36
Madrid	Espanha	26	-

Legenda: **País vencedor**
Fonte: COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL, 2018
Org: O próprio autor

A candidatura de Madrid foi eliminada na primeira rodada e na rodada final Tóquio venceu Istambul. Essa edição seria realizada em 2020, contudo a pandemia do novo coronavírus adiou que os Jogos fossem em 2021, ainda em meio a pandemia e sem público.

Para as candidaturas de 2024, foram apresentadas duas propostas em 2015: Paris, representando a França, e Los Angeles, pelos Estados Unidos. Outras duas candidaturas, Hamburgo, na Alemanha, e Budapeste, na Hungria, manifestaram interesse, mas o forte apelo popular contra a realização dos Jogos levou esses países a desistirem da proposta. Além disso, Roma também desistiu devido aos elevados custos para sediar uma Olimpíada.

A candidatura de Paris chegou a anunciar uma carta com o apoio de mais de cinquenta países (França, 2018), e diante da escassez de candidaturas, o COI anunciou Paris como sede para 2024, em celebração ao centenário da última edição dos Jogos Olímpicos organizados na

cidade, e Los Angeles como sede para 2028, na 130ª sessão do COI em Lima, Peru (Comitê Olímpico Internacional, 2022).

A candidatura para os Jogos Olímpicos de 2032 seguiu um caminho semelhante. A cidade de Brisbane, Austrália, foi a única candidatura, e houve apenas uma votação que perguntava se a cidade seria aprovada ou não. A votação contou com 77 votos válidos, e 72 foram favoráveis (Comitê Olímpico Internacional, 2022).

Nessa nova ordem, os resultados dos Jogos Olímpicos ainda possuem um forte simbolismo no desenvolvimento das nações, e as três melhores posições foram ocupadas predominantemente por apenas quatro países: Estados Unidos, Rússia, China, Grã-Bretanha, Alemanha e Japão (**Quadro 5**).

Quadro 5. Primeiros colocados dos Jogos Olímpicos de 1992 a 2021

Ano	1º	2º	3º
1992	Equipe Unificada	Estados Unidos	Alemanha
1996	Estados Unidos	Rússia	Alemanha
2000	Estados Unidos	Rússia	China
2004	Estados Unidos	China	Rússia
2008	China	Estados Unidos	Rússia
2012	Estados Unidos	China	Grã-Bretanha
2016	Estados Unidos	Grã-Bretanha	China
2021	Estados Unidos	China	Japão

Legenda: **País sede**
Fonte: COI, 2023
Org: O próprio autor

O Japão só figurou nas Olimpíadas em casa, em 2021. A Alemanha, fortalecida pela união de suas partes Oriental e Ocidental, alcançou a terceira colocação em 1992 e 1996, sendo uma presença constante entre as cinco primeiras posições. A Rússia manteve a tradição soviética de forte investimento em esportes, conquistando a primeira posição em 1992 sob bandeira neutra e permanecendo entre as três melhores até 2008. A China apareceu entre as três melhores em 2000 e nunca mais deixou essa posição, tornando-se a primeira colocada na edição em que foi anfitriã. Por fim, os Estados Unidos lideraram todas as edições, com exceção de 1992 e 2008.

Na perspectiva dos resultados, a uni-multipolaridade pode ser observada pela predominância dos Estados Unidos e sua frequente ocupação da primeira posição, uma dinâmica que não ocorreu em nenhum período anterior. A China emerge como um grande rival

em potencial, enquanto outros atores disputam a terceira posição. Essa distribuição de destaque destaca a competição entre as potências e a multipolaridade relativa no cenário olímpico.

O processo de escolha da sede da Copa do Mundo de 2022, que foi concedida ao Catar, foi realizado em conjunto com a escolha da Rússia para sediar o torneio em 2018. Essa decisão causou descontentamento entre ingleses e estadunidenses, que eram os principais interessados nessas edições. Posteriormente, o ex-presidente da FIFA, Joseph Blatter, afirmou que originalmente a escolha seria a Rússia para 2018 e os Estados Unidos para 2022, como um gesto de reconciliação entre países rivais. Contudo, dias antes da votação, uma intervenção do governo francês influenciou a mudança nas votações (Globo Esporte, 2022).

Blatter acusou Michael Platini, ex-presidente da UEFA, com a participação de Nicolas Sarkozy, ex-presidente francês, de articularem a mudança de cenário. A França, visando se aproximar dos países do Golfo Pérsico, teria firmado um acordo militar bilateral com o Catar, supostamente incluindo a venda de 24 caças Rafale por EUR 7,05 bilhões (France 24, 2015) e outros produtos. Segundo Blatter, Sarkozy teria instruído Platini a utilizar sua posição no comitê executivo da FIFA para articular a mudança de voto dos Estados Unidos para o Catar (Espn, 2019).

A cúpula estadunidense ficou indignada com a perda, considerando todo o favoritismo, para o Catar. Os franceses, em retaliação, não votaram na candidatura estadunidense para a edição de 2026. Essa disputa política teve reflexos no campo geopolítico quando os franceses foram ultrapassados pelos seus aliados ingleses e estadunidenses no fornecimento de submarinos aos australianos, concretizando o acordo AUKUS.

Além disso, a FIFA também foi fortemente impactada anos mais tarde, quando diversos membros da organização foram presos nos Estados Unidos. Essa operação incluiu grande parte daqueles que compunham o Comitê Executivo da FIFA, responsável por escolher as sedes das Copas do Mundo até essa edição. Esse episódio resultou na destruição da reputação e imagem da FIFA.

Após essa edição, o sistema de votação para a escolha da sede da Copa do Mundo foi modificado. Agora, a decisão não é mais tomada pelo Comitê Executivo, mas por maioria simples de todos os países membros. Essa alteração introduz a dinâmica das relações de poder do sistema internacional na escolha da Copa do Mundo. Embora essa influência já existisse anteriormente, nesse novo contexto, os chefes de Estado podem exercer uma influência mais direta nessa votação.

Inclusive, Donald Trump, em seu Twitter – atual X, ameaçou que países que não votassem na candidatura estadunidense para a Copa do Mundo de 2026 seriam penalizados em questões dentro das Nações Unidas (Pitoco Da Silva, 2023).

A votação aconteceu durante o Congresso Ordinário da FIFA, em 2018, em Moscou e contou a candidatura tripla da América do Norte e o Marrocos (**Tabela 25**).

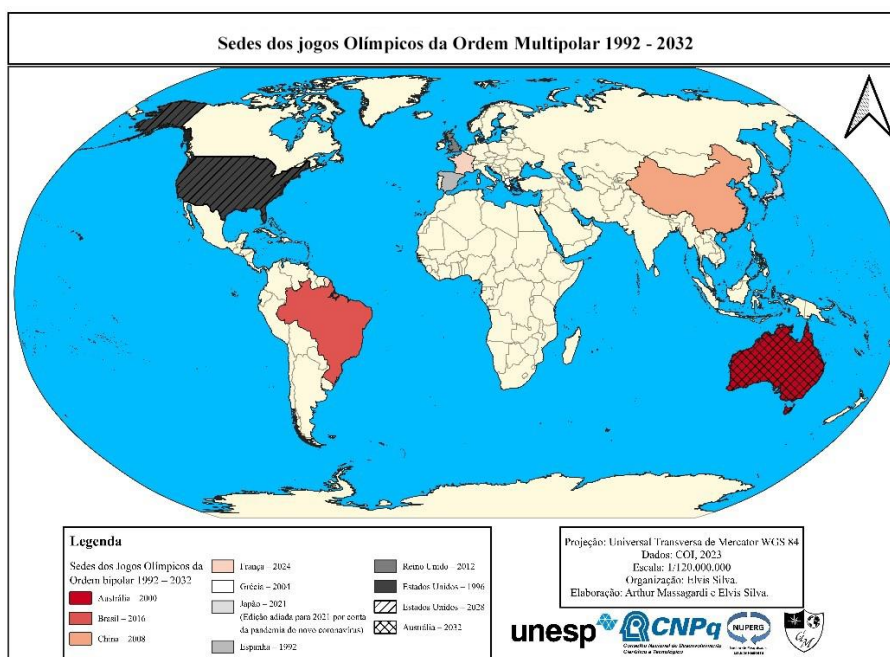
Tabela 25. Eleição para a XXIII Copa do Mundo de Futebol Masculino

País	Rodada Única
México, Estados Unidos e Canadá	134
Marrocos	65

Legenda: **País vencedor**
Fonte: FIFA, 2018
Org: O próprio autor

A candidatura da América do Norte venceu por 134 votos a 65 e será a sede da Copa do Mundo de 2026. A candidatura para a edição de 2030 será detalhada no próximo capítulo, mas havia duas propostas sul-americanas: uma composta por Argentina, Uruguai, Chile e Paraguai e outra ibérica, formada por Portugal, Espanha e Marrocos, com a vitória desta última.

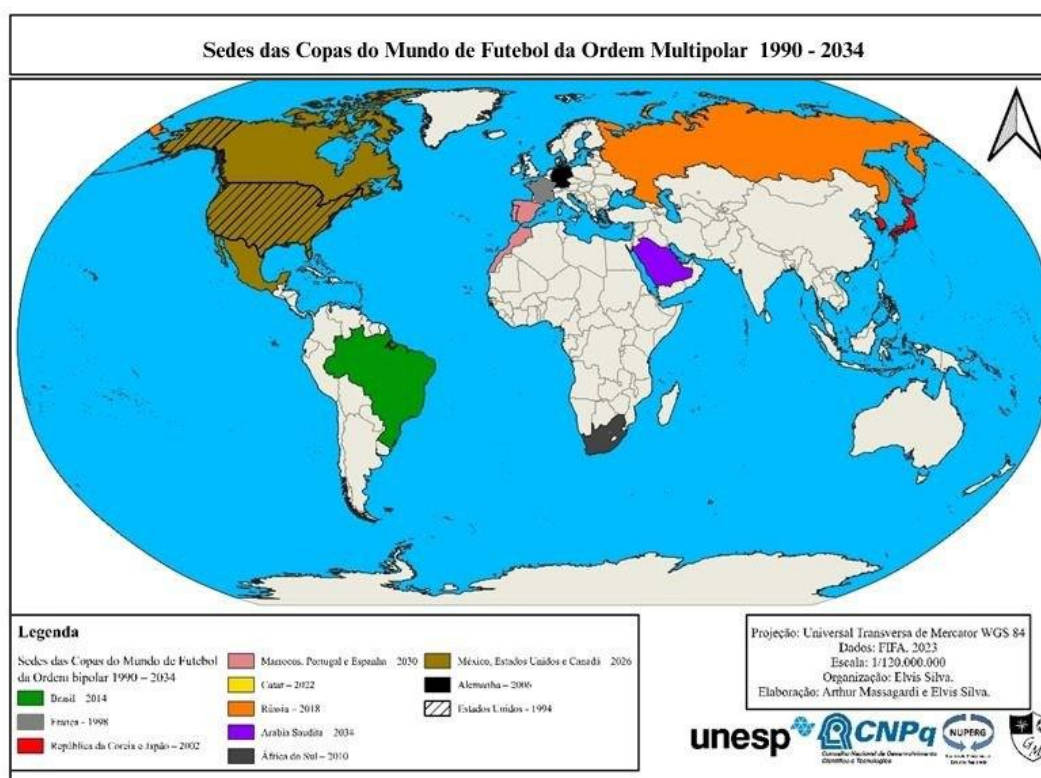
Mapa 9. Sedes dos Jogos Olímpicos da Ordem Multipolar 1992 – 2032



Nessa ordem multipolar, os Jogos Olímpicos foram realizados em onze países: Brasil, China, França, Grécia, Japão, Espanha, Reino Unido, Estados Unidos e Austrália, sendo que estes dois últimos hospedaram o evento em duas ocasiões. **(Mapa 9)**.

A espacialização dos Jogos Olímpicos neste período apresenta um padrão diferente dos períodos anteriores. Nas ordens de estabelecimento, no período entre guerras e na ordem bipolar, os Jogos estavam concentrados na Europa Ocidental. No entanto, na atual ordem multipolar, observamos uma maior diversidade de regiões, com a inclusão da América Latina pelo Brasil e da Ásia pela China. Das treze edições ocorridas durante esse período, apenas quatro foram sediadas na Europa, enquanto as demais foram distribuídas pelos demais continentes. Vale ressaltar a ausência de qualquer edição dos Jogos Olímpicos no continente africano.

Mapa 10. Sedes das Copas do Mundo de Futebol da Ordem bipolar 1990 – 2034



A Copa do Mundo de Futebol Masculino teve doze sedes nessa nova ordem: Brasil; França; República da Coreia e Japão; Marrocos; Portugal e Espanha; Catar; Rússia; Arábia Saudita; África do Sul; Alemanha; México, Canadá e Estados Unidos, este último em duas oportunidades **(Mapa 10)**.

A distribuição geográfica da Copa do Mundo de Futebol na era multipolar foi singular. Nos períodos anteriores, estava predominantemente concentrada no eixo UEFA–CONMEBOL. No entanto, nesta nova ordem, o torneio foi realizado nos Estados Unidos, um destino inédito, teve três edições na Ásia, explorando territórios antes não visitados, inclusive com duas nações do Golfo Pérsico: Catar e Arábia Saudita. Além disso, a competição chegou à África em 2010 e retornará em 2026. Do ponto de vista civilizacional, a Copa do Mundo alcançou o Ocidente, os países latinos, ibéricos, árabes, eslavos, entre outros povos. O único território não visitado foi a Oceania, onde o futebol ainda é pouco popular.

Após apresentar o cenário delineado nas diferentes ordens, aprofundaremos os megaeventos organizados pelos BRICS no próximo capítulo.

3. OS BRICS E A NOVA ORDEM MULTIPOLAR

Este capítulo tem como objetivo discutir o papel dos megaeventos como instrumentos de poder dos BRICS nessa nova ordem multipolar.

O conceito de BRIC foi desenvolvido, em 2001, pelo economista Jim O'Neil em um dos seus relatórios publicados pelo Goldman Sachs, quando descreveu que Brasil, Rússia, Índia e China, eram países com alto potencial econômico. O acrônimo ganhou destaque e a sua concepção, de fato pelos países, foi em 2006, o crescimento da África do Sul foi em 2009, consolidando o BRICS.

O potencial desses países, pode ser observado através dos seus índices socioeconômicos (**Tabela 26**), que em conjunto agregam 25% do PIB global e aproximadamente 15% das participações em exportações e importações globais, além do mercado produtor e consumidor de mais de 3 bilhões de pessoas.

Tabela 26. Indicadores Socioeconômicos dos BRICS

Países-membros	Brasil, China, Índia, Rússia e África do Sul
PIB (Produto Interno Bruto)	USD 24,719 Trilhões
% Participação no PIB mundial	25,61%
População	3,178 bilhões de habitantes
% Participação na população mundial	41,50%
Exportações totais	USD 4,021 Trilhões
% Participação nas exportações mundiais	16,20%
Importações totais	USD 3,80 Trilhões
% Participação nas importações mundiais	15,60%
Saldo comercial	USD 503 Bilhões

Fonte: Banco Mundial, 2023.

Outros índices evidenciam a relevância que os BRICS ganharam na ordem pós-guerra fria. Em 1990, o PIB acumulado dos BRICS era próximo de USD 1.7 trilhão, após dez anos alcançou USD 12 trilhões e em 2021 chegou em USD 24.7 trilhões. O bloco possuía uma parcela agregada do PIB global em 1990 de 7,7%, com ligeira subida em 2000 para 8,1%, porém é possível observar considerável crescimento a partir de 2010, com 18% e de 25,61% em 2021 (**Tabela 27**).

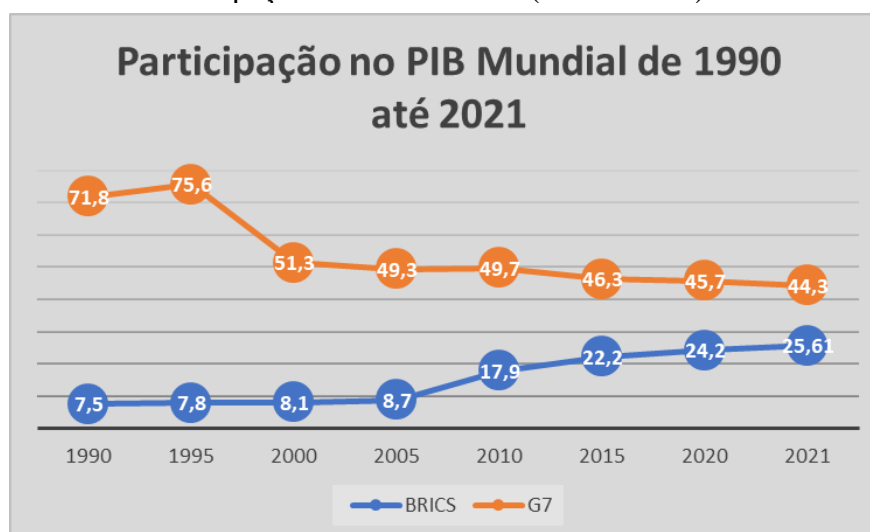
Tabela 27. Produto Interno Bruto (PIB) dos BRICS de 1990 até 2022

BRICS	1990		1995		2000		2005		2010		2015		2020		2021	
	PIB em milhão de USD	Parcela do PIB Mundial [%]	PIB em milhão de USD	Parcela do PIB Mundial [%]	PIB em milhão de USD	Parcela do PIB Mundial [%]	PIB em milhão de USD	Parcela do PIB Mundial [%]	PIB em milhão de USD	Parcela do PIB Mundial [%]	PIB em milhão de USD	Parcela do PIB Mundial [%]	PIB em milhão de USD	Parcela do PIB Mundial [%]	PIB em milhão de USD	Parcela do PIB Mundial [%]
Brasil	390,7	1,7	769,3	2,5	655,5	1,9	891,6	1,5	2.210	3,3	1.800	2,4	1.450	1,7	1.610	1,7
Rússia	516,8	2,3	395,5	1,3	259,7	0,8	764,0	1,3	1.520	2,3	1.360	1,8	1.490	1,8	1.780	1,8
Índia	321,0	1,4	360,3	1,2	468,4	1,4	820,4	1,4	1.680	2,5	2.100	2,8	2.670	3,1	3.180	3,3
China	360,9	1,6	734,6	2,4	1.210	3,6	2.290	4,0	6.090	9,1	11.060	14,7	14.690	17,3	17.730	18,4
África do Sul	126,1	0,6	171,7	0,6	151,8	0,4	288,9	0,5	417,4	0,6	346,7	0,5	337,6	0,4	419,0	0,4
Total	1.715	7,5	2.431	7,8	2.745	8,1	5.055	8,7	11.917	17,9	16.667	22,2	20.638	24,2	24.719	25,61
Mundo	22.780	100	31.050	100	33.840	100	57.780	100	66.610	100	75.190	100	85.110	100	96.510	100

Fonte: Banco Mundial, 2021.

A participação do Brasil no PIB global em 1990 era de 1,7%. Ela atingiu seu ponto mais alto em 2010, com 3,3%, e retornou a 1,7% em 2021. A economia russa foi fortemente impactada pela dissolução do Estado soviético, o que é evidente na queda da sua participação para 0,8% em 2000. No entanto, houve uma recuperação do crescimento que se aproxima dos níveis do início dos anos 1990. A participação da Índia se manteve constante durante as décadas de 1990 e 2000, mas expande fortemente na década de 2010, alcançando 3,3% em 2021. A participação da África do Sul permaneceu estável em cerca de meio ponto percentual durante o período. Por fim, a participação mais expressiva é a da China, que aumentou de 1,6% para 9% em 2010 e atingiu 18% em 2021 (**Tabela 26**).

Durante a nova ordem pós-guerra fria, se compararmos as participações do mercado global do G7 e dos BRICS (**Gráfico 4**), podemos observar uma queda significativa da participação dos países do G7 na economia global, principalmente após 2000 e a crise de 2008, chegando a 44% em 2021. Os BRICS por outro lado, expandiram consideravelmente após a crise de 2008.

Gráfico 4. Participação no PIB Mundial (1990 - 2023)

Fonte: Banco Mundial, 2022

Org: O próprio autor, 2023

É nesse contexto que os BRICS são inseridos nas agendas globais dos megaeventos. O crescimento econômico desses países, segundo Méndez (2016), é uma justificativa relevante para que a FIFA e o COI organizem megaeventos na periferia do globo. Evidenciando que o aspecto econômico é um dos critérios ser pleiteado. Rocha (2019, p. 338) identifica a raiz econômica, da crise de 2008, atrelada a inserção dos BRICS nos megaeventos.

A crise econômica de 2008 trouxe consigo uma série de contestações à ordem capitalista internacional. Em 2011, a criação do bloco BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) foi a consolidação de um projeto do Sul, que visava a criar um bloco coeso, capaz de fazer frente à União Europeia e aos Estados Unidos. Uma das estratégias deste grupo foi atuar na esfera pública internacional tendo a *diplomacia esportiva* como um dos pilares para difundir sua marca no plano global. Neste sentido é que se compreende, em um curto espaço de tempo, a realização dos Jogos Olímpicos de Verão em Pequim (2008), da Copa do Mundo na África do Sul (2010), dos Jogos Olímpicos de Inverno em Sochi (2014), e até mesmo, mais recente, do Mundial sub-17 na Índia (2017) (Rocha, 2019, p. 338).

Desde o seu surgimento, os BRICS foram alvo de desconfiança e ceticismo por ancorar sua estratégia nos aspectos econômicos, que constituíram a grande força motriz do bloco. Na década de 2010, o Brasil, a Índia e a África do Sul enfrentaram intensas crises econômicas, precedidas por crises políticas, resultando na desarticulação da coalizão BRICS. Esse cenário persistiu até a pandemia do novo coronavírus, quando a Geopolítica das vacinas privilegiou o Norte-Global. A intensificação do conflito russo-ucraniano também desempenhou um papel significativo, evidenciando que a atual divisão internacional era insuficiente em um contexto multipolar. Esses acontecimentos foram determinantes para o renascimento dos BRICS como um projeto político do Sul-Global.

Na XV cúpula em 2023, os BRICS revelaram seus planos de expansão ao convidar seis novos membros: Argentina, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Etiópia, Irã e Egito. Esta expansão não apenas marca um marco histórico para o próprio bloco, mas também simboliza a confiança do Sul Global em um projeto que os represente perante o Norte Global. Além disso, esse movimento representa uma iniciativa de institucionalização para aqueles que frequentemente são negligenciados pelo sistema financeiro internacional, como a Argentina.

Vamos fazer uma breve digressão sobre dois eventos de extrema relevância para a expansão dos BRICS. O primeiro destaca-se pelo encontro entre Putin e Xi, ocorrido às vésperas dos Jogos Olímpicos de Inverno, que solidificou a aliança sino-russa de maneira abrangente, superando séculos de rivalidade histórica. Essa aliança transcende o mero

entendimento mútuo, caracterizando-se como uma união de antagonismo em relação ao Ocidente.

Hoje, o mundo está passando por mudanças importantes e a humanidade está entrando em uma nova era de rápido desenvolvimento e profunda transformação. É visível o desenvolvimento de processos e fenômenos como multipolaridade, globalização econômica, advento da sociedade da informação, diversidade cultural, transformação da arquitetura de governança global e ordem mundial; há crescente inter-relação e interdependência entre os Estados; surgiu uma tendência para a redistribuição do poder no mundo; e a comunidade internacional mostra uma demanda crescente por lideranças visando um desenvolvimento pacífico e gradual. Ao mesmo tempo, enquanto a pandemia da infecção pelo novo coronavírus continua, a situação de segurança internacional e regional se complica e o número de desafios e ameaças globais cresce a cada dia. Alguns atores que representam apenas uma minoria na escala internacional continuam a defender abordagens unilaterais para abordar questões internacionais e recorrer à força; interferem nos assuntos internos de outros Estados, ferindo seus legítimos direitos e interesses, e incitam contradições, divergências e confrontos, dificultando assim o desenvolvimento e o progresso da humanidade, contra a oposição da comunidade internacional (China e Rússia, 2022, (online)).

A partir da aliança, russos e chineses tomaram a frente a agenda dos BRICS e passaram atuar como os líderes do bloco.

Outro evento crucial foi a iniciativa russa, seguida posteriormente pelos chineses, com o apoio dos iraquianos e omanitas, para promover uma parceria entre rivais históricos, nomeadamente Irã e Arábia Saudita. Esse passo desempenhou um papel fundamental na inclusão conjunta desses dois países na expansão dos BRICS.

Durante a cúpula dos BRICS, quando a Argentina era presidida por Alberto Fernández, o país via a adesão ao grupo como um potencial solução para seus problemas econômicos sistêmicos, que persistiam por três décadas desde a sua financeirização econômica. Diante desse cenário e da ausência de reservas internacionais em dólares americanos, a Argentina recorreu a uma série de empréstimos junto ao FMI (Fundo Monetário Internacional), cujos pagamentos não foram realizados. Isso resultou na falta de confiança e crédito no cenário externo para a Argentina, agravada pela escassez de dólares em suas reservas.

O panorama de dependência de dólares levou a Argentina a considerar a possibilidade de ingressar no BRICS. Um eventual investimento pelo NDB (New Development Bank)²⁷ poderia ser realizado em outra moeda, como o CNY²⁸, ou até mesmo a adoção de uma nova

²⁷ Novo Banco de Desenvolvimento ou Banco dos BRICS.

²⁸ Sigla para o Yuan Chines, de acordo com o ISO 4217.

moeda internacional para transações comerciais como alternativa ao dólar, representando uma saída para o país diante da crise de escassez de dólares.

Por outro lado, o interesse dos BRICS na Argentina é influenciado por diversos fatores. O primeiro deles é a localização sul-americana do país. A China e a Rússia têm uma presença limitada na América do Sul, onde a influência estadunidense é significativa. A considerável dívida bilionária com o FMI (Fundo Monetário Internacional) aumenta a dependência argentina em relação aos Estados Unidos. No entanto, a China tem fortalecido seus laços com a América, seja por meio da Nicarágua ou, mais recentemente, da Argentina após o ingresso do país na Iniciativa Cinturão e Rota.

A localização estratégica da Argentina, próxima ao território antártico e à Passagem de Drake, é um fator correlacionado relevante. Essa posição geográfica confere vantagens estratégicas e econômicas que podem atrair o interesse dos BRICS. Além disso, essa proximidade pode influenciar na composição de mais um aliado para a renovação do próximo Tratado da Antártida, consolidando a presença e influência conjunta dos membros do BRICS, bem como do Sul-Global na região.

Outro fator crucial é o potencial energético da Argentina, especialmente na região ao norte da Patagônia conhecida como "Vaca Muerta" (**Figura 10**).

Figura 10. Localização da Formação Vaca Muerta



Fonte: Argentina, 2023.

Trata-se de uma formação geológica do Jurássico Superior e do Cretáceo Inferior, localizada na Bacia de Neuquén. A Vaca Muerta é uma reserva de hidrocarbonetos descoberta pela antiga Repsol-YPF em 2010, apresentando elevados potenciais energéticos. É a segunda maior reserva de gás não convencional e a quarta maior em recursos de petróleo não convencional no mundo. Mais de trinta empresas estão diretamente envolvidas nessa região (Argentina, 2023). Isso confere à Argentina um enorme potencial para a exploração de óleo e gás de xisto, além de petróleo.

Outro fator energético relevante no caso argentino são as reservas de lítio do país. A Argentina detém aproximadamente 6% das reservas globais desse mineral. Em conjunto com a Bolívia e o Chile, esses três países possuem impressionantes 71% das reservas mundiais de lítio (Rodrigues e Padula, 2017). Essa abundância de lítio posiciona a Argentina como um player estratégico na indústria de baterias e energias renováveis, despertando o interesse dos BRICS, considerando a importância crescente desse recurso no cenário global.

O fato de ser um mineral que se concentra em região de salares faz com que países como Bolívia, com o Salar de Uyuni, Chile, com o Salar de Atacama, e Argentina, com o Salar del Hombre Muerto, estejam situados entre os maiores detentores mundiais de reservas deste recurso, formando o chamado “triângulo do lítio” (Rodrigues e Padula, 2017, p. 200 – 201).

Todavia, a eleição de Javier Milei na Argentina coloca em xeque os interesses dos BRICS no país, uma vez que o futuro presidente afirmou estar ponderando a possibilidade de não aderir ao bloco.

A Arabia Saudita é outro *player* relevante de potencial energético. Atualmente é o país que possui vastas reservas de gás e petróleo, além de estar dentre os maiores produtores de hidrocarbonetos. Essa posição coloca o país como o líder da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), bem como da OPEP+, com voz ativa nas decisões de produção e consequentemente do valor do barril de petróleo.

Assim, o país desempenha um papel fundamental na consolidação do dólar como moeda internacional para transações comerciais. Após o abandono do padrão ouro, os Estados Unidos, visando manter a estabilidade do dólar em um sistema de câmbio flutuante, procuraram assegurar uma demanda contínua para sua moeda por meio do comércio de petróleo, conhecido como “*petrodólar*”.

O acordo implicou um compromisso dos Estados Unidos em assegurar aos países que exportam petróleo que as transações envolvendo o produto seriam efetuadas em dólares americanos. Em contrapartida, essas nações concordaram em reinvestir uma parcela substancial de seus ganhos provenientes do petróleo nos mercados financeiros norte-americanos. Essa dinâmica resultou em uma demanda constante pela moeda americana, consolidando-a como a principal divisa de reserva em âmbito internacional e fortalecendo sua posição nos mercados globais.

Em decorrência desse acordo, o dólar estadunidense assumiu a posição predominante como a principal moeda empregada em transações internacionais envolvendo *commodities*, com destaque especial para o petróleo. Portanto, o dólar não exerce apenas o papel de uma moeda, é uma infraestrutura financeira que garante ao Estados Unidos influência de poder global.

Assim, para dismantelar essa infraestrutura financeira, é crucial contar com a participação dos grandes produtores de petróleo e gás, e é aqui que entram em cena os Emirados Árabes Unidos e o Irã. Sem a coesão dos principais membros da OPEP, a dissolução desse sistema se tornaria uma tarefa impossível, destacando a importância da parceria perso-árabe mencionada acima.

Os Emirados Árabes Unidos são estratégicos devido ao seu potencial energético, mas sua localização no Golfo Pérsico e controle sobre o Estreito de Ormuz acrescentam uma dimensão crucial. Quanto ao Irã, além de compartilhar o controle do Estreito de Ormuz, mantém uma postura contra hegemônica há décadas, enfrentando inúmeras sanções dos Estados Unidos, inclusive a exclusão do sistema de pagamentos SWIFT. Adicionalmente, o país é um significativo produtor de petróleo e gás, destacando-se na indústria militar com a fabricação de drones, mísseis de médio alcance e avanços consideráveis no desenvolvimento nuclear.

O ingresso do Egito e da Etiópia nos BRICS busca conferir representatividade ao continente africano, ao mesmo tempo em que oferece controle sobre dois pontos estratégicos essenciais: o Canal de Suez e o Estreito de Bab al-Mandab. Essas são as principais vias de acesso do Mar Mediterrâneo ao Oceano Índico, atravessando o Chifre da África e alcançando o Mar Árabe.

O convite à Etiópia para integrar os BRICS está relacionado às consideráveis reservas minerais ainda não exploradas no país, incluindo cobre, carvão, potássio, gás natural, entre outros. Esse convite foi resultado de um apelo conjunto da Rússia, China e Índia, que buscam conferir uma representação mais abrangente à África. Esse gesto baseia-se no profundo vínculo histórico e diplomático que a Etiópia mantém, principalmente com os russos. Além disso, a

Etiópia desempenha um papel crucial na União Africana (UA), com sua capital, Adis Abeba, sendo comparada, em certa medida, a Bruxelas na Europa por abrigar a sede da UA.

Outro aspecto simbólico relevante é o fato de a Etiópia ter sido o primeiro país africano a estabelecer laços diplomáticos com os russos. Ao lado da Libéria, ela é uma das poucas nações africanas que escaparam da colonização, à exceção de um breve período de ocupação italiana entre 1936 e 1941, e do domínio dos "libertadores" anglo-americanos de 1941 a 1944. Isso implica que o país sempre manteve, ao menos filosoficamente, a sua soberania, representando um paradigma distante do colonialismo ocidental.

Esses países do Sudoeste da Ásia também são importantes para a expansão do Corredor Económico China-Ásia Central-Occidental da Iniciativa Cinturão e Rota.

Os BRICS já possuem uma composição multicivilizacional, abrangendo latino-americanos, eslavos ortodoxos e chineses. Agora, essa dinâmica é ampliada com a inclusão de mais Estados Civilizacionais, como o Irã e a Etiópia, que se tornam figuras proeminentes. O legado e a história do povo persa finalmente conquistam representatividade, algo que talvez não tenha ocorrido em séculos. Ao mesmo tempo, o povo etíope ganha destaque após décadas de relativo apagamento, enquanto os árabes assumem um protagonismo significativo, representados por três países. É importante destacar a resistência a três países árabes, pelo Primeiro Ministro Modi na Índia, que, tem sua base política nos hindutva, um movimento nacionalista indiano radical predominantemente anti-muçulmano. No entanto, acabou sendo persuadido pelos demais membros dos BRICS devido à importância geoestratégica envolvida.

Em suma, os BRICS transformam a natureza do bloco, passando de uma coalizão predominantemente econômica para uma de cunho geoenergético. Ao considerar duas perspectivas distintas, a da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), que engloba o Irã e os Emirados Árabes, e a da OPEP+, liderada por Rússia e Arábia Saudita, os BRICS alcançam as lideranças dos maiores produtores globais de petróleo e gás, detendo potencialmente mais de 75% desse mercado.

Esta mudança pauta o início da nova estrutura financeira em um mundo multipolar. A formação dessas coalizões implica em fortalecimento das trocas comerciais bilaterais e multilaterais entre os BRICS, e o dólar pode deixar de ser uma opção viável para os membros. Com isso, emerge a necessidade de uma configuração financeira diferente, possivelmente com um novo sistema de pagamentos alternativo ao SWIFT (Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication). Observa-se uma tendência clara em direção à desdolarização, especialmente através da OPEP, com a possibilidade de substituição pelo yuan chinês.

O BRICS+, como discutido anteriormente, não apenas redefine a dinâmica interna do próprio bloco, mas também exerce influência sobre a OPEP e a OPEP+, gradualmente deslocando o dólar das cadeias globais de valor na economia global a médio e longo prazo. Esse processo desencadeia uma transformação profunda e uma transição nos mercados financeiros. Nesse contexto, a OPEP, assim como os investimentos por meio do NDB, se destaca como plataformas fundamentais para a internacionalização do yuan chinês, pavimentando o caminho para a possível implementação de um sistema conhecido como “*petroyuan*”.

Se quando iniciamos esta pesquisa o BRICS ainda era dúvida, hoje o BRICS é um projeto consolidado do Sul-Global. Esta expansão é apenas a primeira de uma leva de outras virão, com fortes candidatos como Belarus e Cazaquistão, Venezuela, Cuba, Indonésia, entre muitos outros.

3.1 OS BRICS NOS MEGAEVENTOS INSERIDOS NO MUNDO MULTIPOLAR.

Após a Guerra Fria, viu-se os riscos das formas militares tradicionais de poder, ou seja, durante esse período o *hard power*, ameaçava a segurança global, principalmente em um contexto de armamento nuclear (Nye, 2011). Após essa conjuntura, nessa nova ordem, entendeu-se que as disputas de poder deviam se dar através de outras esferas que não comprometessem a segurança global, então os megaeventos, que já eram cobiçados pelos países, passaram a ser disputados pelas nações pelo seu potencial de alcance global (Koorep, 2016).

Os megaeventos são produtos de uma construção histórica ocidental, intrinsecamente ligados aos valores da Carta Olímpica, que preconiza princípios como o respeito aos direitos humanos, a democracia, a pureza e a ética, isto é, de valores que são considerados universais. Devido a essas características, alguns países, que podem não gozar de aceitação relativa na comunidade internacional devido a boicotes, divergências políticas ou diferenças culturais, procuram associar a imagem de sua nação aos valores do esporte. Essa estratégia busca moldar uma nova imaginação geográfica na opinião pública global, como foi executado pelo Catar em 2022 e como está sendo planejado pela Arábia Saudita para a Copa de 2034.

Como aponta Grix e Lee (2013):

Those states burdened with unattractive political and social values that impact others' perception of them deriving from, inter alia, particular historical events, human rights issues or poverty appear to have much more to gain from mobilising soft power to (positively) change their image. South Africa (2010 World Cup), China (2008 Olympic Games), India (2010 Commonwealth Games) and, in the future, Qatar (2022 World Cup), are—and will be—bound by the attempt to use sports mega-events to persuade others that (negative) stereotypes about their nations are wrong. (Grix e Lee, 2013, [online]).

Sob essa perspectiva podemos definir que os megaeventos são ferramentas de diplomacia pública, uma vez, que o espetáculo é direcionado a opinião pública internacional.

A comunicação desempenha um papel essencial como instrumento de diplomacia pública, sendo o ponto central para fomentar a atratividade e a legitimidade política no cenário internacional. Uma comunicação malsucedida coloca em xeque a legitimidade do governo e do líder, resultando na perda de confiança tanto interna quanto externamente, enfraquecendo,

assim, o poder desses agentes. A ausência de uma comunicação eficaz impede a plena implementação das estratégias de *soft power*, uma vez que a falta de legitimidade impossibilita o exercício do Poder Branco, especialmente em eventos de grande escala.

Para ilustrar a importância da legitimidade no contexto do *soft power*, é válido mencionar o episódio durante a abertura dos Jogos Olímpicos de 2016, no qual Michel Temer, foi vaiado. Esse incidente ocorreu com um público que já havia vaiado sua antecessora na abertura da Copa do Mundo em 2014. Assim, o público insatisfeito em 2014 foi o mesmo em 2016, e supostamente apoiaria substituto de Dilma Rousseff, sendo a diferença crucial centrada na legitimidade para liderar a nação.

Por meio dos megaeventos, o país anfitrião tem a capacidade de construir um ambiente cultural que reflete os valores compartilhados pelo esporte, transformando os estádios em plataformas de comunicação com o público estrangeiro, principalmente durante a abertura dos eventos como aponta Grix e Lee (2013):

Opening ceremonies are the embodiment of this rendition of the purpose and content of public diplomacy, involving the construction, celebration and mass communication of a positive account of the history and culture of the host nation to the publics of other countries. These events are the quintessence of the performative politics of attraction, of winning hearts and minds and, of course, commercial opportunities (Grix e Lee, (online), 2013).

Essa abordagem possibilita ao país impulsionar o turismo, fortalecer relações bilaterais e promover o comércio internacional, além de atrair investimentos estrangeiros. Essa sinergia de elementos posiciona os megaeventos como relevantes instrumentos de *soft power* na arena da política externa.

Os critérios para a organização de megaeventos são frequentemente subjetivos e nem sempre transparentes para o público em geral. Cada ONGI adota critérios e métodos de seleção próprios. No entanto, de maneira geral, alguns elementos são considerados, tais como o apoio governamental e da opinião pública, o nível e capacidade das infraestruturas em diversas escalas. Isso abrange desde as vias mais comuns até a rede hoteleira, além de estruturas mais amplas como portos, aeroportos e os impactos ambientais, este último ganhando crescente notoriedade nos processos seletivos.

O contexto político do país solicitante, o continente em que se encontra, o desempenho econômico e a capacidade diplomática de estabelecer relações positivas com países centrais que

exercem influência nas escolhas das ONGIs são igualmente importantes. Os dirigentes das organizações esportivas também desempenham um papel significativo nesse processo, por meio dos processos internos de política das ONGIs, envolvendo os diversos interesses dos dirigentes esportivos, os quais podem divergir das considerações técnicas mencionadas dos estágios iniciais.

Por outro lado, as exigências impostas pelas ONGIs para que as nações possam sediar esses eventos podem variar desde isenções fiscais até violações diretas de soberania e do direito à cidade. Muitas vezes, essas imposições são realizadas por meio de regimes de exceção, como os estabelecidos pela FIFA e pelo COI.

Méndez (2016), cita menciona esse processo de seleção:

En el procedimiento de aceptación de una candidatura olímpica, por ejemplo, se valoran el apoyo gubernamental y la opinión pública, el estado de las finanzas tanto en el ámbito local como estatal, la calidad de las infraestructuras a nivel general y específicamente de las deportivas, el transporte o las condiciones y el impacto ambiental, entre otras cosas; por lo que salir vencedor es una primera muestra de fortaleza frente a otros países (Méndez, 2016, p. 204).

Assim, os países que conquistam o privilégio de sediar megaeventos são destacados como verdadeiras potências em termos culturais, esportivos, de entretenimento e turismo em seu tempo, ultrapassando a importância do poder militar ou econômico. Embora esses fatores ainda desempenhem papéis cruciais, no cenário atual, o *soft power* demonstra ter uma relevância superior ao *hard power* na decisão sobre a sede desses eventos de grande porte. Isso fica evidente na escolha do Brasil como anfitrião dos Jogos Olímpicos de 2016, quando competiu com nações como Espanha, Japão e Estados Unidos.

No entanto, surge uma indagação importante: quais são as razões por trás da ascensão dos países emergentes, especialmente os do BRICS, na condução de megaeventos no século XXI?

Um dos fatores que gostaríamos de destacar é a crise sociopolítica no Ocidente. O modelo neoliberal predominante nessa nova ordem prioriza relações econômicas em detrimento das relações exclusivamente políticas, resultando no enfraquecimento das instituições. Como resultado, as pessoas ficam sujeitas às vontades do capital, gerando descontentamento com os modelos políticos existentes.

Em um panorama mais amplo, observa-se um movimento na chamada esquerda, que, diferentemente da ordem anterior, busca atender aos interesses do capital para manter a capacidade de governança. Por outro lado, essa decisão desagradada a sua base eleitoral, resultando em baixas taxas de aprovação. No campo da direita, que anteriormente se aproximava da social-democracia, há uma adesão total aos conceitos liberalizantes da economia, chegando à extrema direita, desagradando a grande parcela moderada da população e resultando em baixos índices de aprovação.

Dessa forma, configura-se um cenário de crise do sistema político e moral do Ocidente, acompanhado por crises econômicas – como a de 2008 e a provocada pela pandemia da *COVID-19* –, além de desafios à democracia e aos regionalismos. Esse contexto tem levado as populações a rejeitarem os altos gastos públicos com megaeventos esportivos. Apesar de sua inegável relevância, conforme demonstramos nesta pesquisa, esses eventos são frequentemente considerados secundários diante de prioridades sociais e econômicas mais urgentes.

Por outro lado, os países emergentes, de maneira generalizada, frequentemente apresentam índices de corrupção mais elevados, o que pode aumentar suas chances de vencer licitações, uma vez que estão propensos a oferecer mais privilégios e regimes de exceção às ONGI's que se estabelecem no país anfitrião (Koorep, 2016). Relacionado a isso, as ONGI's estão preferindo países com regimes políticos mais fechados, onde a transparência é menor e, conseqüentemente, a prestação de contas à população é reduzida.

Os aspectos mercadológicos também são relevantes nesta inclusão dos emergentes. Até os Jogos de Pequim em 2008, os Jogos da Cidade do México de 1968 foram os únicos realizados fora dos países centrais, indicando uma saturação do mercado para os Jogos Olímpicos e outros megaeventos. Diante desse cenário, os megaeventos, enquanto produtos globalizados, passaram a buscar novos mercados, e os países emergentes, como os “novos ricos”, são seduzidos pela perspectiva de valorização de seus produtos no comércio internacional.

No âmbito das relações internacionais, os países emergentes, especialmente os do BRICS, estão se integrando nos circuitos dos megaeventos devido ao seu papel como grandes líderes regionais nas relações diplomáticas com seus vizinhos. Essa liderança é fundamentada em suas dimensões territoriais, demográficas e econômicas, que lhes conferem a capacidade de estabelecer uma área de influência e hegemonia em suas respectivas regiões.

Assim que os países conquistam lideranças regionais, novas aspirações geopolíticas de projeção externa emergem, visando colocar o país no centro do mapa mundial e estimular a imaginação geográfica da opinião pública internacional (Koorep, 2016). Essas ambições levam os emergentes a dedicarem mais esforços aos processos seletivos dos megaeventos, sendo que

a magnitude desses eventos almejados pelo país está diretamente ligada à sua ambição geopolítica. Os megaeventos esportivos são uma plataforma que proporcionam as potências emergentes oportunidades para gerar atração, por isso que quanto maior a ambição, maior é o megaevento buscado pelo país.

Os megaeventos podem ter um enorme impacto nas diferentes escalas. Na escala interna, pode haver a geração de postos locais de trabalho e o estímulo da economia regional, há potenciais ganhos políticos pelos governantes, uma vez que a sua popularidade pode ser impactada pela série de transformações do espaço urbano.

Por outro lado, uma vez que os megaeventos são produtos de uma construção sociocultural percebida através de valores considerados universais, o esporte pode desempenhar um papel político fundamentado nas vitórias esportivas. Isso estimula o orgulho nacional, um fator crucial para a construção da identidade nacional, especialmente em países mais recentes, como a Ucrânia, ou que enfrentam períodos de reunificação nacional, como a Alemanha pós-Guerra Fria.

Também podem fortalecer o nacionalismo, estimular a consolidação nacional e a união da nação. Podem também aumentar a popularidade de líderes e governantes, reforçar o sentimento de pertencimento nacional e contribuir para o aumento dos índices socioeconômicos.

Na esfera internacional, os ganhos ocorrem por meio do intercâmbio cultural, consolidando relações bilaterais, incrementando o comércio internacional, projetando a imagem internacional e oferecendo possibilidades de reposicionamento no cenário externo. Além disso, existe a oportunidade de reconfigurar o imaginário geográfico da opinião pública internacional.

Em geral, o turismo é um setor fortemente impactado pelos megaeventos, impulsionando várias escalas da economia nacional e os megaeventos são fortes elementos que contribuem para a escolha desses países como destino internacional (Pop et al., 2016). Pop et al. (2016), inclusive aponta que o turismo esportivo contribui fortemente para a popularidade por conta sua capacidade de gerar receitas para o país anfitrião, o que, na posição do ator, explica porque países que não possuem tradição esportiva estão entrando nesse circuito de megaeventos, como Catar, Japão e República da Coreia. Além disso, os turistas transportam consigo suas percepções do local visitado para seus respectivos países, podendo assim influenciar o imaginário geográfico da opinião pública internacional.

Portanto, o processo licitatório dos megaeventos acaba se tornando em disputas de poderes, no qual o vencedor está demonstrando sua força no tabuleiro geopolítico.

La organización de estos megaeventos supone también un reconocimiento a la buena labor de desarrollo de estos países, dado que dichos eventos son conceptualizados de manera interna como un paso más en el desarrollo económico y social del país o de la ciudad sede. Esto, a su vez, les hace aumentar su estatus, prestigio y legitimidad gubernamental a ojos externos e internos (Méndez, 2016, p. 204)²⁹.

É por isso que os países, especialmente os emergentes, aspiram à organização de megaeventos, mesmo diante dos investimentos na ordem de bilhões de dólares. Como aponta Pop et al. (2016), os megaeventos nem sempre geram receitas tangíveis, como foi o caso dos Jogos Olímpicos na Grécia em 2004, mas as vantagens incluem ganhos na imagem, notoriedade e prestígio social do país sede. É sob essa perspectiva que nos próximos tópicos aprofundaremos nas particularidades dos megaeventos nos BRICS.

3.1.1 Brasil: de líder regional a *player* global

O Brasil ingressa nessa nova ordem era após emergir de um período caracterizado por um regime autoritário que perdurou por vinte e um anos. A sexta república brasileira é marcada pela democracia liberal, o restabelecimento das liberdades individuais e a estabilização econômica.

Nesse período, o país avançou na implementação e consolidação do Real como moeda, superando vários planos monetários malsucedidos das décadas anteriores. Por outro lado, esse foi um dos raros momentos de integração sul-americana, culminando no Tratado de Assunção, que, em 1991, estabeleceu o MERCOSUL (Mercado Comum do Sul). Uma das iniciativas para alcançar esse objetivo foi a eliminação das rivalidades históricas entre esses países e o estímulo à confiança mútua, exemplificado pelo Acordo de Cooperação para o Desenvolvimento e Aplicação dos Usos Pacíficos da Energia Nuclear entre Brasil e Argentina.

Esse conjunto de elementos, aliado à vasta extensão territorial e à densidade demográfica, conferiu ao Brasil uma posição de liderança regional na América do Sul. Conforme mencionado anteriormente, o país buscava reposicionar-se no cenário internacional

²⁹ A organização destes megaeventos representa também o reconhecimento do bom trabalho de desenvolvimento destes países, dado que estes eventos são conceituais internamente como mais um passo no desenvolvimento econômico e social do país ou da cidade anfitriã. Isto, por sua vez, aumenta seu status e prestígio e legitimidade do governo aos olhos externos e internos (Méndez, 2016, p. 204 – Tradução Nossa).

e, para alcançar esse objetivo, aspirava sediar os Jogos Olímpicos. Desde o início da década de 1990, Brasília era considerada uma possível sede para os Jogos de 2000, mas não houve uma proposta consolidada. Já para os Jogos de 2004, a capital federal foi novamente cogitada. Entretanto, o Rio de Janeiro contava com o respaldo do COB (Comitê Olímpico Brasileiro), do Governo Federal, contava com Pelé no cargo de Ministro do Esporte e ainda recebia o incentivo do então Presidente da FIFA, João Havelange. No entanto, o COI recusou a proposta nos estágios iniciais e sequer chegou às rodadas de votação.

Em 1999, o COB retomou o debate sobre a candidatura olímpica para a edição de 2008. No entanto, optou por concentrar esforços em um evento de menor porte, onde as chances de sucesso fossem maiores. Assim, surgiu a proposta de sediar os Jogos Pan-Americanos de 2007, estratégia que, com o tempo, se revelou acertada. Em 2002, o Brasil conquistou o direito de sediar o evento, superando a cidade de San Antonio, representante dos Estados Unidos.

Então, em 2002, iniciou-se um novo planejamento visando a candidatura para as Olimpíadas de 2012. As cidades brasileiras concorrentes foram São Paulo e Rio de Janeiro, sendo esta última novamente escolhida. No entanto, o projeto repetiu o insucesso da tentativa anterior, não avançando para a rodada de votações.

Nesse ínterim, em 2003, o Brasil também almejou sediar a Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2014 e a Copa das Confederações de 2013. De acordo com a rotação continental, a competição deveria ocorrer na América do Sul, levando Brasil, Argentina e Colômbia a apresentarem suas candidaturas. Em 2006, o presidente da FIFA, Joseph Blatter, visitou o Brasil, encontrando-se com o presidente Lula da Silva. Durante a visita, Blatter destacou a necessidade de o Brasil demonstrar sua capacidade de organizar um megaevento desse porte antes de obter o apoio oficial da FIFA. No final de 2007, foi anunciado que o Brasil seria a sede da edição de 2014.

Em 2006, teve início o projeto que levaria o Brasil à vitória na candidatura olímpica, contando com o impacto positivo esperado dos Jogos Pan-Americanos de 2007 – o que de fato se concretizou. Fortalecido pelo sucesso do Pan e pela confirmação do Brasil como sede da Copa do Mundo, o Rio de Janeiro avançou à fase final da disputa, concorrendo com Madrid (Espanha), Tóquio (Japão) e Chicago (Estados Unidos). Antes da fase de votações, foram eliminadas as candidaturas de Praga (República Tcheca), Baku (Azerbaijão) e Doha (Catar) (Comitê Olímpico Internacional, 2009).

Primeiramente, a conjuntura internacional e o prestígio que o país possuía permitiram vencer a concorrência de países centrais. Além disso, a estabilidade econômica e política do país foi um fator determinante, uma vez que o Brasil já havia sediado os Jogos Pan-Americanos

em 2007 e a Copa do Mundo em 2014. Essas conquistas fizeram com que o país se tornasse o primeiro país periférico a sediar esses dois megaeventos consecutivos desde o México em 1970.

Havia a expectativa de que a década seguinte no Brasil testemunhasse significativos avanços, tanto nos indicadores econômicos quanto nas esferas de política interna e externa. Contudo, o país mergulhou em uma crise política, na qual os megaeventos se tornaram ferramentas de desestabilização para a Presidente em exercício, Dilma Rousseff. Esses eventos eram considerados como parte dos grandes legados de Lula da Silva (Grudgings, 2009).

Essa crise teve início em junho de 2013, originando diversos grupos de extrema direita. De um desses grupos surgiu o movimento "Não vai ter Copa", inserido em uma narrativa que buscava desmoralizar o governo e a FIFA, por meio de estratégias de *lawfare* e guerra híbrida (Garcia e Valle, 2023).

A Copa das Confederações, seguida pela Copa do Mundo um ano depois, aconteceu em um período de instabilidade política e próximo das eleições presidenciais. Nesse contexto, as questões relacionadas aos megaeventos foram politizadas. A eficácia das infraestruturas, os prazos, os custos e possíveis irregularidades tornaram-se instrumentos de votos naquele momento.

Rocha (2019) traçou um breve paralelo entre o caso brasileiro e o mexicano mencionado acima:

(...) os paralelos entre o caso do Brasil e do México são tantos que valeriam um estudo comparativo. Assim como o Brasil, o México havia vivido uma espécie de “milagre” econômico nos anos que antecederam os Jogos Olímpicos (...) Depois dos megaeventos, o México mergulhou em uma crise econômica, e não o contrário (...) Em 2013, o Brasil vivenciou manifestações semelhantes àquelas vividas no México de 1968. Estas, por sua vez, faziam parte de uma série de movimentos do Sul Global, em que pese heteróclitos na sua composição, que ajudaram a colocaram os megaeventos esportivos em xeque (Rocha, 2019, p. 339).

Apesar do momento conturbado, a FIFA recebeu onze milhões de solicitações por ingressos, vendendo 3.144.613 deles, o que representou 99,2% da carga total disponibilizada. Essas vendas geraram uma arrecadação de USD 527 milhões. O êxito do evento traduziu-se em ganhos financeiros significativos para a FIFA, que arrecadou um total de USD 4,8 bilhões, registrando um lucro de USD 2,6 bilhões (FIFA, 2015).

A audiência televisiva total, que assistiu por mais de três minutos, foi de 2,7 bilhões de pessoas. No Brasil, o alcance atingiu 165 milhões de pessoas, representando 84,1% da

população televisiva nacional, com uma média de 45,4 milhões durante os jogos da seleção brasileira. Esses dados colocaram o país na segunda posição entre os vinte e cinco maiores mercados (FIFA, 2014). O jogo final registrou um pico de audiência televisiva de 3,2 bilhões de pessoas, com um bilhão assistindo por mais de um minuto e mais 280 milhões acompanhando nas mídias online (FIFA, 2015). A arrecadação em direitos televisivos desta edição atingiu USD 2.4 bilhões (FIFA, 2015).

Os possíveis ganhos econômicos para o país são subjetivos, uma vez que ativam inúmeras cadeias produtivas. No entanto, a Copa das Confederações gerou um movimento de BRL 20,7 bilhões, dos quais onze milhões eram provenientes do turismo. Vale ressaltar que a Copa de 2014 previa uma receita três vezes maior (Globoesporte, 2014), sem considerar todos os impactos relacionados às obras de infraestrutura e demais investimentos realizados anteriormente.

O jogo de abertura desta edição ocorreu em São Paulo, devido ao peso e protagonismo econômico e futebolístico da cidade. No entanto, em meio às indefinições relacionadas ao estádio na cidade de São Paulo, Brasília foi cogitada diversas vezes como uma possível alternativa para o jogo de abertura. A final, por sua vez, ocorreu no Maracanã, escolha justificada pelo fato de ser o estádio nação brasileiro, marcado pela tradição da Copa de 1950, e pelo protagonismo histórico do Rio de Janeiro no futebol nacional.

É relevante comentar falar sobre o processo de transferência do estádio nação brasileiro do Maracanã para o Estádio Nacional – Mané Garrincha. Desde 1965, a nova capital passou a ser Brasília, mas não dispunha de um estádio que atendesse às demandas de uma capital federal. Assim, em preparação para a Copa de 2014, foi construído o novo estádio em Brasília, o Mané Garrincha. Esse movimento de transferência da capital nacional pode ter impactado o Rio de Janeiro de várias maneiras, principalmente na substituição do Maracanã como o estádio nação. Esse processo teve início a partir da Copa de 2014 e continua em desenvolvimento, como discutiremos mais adiante.

Essa edição destacou-se pela inovação em três momentos distintos. Primeiramente, introduziu a tecnologia 4G, juntamente com a transmissão de todos os jogos em Ultra HD, também conhecida como tecnologia 4K. O segundo momento notável foi a cerimônia de abertura, finalizada por uma pessoa paraplégica que deu o toque inicial na bola durante o jogo de abertura, utilizando um protótipo de exoesqueleto. Por fim, após a conclusão do torneio, vencido pela Alemanha, surpreendeu pela abordagem inovadora na metodologia de treinamento e preparação, baseada em *big data*.

O programa de patrocínios cobriu o período de 2007 – 2014, ou seja, a edição de 2010 e 2014. A distribuição dos patrocinadores foi dividida em três categorias (**Quadro 6**): os parceiros FIFA, esses patrocinadores têm mais destaque nos espaços dos eventos, nos programas de desenvolvimento da FIFA, ativos de marketing exclusivos e pacotes de publicidade e marketing globais. O segundo bloco de patrocinadores são os patrocinadores oficiais do torneio, estes são limitados a Copa do Mundo em um segundo pacote abrangente, que incluem alguns espaços de exclusividade, associação da marca e ativos de marketing, bem como exposições na mídia. Por último, os apoiadores nacionais, são um conjunto de empresas que buscavam promover a Copa do Mundo, e os demais eventos da FIFA, dentro do país anfitrião, que incluem exposições exclusivas e direitos de marketing a nível nacional (Rabale, 2011). Apenas esse bloco de patrocinadores do evento gerou receitas de USD 1.5 bilhão (FIFA, 2015).

Quadro 6. Patrocinadores da Copa do Mundo de Futebol Masculino – Brasil 2014

Parceiros FIFA	Patrocinadores Oficiais	Apoiadores Nacionais
Adidas	Anheuser-Busch (Budweiser)	Apex Brasil
Coca-Cola	Castrol	Garoto
Emirates	Continental	Centauro
Hyundai-Kia	Grupo Oi	Banco Itaú
Sony	Grupo Seara Foods	Liberty Seguros
	Johnson & Johnson	
Visa	Mc Donald's	
	Yingli Solar	Wise up
<p>Fonte: FARIA, 2014, p. 21. Org: O próprio autor.</p>		
Legenda		
Empresa Estatal Estrangeira		
Empresa Privada Estrangeira	Empresa Privada Nacional	Empresa Estatal Nacional

Através do quadro de patrocinadores, é possível identificar que o investimento em publicidade e propaganda foram predominantemente realizados por empresas privadas estrangeiras. Entre as empresas nacionais, destacam-se algumas privadas, como o Grupo Seara, Grupo Oi e Banco Itaú, além de uma única empresa estatal, a Apex Brasil. Notavelmente, a única empresa estatal estrangeira presente no quadro é a companhia aérea Emirates.

Os parceiros FIFA e os patrocinadores oficiais ocupam os principais espaços da competição como nos ingressos (**Apêndice B** e **Apêndice E**), nas placas de publicidade a beira

do campo e oferecem espaços de interação com os participantes no entorno dos estádios (**Figura 11**, **Apêndice D e F**), no dia das partidas.

Na **Figura 11**, é evidente que nas proximidades dos estádios, os espectadores participam de diversas atividades de interação com as marcas. Destaca-se uma tenda da Kia Motors, onde ocorre a divulgação de um veículo, e um estande da Budweiser que oferece apresentações de artistas e músicos. Adicionalmente, um estande da Coca-Cola proporciona aos participantes a oportunidade de se envolverem em vídeos que são posteriormente compartilhados no YouTube. Além disso, é possível encontrar vários vendedores autorizados para a comercialização de cerveja. Vale ressaltar que os produtos à venda no estádio eram personalizados para os eventos, seguindo a prática da Budweiser, que oferecia copos personalizados específicos para cada ocasião, assim como a Coca-Cola (**Apêndice C**).

Figura 11. Area do entrono da Arena de São Paulo na Copa do 2014



Fonte: O próprio autor, 2014.

Nesse contexto da Copa do Mundo, várias empresas procuraram se associar ao evento, incluindo a Brahma, que era a patrocinadora oficial da seleção brasileira. A empresa lançou uma série de produtos exclusivos em homenagem à seleção nacional (**Figura 12**).

Figura 12. Cerveja Brahma edição comemorativa da seleção brasileira para a Copa de 2014 – Brasil



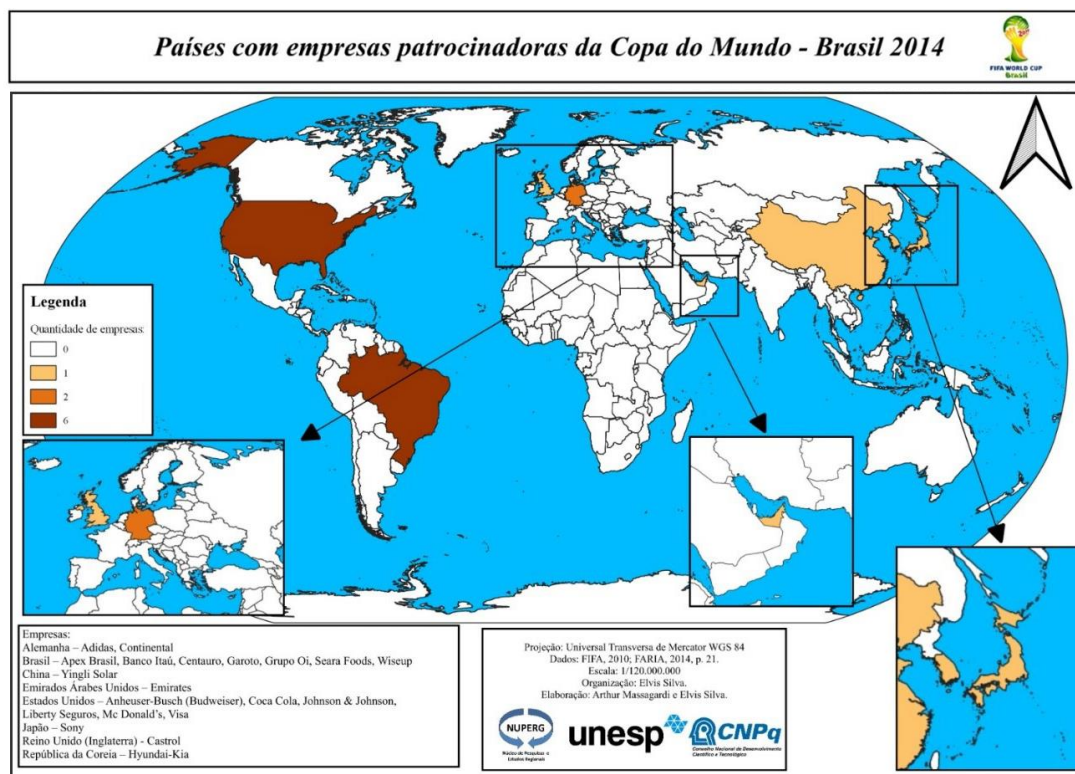
Fonte: O próprio autor, 2023.

Na imagem, é evidente que o ícone da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) está associado ao logotipo da marca. Diversos elementos, como a cor dourada e a assinatura do então técnico Luiz Felipe Scolari, são incorporados, permitindo a identificação do produto como exclusivo. Na parte traseira, há a identificação de "produto oficial", apresentando os logotipos da Copa do Mundo e da seleção brasileira. Essa associação pode levar o consumidor a pensar que o produto é oficial da Copa do Mundo, no entanto, é um produto oficial da seleção brasileira.

A distribuição geográfica das empresas no torneio apresenta uma mudança em relação às décadas anteriores, que era predominantemente composta por empresas dos países centrais. O patrocínio esportivo desempenha um papel significativo, influenciando o imaginário geográfico do país de origem. A Coca-Cola, como parceira histórica do esporte olímpico, associa o consumo do seu produto ao estilo de vida estadunidense, evocando no imaginário geográfico do estrangeiro a ideia de que o país adota um modo de vida ideal. É claramente o conceito de *soft power* em ação, especialmente através das propagandas em megaeventos. Nos

eventos globalizados, as vitórias, cores, símbolos e atletas adquirem significados especiais. No contexto atual de financeirização do esporte, as empresas são mais um elemento de instrumentação na propagação de poder brando.

Mapa 11. Países com empresas patrocinadoras da Copa do Mundo de Futebol Masculino – Brasil 2014



Na Copa do Mundo de 2014, os Estados Unidos lideraram em termos de número de empresas patrocinadoras, conforme evidenciado no **Mapa 11**, com um total de seis empresas. Logo em seguida, o Brasil apresentou um notável aumento no número de empresas patrocinadoras em comparação com eventos anteriores. Apesar de o número de patrocinadores brasileiros e estadunidenses ser o mesmo, as empresas dos Estados Unidos ocuparam posições de maior prestígio entre a variedade de patrocinadores. Além desses, outros países que se destacaram nesse cenário foram Alemanha, Japão, Reino Unido, República da Coreia, Emirados Árabes Unidos e China. Vale destacar que estes dois últimos países, especialmente a China desde 2008, consolidaram sua presença no circuito de patrocínio de megaeventos, mantendo uma participação constante ao longo do tempo.

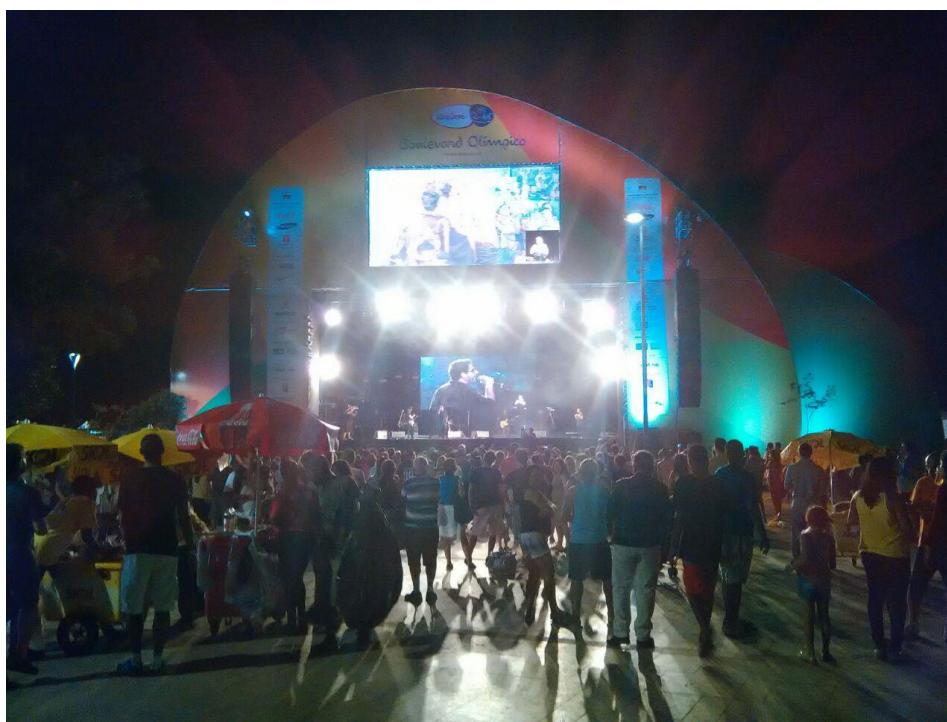
Os Jogos Olímpicos de 2016, sob o lema de “um novo mundo” contaram com a participação de mais de onze mil atletas provenientes de mais de 206 países, sendo 45% mulheres. Nesta edição, Kosovo e Sudão do Sul estrearam na competição. A venda de ingressos

atingiu a marca de 6.2 milhões, gerando uma receita de USD 321 milhões ou BRL 1.140 bilhão. Destaca-se que em 21 de julho foi estabelecido um recorde, com a venda de 100 mil ingressos em apenas 24 horas. Este sucesso de público e interesse demonstra o alcance global e o apelo dos Jogos Olímpicos como um evento esportivo de grande magnitude (Comitê Olímpico Internacional, 2017). Além disso, evidencia a capacidade brasileira no turismo para abrigar megaeventos, recebendo 1.17 milhões de turistas durante as Olimpíadas (Comitê Olímpico Internacional, 2017).

Na visão dos espaços da cidade, 2,9 milhões de pessoas visitaram o Boulevard Olímpico, enquanto 292 mil estiveram no Parque Olímpico da Barra, 57 mil no Parque Olímpico de Deodoro e 340 mil no Parque de Madureira (Comitê Olímpico Internacional, 2017).

O Boulevard Olímpico (**Figura 13**) era um local dedicado a shows, transmissões de jogos e entretenimento durante os Jogos Olímpicos. Além disso, abrigava o Museu do Amanhã e estava situado nas proximidades da área onde a Pira Olímpica permanecia acesa.

Figura 13. Palco de shows do Boulevard Olímpico – 2016



Fonte: O próprio autor, 2016.

A abertura dos Jogos Olímpicos de 2016 foi assistida por cerca da metade da população mundial e contou com a presença de quarenta e cinco chefes de Estado, apenas três do G20: o representantes da Argentina, França e Itália. Ao longo dos Jogos, foram registradas mais de sete

bilhões de visualizações de vídeos de conteúdo online oficial de emissoras e outras partes interessadas em diversas plataformas de mídia social. Pela primeira vez em uma edição de verão dos Jogos Olímpicos, a cobertura disponibilizada em plataformas digitais superou a presença na TV tradicional (Comitê Olímpico Internacional, 2017).

Internamente, os indicadores são igualmente impressionantes, com 9 em cada 10 brasileiros que tinham acesso à TV assistindo a pelo menos alguma cobertura dos Jogos (Comitê Olímpico Internacional, 2017). Pela primeira vez em uma edição de verão dos Jogos Olímpicos, drones foram utilizados para cobertura ao vivo. Esse elevado índice de audiência demonstra o impacto significativo dos Jogos Olímpicos no Brasil e o papel crescente das plataformas digitais na transmissão de eventos esportivos de grande porte.

Destaca-se a final do futebol masculino, onde o Brasil triunfou sobre a Alemanha, atraindo um público combinado de 47,1 milhões de telespectadores nos canais de televisão Globo, Record, Band e SporTV. Esse jogo registrou a maior audiência esportiva no Brasil desde a implementação do atual sistema de auditoria em 2006 (Comitê Olímpico Internacional, 2017).

No que diz respeito à receita do COI no ciclo de 2013 a 2016, foi de USD 5.7 bilhões, sendo USD 4.2 bilhões provenientes de direitos de transmissão televisivos e USD 1 bilhão do programa de marketing para as Olimpíadas. Esses números refletem a importância econômica e o alcance global dos Jogos, consolidando-se como um dos eventos mais significativos no cenário esportivo e de entretenimento.

Os patrocinadores desta edição foram segregados em quatro blocos: os parceiros olímpicos mundiais, parceiros e patrocinadores oficiais e os fornecedores exclusivos (**Quadro 7**).

Quadro 7. Patrocinadores dos Jogos Olímpicos – Rio de Janeiro 2016

Parceiros Olímpicos Mundiais	Parceiros Oficiais	Patrocinadores Oficiais	Fornecedores Exclusivos Oficiais		
Atos Origin	Banco Bradesco	Aliansce Shopping Centers	3 Corações	Airbnb	Bauerfeind AG
Coca-Cola		361°	C&A	CTS Evetim	Casa da Moeda do Brasil
Dow Chemical Company	Bradesco Seguros	Apex Brasil	Dica do Chef	EF Education First	
Bridgestone			Cisco Systems	Editora Globo	International Security & Defense Systems
General Eletric	Claro			GREE Inc	Komeco
Panasonic			Ernst & Young	Kärcher	Manpower Group
Mc Donald's	Correios	Estácio AS	Localiza	CEG Rio - Naturgy Energy Group	Hospital dos Olhos Paulista
Omega		Grupo Globo	Microsoft		
P&G (Procter & Gamble)	Embratel	Grupo LATAM	Nielsen Holding PLC	Nike	Posterscope Brasil
Panasonic	Net	Sadia	RGS Events	Sapote	
Samsung Eletronics	Nissan	Skol	RioGaleão	Symatec	SEG (SPIETH, Eurotramp and Gymnova)
Visa			S. C. Johnson & Son	Off !	
Fonte: COI, 2017.					
Org: O próprio autor					
Legenda					
Empresa Privada Estangeira		Empresa Privada Nacional		Empresa Estatal Nacional	

Podemos observar que esse evento serviu como vitrine para o capital estrangeiro (**Quadro 7**) Entre as empresas parceiras olímpicas mundiais, nenhuma foi brasileira, assim como na Copa do Mundo, nenhuma empresa brasileira ocupou um espaço de destaque entre os patrocinadores. Em outros setores, é possível notar a participação do capital privado nacional, além de apenas três empresas estatais: Correios, Casa da Moeda, Apex Brasil e a RioGaleão.

O Comitê Organizador Rio 2016 estabeleceu uma parceria com o Banco Central do Brasil, por meio da Casa da Moeda, para a emissão de quatro conjuntos de moedas de edição limitada destinadas à venda, como parte dos preparativos para os Jogos. No total, foram produzidas mais de 320 milhões de moedas, apresentando 36 designs distintos que simbolizam os Jogos Olímpicos, abrangendo esportes, pontos de referência cariocas, ícones culturais

brasileiros e as mascotes oficiais dos Jogos. Além disso, foram confeccionadas moedas comuns de 1 real (**Figura 14**) para a livre circulação.

Figura 14. Moedas comemorativas de 1 real destinadas à livre circulação em celebração aos Jogos Olímpicos de 2016 no Brasil



Fonte: O próprio autor, 2023.

A moeda desempenha um papel fundamental como elemento de *hard power*, enquanto o esporte se configura como *soft power*. Em outras palavras, trata-se de uma estratégia de *smart power* adotada pelo Estado para fortalecer a relevância e legitimidade dos megaeventos, visando a penetração no imaginário da população. As moedas comemorativas, nesse contexto, desempenham um papel significativo ao reforçar a imagem do país associada aos valores olímpicos e ao universo esportivo.

Outro meio de associar esses valores ao país foi a aplicação do carimbo de entrada e saída nos passaportes, contendo o logotipo dos Jogos Olímpicos (**Figura 15**).

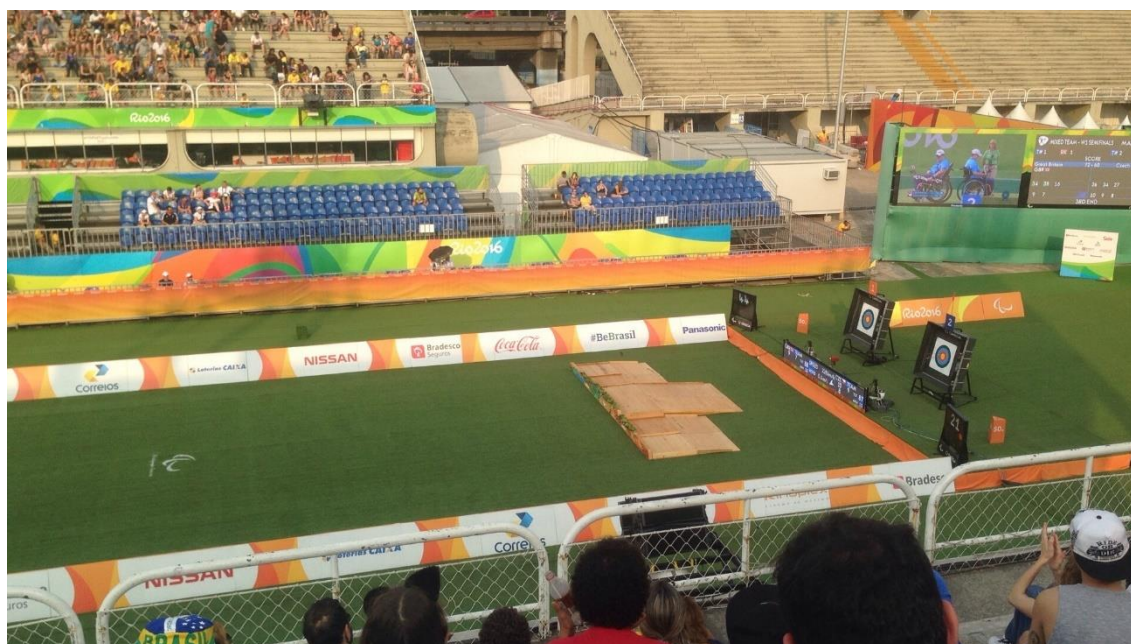
Figura 15. Carimbo de entrada e saída nos passaportes, representativo dos Jogos Olímpicos, utilizado pelo Brasil durante as Olimpíadas



Fonte: O próprio autor, 2023.

Do ponto de vista das empresas, o padrão é semelhante ao adotado durante a Copa do Mundo. Os parceiros olímpicos mundiais e os patrocinadores oficiais ocupam os principais espaços de publicidade e propaganda, como placas nas áreas esportivas (**Figura 16**), nos ingressos (**Apêndices G e H**), nos uniformes dos atletas (**Figura 17**) e em vários outros locais de integração, como a Vila Olímpica.

Figura 16. Placas de publicidade nas Olimpíadas Rio 2016



Fonte: O próprio autor, 2016.

Pela imagem, é perceptível que a disposição dos patrocinadores é evidente tanto para os espectadores quanto para os telespectadores. Os espaços não ocupados pelas marcas são reservados à identidade visual própria dos Jogos. A roupa dos atletas segue esse padrão (**Figura 17**), reservando espaço para o patrocínio da equipe – no caso, a Nike, representando uma das patrocinadoras do evento, a Nissan, a bandeira nacional, e os demais espaços são preenchidos pela marca do evento.

Figura 17. Disposição dos patrocinadores na roupa dos atletas



Fonte: O próprio autor, 2016.

A imagem acima retrata a atleta Edneusa de Jesus Santos Dorta, ao lado do guia Tito Sena, após conquistar a medalha de bronze na maratona classe T11. Essa conquista a tornou a primeira medalhista parolímpica brasileira em maratonas.

A distribuição de produtos nas arenas esportivas foi personalizada de acordo com a empresa produtora, como no caso da Coca-Cola para refrigerantes e a Skol para cervejas (Apêndice I).

Figura 18. Copo de distribuição da Coca Cola no Jogos Paralímpicos – Rio 2016



Fonte: O próprio autor, 2023.

No copo, é possível observar o logotipo da empresa e do evento abaixo da chancela de patrocinador oficial, estabelecendo uma associação direta entre a empresa e o evento.

As empresas fazem o mesmo quanto a sua distribuição de produtos para o público geral. A Coca Cola (**Figura 18**) lançou uma linha de produtos de edição especial exclusivamente para as Olimpíadas de 2016.

Figura 19. Embalagens de Coca Cola da edição especial dos Jogos Olímpicos – Rio 2016



Fonte: O próprio autor, 2023.

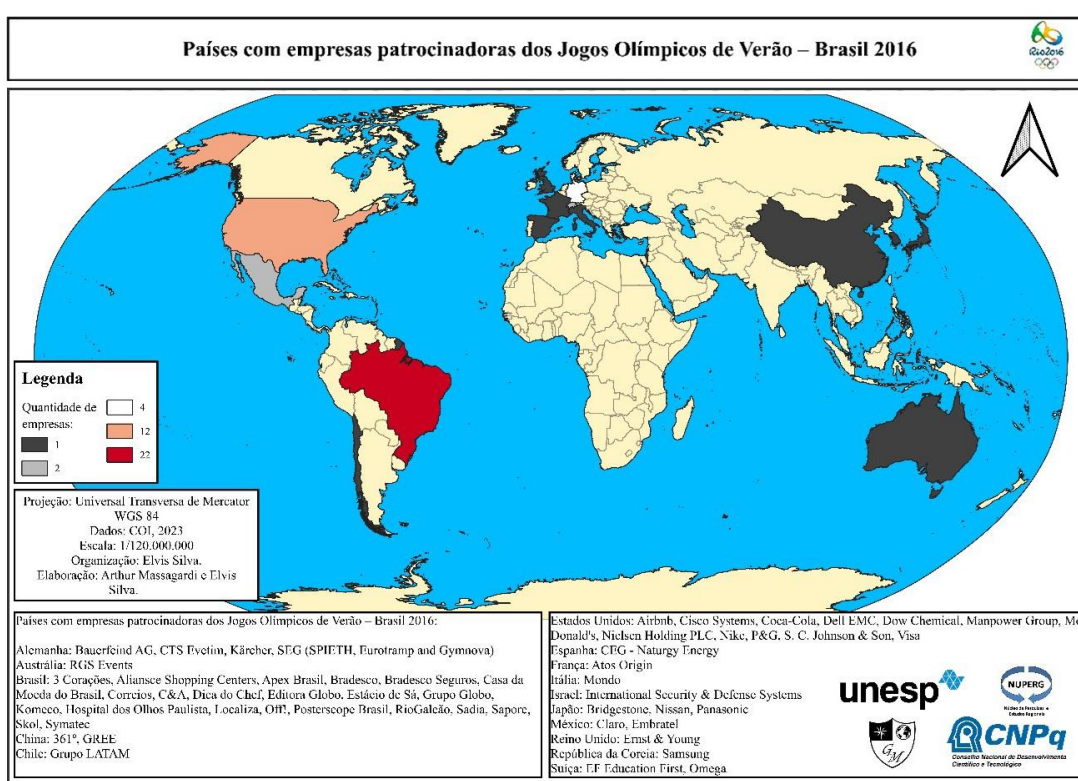
É perceptível que neste produto, a marca destaca na embalagem a sua condição de *Worldwide Partner*, ou seja, Parceiro Olímpico Mundial (**Figura 19**). Na parte frontal, a informação é apresentada junto aos anéis olímpicos, enquanto na parte traseira, está inserida próximo ao logotipo da Rio 2016.

A abordagem das empresas vai além da simples exposição de suas marcas; envolve também o fornecimento de serviços, conforme demonstrado pela Coca-Cola e pela Skol. A Atos desempenhou um papel crucial na área de Tecnologia da Informação, enquanto o McDonald's serviu mais de 50 mil refeições para atletas e outros membros da organização na Zona Internacional da Vila Olímpica. A Omega contribuiu fornecendo câmeras para análise dos resultados esportivos, e a Panasonic também desempenhou um papel entregando câmeras e

televisores. Além disso, a Visa atuou como a operadora exclusiva de cartões, entre outras empresas (Comitê Olímpico Internacional, 2017).

A distribuição espacial dos patrocinadores ocorreu em quinze países: Austrália, China, Chile, Espanha, França, Itália, Israel, Reino Unido e República da Coreia, cada um com um patrocinador; México e Suíça, ambos com duas empresas; Japão, com três; Alemanha, com quatro; Estados Unidos, com doze; e Brasil, com vinte e dois representantes (**Mapa 12**).

Mapa 12. Países com empresas patrocinadoras dos Jogos Olímpicos de Verão - Brasil 2016



Neste evento, com exceção do continente africano, há empresas representando todos os continentes. A concentração é notável no Brasil, embora os Estados Unidos e a Europa Ocidental também detenham uma parcela significativa do total. Do ponto de vista dos blocos de poder, as empresas ocidentais predominam, enquanto os representantes do Sul Global têm participações pontuais. No entanto, é crucial ressaltar a continuidade do envolvimento chinês no patrocínio de megaeventos, mantido desde 2008.

O “tsunami esportivo” (Mascarenhas, 2012) que o Brasil experimentou teve seu desfecho com a realização da Copa América de 2019. Inicialmente programada para 2015, a competição foi adiada devido à proximidade com a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos

Olímpicos de 2016, sendo posteriormente realizada em 2019, embora continue a fazer parte desse contexto esportivo.

O período pós-Olimpíada no Brasil foi marcado por instabilidade política e uma crise econômica que persiste até os dias atuais. Houve uma inflexão nas políticas externas de reposição do Brasil no mundo, principalmente durante o Governo Bolsonaro, como reflexo poucos megaeventos foram organizados no país desde então, incluindo a Copa América de 2019 e a Copa América de 2022.

Em 2019, a CBF expressou o desejo de sediar a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2023. No entanto, a proposta não recebeu o apoio do governo em 2020, e o contexto da pandemia do novo coronavírus impediu o avanço da candidatura. Contudo, o Brasil acabou sediando a Copa América em 2021, uma decisão tomada às pressas após as desistências da Colômbia, devido à instabilidade política, e da Argentina, devido à situação da pandemia.

Em um cenário marcado por 500 mil mortes causadas pelo novo coronavírus, o evento revelou-se uma ferramenta de instrumentalização por parte do Governo Bolsonaro. Buscando propagar a ideia de normalidade, remanescente do período pré-pandêmico, a realização da Copa América foi interpretada como mais um ato de negação da pandemia, possivelmente visando melhorar os índices de aprovação do governo em preparação para as eleições de 2022.

A partir de 2023, com o retorno de Luiz Inácio Lula da Silva, as estratégias de inserção global voltaram à agenda do Ministério de Relações Exteriores. O Brasil estará sob a presença do G20 e será sede em 2024, será o anfitrião da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2025 – COP 30, ocupou a presidência do Conselho de Segurança da ONU, fez apelos por um reforço do Conselho de Segurança da ONU e desempenhou um papel ativo na busca por uma resolução para o conflito Israel-Palestina. Como presidente do Mercosul, trabalhou pelo ingresso da Bolívia no bloco e pela concretização de um acordo com a União Europeia. Essa retomada das posições de liderança na América Latina e de reinserção global marca um retorno às prioridades interrompidas após os Jogos Olímpicos de 2016.

No contexto dos megaeventos esportivos, o Brasil oficializou sua candidatura para sediar a Copa do Mundo Feminina de 2027, com forte apoio do Governo Federal. Além disso, Rio de Janeiro e Niterói foram confirmadas como as representantes brasileiras na disputa pela sede dos Jogos Pan-Americanos, enquanto São Paulo também havia manifestado interesse. O país também está confirmado como sede do Campeonato Mundial de Ginástica Rítmica em 2025.

Esses desenvolvimentos demonstram que os megaeventos continuam a ser uma ferramenta importante de diplomacia pública para o novo governo em exercício.

3.1.2 Rússia: o soerguimento da nação

Nos últimos cem anos, a Rússia passou por significativos processos de reestruturação das suas instituições estatais. Inicialmente, foi marcada pela Revolução Russa, seguida por uma Guerra Civil, e ao longo de todo o século XX enfrentou conflitos e rivalidades que culminaram na maior tragédia geopolítica desse período: a dissolução da União Soviética.

O colapso da União Soviética resultou na divisão do país em quinze novas repúblicas: Armênia, Azerbaijão, Bielorrússia, Cazaquistão, Estônia, Geórgia, Letônia, Lituânia, Moldávia, Quirguistão, Rússia, Tajiquistão, Turcomenistão, Ucrânia e Uzbequistão. Essa fragmentação territorial acarretou a perda de numerosas reservas energéticas e minerais, além, principalmente, do acesso a pontos estratégicos para o fluxo de capitais, como o Mar Negro e o Golfo da Finlândia (Costa, 2015).

A implosão do Estado soviético em direção a um modelo capitalista resultou em uma década de 1990 de crise política e econômica. Após a Segunda Guerra russo-chechena de 1999, o cenário passou por mudanças que iniciaram a retomada da Rússia, como uma das lideranças europeias.

Esse processo reerguimento da Rússia passa pelas duas formas de se fazer guerra, o *hard power* e o *Soft Power*, que Nye (2011) coloca como o *smart power* a combinação dessas duas estratégias. Durante nossa análise a seguir demonstramos como é feita essa junção entre os poderes.

As relações bélicas russas sempre estão próximas do esporte. O primeiro grande conflito russo do século foi a Guerra russo-georgiana, deflagrado em 07 de agosto de 2008, um dia antes da grandiosa abertura das Olimpíadas de Pequim. Nesse mesmo ano, os russos receberam o primeiro megaevento nesta nova ordem, que foi o jogo final da Liga dos Campeões da Europa em Moscou, já em preparação para as Olimpíadas de Inverno de 2014.

Um ano antes, em 2007, a cidade russa de Sochi tinha sido a escolhida para sediar os Jogos Olímpicos de Inverno ao vencer a candidaturas de Almaty representante do Cazaquistão, Bonjormi pela Geórgia, Jaca pela Espanha, Pyeongchang pela República da Coreia, Salzburgo pela Áustria e Sófia pela Bulgária. Dessas sete postulantes apenas Sochi, Pyeongchang e Salzburgo foram aprovadas pelo COI na 119ª Sessão do Comitê Internacional Olímpico para chegar à rodada de votações (**Tabela 28**).

Tabela 28. Eleições para a sede da XXII Jogos Olímpicos de Inverno

Sochi	Rússia	34	51
Pyeongchang	República da Coreia	36	47
Salzburgo	Áustria	25	-
Legenda: País vencedor Fonte: COMITÊ OLIMPÍCO INTERNACIONAL, 2018 Org: O próprio autor			

Uma breve digressão para ilustrar a importância dos megaeventos como ferramentas de diplomacia: durante essa sessão realizada na Guatemala, a Rússia inaugurou uma nova embaixada na Cidade da Guatemala e lançou o "programa de intercâmbio e difusão cultural e esportiva" (Mertin, 2012). Isso reforça nossa argumentação de que os megaeventos têm o poder de fortalecer relações bilaterais. Neste caso específico, a Guatemala estava apenas sediando o encontro do COI, o que envolve outra estratégia do país centro-americano.

A candidatura de Salzburgo não era favorita, pois carecia de apoio popular, dispunha de um orçamento relativamente baixo, em torno de USD 2,1 bilhões, e enfrentava questões relacionadas a casos de doping. Por outro lado, a candidatura coreana era robusta, apresentando um orçamento de USD 7,1 bilhões, enquanto a proposta de Sochi previa um investimento ainda maior, de USD 8,8 bilhões. A competição entre russos e coreanos era percebida por alguns setores da mídia como uma disputa de mercados para sediar esses Jogos Olímpicos, comparando uma disputa entre empresas como a Gazprom e a Samsung, além dos oligarcas russos com os *chaebols*³⁰ coreanos (Mertin, 2012).

A República da Coreia repetiu um cenário semelhante ao das eleições para os Jogos de Inverno de 2010, quando venceu a primeira rodada e, posteriormente, perdeu para o Canadá. Desta vez, foi derrotada na segunda rodada para Sochi.

Essa escolha foi envolta em polêmicas e acusações por parte de países ocidentais. A mídia alemã criticou o COI por supostamente negligenciar questões ambientais e de direitos humanos em prol de interesses financeiros, tanto na candidatura russa quanto na coreana. Essa perspectiva foi interpretada como um enfraquecimento do COI e como privilégios políticos na política interna da organização (Mertin, 2012). Todavia, não podemos desconsiderar que a candidatura favorita dos europeus era Salzburgo.

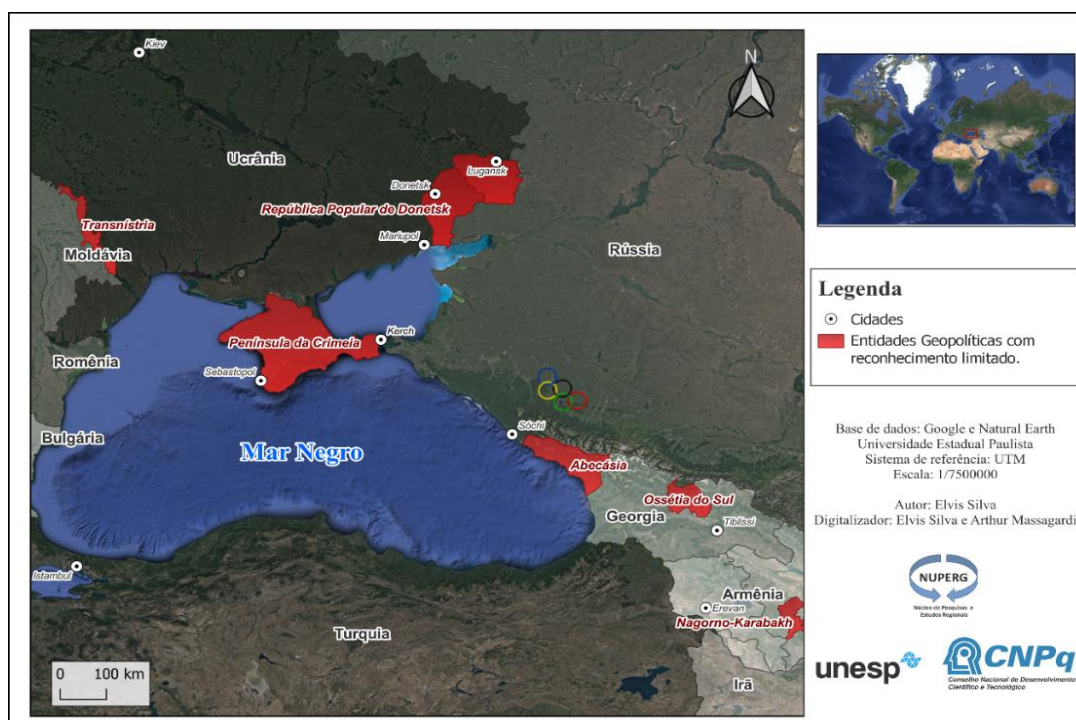
³⁰ Chaebols são os conglomerados industriais sul-coreanos, normalmente controlados por famílias tradicionais (MERTIN, 2012, p. 6).

A seleção de Sochi como representante russo para sediar os Jogos Olímpicos parece ter sido mais influenciada por uma estratégia geopolítica e de reposicionamento no Mar Negro do que propriamente por considerações exclusivas voltadas para as Olimpíadas.

Sochi, uma cidade com cerca de 400 mil habitantes (Mertin, 2012), é uma das menores localidades da história a sediar uma edição dos Jogos Olímpicos. No entanto, sua posição estratégica levou o país a realizar as Olimpíadas mais dispendiosas da história, com um custo estimado de cerca de USD 55 bilhões, para fazer o “maior evento de toda a história pós-soviética (Putin *apud* Joplin, 2013, (online)).

A localização de Sochi, indicada no (**Mapa 13**), situa-se na porção leste do Mar Negro, um ponto de acesso crucial às águas quentes remanescentes após o fim da União Soviética, assegurando a passagem para o Estreito de Bósforo. A cidade está a 40 quilômetros da Geórgia, assim como de outras regiões conflituosas do Cáucaso, uma área caracterizada por uma vasta diversidade étnica, linguística e cultural. Em sentido oposto, encontra-se a aproximadamente 500 quilômetros da Península da Crimeia, através do Estreito de Kerch.

Mapa 13. A posição geoestratégica da cidade de Sochi – 2022



A escolha de Sochi pela Rússia foi feita visando fortalecer o desenvolvimento regional dessa área, por meio da construção de uma série de infraestruturas, incluindo a duplicação de rodovias, expansão de ferrovias e melhorias nos aeroportos (Muller, 2015). Outro fator de grande importância foi conferir significado e projetar Sochi como uma cidade global,

transformando-a em um ponto turístico impulsionado por megaeventos que a cidade sediaria. Como afirmou Putin conforme citado por Muller (2015, (online)): "Sochi se tornará um novo resort de classe mundial para a nova Rússia. E para o mundo inteiro!".

Uma das infraestruturas feitas para os megaeventos foi a construção de um novo terminal de trem de viagens intermunicipais (**Figura 20**).

Figura 20. Novo terminal de trens da Russian Railways em Sochi – 2018



Fonte: O próprio autor, 2018.

Não podemos negligenciar os interesses das elites russas em sediar megaeventos, contando com um apoio substancial do governo, incluindo o círculo próximo ao alto escalão da política russa. Mertin (2012) destaca que nos períodos que antecederam a escolha de Sochi como sede, ocorreu um movimento significativo de bancos e agências imobiliárias adquirindo propriedades na região. Posteriormente, essas entidades se beneficiaram do aumento do valor do metro quadrado, que subiu de USD 1.800 em 2006 para USD 4 mil após a decisão.

Do ponto de vista geoestratégico, a função social desenvolvida para Sochi impede possíveis invasões ao estabelecer a cultura esportiva como um elemento central. Parece que a promoção do esporte garante a legitimidade russa sobre a região, visto que os megaeventos associam os valores esportivos a esse território. Além disso, houve a transformação de Sochi

em um ponto militar de extrema importância, evidenciado durante os conflitos com a Ucrânia em 2015 e 2022. Após os Jogos de Sochi, o tempo de resposta de Moscou a um possível ataque à cidade diminuiu consideravelmente. Portanto, a intenção é demonstrar que as Olimpíadas de Sochi foram estrategicamente planejadas para fortalecer o poder militar russo, sendo um exemplo claro da abordagem de *smart power* adotada pelos russos desde os anos 2000.

Os Jogos de Sochi tiveram mais de um milhão de ingressos vendidos. Da perspectiva televisiva, a audiência global acumulada foi de 2.1 bilhões de pessoas em 220 países. Pela primeira vez em qualquer Jogos Olímpicos, a quantidade de cobertura digital disponível excedeu a de transmissões de televisão tradicionais, demonstrando que outras que o COI está explorando outras plataformas, especialmente para alcançar público jovem, que nesta edição (Comitê Olímpico Internacional, 2015).

Na Rússia, durante os Jogos, mais de 119 milhões de pessoas em toda a Rússia assistiu pelo menos 15 minutos de programação, um equivalente a 85% da população televisiva russa. A cerimônia de abertura foi assistida por 45,8 milhões de telespectadores. As visualizações via internet e em dispositivos móveis geraram mais de 400 milhões de visualizações em publicações e mais de 180 milhões de visualizações de vídeos. Um comparativo com a edição anterior, a de Vancouver, que teve 7,5 milhões de visualizações de vídeo, representa um aumento significativo (Comitê Olímpico Internacional, 2015).

No setor do turismo, o país experimentou aumentos significativos por conta das Olimpíadas de Sochi. Em 1996, o fluxo de turistas internacionais foi de 16,2 milhões de pessoas, enquanto em 2014 atingiu 29,85 milhões, mesmo diante da crise política na Crimeia (Pop *et al.*, 2016).

O programa de patrocínios arrecadou desta edição USD 1.3 bilhões, representando um recorde até essa edição (Comitê Olímpico Internacional, 2015). Os patrocínios nos Jogos Olímpicos de Sochi foram predominantemente provenientes de capital privado, conforme evidenciado no **Quadro 8**. Entre os parceiros olímpicos mundiais nenhuma empresa é russa, então é uma oportunidade para essas empresas de explorarem o enorme mercado consumidor russo. No entanto, ao considerar as demais patrocinadoras associadas aos jogos e fornecedores, observa-se uma mudança no cenário, com a maioria proveniente de capital privado russo ou de investimento estatal. Destaca-se a presença de empresas como a

ROSATOM (sigla em russo para Companhia Estatal de Energia Nuclear) e da Rosneft, uma das três maiores empresas de óleo e gás da Rússia.

Quadro 8. Patrocinadores dos Jogos Olímpicos de Inverno – Sochi 2014

Parceiros Olímpicos Mundiais	Parceiros Oficiais	Patrocinadores Oficiais	Fornecedores Exclusivos Oficiais		Fornecedores Oficiais
Atos Origin	IPJSC Ingosstrakh	Adamas	Venículas Abrau-Durso	Grupo Adecco	Aeroflot
Coca-Cola		Avaya	Bauerfeind	Contemporary International of Russia	Bosco Sport
Dow Chemical Company		Baltika Brewery	CTS Eventim	Detech	MegaFon
General Electric		EF Education First	Europa Plus	EXECT Business Training	PJSC Rosneft Oil Company
Panasonic	PricewaterhouseCoopers	Russian Buses – Gaz Group	I-TECO		
Mc Donald's		Jet Set Sports	Kärcher	Kaspersky Lab	
Omega		Kommersant	Kelly Services	KIOUT	OJSC Rostelecom
P&G (Procter & Gamble)		Power Technologies	Life Fitness	KINESIO	
Samsung Electronics	Sportlotto	Wild Red	PR Agency CROS	Scania AB	Russian Railways
Visa		Yamaha Corporation	ROSATOM - Corporação Estatal de Energia Atomica	World Class	Grupo Volkswagen
			UZPM - Ural Plant of Deicing Materials		
Fonte: COI, 2015					
Org: O próprio autor					
Legenda					
Empresa Privada Estangeira		Empresa Privada Nacional		Empresa Estatal Nacional	

A relação estabelecida com os patrocinadores vai muito além da mera exposição de suas marcas. A Coca-Cola, por exemplo, desempenhou um papel fundamental ao apoiar o extenso revezamento da tocha olímpica, que se destacou como o maior da história. Essa jornada extraordinária incluiu percursos singulares, como do Polo Norte a bordo de um navio nuclear russo, passando pelo Lago Baikal, o lago mais profundo do mundo, a escalada do Monte Elbrus e até mesmo o transporte por cosmonautas ao espaço. Além dessas contribuições notáveis, a Coca-Cola esteve envolvida em diversos projetos de saúde promovidos por meio de atividades físicas e apresentou uma experiência de conteúdo 3D projetada na parede do icônico Palácio de Patinação no Iceberg durante os jogos (Comitê Olímpico Internacional, 2015).

A Atos desempenhou um papel essencial na gestão da Tecnologia da Informação, incluindo a implementação de transmissões ao vivo em plataformas digitais e a administração de sistemas de resultados que geraram cerca de quinze terabytes de dados. A Dow Company concentrou seus esforços nas ciências dos materiais, nas áreas de engenharia e nas

infraestruturas urbanas e esportivas, comprometendo-se com práticas sustentáveis de baixo carbono (Comitê Olímpico Internacional, 2015).

O McDonald's também teve uma participação crucial, construindo dois restaurantes abertos 24 horas na Vila dos Atletas e no Principal Centro de Mídia, fornecendo suporte a atletas, dirigentes, técnicos e membros da mídia. Assim, nessa edição dos Jogos, as empresas não se limitam à exposição de suas marcas; desempenham ativamente papéis importantes na organização e realização do evento (Comitê Olímpico Internacional, 2015).

Como explanado acima, o Estado russo deu total suporte ao evento e o estimulou. Também atuou na confecção de quatro moedas de comemorativas e uma edição especial de uma nota de cem rublos (**Figura 21**).

Figura 21. Frente e verso das moedas comemorativas dos Jogos Olímpicos de Inverno de Sochi – Rússia 2014



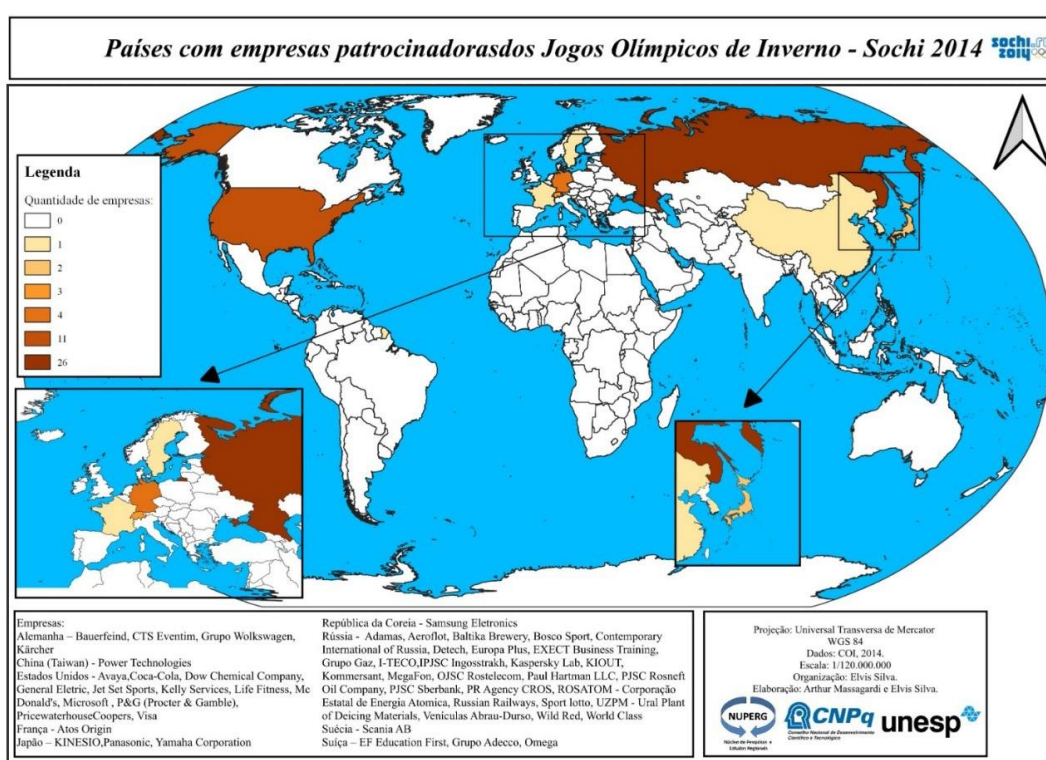
Fonte: O próprio autor, 2023.

A atuação do Estado russo nas moedas e nos megaeventos representa uma combinação estratégica do poder brando e do poder bruto. Essa abordagem envolve a fusão de recursos financeiros com os megaeventos, destacando-se na representação das mascotes e na ilustração de atletas. Além disso, incorpora elementos distintivos do território russo, como o parque olímpico e as montanhas da região do Cáucaso. Essa estratégia visa fortalecer a associação do

país aos princípios olímpicos e aos Jogos, utilizando tanto a influência cultural e simbólica quanto a presença física e econômica.

A distribuição geográfica das empresas patrocinadoras (**Mapa 14**) está concentrada principalmente em regiões de clima temperado, refletindo o fato de que os Jogos de Inverno têm um apelo relativamente menor em países tropicais. A Rússia lidera a lista como o país com o maior número de patrocinadores, seguida pelos Estados Unidos, Alemanha, Suíça, Japão, Suécia, França, República da Coreia e China. Nota-se que a China está cada vez mais presente no cenário dos megaeventos, indicando seu crescente envolvimento nesse circuito.

Mapa 14. Países com empresas patrocinadoras dos Jogos Olímpicos de Inverno – Rússia 2014



Os Jogos de Sochi foram bem-sucedidos em termos de organização; no entanto, o período pós-competição apresentou desafios significativos para a Rússia. Logo após a cerimônia de encerramento e durante o intervalo entre os Jogos Olímpicos e os Paralímpicos, ocorreu a ocupação e anexação da Península da Crimeia, *de facto* apenas três dias após o encerramento oficial. Esse episódio reacendeu o conflito com os ucranianos, uma situação que se desdobrou ao longo dos anos e escalonou em 2022. Além disso, teve repercussões

significativas na imagem da Rússia no cenário internacional, especialmente no Ocidente, culminando na sua expulsão do G8³¹.

Como país anfitrião, a Rússia dedicou esforços para alcançar um desempenho destacado no campo esportivo, visando as primeiras posições no quadro de medalhas. De fato, o país conquistou a posição de destaque, surpreendendo alguns atletas e membros de comissões técnicas de outras delegações. No entanto, em 2014, a TV alemã ARD lançou o documentário "Top secret doping – how Russia makes its winners?", que trouxe à tona acusações de doping envolvendo atletas russos. Posteriormente, a Agência Mundial Antidoping (WADA) iniciou investigações e confirmou que a prática era apoiada pelo governo, com o objetivo de evitar a detecção por meio da técnica conhecida como desaparecimento positivo (Corte Arbitral Do Esporte, 2022); (Pitoco Da Silva, 2022).

A partir de 2016, a *World Athletics* suspendeu os atletas russos de todas as competições, incluindo os Jogos Olímpicos de 2016. Essa suspensão foi estendida para os Jogos de Inverno de 2018 e os Jogos de Verão de 2021. Os atletas russos foram autorizados a competir apenas sob bandeira neutra, sendo proibidos de usar vestimentas e acessórios que fizessem referência a símbolos nacionais russos. No entanto, essa medida foi considerada branda, pois podia ser facilmente contornada, como foi evidenciado durante os Jogos Olímpicos de Tóquio. Em 2020, ocorreu o julgamento final, resultando na proibição do país de sediar qualquer evento de grande porte mundial em seu território por dois anos (Corte Arbitral Do Esporte, 2022); (Pitoco Da Silva, 2024).

Portanto, tornou-se evidente uma tentativa de manipulação de resultados para assegurar as primeiras posições no quadro de medalhas. Isso, juntamente com a série de elementos anteriormente discutidos, aponta para a instrumentalização das Olimpíadas como uma ferramenta de poder brando (Pitoco Da Silva, 2024).

O Governo russo sustenta que esse boicote esportivo é uma retaliação pela anexação da Crimeia e uma forma de perseguição conduzida por instituições ocidentais. Como Putin *apud* Berkeley (2002):

Infelizmente, nos últimos anos, um número crescente de grandes competições internacionais foi marcado por eventos incompatíveis com o esporte, com seu espírito e caráter (...) Testemunhamos repetidamente arbitragens tendenciosas e calúnias duvidosas, palhaçadas hostis e provocações diretas, vimos como as ideias do próprio Pierre de Coubertin foram metodicamente distorcidas e distorcidas, os princípios outrora sagrados do esporte foram corroídos. Literalmente diante de nossos olhos, a

³¹ O G8, atual G7, é o grupo das sete economias mais avançadas do mundo.

igualdade se transformou em tolerância perversa, a justiça em padrões duplos e a luta pela pureza nos esportes em uma ditadura politicamente engajada da burocracia antidoping (Putin *apud* Berkeley, 2022 – Tradução Nossa).

Em termos gerais, os Jogos de Sochi tiveram um impacto negativo no poder brando, começando com a suspeita inicial de uma possível instrumentalização através da compra de votos. Posteriormente, houve uma forte atuação das instituições russas estimulando o nacionalismo, seguida pela anexação da Crimeia e pelos casos de dopagem bioquímica. Esse conjunto de elementos destoa dos princípios olímpicos e distancia a Rússia desses valores (Pitoco Da Silva, 2024). Como resultado, a imagem projetada foi a de uma Rússia envolta em corrupção e com aspirações belicosas. Esse caso ilustra uma situação na qual o *soft power* teve um efeito inverso, gerando uma percepção negativa perante a opinião pública internacional.

O processo de seleção da Rússia como sede da Copa do Mundo de 2018 foi tão tumultuado quanto o de Sochi. A Rússia competiu com várias candidaturas, incluindo Portugal e Espanha, Bélgica e Países Baixos, e Inglaterra. O contexto da reconstrução econômica russa ao longo do século e o ressurgimento de seu protagonismo permitiram que o país sediasse as Olimpíadas de 2014. Sob essa perspectiva, a Rússia superou seus concorrentes e garantiu o direito de sediar esse megaevento, marcando um feito inédito na história do país, de organizar uma Copa do Mundo.

Rusia, al igual que Brasil y China, también haría hincapié en su desarrollo económico reciente como una justificación importante en su candidatura. El desembolso gubernamental en publicidad fue enorme —más de 30 millones de dólares solamente en promocionar la candidatura—, con el objetivo de convertir Sochi en una ciudad olímpica que fuera el catalizador del cambio, a través de su transformación en un destino turístico global, de facilitar a los deportis (...) Putin vinculó los juegos al desarrollo ruso a lo largo de la primera década del siglo xxi, y afirmó sobre la elección de Sochi y de la situación rusa que «este es un reconocimiento de sus crecientes capacidades, sobre todo en los ámbitos económico y social. No obstante, no todo salió según lo planeado (Méndez, 2016, p. 206)³².

³²A Rússia, assim como o Brasil e a China, também enfatizaria seu recente desenvolvimento econômico como uma justificativa importante em sua candidatura. O investimento do governo em publicidade foi enorme – mais de US\$ 30 milhões apenas para promover a candidatura – com o objetivo de transformar Sochi em uma cidade olímpica que seria o catalisador da mudança, por meio de sua transformação em um destino turístico global, de facilitador de esportes. Putin vinculou os jogos ao desenvolvimento russo ao longo da primeira década do século 21, afirmando sobre a escolha de Sochi e a situação russa que "este é um reconhecimento de suas crescentes capacidades, especialmente nas esferas econômica e social.". Não obstante, nem tudo saiu conforme o planejado. (Méndez, 2016, p. 206 – Tradução Nossa).

A intenção da FIFA era promover um gesto de paz entre países historicamente rivais, ao escolher Rússia e Estados Unidos para sediarem os torneios de 2018 e 2022, respectivamente. No entanto, o escolhido para 2022 foi o Catar, em um processo que provavelmente envolveu a compra de votos (Pitoco Da Silva, 2023). Como os anúncios das sedes de 2018 e 2022 foram feitos juntos, surgiu a suspeita de compra de votos também por parte dos russos, mas essa narrativa teve pouco impacto em comparação com a situação dos catarianos.

A Copa do Mundo de 2018 foi considerada a melhor de todos os tempos, principalmente em termos financeiros, registrando a maior receita da história, com um total de USD 5.37 bilhões gerados para a instituição, representando 83% de toda a arrecadação do ciclo 2015 – 2018 e com um lucro de USD 3.53 bilhões (FIFA, 2018).

Mais de dez milhões de pessoas solicitaram ingressos, e o total de espectadores nos jogos foi de 3.031.768, cerca de 99,5% dos ingressos foram vendidos, com uma receita de USD 541 milhões. Dentre os compradores, 52% eram residentes russos. Entre os estrangeiros, os países com maior demanda foram México, China, Argentina, Estados Unidos, Brasil e Reino Unido (FIFA, 2018).

Esta edição fez todas suas transmissões em 8K para aproximadamente 3.572 bilhões de pessoas assistiram a alguma cobertura oficial da Copa de 2018, com uma média de 190 milhões de espectadores por jogo. Esse total representa mais da metade da população mundial, equivalente a 51,3%. Dentre esses espectadores, 3,26 bilhões acompanharam pelo menos um minuto da competição, enquanto 2,49 bilhões assistiram por trinta minutos. Esses números representam um crescimento de 2,2% e 27,7%, respectivamente, em comparação com a edição anterior. O jogo final teve uma audiência acumulada de 1.12 bilhão de pessoas (FIFA, 2018).

A Ásia contribuiu com 43,7% da audiência global, sendo a China um destaque com um recorde de 6,5 bilhões de visualizações acumuladas, sete vezes mais em comparação com 2014. Proporcionalmente, América do Sul e Europa atingiram 96,6% e 86,1% de suas populações que assistiram o evento, respectivamente, através de alguma plataforma. No entanto, apenas 38,4% da população asiática assistiu ao torneio, indicando um menor interesse no subcontinente indiano (FIFA, 2018).

Em uma comparação, nove dos dez principais territórios em termos de porcentagem da população que assistiu ao evento estavam na América do Sul ou Europa, com equipes competindo no torneio (FIFA, 2018).

Gostaríamos de destacar o Estádio Luzhnikí, o estádio nação russo, que foi a sede das Olimpíadas de 1980. O estádio sediou tanto o jogo de abertura quanto a final da Copa do Mundo

recente e serviu como palco para diversos comícios e eventos políticos em apoio à Rússia durante o conflito russo-ucraniano.

O modelo de blocos de patrocinadores foi modificado nesta edição. Além dos parceiros FIFA e dos patrocinadores do evento, agora há também apoiadores regionalizados (**Quadro 9**).

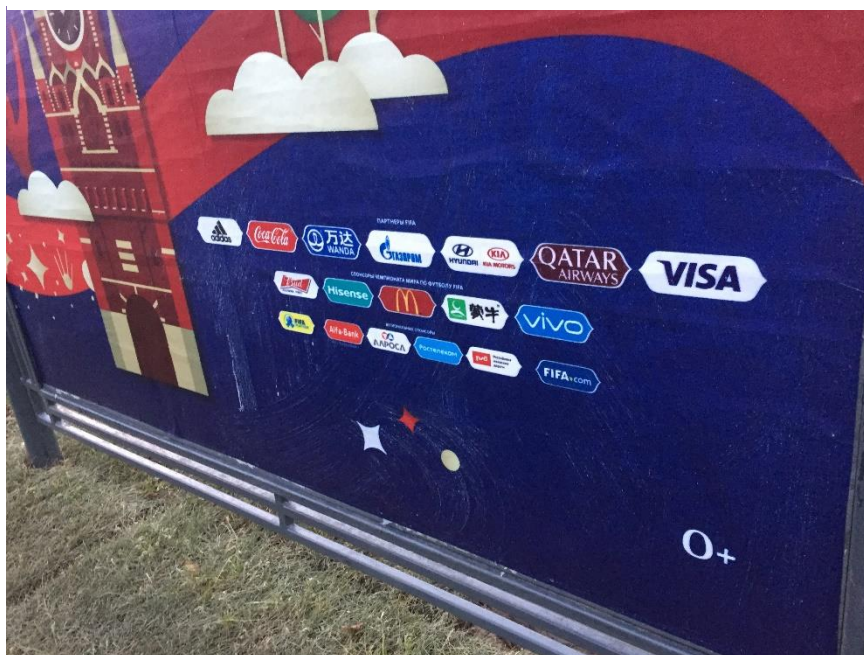
Quadro 9. Patrocinadores da Copa do Mundo de Futebol Masculino – Rússia 2018

Parceiros FIFA	Patrocinadores Oficiais	Apoiadores Africanos	Apoiadores Asiáticos	Apoiadores Europeus
Adidas	Anheuser-Busch (Budweiser)	Egito – Experiencia e Investimentos	Diking	Alfa Bank
Coca-Cola	Hisense			Alrosa
Qatar Airways	Mc Donald's			
Gazprom	Mengniu Dairy		Luci	
Hyundai-Kia	Vivo		Yadea	OJSC Rostelecom
Visa				Russian Railways
Wanda Group				
Fonte: FIFA, 2018.				
Org: O próprio autor, 2023.				
Legenda				
Empresa Privada Estrangeira	Empresa Privada Nacional	Empresa Estatal Nacional	Empresa Estatal Estrangeira	

Dentre os parceiros FIFA, destaca-se a inclusão de duas empresas estatais: a Gazprom, uma das principais empresas de energia russas, e a Qatar Airways, originada das sedes de 2018 e 2022, respectivamente. Todos os patrocinadores oficiais são estrangeiros. O apoiador africano é estatal, uma parceria com o governo do Egito, com o objetivo de incentivar o turismo no país. Os apoiadores asiáticos são todos privados, sendo todos chineses, enquanto os apoiadores europeus são todos russos: duas empresas privadas e duas estatais. Um destaque relevante é a Russian Railways, que desempenhou o papel de locomover os espectadores pelo vasto território russo, oferecendo viagens gratuitas para quem possuía ingressos.

O bloco dos parceiros FIFA contribui financeiramente para o patrocínio da FIFA, garantindo sua presença em todos os eventos organizados pela instituição. Esses patrocinadores ocupam posições privilegiadas nos megaeventos, desfrutando de maior tempo de exposição (**Figura 22**), bem como são expostos nos ingressos (**Apêndice J**).

Figura 22. Placa de publicidade dos patrocinadores da Copa do Mundo – Rússia 2018



Fonte: O próprio autor, 2018

Como destacado na **Figura 22**, os parceiros FIFA recebem ênfase na primeira fileira e têm tamanho superior em relação aos demais patrocinadores. Além do aporte financeiro, os patrocinadores desempenham um papel fundamental na organização do evento. A Adidas, por exemplo, fornece equipamentos esportivos, como as bolas, a Qatar Airways contribui com o transporte das delegações, a Hisense oferece produtos eletrônicos, entre outros. Em contrapartida, essas empresas promovem suas marcas nos diversos espaços de interação com o público durante o evento.

A Adidas e a Visa, por exemplo, têm destaque nas lojas de produtos licenciados (**Apêndice K**), sendo que a primeira produz os produtos e a segunda é a operadora exclusiva de cartões. E as demais empresas tinham stands de interação com o público, a Hyundai expos seus carros (**Apêndice L e M**), a Hisense possuía televisores e entregava um kit com itens que expõem a empresa (**Apêndice N**), a Qatar possuía um guichê com dinâmicas semelhantes (**Apêndice P**). A Coca Cola oferecia um gama de atividades extremamente interativas, na compra do refrigerante, o espectador ganhava um copo personalizado com a sua foto estampada, ela promovia minitorneios de futebol em uma pequena quadra (**Apêndice Q**), além de um estande personalizado (**Apêndice O**). A budweiser possuía estandes personalizados de vendas (**Apêndice R e S**) e alguns possuíam um espaço de fotos com a taça que os melhores

jogadores de cada partida receberam, em um cenário que simula ao que os jogadores recebem o prêmio (**Figura 23**),

Figura 23. Espaço de interação da Budweiser com o público



Fonte: O próprio autor, 2018.

O espaço promovido pela Budweiser busca associar a marca à Copa do Mundo, proporcionando às pessoas que visitam o local a oportunidade de tirar suas próprias fotos e compartilhá-las nas redes sociais. Essa estratégia representa uma ação de publicidade e propaganda realizada pelo consumidor final de forma voluntária, o que provavelmente impulsionou a exposição da marca em plataformas online.

A relação com o consumidor também acontece na personalização das embalagens e recipientes, como é costumeiro na Copa do Mundo. No **apêndice T e U**, bem como na **Figura 25**, podemos observar essas ferramentas de integração das marcas com a Copa do Mundo e o público. Na **Figura 24**, podemos observar o copo da cerveja Kanhckoe.

Figura 24. Copo de distribuição da cerveja Kanhckoe na Copa do Mundo de Futebol Masculino 2018 – Rússia



Fonte: O próprio autor, 2018.

Para a Copa do Mundo, as empresas também personalizavam seus produtos para o evento. A Coca-Cola, criou embalagens personalizadas para o evento (**Figura 25**), que relacionam a marca com o logotipo do evento.

Algumas empresas realizam acordos de sublicenciamento, o que significa que não necessariamente estão listadas como patrocinadoras, mas adquirem licenças da marca do torneio para criar edições especiais de seus produtos ou realizar campanhas temáticas, aproveitando eventos esportivos de grande porte. A *Warsteiner*, por exemplo, lançou uma edição especial durante a Copa do Mundo na Rússia (**Apêndice V**), distribuindo-a ao público e disponibilizando em companhias aéreas parceiras, como a Lufthansa.

Figura 25. Embalagem de Coca Cola comemorativa para a Copa do Mundo 2018 - Rússia



Fonte: O próprio autor, 2023.

Portanto, nesta Copa do Mundo, as empresas não apenas desempenharam um papel fundamental na organização do evento, mas também exploraram diversas formas de interação com o consumidor, por meio de atividades, embalagens comemorativas e ao proporcionar espaços exclusivos.

Neste megaevento, o país manteve seu histórico de fazer moedas comemorativas (Figura 26).

Figura 26. Frente e verso das moedas comemorativas da Copa do Mundo 2018 – Rússia

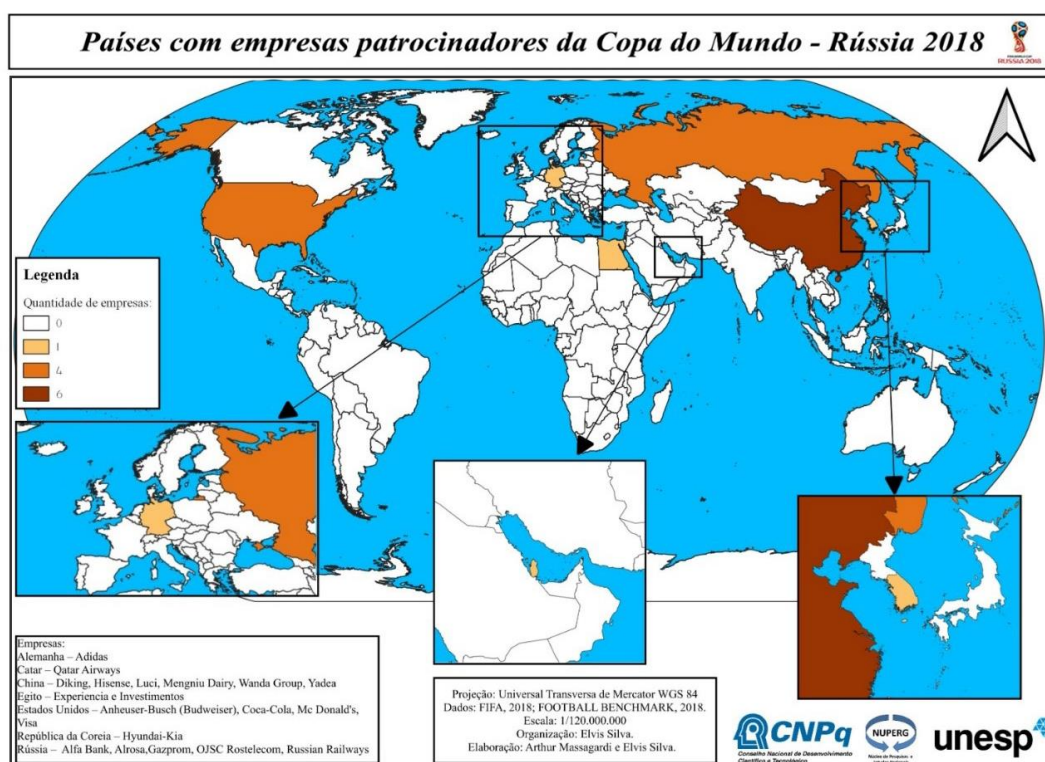


Fonte: O próprio autor, 2023.

A personalização seguiu o padrão estabelecido nos Jogos de Sochi, consistindo na correlação dos símbolos do evento com elementos culturais e territoriais. Em uma das faces, destaca-se a representação de uma criança russa vestindo a camisa número 1, em homenagem a Lev Yashin, amplamente reconhecido como o maior goleiro da história pelos russos e parte dos europeus. A criança observa Yashin, que está posicionado acima na imagem. Na outra face, apresenta-se uma analogia do planeta Terra com características de uma bola de futebol, com o contorno territorial russo evidenciado. Adicionalmente, incluem-se desenhos que referenciam os torcedores e o nome de todas as cidades-sede da Copa na cédula.

A espacialização dessas empresas (Mapa 15) ainda é concentrada nos países centrais, contudo é o megaevento com a maior presença de empresas do Sul-Global nos principais espaços. Nesse evento temos empresas chinesas, russas, coreanas, egípcias, alemãs e estadunidenses.

Mapa 15. Países com empresas patrocinadoras da Copa do Mundo de Futebol Masculino – Rússia 2018



Os russos contam com o apoio de cinco empresas, seguidos pelos Estados Unidos com quatro, e a República da Coreia, Alemanha, Catar e Egito com uma cada. Surpreendentemente, a China lidera com sete patrocinadores. Esse cenário aponta para uma tendência que se intensificou após o boicote ocidental aos russos: o notável interesse chinês no mercado consumidor russo.

Essa edição possui dois parceiros estatais da FIFA, um nacional, a Gazprom, e outro estrangeiro, a Qatar Airways, proveniente do país que sediará a próxima edição. Apesar dos Estados Unidos ainda ocuparem as posições principais, a China se destaca significativamente ao garantir sete dos vinte espaços de patrocínio no evento, o que representa um aporte financeiro de USD 835 milhões para a FIFA (Rodrigues e Leite Jr., p. 44).

As chinesas Wanda, Hisense, Vivo, Mengniu, Yadea, Luci e Dikang foram sete das 19 patrocinadoras da Copa 2018. Juntas, as sete empresas chinesas representam um aporte financeiro de US\$ 835 milhões para a competição da FIFA. Quantia que contribuiu para que o faturamento global da competição atingisse os valores de US\$ 6,12 bilhões e, assim, superasse em US\$ 500 milhões o arrecadado em 2014 (Leite Junior e Rodrigues, 2018, p. 44).

O espaço e a relevância das empresas chinesas na Copa do Mundo foram identificados pelo autor acima, indicando a consolidação da presença chinesa nos megaeventos. O *Wanda Group* se tornou a primeira empresa chinesa a ocupar um espaço de parceiro FIFA, dos cinco patrocinadores do evento, três são chineses a *Hisense*, *Vivo* e *Mengniu Dairy* e ocupou os três espaços dos apoiadores asiáticos.

Após o encerramento desse ciclo, que incluiu uma Copa do Mundo e uma Olimpíada de Inverno, os russos manifestaram a intenção de permanecer no cenário dos megaeventos. O país se candidatou para sediar a Eurocopa de 2028 e 2032, além de estar programado para ser o local da partida final da Liga dos Campeões da Europa em 2022, e para hospedar eventos de menor porte, como a Universíada de Inverno em 2019.

Durante a pandemia do novo coronavírus, observou-se um agravamento das tensões entre os países centrais e os do sul global, principalmente devido às questões geopolíticas relacionadas às vacinas. Essa disputa envolveu a concorrência por insumos bioquímicos e equipamentos de proteção individual. Simultaneamente, os conflitos entre a Rússia, a Ucrânia e a OTAN intensificaram-se, culminando em um conflito mais amplo e generalizado.

A eclosão efetiva do conflito russo-ucraniano ocorreu sete dias após a cerimônia de encerramento, no período que antecedeu os Jogos Paralímpicos de Inverno de Pequim em 2022. Mais uma vez, observa-se a correlação entre os conflitos envolvendo a Rússia e os eventos olímpicos. Houve especulações por parte de fontes ocidentais de que o líder chinês, Xi Jinping, teria solicitado a Vladimir Putin que aguardasse o término do período de competições antes de iniciar qualquer operação especial na Ucrânia (Pitoco Da Silva, 2022).

O mundo já caminhava para uma nova ordem multipolar, mas a guerra por procuração entre a Rússia e o bloco ocidental da OTAN, por meio da Ucrânia, acelerou as transformações estruturais desse processo. O início do conflito marcou um ponto de inflexão na reconfiguração do poder global, redirecionando-o em favor dos países do Sul Global (Pitoco Da Silva, 2024).

Os impactos desse conflito no mundo dos esportes foram drásticos para a Rússia. O país está enfrentando o mais significativo boicote já imposto, superando até mesmo aquele direcionado à África do Sul durante o *apartheid* (Pitoco Da Silva, 2024). O COI, sob a alegação de violação da trégua olímpica, recomendou que todas as associações esportivas mundiais excluíssem a Rússia e a Bielorrússia de seus eventos, realocando todos os eventos que estavam programados para ocorrer nesses países.

O Conselho Executivo (CE) do Comitê Olímpico Internacional (COI) reiterou hoje a forte condenação do COI à quebra da Trégua Olímpica pelo governo russo e o governo da Bielorrússia por seu apoio a isso. A respectiva resolução da ONU foi adotada pela Assembleia Geral da ONU em 2 de dezembro de 2021 por consenso de todos os 193 Estados membros da ONU. A Trégua Olímpica começou sete dias antes do início dos Jogos Olímpicos, em 4 de fevereiro de 2022, e termina sete dias após o encerramento dos Jogos Paralímpicos (Comitê Olímpico Internacional, 2022, (online) – Tradução Nossa).

Com isso, a Rússia foi impedida de avançar na disputa por uma vaga na Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2022, excluída do processo de licitação para sediar a Eurocopa de 2028 e 2032, e perdeu o direito de sediar o jogo final da Liga dos Campeões da Europa de 2022 na Gazprom Arena, em São Petersburgo. Essas medidas tiveram um impacto financeiro considerável na cidade, estimado em EUR 60 milhões. Além disso, a UEFA rompeu o contrato de patrocínio com a Gazprom, cujo valor foi de EUR 78 milhões (Globo Esporte, 2022).

Este boicote ao esporte russo destaca a inexistência prática do ideal de neutralidade política que o COI busca seguir através da Carta Olímpica. É evidente que o esporte está sendo utilizado como um instrumento neste conflito. Outro ponto a ser considerado é que houve guerras em outros momentos de trégua olímpica, como a Guerra do Afeganistão e a Guerra do Iraque, sem que outros países fossem punidos por isso, possivelmente devido à consonância com os interesses das potências ocidentais.

Portanto, concluímos este tópico destacando que os megaeventos realizados na Rússia desempenharam um papel crucial ao reposicionar o país entre as potências globais e ganhar aprovação popular para o governo. No entanto, esses eventos não foram suficientes para criar uma lembrança positiva duradoura na percepção dos russos em relação ao imaginário geográfico da nação. O futuro dos megaeventos agora está intrinsecamente ligado ao desfecho do conflito com a Ucrânia. Embora se vislumbre um término para o conflito, especialmente com a retirada gradual do apoio incondicional por parte do Ocidente, notadamente da União Europeia e dos Estados Unidos, que antes prestavam ajuda financeira.

No próximo tópico, abordaremos a Índia e seu papel nos megaeventos dentro desta nova ordem multipolar.

3.1.3 Índia: buscando o *smart power*

A Índia é um Estado civilização que atravessou períodos de colonização por parte dos portugueses e, por último, dos britânicos, culminando em sua independência declarada em 1947. Esse processo de independência resultou na formação da Índia como uma nação soberana, mas também na criação de outro país, o Paquistão, cujo território foram divididos entre o Paquistão Ocidental e Oriental. O Paquistão, com uma maioria muçulmana, encontra-se cercado pela Índia, estando assim separado em duas partes distintas. Divergências territoriais levaram a conflitos políticos, culminando na independência do Paquistão Oriental em 1971, que atualmente é conhecido como Bangladesh.

Esse processo de partilha do subcontinente indiano estimulou rivalidades regionais, representadas pelas delimitações dos limites nacionais e, conseqüentemente, pela definição dos territórios. A região da Caxemira foi um desses locais marcados por essa indefinição. Estrategicamente localizada entre o Afeganistão e o Tibete, com fronteiras com o Tajiquistão, parte da ex-União Soviética, a Caxemira ganhou relevância durante a Guerra Fria. As Guerras Indo-Paquistanesas de 1947 – 1948 e 1965 ilustram o conflito em torno da Caxemira, persistindo até os dias atuais.

A intensificação da rivalidade entre Índia e Paquistão ocorreu quando a Índia apoiou os movimentos de independência de Bangladesh. A Crise de Kargil em 1999 foi outro conflito entre os países, inclusive com ameaças de uso de armas de destruição em massa. Essa rivalidade impediu ambos os países de se tornarem signatários do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares.

Desde 2019, os voos diretos entre a Índia e o Paquistão estão interrompidos devido à decisão de Nova Deli de revogar o status especial da Caxemira, que está sob controle indiano. Como resultado, as rivalidades e conflitos persistem até hoje no subcontinente indiano, incluindo outras disputas com a China e, em menor intensidade, com a Rússia.

Durante a Guerra Fria, a Índia adotou uma política de não alinhamento, visando preservar a soberania indiana. O país cultivou relações amistosas com a União Soviética, recebendo apoio econômico e militar substancial. No entanto, essa parceria não implicou um alinhamento político rígido. A Índia também estabeleceu relações com os Estados Unidos e outros países do bloco ocidental, mantendo uma postura independente em assuntos internacionais. O não alinhamento foi uma estratégia que conferiu à Índia flexibilidade e autonomia em sua política externa durante um período de intensas rivalidades mundiais.

Por outro lado, o Paquistão, ao contrário da Índia, não adotou uma política estrita de não alinhamento. Pelo contrário, o país optou por uma aliança mais estreita com os Estados Unidos, especialmente nas décadas de 1950 e 1960, embora em certos momentos tenha enfrentado períodos de relações menos intensas com os Estados Unidos.

Na nova ordem global, a Índia passou por amplas reformas econômicas, incluindo liberalização, privatização e globalização. Essas mudanças abriram sua economia ao investimento estrangeiro, impulsionaram o setor privado e estimularam o crescimento econômico. Além disso, a indústria de tecnologia da informação se fortaleceu, consolidando o país como um polo global nesse setor. A modernização também se estendeu a áreas como comunicação e transporte, ampliando a infraestrutura e a conectividade.

Na esfera externa, o país ampliou seus laços com os Estados Unidos e o Ocidente, mantendo, no entanto, uma postura pragmática. Apesar de ser membro dos BRICS, o país estabeleceu acordos de cooperação militar com o bloco ocidental, exemplificado pelo QUAD (Diálogo de Segurança Quadrilateral), que envolve os Estados Unidos da América, Japão e Austrália.

Na perspectiva dos megaeventos, a Índia foi sede de eventos significativos, como a Copa do Mundo de Críquete em 1996. Este evento pode não receber muita atenção no Brasil, mas o críquete é extremamente popular na Ásia, especialmente no subcontinente indiano. Para dimensionar a magnitude desse megaevento, em 2019, o clássico entre Índia e Paquistão registrou uma audiência de 244 milhões de telespectadores (Kuvera.In, 2023).

Depois desse evento em 1996, o maior evento organizado foi apenas em 2010, como os Jogos da Comunidade Britânica. O *Commonwealth Games*, ou Jogos da Comunidade Britânica, é um evento de segunda ordem (Grix e Lee, 2013), que apesar de abranger quase todos os países da Comunidade Britânica, em poucas ocasiões foi organizado por um país fora do eixo Austrália, Canadá, Reino Unido e Nova Zelândia, apenas em 1966 na Jamaica, em 1998 na Malásia e na Índia em 2010.

Os patrocinadores desse evento investiram INR 3.9 bilhões com patrocínios. O parceiro principal, a *Indian Railways*, que investiu INR 1 bilhão, aproximadamente USD 30 milhões; os parceiros, a *Air India*, o Banco Central da Índia, a *Hero* e a *NTPC* no valor de INR 500 milhões, aproximadamente USD 15 milhões cada um; os patrocinadores, com *Tata Motors* e *Tissot As*; por fim os Co-patrocinadores, com *Agility Logistics*, *Coca Cola*, *Reebok* e *Amity University*. (Delhi Commonwealth Games, 2010; Mackay, 2010; Mehra, Gupta, 2016).

Em 2023, a Índia sediou mais uma edição da Copa do Mundo de Críquete, atraindo um público total de 1.250.000 espectadores nos estádios ao longo dos jogos (Conselho

Internacional de Críquete, 2023). O evento foi considerado um completo sucesso. No entanto, é importante observar que o país ainda não teve a oportunidade de organizar uma Copa do Mundo de Futebol ou uma edição dos Jogos Olímpicos.

Entretanto, a Índia, sendo uma potência regional que representa uma civilização e que atualmente está dentre as cinco maiores economias, ainda não teve a oportunidade de sediar uma Copa do Mundo de Futebol ou uma edição dos Jogos Olímpicos, como é observado por Pop *et al.* (2016). Embora almeje ser um forte candidato às Olimpíadas de 2036, há apontamentos a serem consideradas sobre os obstáculos que podem dificultar esse processo.

A Índia tem manifestado interesse em organizar megaeventos esportivos, como evidenciado em 2018, quando a Associação Olímpica da Ásia, com o respaldo do Governo, expressou a intenção de sediar os Jogos Olímpicos de Verão da Juventude de 2026, os Jogos Asiáticos de 2030 e os Jogos Olímpicos de Verão de 2032 (Butler, 2018). No entanto, essas aspirações foram temporariamente retiradas durante a pandemia do novo coronavírus.

Apesar do poder econômico, a Índia enfrenta desafios na articulação para sediar eventos olímpicos. Este caso destaca que o potencial econômico nem sempre é determinante, como ilustrado pelo exemplo da África do Sul, que, com uma economia de menor impacto, conseguiu sediar tais eventos. O principal obstáculo para a Índia reside nas rivalidades regionais, que são transportadas para o âmbito esportivo, gerando desconforto junto ao Comitê Olímpico Internacional. Em 2019, a recusa de vistos a atletas paquistaneses para uma etapa da Copa do Mundo de Tiro Esportivo levou o COI a interromper as conversas sobre a organização de qualquer evento no país (Chakraborty, 2019).

Outro incidente semelhante ocorreu com a negação de vistos a um time completo da seleção paquistanesa de críquete para cegos durante o torneio sub-20, sediado na Índia, por motivos políticos (Conselho Paquistanês De Críquete Para Cegos, 2022).

O PBCC condena veementemente este ato discriminatório da Índia, uma vez que o desporto deveria estar acima da política regional (Conselho Paquistanês De Críquete Para Cegos, 2022, [Online] – Tradução Nossa³³).

³³ The PBCC strongly condemns this discriminating act of India as sports should be above regional politics (Conselho Paquistanês De Críquete Para Cegos, 2022, [online]).

Na última Copa do Mundo de críquete, as divergências ressurgiram quando os paquistaneses começaram a se deslocar para a Índia. Vários espectadores do Paquistão, que planejavam ir à Índia com ingressos já adquiridos, enfrentaram incertezas quanto à obtenção de vistos, e muitos, de fato, não obtiveram a autorização necessária (Adil, 2023). Em relação à seleção paquistanesa, houve atrasos na emissão dos vistos para os atletas (Adil, 2023).

Antes deste evento, a seleção paquistanesa de críquete não visitava a Índia desde 2016, quando participou da Copa do Mundo de Críquete sub-20. Por outro lado, a Índia não enviou sua seleção de críquete ao Paquistão desde 2006.

Em uma nova tentativa, a Índia lançou oficialmente sua candidatura para os Jogos Olímpicos de 2036, conforme anunciado pelo Primeiro-Ministro Narendra Modi durante o 141º Congresso do COI em Mumbai, na Índia. Esta candidatura recebe um sólido respaldo do governo e representa o esforço mais robusto já empreendido pelos indianos. No entanto, para sediar uma edição dos Jogos Olímpicos, o país enfrenta o desafio de superar questões diplomáticas com seus rivais regionais.

Por outro lado, o COI tem procurado expandir mercados, especialmente em direção ao eixo asiático. Durante o 141º Congresso, ficou evidente o esforço nesse sentido, com a inclusão, no programa olímpico, do retorno do beisebol, do softbol e do críquete. Este último é o esporte nacional indiano, destacando a intenção do COI de realizar uma edição dos Jogos Olímpicos na Ásia, com foco particular nos mercados do Sul e Sudeste asiático.

O país enfrentará competição acirrada, considerando as fortes candidaturas da Indonésia e do Catar, este último com um histórico de candidaturas bem-sucedidas.

O país que adota tais posturas pragmáticas em sua política externa precisa buscar o *smart power*, um equilíbrio entre seu poder bruto e seu poder brando. Este último é exemplificado com maestria por meio de sua indústria cinematográfica. No entanto, no que tange aos esportes e megaeventos, ainda enfrenta consideráveis desafios.

No próximo tópico, exploraremos o país do BRICS que obteve maior êxito no *soft power* esportivo na nova ordem: a China. Ao reintroduzir-se no cenário internacional por meio dos Jogos Olímpicos de 2008, a China vem consolidando sua posição como uma potência esportiva. Isso não apenas se reflete na habilidade de organizar eventos de grande porte, mas também nos notáveis resultados esportivos alcançados.

3.1.4 China: da liderança regional para as maiores economias globais

Ao fim da Segunda Guerra Mundial, a China estava envolvida em uma Guerra Civil entre o partido nacionalista e os comunistas, sendo estes últimos os vencedores em 1949. Durante o período bipolar, o país optou por se distanciar das discussões internacionais, exemplificado pelo rompimento de relações tanto com os Estados Unidos quanto com a URSS, especialmente após a morte de Josef Stalin.

A partir dos anos 1970, a China empenhou-se em integrar-se ao cenário internacional, ocupando um assento no Conselho de Segurança da ONU e restabelecendo laços com os Estados Unidos. Entretanto, essa reintegração foi, inicialmente, conduzida de maneira discreta. Inclusive, essa reaproximação esportiva se deu através da diplomacia esportiva, com o tênis de mesa, que teve uma grande simbologia quando a equipe chinesa foi ao Estados Unidos, levando ao Presidente Richard Nixon a encerrar um embargo econômico contra os chineses que perdurava por duas décadas (Grix e Lee, 2013).

Após o término da Guerra Fria, a China buscou reposicionar-se no cenário internacional, impulsionada pelo rápido desenvolvimento econômico e pela sua ascensão como um dos principais concorrentes dos Estados Unidos pela hegemonia global.

Na década de 1990, a China deu continuidade às reformas econômicas iniciadas por Deng Xiaoping na década de 1980, impulsionando também o desenvolvimento tecnológico por meio de investimentos significativos em ciência, tecnologia e inovação. Esses esforços foram fundamentais para os extraordinários crescimentos econômicos observados durante esse período.

Paralelamente, o país fortaleceu seu poder político interno, especialmente após as tentativas de mudanças do modelo político, motivadas por pressões internacionais, no final da era bipolar. Além disso, intensificou suas relações externas, destacando-se quando reafirmou sua soberania e assumiu o controle de Hong Kong. O processo de ingresso na OMC (Organização Mundial do Comércio), consolidado em 2001, também foi um marco nesse período, evidenciando o compromisso da China com a integração global e a participação ativa na economia mundial.

A entrada da China na OMC desempenhou um papel fundamental, não apenas do ponto de vista simbólico, mas também ao sinalizar o surgimento de uma nova China no século XXI, mais aberta ao mundo e ao Ocidente. Esse passo estratégico foi crucial para a escolha do país como sede dos Jogos Olímpicos de 2008. É interessante observar que a China já havia estado

muito próxima de sediar os Jogos Olímpicos de 2000, vencendo as três primeiras rodadas de votação. No entanto, acabou perdendo para Sydney na rodada final. Soares, Azevedo e Vargas (2023) atribuem essa derrota a um protesto liderado pelos Estados Unidos durante o processo eleitoral após os eventos de 1989 na Praça da Paz Celestial.

A decisão de atribuir à China o papel de anfitriã das Olimpíadas de 2008 destacou o reconhecimento internacional do crescente e influente papel do país no cenário global. O histórico recente da China na organização de eventos de grande escala também foi significativo, incluindo os Jogos Asiáticos de 1990, a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 1991, os Jogos da Ásia Oriental de 1993, os Jogos Asiáticos de Inverno de 1996 e as Universíadas de Verão de 2001.

O trajeto da tocha Olímpica foi utilizado para China como instrumento de reafirmação da soberania, passando por doze cidades em cinco regiões que levantam contestações territoriais, que são, a Mongólia Interior, Xinjiang, Tibete, Hong Kong e Taiwan (Soares, Azevedo e Vargas, 2023).

(...) a rota da tocha é utilizada por cada Estado anfitrião como metonímia visual para explicar e confirmar o território sobre o qual exerce soberania. Em outras palavras, a tocha olímpica pode ser vista como um conector simbólico de soft power, costura territorial e códigos geopolíticos (Soares, Azevedo e Vargas, 2023, p. 18).

Tal fato indica que, mesmo com a concentração das atividades em Pequim durante a passagem da tocha, a China buscou promover o sentimento de pertencimento de todo o país, incluindo a sensação de fazer parte da nação chinesa.

Nos Jogos de Pequim, 10.500 atletas de 204 países participaram, sendo que oitenta e sete deles conquistaram medalhas. A venda de ingressos atingiu a marca de 6,8 milhões, superando em 1,5 milhão o número de ingressos vendidos em Atenas em 2004, e desses, 6,5 milhões foram efetivamente adquiridos, a um preço médio de USD 23. Em Pequim, mais de 99% dos ingressos foram vendidos para as atividades locais, enquanto 95,6% foram comercializados no total geral, abrangendo as cidades co-sede dos eventos de futebol, hipismo e vela. Aproximadamente 70,6% dos ingressos foram adquiridos por espectadores chineses, 16,5% foram destinados a vendas internacionais, 10,8% foram reservados para patrocinadores, e 2,1% foram alocados para o COI e outras federações internacionais (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

Os cinco esportes que disponibilizaram mais ingressos foram: futebol, com 1,77 milhão de entradas; atletismo, com 1,09 milhão; basquetebol, com 417 mil; voleibol, com 396 mil; e hóquei, com 285 mil (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

Os Jogos de Pequim foram transmitidos para 220 territórios, alcançando um potencial de 4,3 bilhões de espectadores. A receita proveniente dos direitos de transmissão televisiva atingiu USD 1,73 bilhão, representando 50% de toda a arrecadação do evento, sendo distribuída por continentes da seguinte forma: América, com USD 970 milhões; Europa, com 443 milhões; Ásia, com 233 milhões; Oceania, com 65 milhões; e África, com 24 milhões (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

A audiência na China atingiu numeros “sem precedentes”, no qual 100% da população chinesa assistiu ao menos alguma transmissão dos Jogos, a população assistiu em média mais de duas horas e meia de transmissão olímpica por dia, com 153 milhões assistindo online ao vivo e 237 milhões assistindo as gravações das partidas, além dos 20 milhões de visualizações por dia que assistiram pelo celular na plataforma móvel. Na cerimônia de abertura, 842 milhões de chineses assistiram ao menos uma parte da apresentação, com uma média de 496 milhões, que se tornou a maior audiência relacionada ao esporte transmitido na história da radiodifusão chinesa (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

Em Taiwan, houve a maior transmissão em horas da história do país e a transmissão da partida de beisebol entre Taipé Chinês e Japão, teve uma audiência combinada de 2,6 milhões de telespectadores. Em Hong Kong, 82% das pessoas que assistiam televisão assistiram a cerimônia de abertura e 95% da população assistiu alguma parte da transmissão dos Jogos (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

No Japão, a audiência demonstrou forte interesse do esporte feminino. A transmissão esportiva com maior audiência foi a maratona feminina, que foi assistida por 18,6 milhões de pessoas, seguido pela partida de softball entre Japão e Estados Unidos, assistida por 17,8, contudo a maior transmissão da Olimpíada foi a cerimônia de abertura com 25,9 milhões de telespectadores ao vivo (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

Na República da Coreia, o beisebol foi o esporte com a maior cobertura, com 89 horas e a partida de maior audiência, entre o próprio país e Cuba pela medalha de ouro no masculino, com 6,9 milhões de telespectadores ao vivo (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

Na Austrália, a maior audiência foi durante a cerimônia de abertura com média de 4,8 milhões de pessoas, que representa 72,8% de todos que assistiam televisão naquele momento (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

Na América Anglo-Saxônica, a audiência televisiva nos Estados Unidos alcançou 215 milhões de pessoas. Apenas a cerimônia de abertura, que foi transmitida de forma não simultânea, atraiu uma média de 32,6 milhões de telespectadores. A histórica oitava medalha de ouro de Michael Phelps provocou a maior audiência em uma noite de sábado em 18 anos, com 30,6 milhões de pessoas sintonizadas. No Canadá, a cobertura televisiva foi 51% maior do que em Atenas e 47% maior do que em Sydney em 2000 (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

A cobertura dos Jogos Olímpicos de Pequim mostrou-se extremamente popular na Europa. No Reino Unido, 41 milhões de pessoas assistiram a pelo menos quinze minutos de transmissão televisiva, enquanto nos canais online da BBC, foram registradas mais de 50 milhões de transmissões, em comparação com apenas 2,4 milhões em Atenas. Na Espanha, Itália e Rússia, 90% da população assistiu a alguma parte dos jogos, enquanto na França e Alemanha esse número ficou em 80% (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

Na Alemanha, as emissoras licenciadas aumentaram suas visualizações em aproximadamente 20% durante o período dos jogos em comparação com o ano anterior. A partida com a maior audiência foi a cobertura ao vivo entre Alemanha e Suécia nas quartas de final do torneio de futebol feminino, com 4,9 milhões de telespectadores. Na Itália, a quota média de visualização na Rai 2 foi mais do que o dobro da participação anual alcançada pela emissora em 2007, sendo a maior audiência nas quartas de final do torneio de futebol masculino, com quase seis milhões de espectadores durante a derrota da seleção italiana por 3 a 2 para a Bélgica (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

Na França, a partida de maior audiência foi a final do handebol masculino, vencida pela seleção francesa e assistida por mais de 4,1 milhões de pessoas. Na Espanha, o evento mais assistido foi a final de tênis individual masculino, com 3,8 milhões de pessoas vendo Rafael Nadal, também espanhol, conquistar o ouro. Na Rússia, 7,3 milhões de telespectadores assistiram à vitória de Rakhim Chakhkiev no boxe peso pesado, representando a maior audiência europeia das Olimpíadas de Pequim (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

De maneira geral, as audiências foram surpreendentes na Europa, com mais de trinta emissoras na televisão e online, atingindo 180 milhões de vídeos em banda larga, com mais de 51 milhões de usuários únicos, representando a maior audiência online já registrada para a cobertura olímpica na Europa, seis vezes maior do que nos Jogos Olímpicos de Inverno de Torino em 2006. O Eurosport alcançou um total de 123 milhões de espectadores e um recorde total de 42,7 milhões de telespectadores sintonizados em um único dia, em 10 de agosto (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

Na América Latina, o destaque foi o Brasil, com uma audiência registrada impressionante. Apenas na partida com a final de vôlei de praia masculino entre Brasil e Estados Unidos, mais de 24 milhões de telespectadores sintonizaram, superando em seis milhões o número de pessoas que acompanharam Felipe Massa na corrida final do Campeonato Mundial de F1 2008 em São Paulo (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

Na África, o destaque foi para a África do Sul, que teve a maior cobertura do continente, totalizando 1.891 horas de cobertura terrestre, das quais 215 horas foram multiplataforma (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

A cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim em 2008 é considerada uma das maiores de todos os tempos, tendo alcançado uma audiência recorde na televisão, com aproximadamente 4,7 bilhões de espectadores (CNN, 2022). A beleza da apresentação e o uso de tecnologias que narravam os cinco mil anos da história do povo chinês foram empregados para reverter a imagem negativa que o ocidente tinha da China. Essa transformação foi apresentada a cento e quatro chefes de Estado e outros líderes que estavam presentes na cerimônia. Soares, Azevedo e Vargas (2023) destacam essa estratégia de reconfigurar a imagem chinesa globalmente, afirmando que "a vitória para sediar as Olimpíadas de 2008 serviu para ajudar a limpar sua imagem ou, em outras palavras, foi usada para se mostrar ao mundo com uma face mais benevolente" (Soares, Azevedo e Vargas, 2023, P. 3).

O investimento total na preparação para as Olimpíadas foi de USD 34 bilhões. Foram construídos um Parque Olímpico e trinta e sete instalações, sendo que trinta e duas estão localizadas em Pequim, sendo dezenove delas novas e treze reformadas. Além disso, foram construídos cinquenta e nove centros de treinamento (Proni, Araujo e Amorim, 2008).

Na área de transporte e infraestrutura, o país investiu USD 1,1 bilhão entre 2002 e 2008. Esse montante incluiu a construção de novas linhas de metrô, a reforma de 320 quilômetros de ruas e a construção do novo terminal de passageiros no Aeroporto Internacional de Pequim. Nas reformas urbanas, foram destinados USD 200 milhões para a demolição de casas e prédios em mau estado de conservação, bem como a revitalização de vinte e cinco áreas históricas. O investimento na implementação de redes Wi-Fi totalizou USD 3,6 bilhões (Proni, Araujo e Amorim, 2008).

No setor do turismo, observou-se um aumento significativo desde a adesão do país à OMC e sua escolha como sede dos Jogos Olímpicos. Para facilitar esse crescimento, o país flexibilizou as restrições à propriedade de hotéis por estrangeiros. Como resultado, aproximadamente 600 mil pessoas de fora da China visitaram o país, enquanto 2,5 milhões de chineses viajaram pelo território. Era esperado também um aumento de 8% a 9% no número

total de turistas até 2018 (Proni, Araujo e Amorim, 2008). No entanto, como destaca Pop et al. (2016), nem sempre os megaeventos garantem um aumento no turismo. Em 2007, foram registrados 54,7 milhões de turistas na China; em 2008, foram 53 milhões, enquanto em 2009 e 2010, os números foram de 50,9 milhões e 55,6 milhões, respectivamente. O autor elenca alguns fatores que podem influenciar nesses resultados, como a crise global de 2008 e a reputação da China no mundo.

Em termos econômicos, os investimentos nos Jogos desencadearam um crescimento anual de 2,5% no PIB chinês. Os patrocinadores, fornecedores e outros parceiros associados, interessados em se associar às Olimpíadas por meio do governo chinês, investiram USD 18,4 bilhões em publicidade em 2008. Na indústria esportiva, o país alcançou um mercado potencial de USD 250 milhões, com expectativa de crescimento de 20% ao ano (Proni, Araujo e Amorim, 2008).

Por fim, no âmbito ambiental, o investimento foi de USD 12,2 bilhões, abrangendo projetos como a substituição de veículos públicos, como táxis e ônibus, reflorestamento, criação de parques de preservação ambiental, reaproveitamento de água e gestão de resíduos sólidos (Proni, Araujo e Amorim, 2008).

O programa de patrocinadores dessa edição foi responsável por 40% de toda a arrecadação desta edição e contou com mais de cinquenta empresas divididas em cinco blocos: os parceiros olímpicos mundiais, parceiros oficiais, patrocinadores oficiais, fornecedores exclusivos oficiais e os fornecedores oficiais (**Quadro 10**).

Os Parceiros Olímpicos Mundiais, aqueles associados ao COI e não apenas ao evento, foram responsáveis por uma arrecadação de USD 866 milhões em 2008, representando aproximadamente 31% dos USD 2.6 bilhões arrecadados pelo COI no ciclo 2005 – 2008 (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

Durante esse período, onze patrocinadores eram estrangeiros, sendo a Lenovo a única empresa nacional. Foi a primeira edição olímpica a contar com uma empresa do Sul Global. Entre os parceiros oficiais, há a predominância de empresas chinesas, com Adidas, Johnson & Johnson e Volkswagen sendo as únicas estrangeiras. Dentre as nacionais, apenas a Sinopec é privada, enquanto as demais são estatais, como Air China e Banco da China. Nos outros três grupos, o capital chinês também é predominante, com algumas empresas estatais e apenas a Schenker, uma empresa estatal estrangeira alemã.

Quadro 10. Patrocinadores dos Jogos Olímpicos de Verão – Pequim 2008

Parceiros Olímpicos Mundiais	Parceiros Oficiais	Patrocinadores Oficiais	Fornecedores Exclusivos Oficiais		Fornecedores Oficiais	
Atos Origin	Adidas	Anheuser-Busch (Budweiser)	Aggreko		Airfly	Sunglo
Coca-Cola	Air China	Cervejaria Tsingtao	BEIFA		Aokang Group	
General Eletric	Banco da China	Cervejaria Yanjing de Pequim	Gehua Ticketmaster		Capinfo	Taishan Group
Johnson & Johnson	China Mobile	Grupo BHP	Great Wall		Dayun Group	
Kodak	China Netcom	Grupo HYX - Hengyuanxiang	HuáDi		Der Floor	Crystal CG
Lenovo	CNPC - Corporação Nacional de	Grupo Yili	Kerry Oil And Grains		EF Education First	
Manulife Financial Corporation	PICC - The People's Insurance Company	Haier	Meng Na	Beijing Yadu Science & Technology	Kokuyo	Unipack
Mc Donald's	State Grid	Sohu	Qinxihe		Liby Group	
Omega	Johnson & Johnson		Royal Furniture		Microsoft	
Panasonic	Sinopec	Ton Yi	Schenker AG		Mondo	Yuanpei Translatio
Samsung Electronics	Volkswagen Group		Sinian	Staples	Newauto	
Visa			UPS - United Parcel Service	Snickers	TechnoGym	PriceWaterhouseCoopers
Fonte: COI, 2008; SÖDERMAN, DOLLES, 2009.						
Org: O próprio autor, 2023.						
Legenda						
Empresa Estatal Estrangeira Empresa Privada Nacional Empresa Estatal Nacional						

A Coca-Cola, além da contribuição financeira, utilizou uma série de atividades e programações locais abrangendo arte, música e iniciativas online. A empresa também foi um dos principais parceiros no revezamento da tocha, criando centros de interação com o público em Pequim, como o Shuang Experience Centre, visitado por mais de 200 mil pessoas, e o Shuang Zones (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

A Atos Origin foi responsável por todas as operações de TI, desempenhando um papel importante na divulgação do evento ao processar mais de um milhão e meio de mensagens de dados para mídia e canais de notícias, fornecendo resultados às emissoras em menos de 0,3 segundos. A empresa também cuidava da segurança dos resultados olímpicos, e sua associação ao programa olímpico aumentou o reconhecimento da marca globalmente (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

A General Electric participou de inúmeros projetos da organização do evento, fornecendo tecnologia para todos os 37 locais de competição e os 168 edifícios comerciais do evento. Além disso, forneceu a tecnologia de filtragem de água do Estádio Nacional, 73 subestações elétricas, 120 turbinas eólicas para os parques eólicos de Zhangbei e Shangyi, ao norte de Pequim, e um sistema avançado de exame de bagagem no Aeroporto Internacional de Pequim (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

A Johnson & Johnson atuou na promoção da saúde e do bem-estar social da comunidade, com centros de alta tecnologia e multimídia que promovem a saúde, além de fornecer equipes médicas que cuidavam dos atletas e demais integrantes da comunidade olímpica (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

A Manulife também atuou nessa linha de promoção da saúde na China e em mais de dez países da região, como Filipinas e Japão, criando programas de auxílio na saúde bucal e na construção de mais de cem bibliotecas espalhadas pela China (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

A Kodak forneceu câmeras, serviços de impressão, impressão de materiais, mais de um milhão de crachás e imagens para o evento, além de suporte técnico. A empresa também criou centros que forneciam fotos personalizadas com a temática olímpica em pontos estratégicos como a Vila Olímpica (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

A Lenovo foi a fornecedora exclusiva de equipamentos de computação, cedendo mais de trinta mil equipamentos e quase seiscentos engenheiros para 900 eventos dos Jogos. No seu programa de marketing, buscou marcar presença pela cidade ocupando mais de mil espaços de publicidade, incluindo o novo terminal do Aeroporto Internacional de Pequim, ônibus e outros espaços urbanos (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

O McDonald's forneceu alimentação no evento e construiu quatro restaurantes: um na Vila Olímpica, que serviu mais de 10 mil atletas por dia; um no Centro Principal de Imprensa; e dois para espectadores no Verde Olímpico. A empresa também realizou ações de marketing com Michael Phelps, seu embaixador global, levando mais de 200 crianças de 40 países para conhecerem as instalações olímpicas (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

A Omega continuou fornecendo serviços de cronometragem e tratamento de dados, utilizando câmeras de alta velocidade que gravaram mais de 2.000 imagens por segundo. Os relógios Omega também foram uma parte integrante da paisagem do evento, incluindo aqueles que faziam a contagem regressiva dos jogos (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

A Panasonic forneceu equipamentos audiovisuais para as instalações olímpicas e equipamentos de transmissão, garantindo que fosse a primeira edição de Jogos Olímpicos no formato HD (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

A Samsung forneceu equipamentos de tecnologia sem fio e, por meio do Pavilhão OR@S, interagiu com atletas e torcedores olímpicos e paralímpicos, enfocando a arquitetura sustentável e promovendo designs ecológicos com materiais recicláveis e naturais, estimulando a acessibilidade para pessoas com deficiência (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

A Visa forneceu e operou os sistemas de pagamento para a compra de ingressos exclusivos, além de patrocinar diversas delegações olímpicas e paralímpicas. Também promoveu campanhas de marketing em diversas regiões da China, associando-se aos valores e princípios olímpicos (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

Então, os parceiros mundiais do COI atuam nessas frentes, bem como os demais patrocinadores dos outros blocos, como a Gehua Ticketmaster que vendeu ingressos online e em 47 pontos e o Banco da China que estimulou a venda e vendeu bilhetes em 1.000 agências bancárias. O Banco também lançou uma nota comemorativa para os Jogos (Comitê Olímpico Internacional, 2008).

Figura 27. Nota Comemorativa dos Jogos Olímpicos de 2008 – Pequim 2008

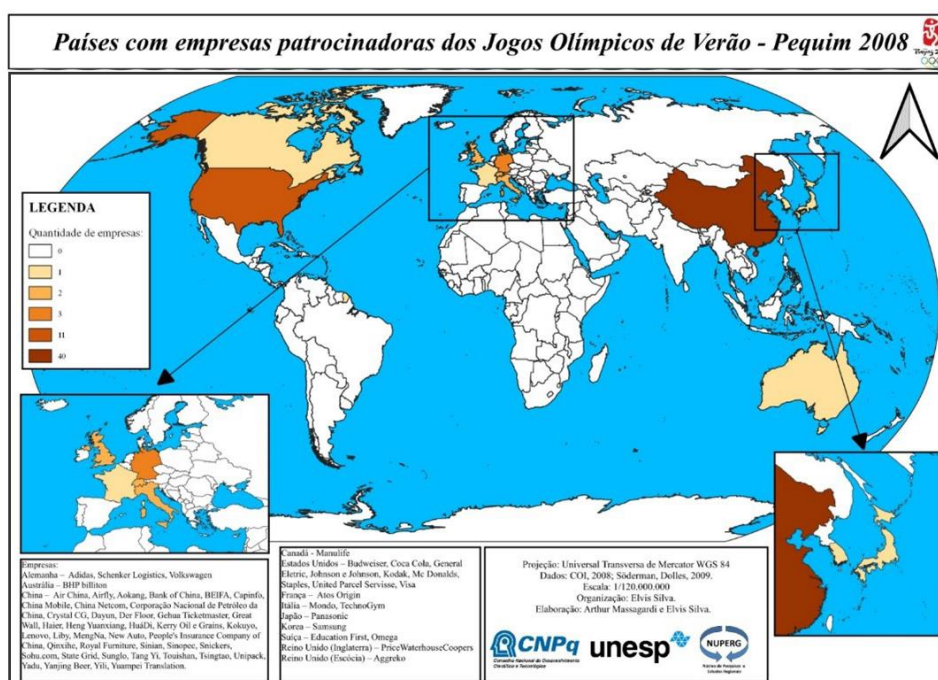


Fonte: O TEMPO, 2013.

Nesta observação, é possível notar o Estádio Nacional de Pequim, conhecido popularmente como Ninho de Pássaro, devido à sua estrutura única em aço e ferro entrelaçados. No topo do estádio, podemos visualizar o logotipo dos Jogos, enquanto no canto superior direito, encontra-se o emblema nacional do país. Assim, é evidente a associação do Estado, representado pelo próprio dinheiro investido, o Governo, simbolizado pelo emblema nacional, e o território, personificado pelo Estádio Nacional, aos valores e princípios olímpicos. Essa integração também desempenha um papel na promoção do evento junto à população do país.

A espacialização dos patrocinadores esta em onze países: Austrália, Canadá, França, Japão e Republica da Coreia com uma empresa; Itália, Reino Unido e Suíça com duas empresas; Alemanha com três, Estados Unidos com nove e a propria China com quarenta empresas investidoras (**Mapa 16**).

Mapa 16. Países com empresas patrocinadoras dos Jogos Olímpicos de Verão - Pequim 2008



A disposição desses países esta concentrada majoritariamente no Norte geográfico, apenas a Austrália do Sul, enquanto na regionalização por blocos de poder, os países do Norte-Global são mais em quantidade, enquanto as empresas do Sul-Global, no caso apenas a China, concentra a maior parte dos patrocinadores. Foi a primeira edição de um megaevento que o Sul-Global foi destaque na publicidade e no fornecimento dos serviços.

Os Jogos Olímpicos representaram para a China uma oportunidade de se reapresentar ao mundo. O país empenhou-se em modificar o imaginário geográfico global que predominava, especialmente no que diz respeito à imagem relacionada à violação dos direitos humanos, que

foi amplamente difundida, especialmente após o incidente na Praça Paz Celestial e ao de valores considerados anti-democráticos. De acordo com Grix e Lee (2013), o evento também desempenhou um papel crucial no fortalecimento do nacionalismo chinês. O reforço da cultura nacional tornou-se uma forma de protesto, notadamente diante das manifestações ocidentais contra os Jogos em Pequim, como as ocorridas na França durante o revezamento da tocha olímpica.

Além disso, os Jogos foram uma plataforma para a China reafirmar sua posição no cenário global, passando de uma liderança regional para uma posição de superpotência global. Grix e Lee (2013) destacam que, ao contrário do Brasil, que busca uma posição central no capitalismo contemporâneo, a China aspira a ser uma alternativa ao modelo ocidental. Essa visão é fundamentada na ênfase em tecnologia, no bem-estar da comunidade e na promoção da paz como instrumento de influência.

Após 2008, a China concluiu aquele processo de reintegração ao mundo iniciado nos anos 1970, intensificado em 1990, com a entrada na OMC e isso pode ser observado no esporte. O país após as Olimpíadas se tornou o país dos BRICS que mais organizou megaeventos esportivos, com duas edições dos Jogos Asiáticos (2010 e 2022), uma edição dos Jogos Olímpicos de Verão da Juventude em 2014, duas edições da Universíada de Verão (2011 e 2021) e uma edição da Olimpíadas de Inverno em 2022.

3.1.5 África do Sul: a reunificação da nação e uma nova liderança continental

A África do Sul nos últimos trinta anos emergiu como uma líder regional na África Austral, destacando-se também como uma das principais referências no restante do continente. Essa iniciativa surge após o país abandonar as políticas do apartheid, o que resultou no término de uma série de boicotes internacionais. O esporte, assim como os megaeventos, destacou-se como uma das ferramentas fundamentais para a reconciliação, coesão nacional e reintegração internacional do país.

A Copa do Mundo de Rúgbi se desvia um pouco do foco desta pesquisa; no entanto, esse evento teve uma relevância tão significativa quanto a Copa do Mundo de Futebol de 2010 nesse processo, na verdade são duas ferramentas complementares de uma estratégia de união nacional. A Copa do Mundo de Rúgbi de 1995 destaca-se como um exemplo notável da importância geopolítica dos esportes e megaeventos. Esse torneio foi um marco crucial para a

reintegração do país no cenário global, superando os boicotes decorrentes das políticas do apartheid. Além disso, desempenhou um papel fundamental na reunificação da nação, promovendo novos símbolos e valores nacionais.

Nesse contexto, o processo licitatório era mais simples do que o da Copa do Mundo de Futebol e dos Jogos Olímpicos, sendo a África do Sul a única postulante. A decisão em favor do país foi tomada em 1993, durante uma reunião com a *World Rugby*, na qual o presidente em exercício, F. W. de Klerk, esteve presente. Havia uma grande expectativa pelo retorno da África do Sul, um país com uma tradição esportiva imensa, ao cenário do rúgbi mundial. Esta Copa do Mundo foi notável por dois fatores: foi a primeira a ser sediada exclusivamente em um único país e foi o primeiro megaevento realizado na África do Sul após o fim do *apartheid*. Participaram do evento 16 países e foram aos estádios 938 mil pessoas (Rugbypass, 2023).

Com o fim do apartheid, a África do Sul vivenciou uma abertura econômica e uma maior integração com a economia global. Além disso, observou-se a transição para a democracia liberal e a financeirização da economia, acompanhadas pela introdução significativa de capital estrangeiro no país. Isso resultou na expansão de operações de diversas empresas internacionais e setores econômicos na África do Sul.

A Copa do Mundo contribuiu significativamente para a expansão de capital no país durante esse período, sendo que as grandes empresas obtinham benefícios fiscais por patrocinar o esporte (Boff e Santos, 2020). Nesse contexto, sete patrocinadores desempenharam um papel crucial (**Quadro 11**), dos quais cinco eram empresas privadas estrangeiras: *Coca-Cola*, *Heineken*, *The Famous Grouse*, *Visa* e *Xerox*; uma empresa privada nacional, a *Iscor*; e uma empresa estatal nacional, a *South African Airways*. Adicionalmente, quatro patrocinadores de transmissão, todos privados e nacionais, foram fundamentais: *Pick 'n Pay*, *Sheel*, *Telkom SA* e *Vodacom*.

Quadro 11. Patrocinadores da Copa do Mundo de Rúgbi – África do Sul 1995

Patrocinadores Oficiais	Patrocinadores de Transmissão
Coca-Cola	Pick 'n Pay
Heineken	
Iscor - Mittal Steel South Africa	Shell
The Famous Grouse	
South African Airways (SAA)	Telkom SA SOC Limited
Visa	Vodacom
Xerox	
Fonte: SPENCE, ABRATT, MATTHEUS, 1997	
Org: O próprio autor, 2023.	
Legenda	
Empresa Estatal Nacional	
Empresa Privada Estrangeira	Empresa Privada Nacional

A *Coca-Cola* é uma empresa que participava ativamente do patrocínio esportivo e foi uma das corporações que ampliaram suas operações na África do Sul no novo contexto econômico pós-*apartheid*. Além do investimento financeiro que garantia a exposição de sua marca nos principais pontos dos estádios e áreas de publicidade do evento, a empresa lançou produtos com embalagens personalizadas exclusivamente para o torneio. Essas embalagens apresentavam descrições e fatos históricos do torneio, bem como os símbolos das seleções participantes desta edição, como ilustrado na (Figura 28).

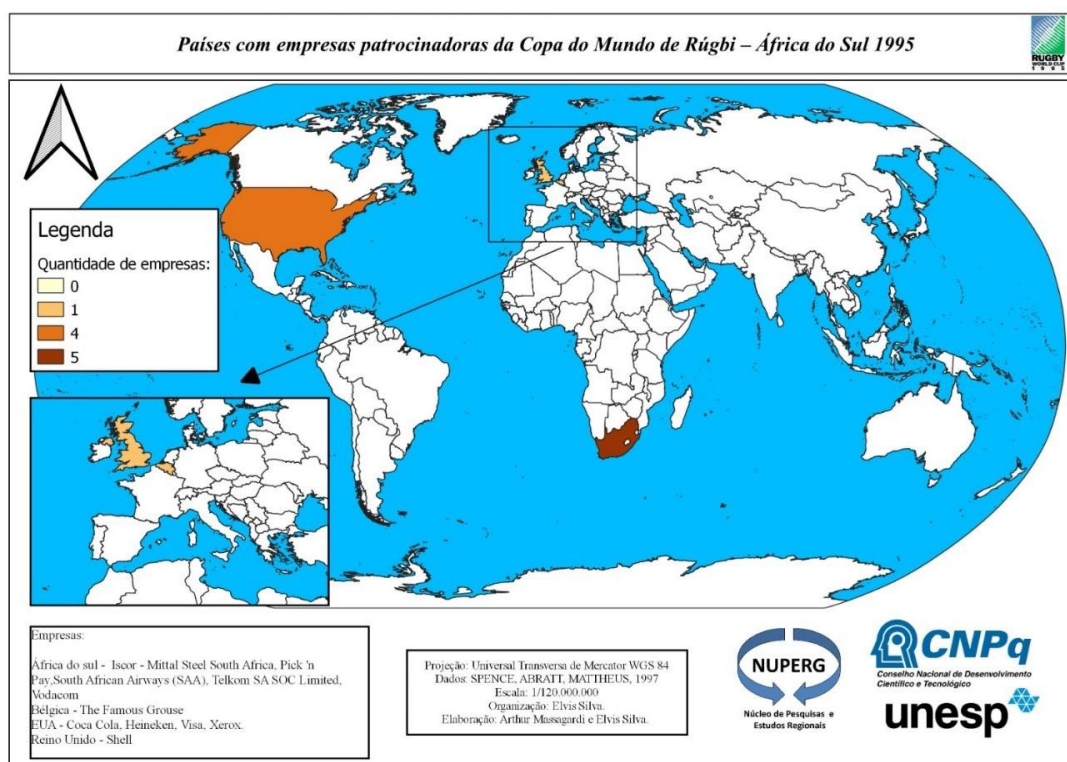
Figura 28. Latas de Coca-Cola distribuídas durante a Copa do Mundo de Rúgbi de 1995



Fonte: The Waterhole Rugby Museum, 2019.

A *South African Airways*, que, neste contexto, era estatal, desempenhou um papel crucial ao aportar recursos no desenvolvimento do evento. Além disso, teve um papel fundamental na logística para esportistas, membros de comissões, e na gestão de produtos e equipamentos utilizados. Sendo a única empresa estatal envolvida, foi reconhecida pelo público como o principal patrocinador, alcançando a mais alta taxa de reconhecimento pelos espectadores (Spence, Abratt e Matheus, 1997). Em contraste, as demais empresas sul-africanas eram privadas e buscavam consolidar ou expandir suas marcas no país. A presença de empresas estrangeiras é comum em outros megaeventos, como será discutido posteriormente, sendo notáveis os patrocinadores do setor de bebidas e bancos.

Mapa 17. Países com empresas patrocinadoras da Copa do Mundo de Rúgbi – África do Sul 1995



A especialização das patrocinadoras do torneio, a exceção dos EUA que possuem boa parte dos grandes conglomerados, são empresas oriundas de países que possuem o título mundial do torneio ou que possuem forte tradição na modalidade. Para África do Sul foi o momento de exibição das suas empresas para o mercado anglófilo, que possuem grande apego com o rúgbi, como a *South African Airways*. A empresa que foi impactada pelo boicote econômico na década anterior e após a Copa do Mundo passou por *Rebranding*, adequando as suas cores as novas cores nacionais, levou os atletas as Olimpíadas de Atlanta e a empresa ganhou sobrevida. A companhia se tornou grande parceira de megaeventos como se deu na

relação como a ATP (Associação de Profissionais de Tênis) durante a segunda parte da década de 2000, que incluiu o país no seu calendário do torneio.

O evento também foi instrumentalizado pelo governo sul-africano. O então presidente, Nelson Mandela, reconheceu no rúgbi uma ferramenta para estimular a unidade nacional, fortalecendo os novos símbolos nacionais. Dessa forma, tanto o evento quanto a seleção nacional foram utilizados para incorporar os novos símbolos e valores de uma nação que não estava mais dividida, mas sim unida e plural, em torno da unidade sul-africana. A seleção de rúgbi, que anteriormente era percebida como um espaço exclusivo para brancos, transformou-se em um símbolo desejado por Mandela para representar a nação como um todo, plural e unificada sob uma única bandeira, como fica implícito no lema utilizado pela seleção “um time, uma nação” durante o torneio (Boff e Santos, 2020).

Outro objetivo do evento era reintegrar o país ao contexto africano, considerando as críticas históricas recebidas de outras nações do continente. Além disso, buscava-se restabelecer relações com outros países. No campo diplomático o país foi se introduzindo na OUA (Organização da Unidade Africana), SADC (Sigla em inglês para Comunidade de Desenvolvimento da África Austral). O país também atuou na resolução de conflitos e na disseminação de valores democráticos no continente africano, como no Congo, República Democrática do Congo, Lesoto e Zimbábue.

Em suma, a Copa do Mundo de 1995, foi o primeiro evento de proporções globais ocorridas na África do Sul e contribuiu como uma das ferramentas de reintrodução esportiva, como também na esfera internacional, principalmente no continente africano. O outro fator de importância do evento foi internamente, na disseminação dos novos símbolos e valores nacionais, que auxiliaram a coesão nacional do território sul-africano.

Após a Copa do Mundo, diversos megaeventos foram realizados no país. No ano subsequente, a realização da CAN (Copa Africana de Nações) no país não apenas reforçou os laços com o continente africano, mas também estabeleceu um precedente significativo, levando à criação da COSAFA (Conselho das Associações de Futebol da África Austral). Essa entidade, vinculada à CAF, atua na região sul do continente. Concomitantemente, surgiu a Copa COPASA, uma competição disputada pelos membros dessa organização. No final da década, o país foi palco da organização dos Jogos Pan-Africanos de 1999.

Em 2003, os sul africanos sediaram outro megaevento de um esporte popular, a Copa do Mundo de Críquete, em conjunto com Zimbábue e Quênia. O evento já demonstra um poder de articulação com outros países. As relações diplomáticas com o Zimbábue podem ter

influenciado para culminar no compartilhamento do evento, como também com o Quênia que é uma forte liderança no continente.

No âmbito dos patrocinadores, a África do Sul era a única sede a ter empresas nacionais investindo no torneio, com MTN Group, South African Breweries, Standard Bank, e a South African Airways (Exchange4media, 2002).

O país persistiu em buscar outros megaeventos, incluindo a candidatura para os Jogos Olímpicos de 2004, com a Cidade do Cabo como postulante. No entanto, a candidatura de Atenas ganhou força devido ao cenário do centenário do resgate dos Jogos Olímpicos, que não havia sido realizado em 1996, gerando um sentimento de dívida com a Grécia, a vencedora do pleito de 2004.

Em 2000, a África do Sul esteve muito próxima de garantir o direito de sediar a Copa do Mundo da FIFA de 2006. No entanto, a Alemanha saiu vitoriosa na disputa, com uma margem de 12 votos a 11 (FIFA, 2010). Neste mesmo encontro, o então presidente da FIFA Joseph Blatter disse que edição de 2010 seria no continente africano.

A escolha para realização da Copa em 2010, foi feita em 2004, designando a África, seguindo o sistema de rotação continental. Por conseguinte, somente nações africanas se apresentaram como candidatas para sediar o evento (**Tabela 29**). Apesar da tentativa de Líbia e Tunísia de formarem uma candidatura conjunta, a FIFA não autorizou essa proposta e, como resultado, ambas as nações retiraram sua candidatura. Além da África do Sul, que acabou sendo escolhida como a anfitriã, o Egito e Marrocos também apresentaram suas candidaturas.

Tabela 29. Eleição para a XIX Copa do Mundo de Futebol Masculino de Futebol Masculino

País	Rodada Única
África do Sul	14
Marrocos	10
Egito	0
Líbia e Tunísia	-

Legenda: **País vencedor**
Fonte: FIFA, 2010
Org: O próprio autor

Segundo Méndez (2016), a escolha da África do Sul envolve uma série de fatores, que inclui o histórico na organização de megaeventos, o qual reduz a incerteza e fortalece a confiança na capacidade de articulação política e no apoio popular para sediar tais eventos.

Além disso, é influenciada pelo contexto dos países emergentes que buscam se posicionar na agenda de organização desses eventos. Conforme destacado pelo autor, as Olimpíadas de Pequim estabeleceram um precedente, demonstrando que potências regionais eram capazes de conduzir com sucesso megaeventos. Essa conjuntura fortaleceu a posição de outros países emergentes, mesmo aqueles com menor potencial econômico.

A África do Sul compensou-se organizando a Copa do Mundo de 2010 pela fracassada candidatura à organização dos Jogos Olímpicos de 2004. O contexto político, econômico e esportivo do país — além da iniciativa da FIFA de rotacionar os continentes adotados para que a África sediasse um megaevento esportivo pela primeira vez — variaram enormemente nos sete anos decorridos entre uma votação e outra (os Jogos Olímpicos de 1997 e a Copa do Mundo de 2004). A concessão anterior a Pequim dos jogos de 2008 e a própria concepção e popularização dos BRICS, que já enfatizavam a existência de uma categoria especial de potências emergentes de caráter regional do Sul, na qual a África do Sul era justamente quem se destacava a maioria no continente africano — embora formalmente não faria parte deste grupo até 2011— Sem dúvida, eles favoreceram o compromisso com este país como sede de um megaevento esportivo. Também não podemos ignorar a experiência organizacional adquirida naqueles anos através da co-organização da copa do mundo de críquete e da Copa dos Presidentes de golfe em 2003, que se juntaram à Copa Do Mundo de Rugby e à Copa das Nações Africanas, em 1995 e 1996, respectivamente; com que as dúvidas sobre as capacidades organizativas do país diminuam consideravelmente (Méndez, 2016, p. 207 – Tradução Nossa)³⁴.

O autor acima coloca o contexto histórico que permitiu o ingresso do país nos megaeventos, pelo momento econômico, pela posição de relevância que possui regionalmente e pelas experiências anteriores com outros megaeventos esportivos.

A receita da FIFA durante o ciclo 2007 – 2010 foi de USD 4,18 bilhões, resultando em um lucro de USD 631 milhões e elevando o capital da empresa para USD 1,28 bilhões. Do montante total arrecadado, USD 3,89 bilhões provêm de fontes relacionadas a eventos, sendo que USD 2,45 bilhões se originaram da venda de direitos televisivos, com USD 2,41 bilhões

³⁴ Sudáfrica se resarcio con la organización del mundial de fútbol de 2010 de la fallida candidatura para organizar los JJOO de 2004. El contexto político, económico y deportivo del país — más allá de la iniciativa de la FIFA de la rotación de continentes adoptada para que Africa albergara por primera vez un megaevento deportivo — había variado enormemente en los apenas siete años que habían transcurrido entre una y otra votación (la de los JJOO en 1997 y la del mundial en 2004). La anterior concesión a Beijing de los juegos de 2008 y la propia concepción y popularización de los BRICS, que enfatizaba ya la existencia de una categoría especial de potencias emergentes de carácter regional desde el Sur, en la que Sudáfrica era precisamente la que más destacaba en el continente africano — aunque formalmente no formaría parte de este grupo hasta 2011— Favorecieron sin duda la apuesta por este país como sede de un megaevento deportivo. Tampoco se puede obviar la experiencia organizativa ganada en esos años mediante la coorganización del mundial de cricket y la Copa de Presidentes de golf en 2003, que se sumaban al mundial de rugby y la Copa Africana de Naciones, de 1995 y 1996 respectivamente; con lo que las dudas acerca de las capacidades organizativas del país disminuyeron considerablemente (Méndez, 2016, p. 207).

provenientes especificamente da Copa do Mundo de 2010. Esses números evidenciam que a Copa do Mundo desempenhou um papel fundamental na geração de receita para a instituição durante esse período (FIFA, 2011).

Para a Copa do Mundo, foram vendidos 2.967.349 ingressos dos três milhões de ingressos disponíveis, que representa 97,5% da carga total (FIFA, 2011). A audiência total do evento que assistiu ao menos um minuto foi de 3,2 bilhões de pessoas, que representam 46,5% da população global, um acréscimo de 8,8% em relação a edição anterior, e 2,2 bilhões de pessoas que assistiram ao menos vinte minutos consecutivos, um aumento de 3% em relação a edição anterior, com uma média de 188,4 milhões de pessoas por jogo, um aumento de 6% sob a edição anterior, alcançando 214 países e territórios. O jogo final teve uma audiência de 909 milhões de pessoas que assistiram ao menos um minuto e 619,7 milhões que assistiram ao menos vinte minutos (FIFA, 2010).

Observando pela perspectiva dos países, a China se destacou com a maior audiência em números absolutos, contabilizando 329 milhões de espectadores que acompanharam a cobertura televisiva do torneio em casa por pelo menos vinte minutos, com uma média de 17,5 milhões por jogo (FIFA, 2010).

Na Espanha, a audiência total foi de 39,4 milhões, registrando uma média de 2,9 milhões por jogo. No entanto, essa audiência atingiu quase 90% da população televisiva do país, tornando-se a mais significativa entre os países analisados (FIFA, 2010).

No Brasil, a audiência acumulada atingiu 157,5 milhões de telespectadores, com uma média de 17,3 milhões por jogo, sendo a maior da América do Sul e alcançando a segunda maior população televisiva (FIFA, 2010).

Nos Estados Unidos, o alcance de audiência no país aumentou aproximadamente 20%, em comparação com o registrado em 2006, totalizando 94,5 milhões de telespectadores que acompanharam parte do evento. Além disso, um novo recorde foi estabelecido durante a partida das oitavas de final entre Estados Unidos e Gana. A média combinada de 24 milhões de espectadores que assistiram ao jogo superou em 20% o recorde anterior estabelecido nas quartas de final da Copa de 1994, envolvendo Estados Unidos e Brasil (FIFA, 2010).

No Reino Unido, a audiência acumulada atingiu a marca de 46,8 milhões de pessoas, com uma média de 5,3 milhões por jogo. Durante a transmissão do jogo entre Alemanha e Inglaterra pela BBC, um recorde interno foi estabelecido, alcançando uma audiência média de quase 17,5 milhões de pessoas. Esse número superou qualquer outro programa esportivo transmitido no Reino Unido nos cinco anos anteriores, equiparando-se ao público alcançado na partida Inglaterra x Suécia na Copa de 2006, mas superando as finais da Liga dos Campeões da

Europa de 2008 entre Chelsea e Manchester United, bem como a final da Copa do Mundo de rúgbi de 2007 entre Inglaterra e África do Sul (FIFA, 2010).

Na Índia, a audiência acumulada atingiu 44,9 milhões de telespectadores, com uma média de 1,5 milhão. O país registrou o índice mais baixo de alcance na população televisiva entre os dezessete maiores mercados (FIFA, 2010).

Na própria África do Sul, a audiência acumulada atingiu 27,9 milhões de pessoas, representando um total de 30% da população televisiva, que corresponde a 57% da população do país, com uma média de 4,1 milhões. O ponto culminante foi a segunda partida entre a África do Sul e o Uruguai, atraindo uma média de 10,1 milhões de espectadores e estabelecendo novos recordes de audiência no país. Esses números superaram as marcas anteriores, incluindo a final da Copa do Mundo de Rugby de 1995 e a semifinal da Copa das Confederações do ano anterior. O alcance do público na África do Sul aumentou em 18% em relação à Copa de 2006 (FIFA, 2010).

Quadro 12. Países com empresas patrocinadoras da Copa do Mundo de Futebol Masculino – África do Sul 2010

Parceiros FIFA	Patrocinadores Oficiais	Apoiadores Nacionais
Adidas	Anheuser-Busch (Budweiser)	Aggreko
Coca-Cola	Castrol	BP South Africa
Emirates	Continental	First National Bank
Hyundai-Kia	Grupo MTN	Neo Africa
Sony	Mahindra Satyam	PRASA - Agência Ferroviária de Passageiros da África do Sul
Visa	Mc Donald's	
	Yingli Solar	Telkom SA SOC Limited
<p>Fonte: FIFA, 2010; RABALE, 2011, p. 56 - 57 Org: O próprio autor, 2023.</p>		
Legenda		
Empresa Privada Estrangeira	Empresa Estatal Estrangeira	Empresa Privada Nacional Empresa Estatal Nacional

A venda dos direitos de marketing desta edição da Copa do Mundo totalizou USD 1,07 bilhão (FIFA, 2011). Esses patrocinadores, conforme apresentado no **Quadro 12**. Países com empresas patrocinadoras da Copa do Mundo de Futebol Masculino – África do Sul 2010, baseados no programa de patrocínio de 2007 a 2014, foram categorizados em três grupos distintos: os parceiros globais, associados à FIFA e a todos os seus eventos. Cada vaga neste bloco, para este evento, foi comercializada por USD 125 milhões (Desali e Vahed, 2010);

(Rabale, 2011, p. 57). Os demais grupos compreendem os patrocinadores oficiais do evento e outros apoiadores nacionais.

A grande maioria dos patrocinadores desta Copa do Mundo é composta por empresas privadas estrangeiras. No grupo de parceiros da FIFA, apenas a Emirates é uma empresa estatal. Entre os seis patrocinadores oficiais e os apoiadores, a maioria possui capital estrangeiro, com três empresas privadas nacionais e duas empresas nacionais estatais.

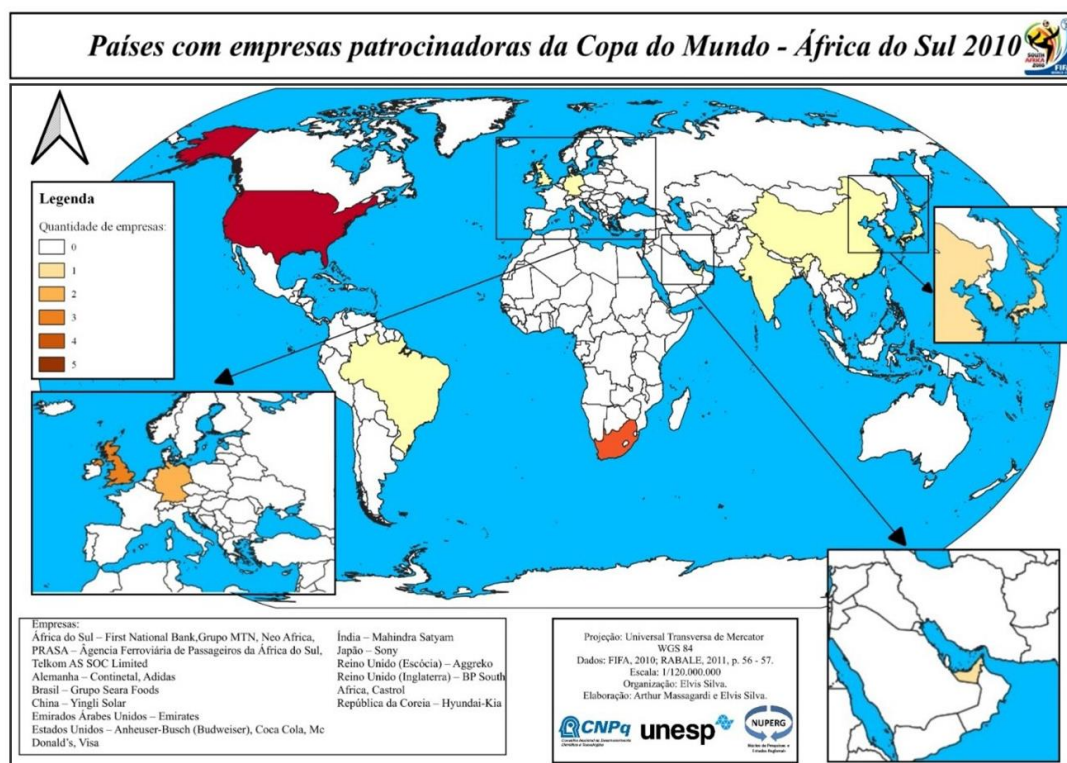
A Adidas foi responsável pela indumentária dos envolvidos no evento, com exceção das delegações que possuíam patrocinadores próprios. A Emirates cuidou da logística e transporte, a Hyundai-Kia ficou encarregada do transporte local, a Visa gerenciou as transações financeiras e a venda de ingressos, enquanto as agências do First National Bank foram alguns dos pontos de venda. A Sony contribuiu com televisores e outros aparelhos eletrônicos, aproveitando o evento para lançar globalmente uma inovação introduzida no ano anterior, a tecnologia 3D, incluindo televisores, aparelhos de videogame e jogos com suporte para o 3D.

A *Telkom* ofereceu suporte em algumas áreas de TI, além de fornecer internet sem fio e outras redes de informação. A Coca-Cola, conhecida por seu envolvimento ativo em eventos esportivos, personalizou um avião com sua marca e cores para o tour do troféu da Copa do Mundo antes do início da competição. A empresa também produziu diversos produtos personalizados com a temática do evento e das seleções participantes, mesmo fora do país anfitrião, como em Israel e nos Estados Unidos, em parceria com o McDonald's, outro patrocinador do evento.

Assim, neste evento, as empresas desempenharam um papel financeiro significativo para garantir espaços publicitários e acionar seus ativos de marketing. Além disso, foram atuantes na organização dos eventos, contribuindo para diversos aspectos da logística e da experiência dos participantes.

A distribuição geográfica dos patrocinadores deste evento abrange oito países (**Mapa 18**): Alemanha, Emirados Árabes Unidos, Estados Unidos, Índia, Japão, Reino Unido, República da Coreia e a própria África do Sul.

Mapa 18. Países com empresas patrocinadoras da Copa do Mundo de Futebol Masculino 2010 – África do Sul



Apesar de a Copa do Mundo ocorrer no Hemisfério Sul, os anfitriões foram os únicos representantes desta parte do globo, enquanto todos os demais patrocinadores são empresas sediadas no Hemisfério Norte. Ao observar as relações de poder, percebe-se que a maioria das empresas e dos espaços mais exclusivos é ocupada por empresas dos países centrais. No entanto, esta foi a primeira edição de uma Copa do Mundo a incluir uma empresa de um país periférico entre os parceiros da FIFA, representada pela Emirates. Além disso, é a primeira edição a contar com uma maior variedade de países do Sul Global, indicando uma tendência de introdução desses países no circuito de patrocinadores de megaeventos.

Os impactos da Copa do Mundo de 2010 foram significativos na África do Sul. Nos preparativos para o torneio, foram investidos USD 2,24 bilhões em infraestrutura, logística, comunicação e segurança, provenientes do tesouro nacional. Esses investimentos foram parte de um pacote global de USD 57,1 bilhões, realizado no período de 2006 a 2010, abrangendo despesas com ferrovias, construção de terminais de aeroportos e portos, bem como a construção de estádios de classe mundial, seguindo o padrão da FIFA. Essas iniciativas geraram sessenta e seis mil postos de trabalho (Lohmann, 2010).

No setor do turismo, um aumento considerável no fluxo de visitantes foi destacado por Lohmann (2010). Em 1994, seiscentas mil pessoas visitaram o país. A partir de 2007, o

crescimento ultrapassou a média global, registrando um aumento de mais de 7% apenas nos primeiros meses de 2008 e atingindo dez milhões de visitantes em 2009. Durante o período dos jogos em 2010, 1,4 milhão de pessoas visitaram o país para o torneio, representando um aumento de 25% em comparação com o mesmo período em 2009.

Através de uma entrevista conduzida pela Fundação Getúlio Vargas, notou-se que 77% dos turistas optaram por hospedagem em hotéis, destacando a relevância dos investimentos na rede hoteleira. Adicionalmente, 87% dos entrevistados nunca haviam visitado a África do Sul, e para 75% deles, essa foi a primeira experiência em uma Copa do Mundo, evidenciando o potencial turístico significativo do torneio (Lohmann, 2010).

Somente na economia local, foram injetados ZAR 93 bilhões (R\$ 22,3 bilhões), impulsionando o PIB em 1% (Lohmann, 2010). Portanto, como aponta Pop *et al.* (2016), a Copa do Mundo de Rugby de 2003 e Copa do Mundo de Futebol de 2010, foram dois fortes elementos que favorecem o aumento dos turistas internacionais no país.

Essa Copa do Mundo foi importante para a África do Sul atingir seus objetivos de alcançar a coesão nacional e de projeção continental, bem como também para estimular a sua economia e as relações comerciais com outros países (Walker *et. al.*, 2012).

Após a Copa do Mundo, o país não buscou sediar outros megaeventos ao longo da década de 2010, possivelmente devido aos momentos de instabilidade política enfrentados tanto pelo país quanto pelos governantes da época, culminando na renúncia e condenação de Jacob Zuma.

Vale a pena fazer uma breve digressão. Entre todos os presidentes dos BRICS envolvidos na organização de megaeventos, Lula da Silva, no Brasil, foi perseguido politicamente e preso, enquanto Zuma seguiu uma trajetória semelhante. Não pretendemos aprofundar essa questão, mas é interessante observar que ambos são os únicos líderes dos BRICS que não possuem armas de destruição em massa. China, Rússia e Índia enfrentaram momentos de instabilidade e de pressões externas, porém conseguiram se blindar de influências externas em seus territórios, mantendo-se nos cargos. Isso sugere que a posse de armamentos nucleares pode contribuir para uma maior garantia de soberania.

Ultimamente, a África do Sul tem demonstrado interesse em retornar ao cenário dos megaeventos. O país sediará novamente a Copa do Mundo de Críquete em 2027, em conjunto com Namíbia e Zimbábue. Além disso, a África do Sul se candidatou para organizar a Copa do Mundo de Futebol Feminino em 2007, mas posteriormente retirou a candidatura para concentrar esforços na edição de 2031 deste torneio. Na esfera da política externa, recentemente o país foi

anfitrião da histórica cúpula dos BRICS, que resultou na expansão do bloco. No entanto, a África do Sul não tem participado diretamente de outras ações globais.

3.1.6 O BRICS +: Argentina, Arabia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Egito, Etiópia e Irã

Neste tópico, discutiremos brevemente como os recém-convidados ao BRICS – Argentina, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Egito, Etiópia e Irã - têm empregado o esporte como uma ferramenta de política externa.

A **Argentina** vem demonstrando interesse em integrar a agenda de megaeventos desde sua vitória na candidatura para sediar os Jogos Olímpicos de Verão da Juventude de 2018, superando concorrentes como Medellín, pela Colômbia, e Glasgow, Reino Unido, em 2013. Ao longo desse período, o país tem buscado organizar eventos de menor magnitude como parte de sua estratégia para avançar para grandes eventos esportivos. Embora tenha manifestado aspirações para sediar os Jogos Pan-americanos de 2023, em 2017 a Argentina renunciou à candidatura devido ao frágil momento econômico, abrindo caminho para que Santiago assumisse a responsabilidade pelo evento. Adicionalmente, o país se interessou pela candidatura dos Jogos Pan-americanos de 2027, que acabou sendo atribuída a Barranquilla, na Colômbia. Vale destacar que a Argentina sediou as finais da Copa Sul-americana em 2020 e 2022, consolidando sua posição como forte candidata para a partida final da Copa Libertadores da América em 2023.

A maior candidatura para a Argentina seria a Copa do Mundo de 2030, compartilhada com Uruguai, Paraguai e Chile. No entanto, as coalizões políticas internas da FIFA favoreceriam a candidatura conjunta de Marrocos, Portugal e Espanha. Apesar disso, devido ao forte simbolismo e à influência política da CONMEBOL, Argentina, Paraguai e Uruguai foram escolhidos para sediar os jogos de abertura do torneio. Esse evento marcará a participação argentina no maior palco esportivo em décadas, refletindo seus esforços para ascender na agenda dos megaeventos. No entanto, o persistente problema econômico do país impõe limitações à capacidade de prometer grandes investimentos para outros megaeventos.

A **Arábia Saudita** buscou seguir uma estratégia semelhante à adotada pelo Catar na escolha do país como sede da Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2034, uma decisão

diretamente relacionada à edição de 2030. A partir das votações para a Copa de 2026, a FIFA passou a escolher suas sedes com base no voto de todos os seus membros, atribuindo a cada associação nacional um voto. Nesse contexto, a candidatura sul-americana para 2030 contava com os dez votos de sua região, além do apoio da CONCACAF, reciprocidade pelos votos sul-americanos na candidatura de 2026. Por outro lado, a candidatura de Portugal, Espanha e Marrocos contava com o apoio da UEFA, que possui mais de cinquenta membros, e da CAF, que, por meio do Marrocos, angariou grande parte dos seus mais de cinquenta membros. Assim, as chances de vitória recaíam principalmente nessas duas coalizões, embora os sul-americanos mantivessem a esperança de formar uma aliança com os asiáticos para garantir os cerca de cinquenta votos necessários para vencer.

A Arábia Saudita também se candidatou para a edição de 2030, buscando alianças com Grécia e Egito para candidaturas conjuntas, mas sem sucesso. Posteriormente, um acordo foi firmado com asiáticos e africanos, envolvendo a retirada da candidatura de 2030 para direcionar os votos asiáticos à candidatura de Marrocos, Portugal e Espanha. Em contrapartida, esses votos seriam retribuídos em 2034 para o representante asiático, que provavelmente seria a Arábia Saudita. Diante dessa conjuntura política, a FIFA anunciou no mesmo encontro Portugal, Espanha e Marrocos como sede da edição de 2030, com os jogos de abertura programados para a América do Sul. Ao mesmo tempo, a Arábia Saudita foi designada como sede da Copa do Mundo de 2034 durante a mesma divulgação. Tal fato demonstra que os processos políticos da edição de 2030 e de 2034 estão diretamente relacionados.

A força da candidatura não reside apenas nas boas relações da FIFA, representada pelo seu presidente Gianni Infantino, com a família real saudita liderada pelo Príncipe Mohammed bin Salman. O país já está envolvido em uma série de eventos, incluindo o Mundial de Clubes de Futebol Masculino de 2023 da própria FIFA. Embora tenha considerado o patrocínio da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2023 por meio de seu setor de turismo, essa ideia foi descartada diante da pressão internacional sobre a falta de respeito aos direitos das mulheres e da comunidade LGBTQIA+.

Além disso, a Arábia Saudita foi recentemente confirmada como sede da Copa da Ásia de Futebol Masculino de 2027, que servirá como o grande evento teste para a Copa do Mundo de 2034. O país também apresentou sua candidatura para sediar a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2035. Expandindo para além do futebol, a Arábia Saudita entrou na agenda da Fórmula 1 desde 2021 e está programada para sediar os Jogos Asiáticos de 2034.

Seguindo o caso de sucesso da compra do clube francês Paris Saint-Germain pelo governo do Catar, a Arábia Saudita, por meio de seu fundo de investimento público, adquiriu o

Newcastle United por GBP 300 milhões (Filomena, 2023). O Newcastle United é um dos clubes mais tradicionais da Inglaterra, atuando na Liga Inglesa, considerada a maior liga do mundo, com ampla visibilidade e alcance global. Essa estratégia é vista por alguns como *sportswashing* (Filomena, 2023), ou seja, o uso do esporte, com seus valores e princípios universais, para melhorar a imagem de países que enfrentam associações negativas relacionadas a valores como autoritarismo e violação de direitos humanos.

Além da aquisição de grandes clubes no exterior, a Arábia Saudita está empenhada em fortalecer sua liga de futebol e consolidar sua posição no cenário esportivo global. A estratégia envolve a aquisição da maioria das ações de quatro dos maiores clubes de futebol do país: Al-Ahli, Al-Hilal, Al-Ittihad e Al-Nassr. Esse movimento inclui a atração de renomados nomes do futebol mundial, como Neymar, Cristiano Ronaldo e Benzema, visando não apenas enriquecer a liga local, mas também despertar o interesse global para assistir aos jogos desses clubes, resultando em uma maior venda de direitos de transmissão. É um caso sem precedentes e inédito no futebol (Simões, 2023).

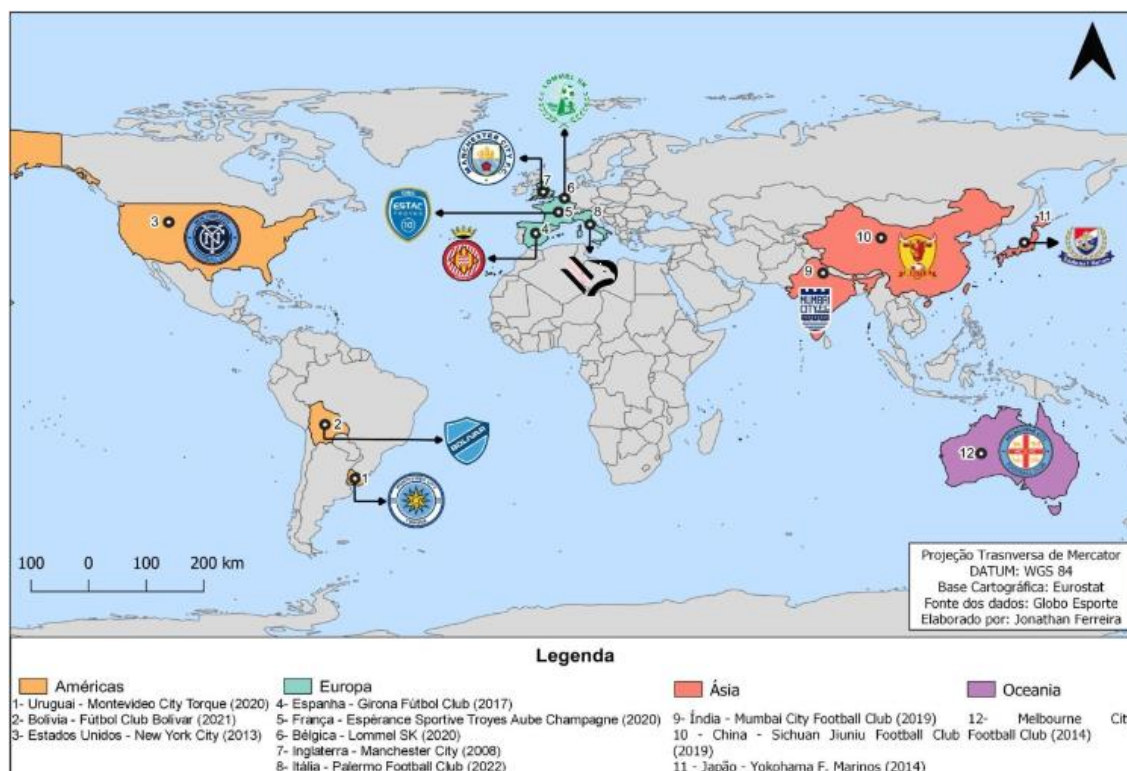
A chegada desses atletas para viver no país também pode influenciar a percepção geográfica do público internacional. A presença de grandes astros globais na Arábia Saudita sugere que o país respeita valores ocidentais, potencialmente alterando o imaginário geográfico da nação. Além disso, essa estratégia foi importante para fortalecer a candidatura para a Copa de 2034 (Simões, 2023) e pode tornar mais atrativo o país como destino de viagens, sendo percebido como um local que não apenas valoriza o esporte, mas também acolhe personalidades internacionais de renome.

Do ponto de vista econômico, a Arábia Saudita dispõe de recursos para sediar megaeventos e desempenha um papel de grande influência geopolítica na OPEP, sendo um determinante chave no controle do valor do petróleo. No entanto, sua relevância é atenuada pela falta de respeito aos direitos das mulheres e da comunidade LGBTQIA+, áreas onde o país perde significativa relevância. A Arábia Saudita busca nos megaeventos uma oportunidade para se apresentar ao mundo, colocando o país no mapa global e demonstrando que possui valores e princípios universais compatíveis com o esporte, como o respeito aos direitos humanos. Essa estratégia visa atrair um público que estimula o terceiro setor da economia, incluindo o setor de turismo, fortalecendo a imagem do país e contribuindo para a diversificação de sua economia.

Os **Emirados Árabes Unidos** ingressaram no cenário do futebol antes da Arábia Saudita, seguindo o mesmo contexto do Catar, ao empregar a estratégia de *sportswashing*. O país destacou-se como um dos pioneiros no Golfo Pérsico ao adquirir importantes clubes de futebol. Em 2008, o Manchester City foi adquirido pelo *Abu Dhabi United Group for*

Development and Investment, uma empresa de capital fechado, de propriedade do xeque Mansour bin Zayed Al Nahyan, membro da Família Real de Abu Dhabi e Ministro dos Assuntos Presidenciais dos Emirados Árabes Unidos. O êxito dessa aquisição tornou-se uma tendência, e o grupo atualmente detém clubes de futebol em quase todos os continentes, seguindo a estratégia de posse múltipla de clubes (*multi-club ownership*) (Mapa 19).

Mapa 19. Clubes sob o domínio do City Football Group no mundo (2022)



Fonte: Santos; Ferreira; Pisani, 2022, P. 5.

Além dos doze clubes destacados no mapa, em 2023, o grupo concretizou a aquisição de um clube no Brasil, o Bahia. No cenário dos megaeventos, o país já está presente na agenda da Fórmula 1 desde 2009 e sediou o Mundial de Clubes de Futebol Masculino da FIFA em 2009, 2010, 2017, 2018 e 2021, além da Copa da Ásia de Futebol em 2019. O ATP de Dubai, um prestigiado torneio de tênis de classe mundial, também faz parte desse panorama. Em 2023, os Emirados Árabes Unidos organizaram a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, sediada em Dubai.

Dessa forma, fica evidente o investimento direto dos Emirados Árabes Unidos no futebol, por meio de sua rede de clubes, bem como em eventos de médio e pequeno porte. Além disso, a nação reforça sua presença na política externa ao sediar a COP 28.

O **Egito** é uma nação onde o futebol representa uma paixão nacional, contando com dois gigantes clubes de massa, Al-Ahly e Zamalek, que angariam milhões de torcedores. Apesar de ser uma das nações mais tradicionais no cenário do futebol africano, o Egito participou de maneira limitada da Copa do Mundo e nunca teve a oportunidade de sediar o torneio. O país possui um histórico breve na organização de megaeventos, destacando-se os Jogos Pan-africanos de 1991 e a Copa Africana de Nações em 2006, ocorrida ainda durante o regime de Hosni Mubarak.

Em 2011, o Egito foi um dos países impactados pela Primavera Árabe, resultando na queda de Mubarak. Desde então, a instabilidade política impediu o país de almejar a organização de grandes eventos, exceção feita à Copa do Mundo de Basquete Sub-19 de 2017 e Copa Africana de Nações em 2019. Em 2018, o governo egípcio considerou candidaturas para a Copa do Mundo de 2030 ou 2034, inclusive ponderando uma candidatura conjunta com a Arábia Saudita, embora tal proposta não tenha avançado. Também houve menções sobre uma possível candidatura para os Jogos Olímpicos de 2032 (Livingstone, 2018), mas nenhuma formalização oficial ocorreu. Em 2022, a ideia foi novamente ventilada, desta vez para os Jogos Olímpicos de 2036 (Arabe News, 2022). Esses acontecimentos indicam o desejo do país de sediar megaeventos, mas ressaltam a necessidade de oficializar as candidaturas e apresentar garantias de estabilidade política e financeira.

A **Etiópia** apresenta um cenário recente diferente dos países mencionados anteriormente. Embora o país tenha sediado a Copa Africana de Nações em 1962, 1968 e 1976, não possui um histórico consistente na organização de outros megaeventos. A notável excelência atlética do país, especialmente no atletismo, é evidente, com todas as cinquenta e três medalhas olímpicas do país sendo conquistadas nesse campo, juntamente com um extenso histórico em maratonas e outras modalidades do atletismo.

É evidente que os inúmeros problemas políticos enfrentados pelo país desde o fim do Estado Imperial em 1974 desempenham um papel determinante nessa ausência nos megaeventos. Um exemplo notório é a recente Guerra Civil Etíope, também conhecida como Guerra do Tigré, que se estendeu de 2020 até 2022. Esses desafios políticos têm impactado a capacidade do país de se dedicar à organização e participação em eventos esportivos.

Ao longo dos anos, o **Irã** consolidou um histórico respeitável na organização de megaeventos. Foi anfitrião da Copa da Ásia em 1968 e 1976, além dos Jogos Asiáticos em 1974. O país se destaca em diversas modalidades esportivas, como luta livre, boxe, voleibol, levantamento de peso, taekwondo e, especialmente, futsal. No entanto, desde a Revolução

Iraniana de 1979, a nação enfrenta intensas pressões externas e boicotes internacionais, obstaculizando sua participação em eventos de grande porte.

Um aspecto crucial é a controvérsia em torno dos direitos das mulheres, que são proibidas de frequentar arenas esportivas no país. Ilustrativamente, a Federação Ucraniana solicitou a exclusão do Irã da Copa do Mundo de 2022, alegando violações dos direitos humanos (Foster e Mngqosini, 2022). No entanto, alguns dias antes, houve relatos de vários ataques russos em solo ucraniano com o uso de drones iranianos. Isso evidencia que o boicote parece ser direcionado aos iranianos em geral, em vez de refletir uma real preocupação com os direitos das mulheres no Irã.

Além disso, rivalidades regionais têm impacto no cenário esportivo, como a existente com os sauditas. Eles se recusam a jogar futebol em solo iraniano, e vice-versa. Embora haja tentativas de melhorar as relações entre os dois países, no âmbito esportivo, isso ainda não se concretizou, como demonstrado no confronto entre Al-Ittihad e Sepahan, em Isfahan, no Irã (Globoesporte, 2023).

Neste tópico, buscamos abordar superficialmente os potenciais novos membros para o BRICS, cuja admissão, se aceita, ocorrerá a partir de 1º de janeiro de 2024. Nosso propósito nesta pesquisa é focalizar principalmente nos BRICS originais. No entanto, é observável que esses países emergentes não estão excluídos do circuito dos megaeventos, e aqueles que estavam anteriormente excluídos estão se inserindo nesse campo.

Portanto, os novos convidados dos BRICS, de forma geral, já estão sendo introduzidos na agenda global dos megaeventos e já são emergentes no esporte e, possivelmente, serão grandes agentes esportivos na próxima década. Os empecilhos para alguns, são as garantias financeiras ou as pressões internacionais acerca de direitos humanos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nova ordem após a Guerra Fria deu início a debates sobre as características do novo cenário mundial. O vácuo de poder deixado pela União Soviética resultou em uma reconfiguração do poder global em direção a multipolaridade, onde alguns países periféricos ganharam destaque e prestígio no cenário internacional e os agentes não estatais ganham relevância.

Em 1988, o Brasil promulgou a Sexta República, um período caracterizado pela democratização política, adoção de políticas pacifistas, evidenciado pela assinatura do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares e pelo abandono do enriquecimento de urânio para fins militares. Além disso, o país adotou políticas econômicas neoliberais e testemunhou a financeirização da economia.

Após o colapso da União Soviética, a Rússia emergiu como um novo Estado, com sistemas políticos e estruturas produtivas distintas. A transição do modo de produção soviético para o capitalista resultou na desindustrialização do país, levando-o a adotar uma característica agrário-exportadora. As consequências dessa transformação foram uma década de 1990 politicamente conturbada, marcada por tentativas de golpe de Estado e conflitos com países ex-soviéticos, como a Geórgia e a Ucrânia, além de instabilidade econômica. No entanto, a partir dos anos 2000, o país conseguiu estabilizar sua política interna, impulsionar o crescimento econômico e recuperar seu protagonismo internacional.

Durante os anos 1990, a Índia passou por transformações significativas em sua sociedade. Anteriormente, o país adotava uma abordagem mais protecionista e centralizada em termos de planejamento econômico. No entanto, após as "Reformas de 1991", houve uma abertura da economia indiana e uma maior liberalização financeira, impulsionando setores como automotivo, telecomunicações e serviços financeiros. Essas mudanças resultaram na formação de uma nova classe média urbana. Por outro lado, foi nessa década que o conflito nuclear entre a Índia e o Paquistão ressurgiu.

É importante mencionar que o crescimento econômico mais robusto na Índia ocorreu após a crise financeira global de 2008. Nesse período, os setores produtivos do país começaram a ocupar espaços anteriormente ocupados por países centrais.

A partir dos anos 1950, a China começou a se distanciar da União Soviética e a adotar uma postura mais isolacionista em relação às questões globais. A partir da década de 1970, o país iniciou um processo de reorganização de seu modo de produção e abertura econômica. Isso

resultou na abertura de mercados e na criação das Zonas Econômicas Especiais. A partir dos anos 1990, a China deu início a outro processo, o de reintegração nas políticas internacionais, culminando em sua adesão à Organização Mundial do Comércio. Esses processos levaram a China a se tornar a segunda maior economia do mundo e o maior exportador de produtos manufaturados.

A África do Sul estava abandonando as políticas do *apartheid* e o isolamento internacional decorrente dessas medidas, além de encerrar a produção de armas nucleares. O Estado sul-africano passou por uma reconfiguração, com novas cores, símbolos e princípios, acompanhada pela introdução da democracia liberal e pela financeirização da economia do país. Desde então, a África do Sul tem buscado sua reintegração internacional e o estabelecimento de uma posição de liderança regional.

Sob esse contexto neoliberal de financeirização da economia, os Estados perderam parte do seu monopólio de poder, especialmente nas questões relacionadas aos setores econômicos e produtivos. Como resultado, outras formas de exercício de poder foram adotadas, como o *soft power*. Essa ferramenta de poder é utilizada por meio de elementos culturais, como princípios, valores, cinema, música e esportes. O *soft power* é considerado um meio de exercer poder que enfrenta menos resistência popular em comparação às formas tradicionais de exercício de poder, por isso, em algumas situações e para alguns atores, é mais vantajosa.

O uso do esporte como instrumento de propagação de poder é uma estratégia antiga, remontando aos tempos das Olimpíadas na Antiguidade, porém, ao longo do século XX, essa prática foi aperfeiçoada e internacionalizada. Cada vez mais, os países têm dado maior importância ao esporte como política de Estado. Estados recém-formados utilizam o esporte para consolidar novos símbolos nacionais e despertar o sentimento de união e identidade nacional. Por sua vez, Estados estabelecidos utilizam o esporte, incluindo megaeventos esportivos, para aumentar seu prestígio e projetar poder na esfera internacional.

Nesse contexto, a Geopolítica do Esporte é proposta como uma nova maneira de compreender as relações de poder por meio do esporte e dos megaeventos esportivos, como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo.

Dessa forma, propomo-nos a analisar os megaeventos como instrumentos de poder e sua utilização como capital político pelos BRICS dentro da nova ordem multipolar que se estabeleceu após a Guerra Fria.

Para isso, dedicamo-nos a compreender os critérios que esses países precisaram cumprir para se inserirem na cadeia global do esporte. Em primeiro lugar, a condição de Estado-nação reconhecida pela comunidade internacional, especialmente pela ONU, é um elemento crucial.

A estabilidade política e sanitária também desempenha um papel determinante. Não há megaeventos em países envolvidos em grandes conflitos internos ou enfrentando situações de insegurança sanitária, como foi o caso durante a pandemia de COVID-19. Em seguida, a estabilidade econômica é fundamental, como foi evidenciado em 1986, quando a Colômbia desistiu de sediar a Copa do Mundo devido a problemas financeiros.

Esses critérios são preliminares para qualquer candidatura a megaeventos esportivos. Durante o processo de seleção, outros elementos são também considerados, como a influência, a posição e o papel que o país desempenha no cenário internacional, a capacidade das infraestruturas, o apoio popular e a concordância em oferecer “espaços de exceção” para a FIFA e o COI.

As Olimpíadas de Pequim em 2008, assim como as de 2022, proporcionaram uma projeção internacional significativa à China, elevando seu prestígio ao associar-se aos valores esportivos e criar uma imagem de país comprometido com os direitos humanos e os princípios democráticos. Da mesma forma, a Copa do Mundo de Rugby em 1995 desempenhou um papel importante para a África do Sul ao romper com o racismo e estabelecer novas percepções perante a opinião pública. Através da popularidade do esporte e da conquista do título, a nova bandeira e os símbolos nacionais se disseminaram rapidamente, gerando um sentimento de pertencimento e união nacional. Além disso, o evento também encerrou o boicote sul-africano e reintegrou o país ao cenário internacional.

A Copa do Mundo de Futebol Masculino em 2010 teve como objetivo concluir o processo de unificação nacional e estabelecer a Rússia como uma liderança regional. O país buscou, por meio desses megaeventos, retomar seu protagonismo internacional e resgatar a tradição esportiva da antiga União Soviética. Ao mesmo tempo, impulsionou o desenvolvimento regional próximo ao Mar Negro. No caso do Brasil, tanto a Copa do Mundo quanto as Olimpíadas buscaram introduzir o país no cenário internacional, estabelecer sua liderança regional e expandir sua área de influência. A Índia ainda não sediou uma Copa do Mundo de Futebol Masculino ou uma Olimpíada, mas organizou torneios de esportes que são populares no país, como o críquete.

A década de 2010 foi marcada por turbulências nos países do BRICS. O Brasil enfrentou dez anos de instabilidade política, o que resultou em uma crise econômica. Por sua vez, a Rússia manteve sua coesão interna e concentrou-se na retomada do controle do Mar Negro, buscando acesso a águas quentes e influência na Ásia Central, além de conter a expansão da OTAN em direção ao leste, como evidenciado nas raízes do conflito russo-ucraniano. A Índia foi inicialmente impactada pela crise de 2008, mas logo superou suas dificuldades. A África do Sul

passou por um período político agitado, semelhante ao ocorrido no Brasil. Durante esse período, surgiram questionamentos sobre a continuidade do BRICS.

As empresas patrocinadoras e apoiadoras foram outro ponto abordado em nossa pesquisa. A imagem dessas empresas reflete o modo de vida de seus países de origem, destacando seu desenvolvimento industrial e tecnológico, além de indicar a posição do país na divisão internacional do trabalho. Portanto, a exposição dessas empresas em megaeventos pode influenciar o imaginário geográfico da opinião pública internacional. As empresas patrocinadoras são predominantemente dos países centrais; no entanto, desde as Olimpíadas de 2008, esse cenário vem passando por uma mudança progressiva, com empresas de países periféricos, especialmente da China e dos países do Golfo Pérsico.

Todavia, a pandemia do COVID-19 e o conflito russo ucraniano demandou uma série de mudanças na economia global. O aumento com os gastos públicos ajudou a com a alta da inflação e a desvalorização das moedas frente ao dólar, a exemplo do euro. Esse contexto, levou ao questionamento da dolarização da economia internacional, Brasil e Argentina e Venezuela já colocaram a necessidade de outras unidades monetárias para transacionar mercadorias, e China e Arabia Saudita concordaram em negociar petróleo usando yuan chinês.

O conflito russo-ucraniano e a pandemia tiveram um impacto significativo na opinião política internacional. Diante do boicote generalizado contra a Rússia e da desigual distribuição de vacinas e medicamentos, o bloco do Sul Global reconheceu a necessidade de uma maior articulação. Como resultado, o Novo Banco de Desenvolvimento recebeu solicitações de ingresso de países como Uruguai, Egito e Emirados Árabes Unidos, enquanto outros expressaram apoio ao BRICS e manifestaram o desejo de ingressar no grupo, como a Argentina. Esses acontecimentos demonstram que o bloco saiu fortalecido do período pós-pandêmico. O BRICS+ está prestes a se tornar uma realidade e o projeto do Sul Global está se tornando mais coeso do que em décadas anteriores.

Se no início dessa nova ordem pós-guerra existiam dúvidas sobre sua formação, hoje é possível negar a unipolaridade e identificar um processo em direção a multipolaridade, no qual os BRICS desempenham um papel central como atores globais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADIL, Hafsa. Pakistani fans ‘clueless’ about Indian visas as match tickets go to waste. **Al Jazeera**, 2023. Disponível em: <https://shre.ink/rNem>. Acesso em: 18 dez. 2023.

ADIL, Hafsa. India visa delay disrupts Pakistan’s ICC Cricket World Cup preparations. 2023. **Al Jazeera**, 2023. Disponível em: <https://shre.ink/rNx4>. Acesso em: 18 dez. 2023.

AFP. "We need a single global order" says Macron at APEC summit. YouTube, 17 nov. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OlqwqE9oD6s>. Acesso em: 28 nov. 2022.

Al-Ittihad se recusa a jogar no Irã por estátua de general no gramado. **Globoesporte.com**, 02 out. 2023. Disponível em: <https://shre.ink/rRpu>. Acesso em: 21 dez. 2023.

A trajetória de uma candidatura vitoriosa. **FIFA**, 2010. Disponível em: <https://shre.ink/rYwF>. Acesso em: 06 dez. 2023.

AGOSTINO, Gilberto. Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. ISBN: 978-85-7478-068-9.

AGNEW, John. A nova configuração do poder global. **Caderno CRH**. Salvador, v. 21. n. 53, p. 207 – 219. Maio – ago., 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792008000200002>. Disponível em: <http://bit.ly/3KuJ5mT>. Acesso em: 18 out. 2022.

AMORIM, Celso. Política Internacional e o Brasil no Mundo: da unipolaridade consentida à multipolaridade possível. **CEBRI – Revista Centro Brasileiro de Relações Internacionais**, v. 1, n.1, jan. – mar, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/441N9BT>. Acesso em 15 jun. 2023.

ANDREUCCI, Raul. A produção da cidade-sede: como transformar uma cidade em mercadoria. In: GAGLIARDI, Clarissa M. R.; CARVALHO, Mônica de (org.). **Megaprojetos, megaeventos, megalópole: a produção de uma nova centralidade em São Paulo**. São Paulo: Olho d'Água, 2015. p. 139 – 131. ISBN: 978-85-7642-031-6.

ANSANI, Gustavo Borges. O papel dos BRICS na Govenança Global. *Revista de Geopolítica*, v. 7, n. 2, p. 54 – 66, jul. – dez. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3jjgLXg>. Acesso em: 10 jan. 2023.

ARCHETTI, Eduardo P. El mundial de fútbol de 1978 en Argentina: victoria deportiva y derrota moral. **Revista Memoria y Civilización**, v. 7, p. 175 – 194. DOI: <https://doi.org/10.15581/001.7.33757>. Acesso em: 15 abr. 2023.

ARGENTINA. **Vaca Muerta**. Disponível em: <https://shre.ink/rYhh>. Acesso em: 05 dez. 2023.

ARGENTINA. **Localização geográfica de Vaca Muerta**. Disponível em: <https://shre.ink/rYhA>. Acesso em: 06 dez. 2023.

AUGUSTIN, Jean Pierre. **Sport, Geographie et Aménagement**, Bordeaux: Édition Nathan, 1995. ISBN: 978-2091-90306-4.

BALE, John; DEJONGHE, Trudo. Sports Geography: an overview. *Revista Belgeo*, (S.l.), v. 2, p. 157 – 166, 2008. DOI: <https://doi.org/10.4000/belgeo.10253>. Disponível em: <https://bit.ly/4351VrK>. Acesso em: 01 out. 2022.

Banco Central da China lança cédula comemorativa dos Jogos Olímpicos. **O TEMPO**, 2008. Disponível em: <https://shre.ink/rZpC>. Acesso em: 7 jul. 2008.

BANCO MUNDIAL. **O PIB da China 1990 – 2021**. Disponível em: <https://bit.ly/3J4g6Fo>. Acesso em 08 jun. 2023.

BECKER, Bertha Koiffmann. Geopolítica da Amazônia. Dossiê Amazônia Brasileira I – **Revista Estudos Avançados**, n. 19, v. 53, abr., 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142005000100005>. Disponível em: <https://bit.ly/3Dh4Y5v>. Acesso em 17 out. 2022.

BENITES, Afonso. Crise afasta líderes e só três do G20 estarão na abertura dos Jogos do Rio. **El País Brasil**, 25 jul. 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/123456789/1110>. Acesso em: 04 jan. 2023.

BERKELEY, Geoff. Putin claims principles of sport "eroded" and blasts "anti-doping bureaucracy". **Inside the games**, (s. l.), 20 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3wf00Hi>. Acesso em: 17 ago. 2022.

BERTONHA, João Fábio. Olimpíadas e Geopolítica. **Meridiano 47**, n. 98, set. 2008, p. 3 – 5. Disponível em: <https://shre.ink/rYHO>. Acesso em: 05 dez. 2023.

BETTI, Mauro. Cultura corporal e cultura esportiva. **Revista Paulista de Educação Física**, (S. l.), v. 7, n. 2, p. 44-51, 1993. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5904.rpef.1993.138756>. Disponível em: <https://shre.ink/rYkm>. Acesso em: 5 dez. 2023.

BEZERRA, Marcelo. A polaridade mundial e a visão do Brasil. **Revista Iberoamérica**, nº 2, 2016, p. 74 – 91. Disponível em: <https://shre.ink/rXRw>. Acesso em: 07 jan. 2023.

Blatter acusa Platini e Sarkozy por eleição do Catar como país-sede da Copa de 2022. **ESPN**, (S.l.), 11 mar. 2019. Disponível em: <http://bit.ly/42Z7LuT>. Acesso em 02 nov. 2022.

Blatter assume responsabilidade por escolha do Catar para a Copa do Mundo: "Foi um erro". **Globo Esporte**, Zurique, 08 nov. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3zZqo4R>. Acesso em: 09 nov. 2022.

BONIFACE, Pascal. **Football & mondialisation**. Paris: Armand Colin, 2010. ISBN: 978-22-002-4833-8.

BONIFACE, Pascal. **La Géopolitique**: les relations Internationales. Paris: Groupe Eyrolles, 2011. ISBN: 978-2-212-54992-8.

BONIFACE, Pascal. **Géopolitique du sport**. Paris: Armand Colin, 2014. ISBN: 978-22-002-8961-4.

BONIFACE, Pascal. **JO Politiques**: sport et relations internationales. Paris: Eyrolles, 2016. ISBN: 978-2-212-56416-7.

BORGES, Fátima Cristina da Silva. **A cidade para quem?** Empreendedorismo e resistência nos jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro: o caso da Marina da Glória. 2009. 157 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/13386>. Acesso em: 05 dez. 2023.

BRAZIL, Hugo Leonardo Salgado. **Megaeventos e Segregação Socioespacial no Rio de Janeiro**: Olimpíadas-2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Três Rios, RJ, 2011. Disponível em: <https://shre.ink/rYnk>. Acessado em: 05 dez. 2023.

BRASIL, Presidente (2023 – 2027: Luis Inácio Lula da Silva). **Discurso de Lula na COP27 no Egito**. Sharm El Sheikh, 16 nov. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3SiHx1x>. Acesso em: 21 fev. 2023.

BRUM, Gabriel Barcellos. **A Copa do Mundo no Catar**: O Futebol Como um Instrumento de Soft Power. 2023. 33 f. Monografia (Graduação em Relações Internacionais) - Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter), Porto Alegre, RS. Disponível em: <https://shre.ink/rYHq>. Acesso em: 05 dez. 2023.

BULL, Hedley. **A sociedade anárquica**: um estudo da ordem política mundial. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. ISBN: 85-230-0635-4.

BUTLER, Nick. Índia confirma planos de candidatura para os Jogos Asiáticos de 2030 e Olimpíadas de 2032. **Inside the games**, 2018. Disponível em: <https://shre.ink/rNMr>. Acesso em: 18 dez. 2023.

CAS – CORTE ARBITRAL DO ESPORTE. **Decision in the arbitration WADA v. RUSADA**. Lausanne, Suíça, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3FwQj4Q>. Acesso em 18 ago. 2022.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL (COI). 2023. Disponível em: <https://www.olympics.com/ioc/documents>. Acesso em: 28 nov. 2023.

COI – COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **2005 – 2008 Quadrennial Plan: 2008 Report**, 2008. Disponível em: <https://shre.ink/rZer>. Acesso em: 04 jan. 2024.

COI – COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Marketing Report Beijing 2008**, 2008. Disponível em: <https://shre.ink/rZeM>. Acesso em: 04 jan. 2023.

COI – COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Marketing Report Rio 2016**, 2017. Disponível em: <https://shre.ink/rOji>. Acesso em: 13 dez. 2023.

COI – COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **IOC Annual Report 2016**, 2017. Disponível em: <https://shre.ink/rY2m>. Acesso em: 05 dez. 2023.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **IOC elects Brisbane 2032 as Olympic and Paralympic host**, 2021. Disponível em: <https://shre.ink/rZeT>. Acesso em: 04 jan. 2024.

COI – COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL - COI. **Annual Report 2022**, 2023. Disponível em: <https://shre.ink/rYQ2>. Acesso em: 05 dez. 2023.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Olympic Results**. (S.l.), 2023. Disponível em: <http://bit.ly/3lYb3xU>. Acesso em: 15 out. 2022.

COI – COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Olympic host election results: 1896-2034**. Editado por The Olympic Studies Centre, 2025. Disponível em: <https://library.olympics.com/Default/doc/SYRACUSE/3525922/olympic-host-election-results-1896-2034-the-olympic-studies-centre>. Acesso em: 28 mar. 2025.

COI – COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Factsheet: Olympic host election results 2024-2034**. 11 mar. 2025. Disponível em: <https://stillmed.olympics.com/media/Documents/Olympic-Games/Future-Host/Factsheet-Electing-Olympic-hosts.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2025.

COI – COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Factsheet: Electing Olympic hosts**. 12 dez. 2024. Disponível em: <https://stillmed.olympics.com/media/Documents/Olympic-Games/Future-Host/Factsheet-Electing-Olympic-hosts.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2025.

COMMONWEALTH GAMES. Delhi 2010 sponsorship family. 2010 Commonwealth Games, 2010. Disponível em: http://d2010.thecgf.com/delhi_2010_sponsorship_family_recognition_page_0. Acesso em: 28 mar. 2023.

CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. **Futebol e Geografia**: Possibilidade de Apreensão Através do Conceito de Espaço de Representação do Futebol. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/483R4jz>. Acesso em: 05 dez. 2023.

CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. Identidade, futebol e territorialidades: uma análise a partir da Copa do Mundo 2018. **GeoTextos**, (S. l.), v. 18, n. 2, 2022. DOI: <https://doi.org/10.9771/geo.v0i2.50718>. Disponível em: <https://shre.ink/rYn1>. Acesso em: 05 dez. 2023.

CAMPOS, Flávio de. A política no pódio: episódios de tensões e conflitos nos Jogos Olímpicos da Era Moderna. **Revista USP**, (S. l.), n. 108, p. 11 – 20, 2016. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i108p11-20. Disponível em: <https://bit.ly/43ipgpH>. Acesso em: 5 maio 2023.

CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. **Futebol objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014. ISBN: 978-85-818-1595-4.

CANETTIERI, Thiago. A importância do futebol como instrumento da geopolítica internacional. **Revista de Geopolítica**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 116 – 128, jun. – dez. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3zIUUpVB>. Acesso em: 02 out. 2022.

CARDOSO, Gabriel. O Olimpismo: As Bases de um Pensamento Universal. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, (S. l.), v. 2, n. 1, p. 137 – 151, 2013. DOI

<https://doi.org/10.5585/podium.v2i1.40>. Disponível em: <https://shre.ink/rYkY>. Acesso em: 5 dez. 2023.

CARVALHO, Jacqueline Liedja Araujo Silva. Copa do Mundo de Futebol 2014 e a Geografia: Uma Conexão Significativa para o Ensino-Aprendizagem Escolar. In: **Anais do Congresso Nacional de Educação - CONEDU**, 18 a 20 de setembro de 2014. Disponível em: <https://acesse.dev/bozJ9>. Acesso em: 17 out. 2023.

CAS. CORTE ARBITRAL DO ESPORTE. https://www.tas-cas.org/fileadmin/user_upload/CAS_Media_Release_6689_decision.pdf.

CASTRO, Raul de Paiva Oliveira. A Nova Rota Econômica do Futebol: megaeventos esportivos e "o sonho chinês das três Copas". **Cadernos de História**, v. 22, n. 37, p. 314 – 333, 30 nov. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2237-8871.2021v22n37p314-333>. Disponível em: <https://shre.ink/rYHI>. Acesso em: 05 dez. 2023.

CAYO, Israel Campos. Geografizando o futebol: do global ao local. **Holos**, (S. 1.), v. 3, p. 213 – 231, 2013. DOI: <https://doi.org/10.15628/holos.2013.1333>. Disponível em: <https://shre.ink/rYIW>. Acesso em: 5 dez. 2023.

CHAIM, Aníbal Renan Martinot. **A bola e o chumbo**: futebol e política nos anos de chumbo da ditadura militar brasileira. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/D.8.2014.tde-02042014-095412. Acesso em: 13 dez. 2019.

CHAKRABORTY, Amlan. IOC urges India isolation after Pakistani athletes denied visas. **Reuters**, 2019. Disponível em: <https://shre.ink/rNMH>. Acesso em: 18 dez. 2023.

Chesnais, François. (Org.) (2005). **A finança mundializada**. São Paulo: Boitempo.

CHINA; RÚSSIA. **Joint Statement of the Russian Federation and the People's Republic of China on the International Relations Entering a New Era and the Global Sustainable Development**, 2022. Disponível em: <http://bit.ly/3Ikr9ck>. Acesso em: 21 fev. 2023.

COI - COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **The 2016 Bid Process Explained**, 2009. Disponível em: <https://shre.ink/rJ3R>. Acesso em: 12 dez. 2023.

COI – COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Marketing Report: Sochi 2014**. 2015. Disponível em: <https://shre.ink/rOnd>. Acesso em: 10 dez. 2023.

COI – COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **IOC EB recommends no participation of Russian and Belarusian athletes and officials**, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3PkRb0A>. Acesso em: 04 ago. 2022.

COI – COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Olympic Results**. (S.l.), 2022. Disponível em: <http://bit.ly/3IYb3xU>. Acesso em: 15 out. 2022.

COI – COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Olympic Truce**. Disponível em: <https://bit.ly/3QC8qvn>. Acesso em 9 ago. 2022.

COI – COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **IOC EB recommends no participation of Russian and Belarusian athletes and officials**. Disponível em: <https://bit.ly/3PkRb0A>. Acesso em 04 ago. 2022.

COLLI, Eduardo. **Universo olímpico**: uma enciclopédia das Olimpíadas. São Paulo: Códex, 2004. ISBN: 85-7594-029-5.

PBCC – Sigla em inglês para CONSELHO PAQUISTANÊS DE CRÍQUETE PARA CEGOS. **India refuses visas of Pakistan Blind Cricket Team to participate in T-20 World Cup Cricket of the Blind**. 2022. Disponível em: <https://shre.ink/rNe5>. Acesso em: 18 dez. 2023.

Copa injetou R\$ 30 bi na economia do país, estima Ministério do Turismo. **G1**, 2014. Disponível em: <https://shre.ink/rJzH>. Acesso em: 12 dez. 2023.

CORNELISSEN, Scarlett. Scripting the nation: sport, mega-events, foreign policy and state-building in post-apartheid South Africa, **Sport in Society**, v.11, n. 4, p. 481 – 493, 2008. DOI: 10.1080/17430430802019458.

CORRÊA, Roberto Lobato. A DIMENSÃO CULTURAL DO ESPAÇO: ALGUNS TEMAS. Espaço e Cultura, (S. l.), n. 1, p. 1 – 22, 1995. DOI: 10.12957/espacoecultura.1995.3479. Disponível em: <https://bit.ly/46Jzctg>. Acesso em: 5 dez. 2023.

COSTA, Wanderley Messias da. O reerguimento da Rússia, os EUA/OTAN e a crise da Ucrânia: a Geopolítica da nova Ordem Mundial. **Confins**: revista franco-brasileira de geografia, (S. l.), n. 25, 2015. DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.10551>. Disponível em: <http://bit.ly/3QtAfq1>. Acesso em: 21 fev. 2023.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Sentimento e Política no futebol alemão: construções da nação em 1990 e 2006. **Revista História**: Questões & Debates, Curitiba, n. 57, p. 73 – 99, jul. – dez., 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/his.v57i2.30573>. Disponível em: <https://bit.ly/43sF2hU>. Acesso em: 01 jun. 2023.

CURI, Martin; KNIJNIK, Jorge. MASCARENHAS, Gilmar. The Pan American Games in Rio de Janeiro 2007: Consequences of a sport mega-event on a BRIC country. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 46, n. 2, p. 140 – 156, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1177/1012690210388461>. Disponível em: <https://shre.ink/rPPR>. Acesso em: 05 dez. 2023.

DELSAHUT, Fabrice. Los juegos antropologicos de Saint-Louis: As jornadas antropológicas em Sant Louis. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 4, dez. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892011000400002>. Disponível em: <https://shre.ink/rYT2>.

DESALI, Ashwin; VAHED, Goolam. 2010 World Cup: Africa's turn or turning on Africa? A political economy of FIFA's African adventure. **Soccer & Society**, v. 11, n. 1 e 2, 2010. Disponível em: <https://shre.ink/rEar>. Acesso em: 19 dez. 2023.

DOURADO, Marcos Vinicius Santos. O ensino da geopolítica dos conflitos regionais através do contexto do futebol: possibilidades no ensino médio. **Revista Tocantinense de Geografia**, (S. l.), v. 7, n. 12, p. 18 – 36, 2018. DOI: <https://doi.org/10.20873/rtg.v7n12p18-36>. Disponível em: <https://shre.ink/rYa6>. Acesso em: 5 dez. 2023.

DRUMOND, Maurício. Vargas, Perón e o esporte: propaganda política e a imagem da nação. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, dez. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-21862009000200005>. Disponível em: <https://bit.ly/43o38dB>. Acesso em: 25 maio 2023.

Egypt Considers Bid to Host 2036 Olympics. **Arab News**. 2022. Disponível em: <https://shre.ink/rRBp>. Acesso em: 21 dez. 2023.

ELIOMAR FILHO, José. Geopolítica do G-14: disputas pelo mercado asiático de futebol. **Revista Geografias**, (S. l.), v. 3, n. 2, p. 17 – 23, 2007. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-549X..13228>. Disponível em: <https://shre.ink/rYHQ>. Acesso em: 5 dez. 2023.

Exchange4media Staff. World Cup Cricket 2003 Countdown: Ambush Marketers and Official Sponsors locked in a legal tussle. **EXCHANGE4MEDIA**, 2002. Disponível em: <https://shre.ink/r41r>. Acesso em: 06 dez. 2022.

FARIA, Caio Duarte de. O impacto e a eficiência das campanhas de marketing dos patrocinadores da Copa do Mundo de 2014, no Brasil. **Revista da Graduação**, v. 8, n. 1, 2015. Disponível em: <https://shre.ink/rJVH>. Acesso em: 12 dez. 2023.

FAURIA, Juan. **Las olimpiadas**. Barcelona: Ed. Hispano Europea, 1968.

FAVERO, Paulo. **Globalização, mercantilização e geopolítica do futebol**. 2006. 61 f. Monografia (Bacharel em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3zqAZVS>. Acesso em: 15 jun. 2023.

FAVERO, Paulo Miranda. **Os donos do campo e os donos da bola**: alguns aspectos da globalização do futebol. 2009. 117f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. DOI: 10.11606/D.8.2010.tde-08032010-115743. Disponível em: <https://bit.ly/3r0Ko1k>. Acesso em: 20 out. 2022.

FEIZABADI, Mahdi; BAKHTIARI, Marzie; RASHIDZADE, Hamed; NIKKHAKIAN, Fereshte. The Evolution of Television Broadcasting Rights during the Summer Olympic Games. **International Research Journal of Applied and Basic Sciences**, v. 4, n. 3, p. 613 – 616, 2013. Disponível em: <https://shre.ink/ryFY>. Acesso em 01 jan. 2024.

FERREIRA, Fernando da Costa. Maracanã: de centralidade popular a arena para a sociedade do espetáculo. In: Simpósio Nacional De Geografia Urbana, 13, 2013, Rio de Janeiro. Anais do Simpósio Nacional De Geografia Urbana. Rio de Janeiro: UERJ, 2013. CD-ROM.

FERREIRA, Jonathan. **Mercantilização do Futebol**: O Processo de Difusão e Financeirização da Prática Esportiva e as Exportações de Jogadores Brasileiros. 2018. 51 f. Trabalho de Graduação (Curso de Graduação em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, SP. Disponível em: <https://shre.ink/rYdT>. Acesso em: 06 dez. 2023.

FIFA – Federação Internacional de Futebol. **Television Audience Report for the 2010 FIFA World Cup**. 2010.

FIFA – Federação Internacional de Futebol. **Relatório Financeiro FIFA 2010**. 65th FIFA Congress. Zurique, 31 de maio e 1º de junho de 2011. Disponível em: <https://shre.ink/rEns>. Acesso em: 19 dez. 2023.

FIFA – Federação Internacional de Futebol. **FIFA Sponsorship: A programme overview**. 2010.

FIFA – Federação Internacional de Futebol. **Television Audience Report for the 2014 FIFA World Cup**. 2014. Disponível em: <https://shre.ink/rJRN>. Acesso em: 12 dez. 2023.

FIFA – Federação Internacional de Futebol. **Financial Report 2018**. Disponível em: <https://shre.ink/rwWP>. Acesso em: 14 dez. 2023.

FIFA – Federação Internacional de Futebol. **Financial Report 2014**. 65th FIFA Congress, Zurich, 28 e 29 de maio de 2015. Disponível em: <https://shre.ink/rJRF>. Acesso em: 12 dez. 2023.

FIFA World Cup™ reached 3.2 billion viewers, one billion watched final. **FIFA**, 2015. Disponível em: <https://shre.ink/rJRC>. Acesso em: 12 dez. 2023.

FILOMENA, Romulo Gonçalves. **Os esportes nas relações internacionais: uma análise da prática do sportswashing**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Faculdade Porto-Alegrense (FAPA) / Centro Universitário Ritter dos Reis (UNIRITTER), Porto Alegre. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/34329>. Acesso em: 21 dez. 2023.

FOSTER, Matt; MNGQOSINI, Sammy. Associação Ucraniana de Futebol pede exclusão do Irã da Copa do Mundo de 2022. **CNN Brasil**, 31 out. 2022. Disponível em: <https://shre.ink/rRpC>. Acesso em: 21 dez. 2023.

France confirms sale of 24 Rafale fighter jets to Qatar. **France 24**, 30 abr. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3zqu5Qs>. Acesso em: 03 nov. 2022.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. A importância dos imigrantes e descendentes na seleção francesa ao longo das Copas do Mundo. **FuLiA/UFGM**, (S. l.), v. 3, n. 2, p. 51–71, 2019. DOI: 10.17851/2526-4494.3.2.51-71. Disponível em: <https://bit.ly/45S63wH>. Acesso em: 7 maio 2023.

FRANÇA. Presidente (2017 – 2027: Emmanuel Macron). **Emmanuel Macron na cúpula da APEC**. Bangkok, 18 nov. 2022. Disponível em: <http://bit.ly/3xFNPif>. Acesso em: 21 fev. 2023.

FRANÇA. **More than 50 cities from all over the world support the Paris 2024 bid**. Paris, 20 abr. 2018. Disponível em: <https://shre.ink/rZBP>. Acesso em: 04 jan. 2023.

FRANK, Bruno. Introdução às Teorias da Geografia dos Esportes: um esboço inicial. **EF Deportes.com** – Revista Digital. Buenos Aires, ano 18, n. 188, jan. de 2014. Disponível em: <http://bit.ly/3U7MlaO>. Acesso em: 15 out. 2022.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Funeral de Pelé: veja a despedida ao ídolo do futebol em 11 imagens. **Globo**, 2023. Disponível em: <https://bit.ly/42GDpvS>.

GARCIA, Carolina Gallo; VALLE, André Flores Penha. Junho de 2013: Golpe e Revolução. **Cadernos Cemarx**, Campinas, SP, v. 17, p. e023013, 2023. DOI: 10.20396/ce marx.v17i00.18544. Disponível em: <https://shre.ink/rJZr>. Acesso em: 12 dez. 2023.

GENOVEZ, Patrícia Falco. O Desafio de Clio: O Esporte como Objeto de Estudo da História. **Lecturas: Educación Física y Deportes**. año 3, nº 9. Buenos Aires. Mar. 1998. Disponível em: <https://bit.ly/41bFwsW>. Acesso em: 05 dez. 2023.

GIGLIO, Sérgio Settani. **COI x FIFA: a história política do futebol nos jogos olímpicos**. 2013. Tese (Doutorado em Pedagogia do Movimento Humano) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. DOI:10.11606/T.39.2013.tde-21012014-133735. Disponível em: <https://bit.ly/3WUO44w>. Acesso em: 29 maio 2023.

GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, (S. l.), n. 163, p. 293 – 350, 2010. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i163p293-350. Disponível em: <https://bit.ly/4akdCyH>. Acesso em: 5 dez. 2023.

GÓES, Guilherme Sandoval. Geopolítica e constituição à luz do Estado Democrático de Direito. **Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**, v. 9, n. 18, p. 107-131, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/austral>. Acesso em: 28 mar. 2025.

GLOBOESPORTE.COM. Estudo: Copa das Confederações rendeu R\$ 9,7 bi ao PIB brasileiro. *Globo Esporte*, 07 abr. 2014. Disponível em: <https://encurtador.com.br/5fEeO>. Acesso em: 28 mar. 2025.

GRANDI, Guilherme; ROUBICEK, Marcelo. Artigos. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 79, maio-ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1i79p104-123>. Acesso em: 7 ago. 2023.

GRIX, Jonathan; LEE, Donna. Soft power, sports mega-events and emerging states: the lure of the politics of attraction. **Global Society**, v. 27, n. 4, p. 521–536, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13600826.2013.827632>. Acesso em: 28 mar. 2025.

GRUDGINGS, Stuart. Affirms Brazil's rise, Lula's legacy. **Reuters**, 2009. Disponível em: <https://shre.ink/rJXu>. Acesso em: 12 dez. 2023.

GUPTA, Rakesh; MEHRA, Neeraj Kumar. Role of sponsorship on the conduct of Commonwealth Games Delhi 2010. **International Journal of Physical Education Sports Management and Yogic Sciences**, v. 6, n. 2, p. 34-38, jul. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/349832171_Role_of_Sponsorship_on_the_Conduct_of_Commonwealth_Games_Delhi_2010/citations. Acesso em: 28 mar. 2025.

HAESBAERT, Rogério A (des)ordem mundial, os novos blocos de poder e o sentido da crise. **Terra Livre**, (S. l.), n. 9, 2015. Disponível em: <http://bit.ly/3KtycC1>. Acesso em: 21 fev. 2023.

HALL, C. Michael. Urban entrepreneurship, corporate interests and sports mega-events: the thin policies of competitiveness within the hard outcomes of neoliberalism. *In*: HORNE, J; MANZENREITER, W. (Ed.). **Sports Mega-Events**: social scientific analyses of a global phenomenon. (Special Issue: The Sociological Review Monograph Series) v. 54, Issue Supplement, p. 59 – 70, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-954X.2006.00653.x>. Disponível em: <https://bit.ly/46aIG1t>. Acesso em: 15 jun. 2023.

HAMAKAWA, Curt L.; ELAM, Elizabeth L. R. Sponsorship marketing of the 2018 FIFA World Cup. **Journal of Business Cases and Applications**, v. 26, n. 1, p. 1 – 15, abr. 2018. Disponível em: <https://shre.ink/rR3b>. Acesso em: 22 dez. 2023.

HEPP, Carmem. **O princípio da autodeterminação dos povos e sua aplicação aos palestinos**. 2005. Monografia (Bacharelado em Direito) – Faculdade de Direito, Setor de Ciências Jurídicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005. Acesso em: <http://hdl.handle.net/1884/40400>. Acesso em: 28 mar. 2025.

HERZ, Mônica. Teoria das Relações Internacionais no Pós-Guerra Fria. **Dados**, v. 40, n. 2, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0011-52581997000200006>. Acesso em: 28 mar. 2025.

HIRATA, Edson. Futebol e globalização: perspectivas teóricas. **EFDeportes.com**, Revista Digital. Buenos Aires, año 19, n. 196, setembro de 2014. Disponível em: <https://shre.ink/rYdQ>.

HOBERMAN, John. Toward a Theory of Olympic Internationalism. **Journal of Sport History**, v. 22, n. 1, p. 1 – 37, 1995. Disponível em: <https://shre.ink/rYTU>. Acesso em: 05 dez. 2023.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos**: O Breve Século XX (1914-1991). Tradução Marcos Santarrita; Revisão Técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. ISBN 85-7164-468-3.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. **O fim do estádio-nação? Notas sobre a construção e remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014**. In: Futebol objeto das Ciências Humanas. São Paulo: Leya, 2014.

HURRELL, Andrew. Ordem mundial: sociedade internacional e governança global. **Lua Nova**, n. 46, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-64451999000100003>. Acesso em: 28 mar. 2025.

HUTCHINGS, Stephen. et al. Staging the Sochi Winter Olympics 2014 on Russia Today and BBC World News: From soft power to geopolitical crisis. Participations: **Journal of Audience Reception Studies**, (s. l.), v. 12, n. 1, p. 630 – 658, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10023/6967>. Acesso em: 17 ago. 2022.

ICC - CONSELHO INTERNACIONAL DE CRÍQUETE. **Mais um recorde histórico na Copa do Mundo de Críquete**: Novo recorde de público. 2023. Disponível em: <https://shre.ink/r068>. Acesso em: 11 dez. 2023.

JOPLIN, Mario. Os Jogos Olímpicos de Sochi 2014 Como Parte do Projeto de Soerguimento da Rússia. **CEIRI Newspaper**, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/123456789/991>. Acesso em: 05 nov. 2013.

KEOHANE, Robert O.; NYE, Joseph S. **Power and Interdependence: World Politics in Transition**. 4th ed. Boston: Little, Brown, and Company, (1977) 2012. ISBN: 978-0-205-08291-9.

KOOREP, Ranno. **Geopolitics of Sports Mega-events: Why is International Sport Moving to Emerging Countries?** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade de Tartu, Instituto Johan Skytte de Estudos Políticos, Tartu, 2016. 77 p. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/79113383.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2024.

KUVERA.IN. **The Economic Impact of the ICC Cricket World Cup 2023 on India**. Disponível em: <https://shre.ink/r062>. 2023. Acesso em: 11 dez. 2023.

LACOSTE, Yves. Aviation et géopolitique: les projections de puissance. **Hérodote: Revista de Geografia e Geopolítica**, n. 144, terceiro trimestre de 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3PiWQb7>. Acesso em: 14 jun. 2023.

Las pérdidas millonarias de San Petersburgo sin la Champions. **Marca**, (s. l.), 25 fev. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3K3ZYCK>. Acesso em: 17 ago. 2022.

LATORRACA NETTO, Aparecido de Souza; UGEDA JÚNIOR, José Carlos. A remoção da vegetação para as obras do veículo leve sobre trilhos em Cuiabá. **Revista Contexto Geográfico**, Maceió-AL, v. 4, n. 8, p. 27 – 44, dezembro/2019. Disponível em: <https://shre.ink/rYnP>. Acesso em: 05 dez. 2023.

LEAJANSKI, Alison Diego; ROZA, Willian Samuel Santana da. Copa do Mundo e Alfabetização Cartográfica: Uma ação desenvolvida com estudantes do Ensino Fundamental. *In: Anais da XXV Semana de Geografia da UEPG*. Disponível em: <https://shre.ink/rY9x>. Acesso em: 05 dez. 2023.

LEITE JR, Emanuel; RODRIGUES, Carlos. O futebol na China: do cuju (蹴鞠) ao sonho de se tornar uma potência mundial. **Revista Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 261 – 283, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74092>. Disponível em: <https://bit.ly/3QC7g3J>. Acesso em: 22 jun. 2022.

LEITE JR., Emanuel; RODRIGUES, Carlos. A geopolítica do futebol em transformação: o caso chinês. **Revista FuLiA / UFMG**, v. 3, n. 2, p. 28 – 50, maio-ago. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2526-4494.3.2.28-50>. Disponível em: <https://shre.ink/rYHe>. Acesso em: 05 dez. 2023.

LICO, Flavio de Almeida Andrade. **O boicote aos jogos olímpicos de Moscou - 1980: uma análise da reação do movimento olímpico brasileiro e internacional**. 2007. Dissertação (Mestrado em Pedagogia do Movimento Humano) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.39.2007.tde-18122007-100502. Acesso em: 02 jun. 2023.

LIVINGSTONE, Robert. Egypt Targets Bid For 2032 Olympic Games. **GamesBids**. 2018. Disponível em: <https://shre.ink/rRBg>. Acesso em: 21 dez. 2023.

LOHMANN, Paola Bastos. **Megaeventos esportivos: impactos no turismo das cidades-sedes**. 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Empresarial) - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10438/11005>. Acesso em: 07 jan. 2024.

LYON, Sam. Olympic decision as it happened. **BBC**, 2009. Disponível em: <https://shre.ink/rJ7c>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MACHADO, Felipe Augusto. **Futebol e nacionalismo no pós-guerra fria: uma abordagem das relações internacionais**. 2009. Monografia (Bacharel em Relações Internacionais) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3qkqxOk>. Acesso em: 30 maio 2023.

MACHADO, Tiago. A Copa do Mundo e o Ensino de Geografia: A importância do uso de maquetes. In: **Anais do XXXV Encontro Estadual de Geografia: "A diversidade da geografia e a geografia da diversidade nas primeiras décadas do século XXI"**, n. 35, 2018. Disponível em: <https://shre.ink/rY93>. Acesso em: 05 dez. 2023.

MACKAY, Duncan. Commonwealth Games sponsor suspends support as Delhi revelations grow. **Inside the games**, 4 ago. 2010. Disponível em: <https://www.insidethegames.biz/articles/10215/commonwealth-games-sponsor-suspends-support-as-kalmadi-revelations-grow>. Acesso em: 28 mar. 2023.

MARTINS, Carlos J.; ALTMANN, Helena. Características do Esporte Moderno segundo Elias e Dunning. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, 10., 2007, Campinas, SP. **Anais do X Simpósio Internacional Processo Civilizador**. Campinas: UNICAMP FEF, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3GwjXJE>. Acesso em: 05 dez. 2012.

MASCARENHAS, Fernando. Megaeventos esportivos e Educação Física: alerta de tsunamí. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 39 – 67, jan. – mar. 2012. Disponível em: <https://shre.ink/rEUj>. Acesso em: 19 dez. 2023.

MASCARENHAS, Gilmar. Géopolitique du football. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 4, 1998. DOI: <https://doi.org/10.12957/geouerj.1998.49045>. Disponível em: <https://bit.ly/3K3ozll>. Acesso em: 10 out. 2022.

MASCARENHAS, Gilmar. À geografia dos esportes. Uma introdução. **Scripta Nova**. Barcelona, n. 35, 1999. Disponível em: <http://bit.ly/3nwlOI7>. Acesso em: 25 out. 2022.

MASCARENHAS, Gilmar. Considerações teórico-metodológicas sobre a difusão do futebol. **GeoUERJ**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 73 – 82, 2º Semestre de 2001. DOI: <https://doi.org/10.12957/geouerj>. Disponível em: <https://bit.ly/3qXhwsD>. Acesso em: 23 jan. 2022.

MASCARENHAS, Gilmar. Mega-eventos esportivos, desenvolvimento urbano e cidadania: uma análise da gestão da cidade do Rio de Janeiro por ocasião dos Jogos Pan-Americanos 2007.

Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, (S.l.), v. 11, n. 245 (13), 1 de ago. 2007. Disponível em: <https://shre.ink/rPPL>.

MASCARENHAS, Gilmar. Globalização e governo urbano nos megaeventos olímpicos: os Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo-2003. *In: X Coloquio Internacional de Geocrítica: Diez años de cambios en el mundo, en la geografía y en las ciencias sociales, 1999 – 2008*, Barcelona, 26 - 30 de maio de 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/417b7eA>>. Acesso em: 05 dez. 2023.

MASCARENHAS, Gilmar. Os Jogos Pan-Americanos de 1963. *In: MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco; SANCHEZ, Fernanda. (Org.). O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades*. Rio de Janeiro: Eduerj - Faperj, 2011, v. 1, p. 83-97.

MASCARENHAS, Gilmar. A Copa do Mundo de 1950 e sua inserção na produção do espaço urbano brasileiro. **GeoUERJ**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 24, 2013. DOI: <https://doi.org/10.12957/geouerj.2013.11490>. Disponível em: <https://bit.ly/3ecrPSF>. Acesso em 10 abr. 2023.

MASCARENHAS, Gilmar. Rio de Janeiro 2016: a cidade em movimento. *Revista USP*, (S. l.), n. 108, p. 49 – 56, 2016. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i108p49-56>. Disponível em: <https://shre.ink/rYnD>. Acesso em: 5 dez. 2023.

MASCARENHAS, Gilmar. O direito ao estádio. **Ludopédio**, São Paulo, v. 119, n. 12, 2019. Disponível em: <https://shre.ink/rY1q>. Acesso em: 05 dez. 2023.

MEIRELLES, Guilherme Pereira. **Antigeopolítica em campo: futebol, geopolítica e a construção de conhecimento poderoso na educação básica**. 2022. 104 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Departamento de Geografia e Meio Ambiente, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://shre.ink/rYaC>. Acesso em: 05 dez. 2023.

MELO, Victor Andrade de; FORTES, Rafael. História do Esporte: Panorama e Perspectivas. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 12, n. 22, p. 11 – 35, jul. – dez. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3RtFqJk>. Acesso em: 05 dez. 2023.

MÉNDEZ, Carlos Pulleiro. Los megaeventos deportivos en los BRICS: un cuestionamiento a su rendimiento / Sporting mega-events in the BRICS countries: questioning their performance. **Revista CIDOB d'Afers Internacionals**, Barcelona, n. 112, p. 199 – 223, abril 2016. <https://shre.ink/r4fO>. Acesso em: 07 dez. 2023.

MERTIN, Evelyn. “Passaporte para o Futuro” – Os Jogos Olímpicos de Inverno de Sochi 2014. **Revista Esporte e Sociedade**, (S. l.), v. 7, n. 19, mar. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3T0rcX>. Acesso em: 17 ago. 2022.

MIAGUSKO, Edson. Antes da Copa, depois do Pan: O Rio de Janeiro na era dos megaeventos esportivos. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, (S. l.), v. 12, n. 2, p. 395 – 408, 2012. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2012.2.11935>. Disponível em: <https://bit.ly/3TtzH7Z>. Acesso em: 5 dez. 2023.

More than half the world watched record-breaking 2018 World Cup. **FIFA**, 2018. Disponível em: <https://shre.ink/rwdg>. Acesso em: 14 dez. 2023.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. Jogos Olímpicos de 1936: o uso do esporte para fins nada esportivos. **Revista Logos: Comunicação e Universidade**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, 1º semestre 2012. DOI: <https://doi.org/10.12957/logos.2012.3283>. Disponível em: <https://bit.ly/3PetESD>. Acesso em: 25 maio 2023.

MOURA, Claudio Clementino; SILVA, José Jadson dos Santos; CAVALCANTE, Márcio Balbino. Ensinando as Regiões Mundiais nas Aulas de Geografia: Os Eventos Esportivos nas Aulas de Geografia. **Revista Relações Internacionais no Mundo Atual**, n. 21, v. 1, p. 240-256, 2016. Disponível em: <https://shre.ink/rY90>. Acesso em: 05 dez. 2023.

MULLER, Martin. After Sochi 2014: costs and impacts of Russia's Olympic Games. **Eurasian Geography and Economics**, v. 55, n.6, p. 628 - 655, 2015. DOI: 10.1080/15387216.2015.1040432. Disponível em: <https://bit.ly/3qwUKGk>. Acesso em: 17 ago. 2022.

MÜLLER, Norbert. Olympism. **The Comité Internationale Pierre de Coubertin (CIPC)**, 2023. Disponível em: <https://shre.ink/rYkw>. Acesso em: 05 dez. 2023.

NAME, José João. Ensaio Fotográfico: Impactos da Copa de 2014 - Favela Vila da Paz e arredores. In: GAGLIARDI, Clarissa M. R.; CARVALHO, Mônica de (organizadoras). **Megaprojetos, megaeventos, megalópole**: a produção de uma nova centralidade em São Paulo. São Paulo: Olho d'Água, 2015. p. 89-118. ISBN: 978-85-7642-031-6. Disponível em: <https://shre.ink/rYnC>. Acesso em: 05 dez. 2023.

NASCIMENTO, Alisson Reis. Conselho de Segurança da ONU e a hegemonia estadunidense: reflexos da manutenção de uma ordem mundial unipolar no pós-Guerra Fria. **Universitas: Relações Internacionais**, Brasília, v. 7, n. 1, p. 71-98, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.rel.uniceub.br/relacoesinternacionais/article/view/936/802>. Acesso em 10 mar. 2023

NYE JR, Joseph. **O futuro do poder**. Tradução de Magda Lopes. Benvirá: São Paulo, 2011. ISBN: 978-85-6406-529-1.

OLIVEIRA, Dimitri Silva Nunes de. **Unipolaridade do sistema internacional: proposição, debate e revisão**. 2011. 79 f. Trabalho de Conclusão de Graduação (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Porto Alegre. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/40271>. Acesso em: 07 jan. 2024.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **UN and the Olympic truce**. Disponível em: <https://bit.ly/3QC2LFz>. Acesso em 05 ago. 2022.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **ONU aprova orçamento regular de US\$ 3,39 bilhões para 2023**. Disponível em: <https://shre.ink/rYQH>. Acesso em: 05 dez. 2023.

Pelo menos 2 bilhões de pessoas assistiram aos Jogos Olímpicos de Inverno de Pequim. **CNN BRASIL**, 2022. Disponível em: <https://shre.ink/rZpE>. Acesso em: 19 fev. 2022.

PITOCO DA SILVA, Elvis Simões. **A Geopolítica dos esportes e o papel dos BRICS na organização de megaeventos**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Presidente Prudente, 2019.

PITOCO DA SILVA, Elvis Simões. A Geopolítica do esporte em tempos de guerra: o caso russo-ucraniano. **Revista Territorium Terram**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 728–750, 2024. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/territorium_terram/article/view/5568. Acesso em: 27 mar. 2025.

PITOCO DA SILVA, Elvis Simões. O Debate Político do Futebol Internacional sob a Perspectiva Geográfica. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE FUTEBOL, 4, 2022, São Paulo. **Anais eletrônicos do IV Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol**. Centro de Referência do Futebol Brasileiro – Museu do Futebol, 2022. Registro: MF0000010641b. ISBN: 2674-6964. Disponível em: <https://bit.ly/3LG7N4j>. Acesso em: 14 dez. 2023.

PIZARRO, Juliano Oliveira. **FIFA e Governança Global: atuação a partir da análise do soft power (1990-2015)**. 2015. 104f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015. Disponível em: <https://shre.ink/rYao>. Acesso em: 05 dez. 2023.

PRONI, Marcelo Weishaupt; ARAUJO, Lucas Speranza; AMORIM, Ricardo L. C. Leitura econômica dos Jogos Olímpicos: Financiamento, organização e resultados. Texto para Discussão, n. 1356, **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)**, Brasília, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10419/90949>. Acesso em: 04 jan. 2024.

PIZARRO, Juliano Oliveira. FIFA e o *Soft Power* do futebol nas Relações Internacionais. **Revista Recorde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 1 – 19, jul. – dez. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/40SJ1T8>. Acesso em: 15 jun. 2023.

PIZARRO, Juliano Oliveira. Gobernanza del deporte: ¿una inflexión de la gobernanza global? **Revista de Relaciones Internacionales, Estrategia y Seguridad**, v. 13, n. 1, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18359/ries.2876>. Disponível em: <https://shre.ink/rYae>.

PIZARRO, Juliano Oliveira. **Globalização e o sistema-mundo moderno do futebol: modernidade e (de)colonialidade na circulação de atletas a partir dos mundiais FIFA**. 2021. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis. Disponível em: <https://shre.ink/rYa7>. Acesso em: 05 dez. 2023.

PIZARRO, Juliano Oliveira; RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Governança global: visões teóricas e pluralidade de atores. **Relaciones Internacionales**, n. 54, p. 107 – 120, 2018. Disponível em: <https://shre.ink/rYak>. Acesso em: 05 dez. 2023.

PIZARRO, Juliano Oliveira; RIAL, Carmen Silvia de Moraes; RIGO, Luiz Carlos. Copa do Mundo de Clubes da FIFA (2010-2017): reprodução da colonialidade sob a perspectiva do Sistema-Mundo Moderno. **CSONline - Revista Eletrônica De Ciências Sociais**, (S. l.), n. 31,

2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/1981-2140.2020.30224>. Disponível em: <https://shre.ink/rYaW>. Acesso em: 5 dez. 2023.

PORTELA, Jonathan Dias. **Os Black Stars chegam ao mercado: O jogador ganês na geopolítica das relações internacionais entre Inglaterra e Gana no Pós-Colonialismo (1996-2014)**. 2018. 177 f. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2018. Disponível em: <https://shre.ink/rYHn>. Acesso em: 05 dez. 2023.

POP, Iuliana *et al.* The Economic Effects of the Mega Sport Events on Tourism in the BRICS Countries Case. **Amfiteatru Economic Journal**, Bucharest, v. 18, n. Special Issue No. 10, p. 960 – 975, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10419/169048>. Acesso em: 07 jan. 2024.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa**. 1998. 275 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. Disponível em: <https://shre.ink/rYd7>. Acesso em: 05 dez. 2023.

RABALE, Emmanuel. **Sponsorship Effectiveness: Consumer Recall, Recognition and Perceptions of Official Sponsorship and Ambush Marketing in the 2010 FIFA World Cup™**. 2011. Dissertação (Magister Technologiae) - Vaal University of Technology, Faculty of Management Sciences, Department of Marketing, Vanderbijlpark, 2011. Disponível em: <https://shre.ink/rEuN>. Acesso em: 20 dez. 2023.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993. ISBN: 85-08-04290-6. Disponível em: <https://bit.ly/3itvChl>. Acesso em 7 jun. 2021.

RATZEL, Fiedrich. O solo, a sociedade e o Estado. **Revista do Departamento de Geografia**, (S. l.), v. 2, p. 93 – 101, 2011. DOI: <https://doi.org/10.7154/RDG.1983.0002.0008>. Disponível em: <https://bit.ly/42xRkV1>. Acesso em: 4 jun. 2023.

REIS, Filipe de Figueiredo dos Santos; TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. A Copa do Mundo FIFA de 2010 como parte da política externa da África do Sul pós-Apartheid. **Conjuntura internacional**, v. 14, n. 2, p. 109-116, 29 maio 2018. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.1809-6182.2017v14n2p109-116>. Acesso em: 15 jun. 2023.

RIBEIRO, João Pedro De Almeida. **A utilização dos Jogos Olímpicos Modernos como ferramenta geopolítica**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências do Esporte) - Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Limeira, SP. Disponível em: <https://shre.ink/rYHz>. Acesso em: 05 dez. 2023.

ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. **A dança das cadeiras: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974)**. 2019. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.8.2020.tde-28022020-175445>. Disponível em: <https://shre.ink/rYQU>. Acesso em: 15 jun. 2023.

RODRIGUES, Aline de Oliveira. **Olimpíadas de verão e boicotes de 1980 e 1984: diplomacia esportiva durante a guerra fria**. 2021. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em

Relações Internacionais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3WV9dvr>. Acesso em: 28 maio 2023.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Os megaeventos na produção e reprodução do espaço urbano. **GeoTextos**, v. 9, n. 2, p. 13 – 25, dez. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3GsB8vB>. Acesso em: 05 dez. 2023.

RODRIGUES, Bernardo Salgado; PADULA, Raphael. Geopolítica do Lítio no Século XXI. Austral: **Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**, (S. l.), v. 6, n. 11, p. 197 – 220, Jan. – Jun. 2017. Disponível em: <https://shre.ink/rYhe>. Acesso em: 06 dez. 2023.

RODRIGUES, César. Nacionalismo desportivo pós Primeira Grande Guerra: sucesso em ano de Jogos Olímpicos (1928). **Revista Portuguesa de História**, Coimbra, n. 45, p. 183 – 204, jan. – dez. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3WEeTKi>. Acesso em: 20 maio 2023.

RODRIGUES, Gabriella dos Santos. **O futebol na perspectiva histórica**: Os processos de politização e capitalização do esporte. 2021. 76 f. TCC (Bacharelado em Relações Internacionais) - Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <https://shre.ink/rYID>. Acesso em: 05 dez. 2023.

ROJO, Luiz Fernando. Simoni Guedes: uma trajetória na Antropologia dos Esportes. **Antropolítica** - Revista Contemporânea de Antropologia, n. 46, 16 out. 2019. <https://doi.org/10.22409/antropolitica2019.0i46.a42065>. Disponível em: <https://bit.ly/3NDSSFb>. Acesso em: 05 dez. 2023.

ROSEIRA, Antonio Marcos. O mundo tripolar – geopolítica russa no século XXI e a nova ordem internacional. **GEOgraphia**, v. 25, n. 54, 25 maio 2023. DOI: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2023.v25i54.a55146>. Disponível em: <https://bit.ly/3JiMbt4>. Acesso em: 15 jun. 2023.

RUBIO, Katia. Do olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. **Revista Paulista de Educação Física**, (S. l.), v. 16, n. 2, p. 130 – 143, 2002. DOI: 10.11606/issn.2594-5904.rpef.2002.138705. Disponível em: <https://bit.ly/3FkqlkS>. Acesso em: 9 ago. 2022.

RUBIO, Katia. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 55 - 68, jan. - mar., 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092010000100006>. Disponível em: <https://bit.ly/3uhzjMd>. Acesso em 30 jun. 2022.

RUGBYPASS. **1995 Rugby World Cup in Review**. Disponível em: <https://shre.ink/rY4Q>. Acesso em: 06 dez. 2023.

RUIZ, Rebecca R. Switzerland, Global Sports Capital, Seeks New Recruits. **The New York Times**, 2016. Disponível em: <https://11nq.com/PAuex>. Acesso em: 20 out. 2023.

RÚSSIA, Presidente (2012 – 2024: Vladimir Putin). **Russian President Putin’s Speech At The World Economic Forum: Complete English Translation**. Davos, 28 jan. 2021. Disponível em: <http://bit.ly/41kjHXl>. Acesso em: 21 fev. 2023.

SANTOS, Edvanderson Ramalho dos; MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. Identidades e símbolos construídos na geopolítica do futebol: o caso do Operário Ferroviário de Ponta Grossa-PR. **Esporte e Sociedade**, ano 7, n. 20, set. 2012. Disponível em: <https://shre.ink/rY11>. Acesso em: 05 dez. 2023.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz; FERREIRA, Jonathan; PISANI, João Ricardo. Futebol, negócio e globalização: clubes brasileiros na nova era do multi-club ownership. **Revista do Departamento de Geografia da USP**. São Paulo, v. 42, p. e203847, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/eISSN.2236-2878.rdg.2022.203847>. Disponível em: <https://shre.ink/rRW0>. Acesso em: 21 dez. 2023.

SANTOS, Milton. **Por uma Outra Globalização**: Do Pensamento Único à Consciência Universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 174 p. ISBN 978-85-0105-878-2.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Tempo e Técnica, Razão e Emoção**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2013. ISBN 13: 978-85-3141-049-9.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. Globalização, Mundialização e Esporte: O Futebol como Megaevento. In: ALABARCÉS, Pablo (Org.). **Peligro de Gol**: Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina. Transformaciones: globalización y exclusión. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2003. p. 57 – 74. ISBN 950-9231-48-7.

SANTOS JÚNIOR, Orlando Alves dos; GAFFNEY, Christopher; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. (Orgs.) **Brasil**: os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016. Rio de Janeiro: E-papers, 2015.

SIGOLI, Mário A.; ROSE JUNIOR, Dante de. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 111 – 119, jun. 2004. DOI: <https://doi.org/10.18511/rbcm.v12i2.566>. Disponível em: <https://bit.ly/3qG0tNL>. Acesso em: 15 jun. 2022.

SILVA, Gabriela Costa da; PORTELLA, Adriana Araujo; PEREIRA, Gisele. Remoções na cidade de Porto Alegre em consequência da Copa do Mundo: a percepção de diferentes usuários. In: **VII Seminário PROJETAR**, 2015. Disponível em: <https://shre.ink/rYUs>. Acesso em: 05 dez. 2023.

SILVA, Kelen Katia Prates. A Copa do Mundo de 1938: Futebol, Política e Identidade Nacional Brasileira. **Podium: Sport, Leisure, and tourism review**, São Paulo, v. 5, n. 3, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5585/podium.v5i3.159>. Disponível em: <https://bit.ly/3OZsb2m>. Acesso em: 01 jun. 2023.

SILVA, Kelly Gago da. A Copa do Mundo e a valorização imobiliária no distrito de Itaquera. In: GAGLIARDI, Clarissa M. R.; CARVALHO, Mônica de (Org.). **Megaprojetos, megaeventos, megalópole**: a produção de uma nova centralidade em São Paulo. São Paulo: Olho d'Água, 2015. p. 89 – 97. ISBN: 978-85-7642-031-6. Disponível em: <https://shre.ink/rYnC>. Acesso em: 05 dez. 2023.

SIMÕES, Irlã. Como a Arábia Saudita está comprando o futebol para tentar dominar o mundo – e a Copa 2030. 2023. **Globo esporte.com**. Disponível em: <https://shre.ink/rRdi>. Acesso em: 21 dez. 2023.

SIMÕES, Irlã. Por que a liga da Arábia Saudita é sem precedentes e incomparável. **Globo esporte.com**. 2023. Disponível em: <https://shre.ink/rRdL>. Acesso em: 21 dez. 2023.

SIPRI. Stockholm international Peace research institute. **World nuclear forces**, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3PfpDZb>. Acesso em: 15 jun. 2022.

SOARES, Matheus Magalhães O.; DEL ROSSO, Azevedo, Daniel A.; VARGAS, Gloria Maria. Jogos Olímpicos, Costura Territorial e Códigos Geopolíticos: Uma Análise das Olimpíadas de 2008 e 2012. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 5., 2023, Palmas. Anais Encontro Nacional De Pós-Graduação E Pesquisa Em Geografia: Editora ANPEGE, 2023. p. 1 – 20. Disponível em: <https://shre.ink/ring>. Acesso em: 02 jan. 2024.

SOUSA, Igor Breno Barbosa; COSTA, Gabriel Costa; MATTOS JUNIOR, José Sampaio de. A geografia das quatro linhas: O Futebol e a Geopolítica nas rivalidades das seleções nacionais, **Brazilian Journal of Development**, (S. l.), v. 7, n. 9, p. 92367 – 92390, 2021. DOI:<https://doi.org/10.34117/bjdv7n9-414>. Disponível em: <https://shre.ink/rYIC>. Acesso em: 5 dez. 2023.

SOUZA, Juliano de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Por uma gênese do campo da Sociologia do Esporte: cenários e perspectivas. **Movimento**, Rio Grande do Sul, v. 16, n. 2, p. 45 – 70, abr. – jun. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3uNNR9x>. Acesso em: 05 dez. 2023.

SPENCE, Jacqui; ABRATT, Russell; MATTHEUS, Douglas. Corporate sponsorship of the Rugby World Cup 1995: an analysis of sponsors and spectators. **South African Journal of Business Management**, Johannesburg, v. 28, n. 3, 1 set. 1997. Disponível em: <https://shre.ink/rY6e>. Acesso em: 06 dez. 2023.

Sports Bodies Bring CHF1 Billion a Year for Swiss. **Swissinfo.ch**, 2015. Disponível em: <https://acesse.dev/ei5yb>. Acesso em: 20 out. 2023.

SUPPO, Hugo. Reflexões sobre o lugar do esporte nas relações internacionais. **Revista Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 397 – 433, jul - dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-85292012000200002>. Disponível em: <https://bit.ly/3zdEwF8>. Acesso em: 24 jun. 2022.

TAVARES DA SILVA, Otávio Guimarães. Esporte, movimento olímpico e democracia: o atleta como mediador. 2003. Tese (Doutorado - Programa de Pós-graduação em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <https://shre.ink/rYdE>.

The Waterhole Rugby Museum. **Latas de Coca-Cola distribuídas durante a Copa do Mundo de Rúgbi de 1995**. 2019. Disponível em: <https://shre.ink/rY09>. Acesso em: 06 dez. 2023.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá: Eduem, 2010. ISBN: 978-85-7628-177-1.

TIRADENTES, Leomar. Geografia dos Esportes: apontamentos para o ensino médio. **Revista Ponto de Vista**, n. 9, vol. 2, 2020. DOI: <https://doi.org/10.47328/rpv.v9i02.10435>. Disponível em: <https://shre.ink/rY9y>. Acesso em: 05 dez. 2023.

UEFA rescinde contrato de patrocínio no valor de R\$ 455 milhões com estatal russa de gás. **Globo Esporte**. Gelsenkirchen, 28 fev. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3Ck7TKr>. Acesso em: 17 ago. 2022.

UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS SOVIÉTICAS. Jogos Olímpicos de Moscou (1980) - Moeda comemorativa. **Repositório LUME**. 1980. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/104629>. Acesso em: 10 dez. 2023.

Unipolar world order is gone; US, Russia back to Cold War. **Tass**, Moscou, 6 dez. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3XSpy37>. Acesso em: 21 fev. 2023.

Unipolar world order gone forever, Putin says. **Tass**, São Petersburgo, 17 jun. 2022. Disponível em: <http://bit.ly/3ILPoSb>. Acesso em: 21. fev. 2023.

UVINHA, Ricardo Ricci. Os megaeventos esportivos e seus impactos: o caso das Olimpíadas da China, n. 32 – 33, **Revista Motrivência**, (S. l.), p. 104 – 125, jun. – dez., 2009. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2009n32-33p104>. Acesso em 03 jun. 2022.

VASCONCELOS, Daniel Bruno; SANTOS, Alberto Luiz dos. O futebol como mercadoria e poder: concepções geográficas sobre o torcer no Brasil. **Revista do Departamento de Geografia**, (S. l.), v. 42, p. e203590, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/eISSN.2236-2878.rdg.2022.203590>. Disponível em: <https://shre.ink/rYIM>. Acesso em: 5 dez. 2023.

Veja passo a passo como será o funeral do Papa Bento XVI. **Globo**, 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3Nwh7IF>. Acesso em: 15 jun. 2023.

VIANA, Larissa de Alcantara. Da conquista à resistência: a luta por moradia em Fortaleza - CE. *In*: Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo, 7, 2015, Barcelona-Montevideo. **Anais do Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo**. Barcelona: DUOT, 2015. DOI: 10.5821/siiu.6197. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2117/81061>. Acesso em: 05 dez. 2023.

VIEIRA, Lenamar Fiorese et al. Psicologia do esporte: uma área emergente da psicologia. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 391 – 399, abr. – jun. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3dPmH9B>. Acesso em: 05 dez. 2023.

VIÑAS GRACIA, Carles; GINESTA PORTET, Xavier. A dimensão geopolítica do fracassado projeto da Superliga Europeia de Futebol: um ensaio sobre economia, política e esporte no século XXI. **Movimento**, (S. l.), v. 28, p. e28013, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.120308>. Disponível em: <https://shre.ink/rYIL>. Acesso em: 5 dez. 2023.

WALKER, Matthew; KAPLANIDOU, Kiki; GIBSON, Heather J.; COETZEE, Willem JL et al. “Win in Africa, With Africa”: Social responsibility, event image, and destination benefits. The case of the 2010 FIFA World Cup in South Africa. **Tourism Management**, v. 34, p. 80–90, fev. 2013. DOI: 10.1016/j.tourman.2012.03.015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/257087379_Win_in_Africa_With_Africa_Social_responsibility_event_image_and_destination_benefits_The_case_of_the_2010_FIFA_World_Cup_in_South_Africa. Acesso em: 28 mar. 2025.

Western Switzerland's unique ecosystem for Sports Tech. **GGBA**, 2023. Disponível em: <https://encr.pw/YAw0K>. Acesso em: 20 out. 2023.

ZHEBIT, Alexander. A Rússia na ordem mundial: com o Ocidente, com o Oriente ou um polo autônomo em um mundo multipolar? Primeira Instância, **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 46, n. 1, jun. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-73292003000100008>. Acesso em: 10 jan. 2024.

6. APÊNDICES

APÊNDICE A – PESQUISAS QUE ENVOLVEM A TEMÁTICA DA GEOPOLÍTICA E ESPORTE NO BRASIL.

Ano	País	Autor(es)	Título	Palavras-chave
2002	Brasil	Gilberto Agostino	Vencer ou morrer: futebol, Geopolítica e identidade nacional	Futebol; Geopolítica; Identidade Nacional
2007	Brasil	José Eliomar Filho	Geopolítica do G-14: disputas pelo mercado asiático de futebol	Futebol; Comércio; Poder; Estratégia
2008	Brasil	João Fábio Bertonha	Olimpíadas e Geopolítica	Olimpíadas; Nacionalismo; Poder
2010	Brasil	Thiago Canettieri	A importância do futebol como instrumento da geopolítica internacional	Conflito; Esportes; Nação
2010	Brasil	Grégory Etienne Quin	Futebol e "imaginário nacional" helvético (1920-1942): os jogos Suíça-Alemanha no entreguerras vistos pela imprensa suíça francófona	Futebol; Imaginário Nacional; Suíça; Período Entreguerras
2010	Brasil	Paulo Miranda Favero	Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol	Futebol; Geografia econômica; Geopolítica; Globalização; Sociedade do Espetáculo
2011	Brasil	Igor Chagas Amazzarray	Futebol: o esporte como ferramenta política, seu papel diplomático e o prestígio internacional	Futebol; Política Internacional; Soft Power; Promoção Nacional, Diplomacia; Copa do Mundo
2012	Brasil	Edvanderson Ramalho dos Santos	Identidades e símbolos construídos na geopolítica do futebol: o caso do Operário Ferroviário de Ponta Grossa-PR	Geografia Cultural; Identidade; Futebol; Cidade
2012	Brasil	Hugo Suppo	Reflexões sobre o lugar do esporte nas relações internacionais	Esporte; Relações Internacionais; Cultura; Teoria das Relações Internacionais; História das Relações Internacionais
2013	Brasil	Israel Cayo Campos	Geografizando o futebol: do global ao local	Futebol, Território, FIFA, Natal-RN
2014	Brasil	Frederico Jorge Saad Guirra	Os V Jogos Mundiais Militares no Brasil e a reinserção do esporte militar na política esportiva nacional	Esporte Militar; Megaeventos Esportivos; Política Esportiva Brasileira; V Jogos Mundiais Militares
2014	Brasil	Juliana Cotting Teixeira	Memórias da prática do skate em Rio Grande/RS: geopolíticas, arquiteturas e skatistas	Skate; Memórias; Cidade
2015	Brasil	Luís Miguel Carvalho; António Carlos Correia	A recepção da ginástica sueca em Portugal nas primeiras décadas do século XX: conformidades e dissensões culturais e políticas	Conhecimento Educacional; Educação Física; Escolarização; Ginástica Sueca
2018	Brasil	Jonathan Dias Portela	Os Black Stars Chegam Ao Mercado: O Jogador Ganês Na Geopolítica Das Relações Internacionais Entre Inglaterra	Neocolonialismo, Pós Colonialismo, África, Gana, Império Britânico, Futebol

			E Gana No Pós Colonialismo (1996-2014)	
2018	Brasil	Carlos Rodrigues Emanuel Leite Júnior	O futebol na China do cujo (蹴鞠) ao sonho de se tornar uma potência mundial	Futebol; China; História; Cuju; Plano de Desenvolvimento
2018	Brasil	Marcos Vinicius Santos Dourado	O ensino da geopolítica dos conflitos regionais através do contexto do futebol: possibilidades no ensino médio	Ensino, Geopolítica, Futebol
2018	Brasil	Fernando Rossetto Gallego Campos	Geopolítica e futebol: identidade, nacionalismo e comunitarismo na Copa do Mundo 2018	Geografia, Geopolítica, Futebol, Copa do Mundo, Identidade
2018	Brasil	Murilo Meihy; Luana Souza	O esporte como ferramenta política e diplomática: o caso do boicote americano às Olimpíadas de Moscou (1980)	Esporte, Boicote, Olimpíadas
2018	Brasil	Rodrigo Nascimento Reis	Futebol brasileiro como Soft Power: pistas na cobertura da Folha de S. Paulo durante a Copa 2014	Seleção Brasileira; Futebol; Soft Power; Folha de S. Paulo; Copa 2014
2019	Brasil	João Pedro De Almeida Ribeiro	A utilização dos jogos olímpicos modernos como ferramenta Geopolítica	Jogos Olímpicos; Olimpíadas; Geopolítica; História; Esporte
2019	Brasil	Elvis Simões Pitoco da Silva	A Geopolítica dos esportes e o papel dos BRICS na organização de megaeventos	BRICS; Geografia do Esporte; Geopolítica; Relações Internacionais; Megaeventos
2019	Brasil	Emanuel Leite Jr. Carlos Rodrigues	A geopolítica do futebol em transformação: o caso chinês	Futebol; China, Copa do Mundo; Soft Power; geopolítica
2019	Brasil	Erica Hitomi Arakaki; Marcelo Alberto de Oliveira; Katia Rubio	A construção geopolítica do karate: de okinawa aos jogos olímpicos	N/D
2019	Brasil	Gustavo Ferraz de Campos Monaco; Jean Nicolau	Nacionalidade, imigração e esporte	N/D
2019	Brasil	Dhênis Rosina; Rafael Campos Veloso	Heróis nacionais: entre a figura do herói e a representação nacional nos Jogos Olímpicos	N/D
2019	Brasil	Felipe Ezequiel Jacob	Fluxos migratórios no futebol: uma análise geográfica da copa do mundo da FIFA 2018	Futebol; Migração; Naturalizados; Copa do Mundo; Geopolítica
2020	Brasil	Luíza Maria Astolfi Barbosa de Freitas	As relações internacionais, a crise do COI e a agenda 20+20	Comitê Olímpico Internacional; Esporte; Olimpíadas; Politização do Esporte; Relações Internacionais
2020	Brasil	Patrícia Volk Schatz	Estratégias chinesas no mercado do futebol mundial	China; Clubes; Geopolítica
2020	Brasil	Alexandre Uehara; Lais Santos Belini;	Jogos Olímpicos Tóquio 2020 e o soft power e nation branding do Japão	Relações Internacionais; Olimpíadas de Tóquio; Soft Power; Nation Branding
2021	Brasil	César Teixeira Castilho; Wanderley Marchi Júnior	Esporte, geopolítica e relações internacionais	Esporte, Geopolítica, Relações Internacionais, Soft-Power
2021	Brasil	Elvis Simões Pitoco da Silva	A geopolítica dos Esportes: a FIFA, CONIFA e os povos apátridas	Geopolítica do Esporte, FIFA, CONIFA, Relações Internacionais

2021	Brasil	Elvis Simões Pitoco da Silva	Os BRICS e a organização de megaeventos esportivos na ordem mundial pós-guerra fria	BRICS, FIFA, Geopolítica do esporte, Megaeventos, Nova Ordem Mundial
2021	Brasil	Igor Breno Barbosa de Sousa; Gabriel Costa da Costa; José Sampaio de Mattos Junior	A geografia das quatro linhas: O Futebol e a Geopolítica nas rivalidades das seleções nacionais	Geografia; Geopolítica; Rivalidade; Seleções de Futebol
2021	Brasil	Mateus de Almeida Prado Sampaio; Jose Raimundo Sousa Ribeiro Junior	Jogos Olímpicos de Verão de 2020	Cartografia Temática, Jogos de Verão, Olimpíadas, Tokyo 2020, Países do Mundo
2021	Brasil	Hanin Majdi Waleed Mustafa Kassem Dawud; Evelise Amgarten Quitau; Viviane Teixeira Silveira; Marcelo Moraes e Silva	Entre a manutenção e a resistência: processos de significação do esporte no Oriente Médio	Esporte; Oriente Médio; Identidade Nacional
2021	Brasil	Felipe Barbosa Brandes	Copa do Mundo de Futebol e a Geopolítica: Como a Copa do Mundo da FIFA de insere na Geopolítica e nas Relações Internacionais?	Copa do mundo; Geopolítica; Relações Internacionais
2021	Brasil	Raul de Paiva Oliveira Castro	A Nova Rota Econômica do Futebol: megaeventos esportivos e "o sonho chinês das três Copas"	FIFA, História do Esporte, China
2021	Brasil	Gabriella dos Santos Rodrigues	O futebol na perspectiva histórica: os processos de politização e capitalização do esporte	Futebol; Política; Diplomacia; Geopolítica; FIFA; UEFA; Copa do mundo; Soft Power; Sport Washing
2021	Brasil	Juliano Oliveira Pizarro	A globalização e o futebol: o processo da acentuação de desigualdade	Globalização; Futebol; Desigualdade; Havelange; Lei Bosman; Novos mercados
2022	Brasil	Guilherme Pereira Meirelles	Antigeopolítica em campo: futebol, geopolítica e a construção de conhecimento poderoso na educação básica	Geopolítica crítica; Futebol Geografia do futebol; Educação geográfica; Aprendizagem significativa
2022	Brasil	Otávio Zanetti Martins	O esporte como instrumento de política internacional nas relações internacionais: o futebol globalizado	Esporte; Política internacional; Soft power; Futebol; Relações internacionais
2022	Brasil	Guilherme Pereira Meirelles	Antigeopolítica em campo: futebol, geopolítica e a construção de conhecimento poderoso na educação básica	Geopolítica Crítica, Futebol, Geografia do futebol, Educação Geográfica, Aprendizagem significativa
2022	Brasil	Carles Viñas Gracia; Xavier Ginesta Portet	A dimensão geopolítica do fracassado projeto da superliga europeia de futebol: um ensaio sobre economia, política e esporte no século XXI	Futebol; Cooperação Internacional; Economia
2022	Brasil	Elvis Simões Pitoco da Silva	Geopolítica dos Esportes: Um Estudo sobre o Futebol	Geopolítica do Esporte, FIFA, CONIFA, Relações Internacionais
2022	Brasil	Elvis Simões Pitoco da Silva	Debate Político do Futebol Internacional sob a Perspectiva Geográfica	Geopolítica do Futebol; Geografia do Esporte; Relações de Poder; Copa do Mundo; FIFA

2022	Brasil	Raphael Rajão Ribeiro	A geopolítica do pós-Segunda Guerra vista a partir do futebol	N/D
2022	Brasil	Guilherme Meirelles	Um exercício de construção de conhecimento poderoso a partir da antigeopolítica do futebol	Educação geográfica, Aprendizagem significativa, Geografia do futebol, Antigeopolítica
2022	Brasil	Rodrigo Accioli Almeida; André dos Santos Alonso Pereira	Ousadia e alegria: sportswashing e soft power do Catar através do futebol	Sportswashing, Soft power, Futebol, Globalização, Catar
2022	Brasil	Daniel Bruno Vasconcelos; Alberto Luiz dos Santos	O futebol como mercadoria e poder: concepções geográficas sobre o torcer no Brasil	Torcidas; Cidade; Copa do Mundo; Patrimônio Cultural
2022	Brasil	Gabriel Barcellos Brum	Copa do Mundo no Catar: o futebol como um instrumento de soft power	Relações Internacionais; Soft Power; Copa do Mundo do Catar; Sports Washing
2022	Brasil	Luís Alexandre Carta Winter; Mariana Pabis Balan; Murilo Basso	Megaeventos esportivos e soft power: usos do esporte como instrumento de poder pelos Estados	Esporte, Relações Internacionais, Soft Power
2023	Brasil	Matheus Hudson dos Santos Pereira; Thiago Oliveira Neto; Fredson Bernardino Araújo da Silva	Geografia e Futebol: esporte, fluxos E conflitos na ex-Iugoslávia	Nacionalismo; Política; Futebol; Balcãs
2023	Brasil	Patrícia Volk Schatz	A geopolítica através do soft power: investimentos árabes e chineses no futebol mundial do século XXI	Esporte, Cultura, Investidores, Capitalismo, Clubes de Futebol
2023	Brasil	Igor Breno Barbosa De Sousa; Leiliane De Jesus Melo Seguins; Igor Mendes Leite; Ionete Da Silva Lima; Jéssica Neves Mendes; José Sampaio De Mattos Junior	Tóquio 2020: uma análise das olimpíadas e paralimpíadas a partir da geografia dos esportes	Megaeventos, Relações Socioeconômicas, Representatividade Social
<p>Fonte: Google Acadêmico, Scielo e Portal de Periódicos CAPES, 2023 Elaborado por: Elvis Simões Pitoco da Silva</p>				

APÊNDICE B – FRENTE E VERSO DO INGRESSO DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL 2014 – BRASIL

47



9 47339 563313 9701

Korea Republic vs. Belgium

26/06/2014 - Kick Off 17:00

Match 47
Arena de São Paulo - Rua Miguel Inácio Curi, 111
Itaquera, 08295-005
São Paulo
Marcos Chiussi
700959965

Category 4 - BRL 60.00



47

Leste
F
614
QQ
20

60782122

ENTRANCE
ENTRADA
Leste

GATE
PORTÃO
F

BLOCK
BLOCO
614

ROW
FILEIRA
QQ

SEAT
ASSENTO
20

SECTOR
SETOR
47

Liberty Seguros S.A. nº Apólice 02-14.043.666, tel. 0800-720-6666, 70096862, 17/05/2014 19:16 FIFA Ticketing Centre 0300-027-2014 (Brasil), +1-445-831-000 (internacional) **60782122**

FIFA PARTNERS



FIFA WORLD CUP SPONSORS



FIFA WORLD CUP SPONSORS



FOR FURTHER UPDATED INFORMATION CHECK FIFA.COM/TICKETS

2014 FIFA WORLD CUP BRAZIL™ - GENERAL TERMS AND CONDITIONS FOR THE USE OF TICKETS ("GTCS") - ABBREVED VERSION
 1. Any use of 2014 FIFA World Cup Brazil™ ("Competition") match tickets ("Tickets") and the admission to the Stadium will be subject to the GTCS as established by FIFA. The GTCS are available at www.fifa.com and posted at the official ticketing centres. Anyone who purchases, holds or uses a Ticket ("Ticket holder") will have or will be deemed to have fully and irrevocably agreed to these GTCS.
 2. Each Ticket is evidence to indicate a personal, receivable license which will be automatically revoked in case of a violation of the GTCS, the Stadium Code of Conduct, the Ticketing Sales Regulations or instructions given by the FIFA World Cup™ Authorities ("Authorities"). The Authorities will carry out checks on any Ticket Holder. The Ticket Holder must provide proof of identity, including photographic identification, and must consent to the collection of being prohibited in his/her possession. Ticket Holders leaving the Stadium will not be re-admitted. Each Ticket Holder must sit in the seat allocated to the respective Ticket. Authorities may substitute the allocated seat for another, which must be at least of the equivalent category. THE PURCHASE AND USE OF CERTAIN TICKETS BY RESIDENTS OF BRAZIL IS SUBJECT TO A PERSONAL CONDITION OR A PERSONAL LIABILITY DEFINED BY LAW. A TICKET WHICH IS SUBJECT TO A PERSONAL CONDITION OR A PERSONAL LIABILITY DOES NOT GRANT BY ITSELF PERMISSION TO ENTER THE STADIUM. THE TICKET HOLDER MUST CARRY AND PRESENT AT ANY THE OFFICIAL DOCUMENTS WHICH EVIDENCE FULFILLMENT OF THE PERSONAL CONDITION OR A PERSONAL LIABILITY. 4. TICKET HOLDERS MAY NOT SELL OR OTHERWISE TRANSFER THEIR TICKETS IN ANY WAY WITHOUT THE PRIOR WRITTEN CONSENT OF FIFA AS DESCRIBED IN GREATER DETAIL IN WWW.FIFA.COM. Tickets may only be purchased through official sales channels authorized by FIFA. Any Ticket obtained from any other source will be automatically considered invalid. 5. In the extent permitted by applicable law, any person attending the Match agrees that use may be made in perpetuity, free of charge of his/her name, image, photograph and likeness by FIFA or third parties authorized by FIFA. Ticket Holders are prohibited from using promotional or commercial materials, or offering to sell beverages, food, souvenirs, or other commercial items or services at the Stadium. Ticket holders may not provide any commercial service or undertake commercial activities in the stadium, except if authorized by FIFA. Ticket holders may not use a Ticket for commercial purposes. 6. EACH TICKET HOLDER IS RESPONSIBLE FOR HIS/HERSELF AND INCAPABLE INDIVIDUALLY ACCOMPANIED BY ANY FOR BEHAVING AT THE STADIUM AND ACCEPTS ALL RISKS AND DANGERS WHICH THE TICKET HOLDER MAY ENDURE WHILE ATTENDING THE MATCH AND WAIVES ANY CLAIMS AGAINST THE AUTHORITIES. 8. EACH TICKET HOLDER IS RESPONSIBLE FOR THE USE OF HIS/HER TICKET AND, TO THE FULLEST EXTENT PERMITTED BY APPLICABLE LAWS, INDEMNIFIES THE AUTHORITIES FROM ALL CLAIMS SUFFERED IN CONNECTION WITH THE ISSUE OF A TICKET AND WILL HAVE TO TAKE FULL FINANCIAL RESPONSIBILITY. 9. Altering or damaging Tickets may result in entry to a stadium being refused. 10. The GTCS will govern any dispute regarding a Ticket.

TICKET CONTAINS A CHIP, PLEASE DO NOT FOLD OR PUNCTURE

PARA INFORMAÇÕES ATUALIZADAS ACESSE FIFA.COM/INGRESSOS

TERMOS E CONDIÇÕES GERAIS PARA O USO DE INGRESSOS DA COPA DO MUNDO FIFA BRASIL 2014™ ("GTCS") - VERSÃO RESUMIDA
 1. O uso dos ingressos ("Ingressos") de partidas ("Partidas") da Copa do Mundo FIFA Brasil 2014™ ("Competição") tem como a base as condições estabelecidas nos GTCS, conforme definidos pela FIFA. Os GTCS estão disponíveis em www.fifa.com e fixados nos centros oficiais de venda de ingressos. Considera-se que qualquer pessoa que compra, detém, ou usa um ingresso ("Detentor de Ingressos") concorda integralmente e irrevogavelmente com estes GTCS. 2. Cada ingresso é um comprovante que indica uma licença pessoal e inviolável que será automaticamente revogada em caso de violação dos GTCS, do Código de Conduta no Estádio, do Regulamento de Venda de Ingressos ou de instruções dadas pelas Autoridades da Copa do Mundo FIFA™ ("Autoridades"). As Autoridades realizarão qualquer Detentor de Ingresso. O Detentor de Ingresso deve fornecer prova de sua identidade, incluindo documento com fotografia, e deve consentir com o registro de seus dados pessoais que estejam sob sua posse. Detentores de Ingresso que deixarem o Estádio não poderão entrar novamente. Cada Detentor de Ingresso deve sentar no assento atribuído ao respectivo ingresso. As Autoridades poderão substituir o assento atribuído por outro, que deve ser de categoria, no mínimo, equivalente. 4. A AQUISIÇÃO E USO DE DETERMINADOS INGRESSOS POR PESSOAS RESIDENTES NO BRASIL É SUJEITA A UMA CONDIÇÃO PESSOAL OU DEPENDÊNCIA DEFINIDA EM LEI. UM INGRESSO SUJEITO A UMA CONDIÇÃO PESSOAL OU DEPENDÊNCIA NÃO PODERÁ SER VENDIDO OU TRANSFERIDO SEM O CONSENTIMENTO DA FIFA. 5. O DETENTOR DE UM INGRESSO NÃO PODE TER SEUS INGRESSOS VENDIDOS OU TRANSFERIDOS SEM O CONSENTIMENTO PREVISTO E POR ESCRITO DA FIFA. CONFORME DETALHADO EM WWW.FIFA.COM. Ingressos só podem ser adquiridos por meio de canais oficiais de venda autorizados pela FIFA. Qualquer ingresso obtido por qualquer outro meio será automaticamente considerado inválido. 6. Na medida em que for permitido pela lei aplicável, qualquer pessoa presente em uma Partida concorda que, sem o pagamento de qualquer contraprestação, poderão ser usados permanentemente a sua voz, imagem, fotografias ou similar pela FIFA ou terceiros por ela autorizados. Os Detentores de Ingresso não poderão gravar ou transmitir qualquer som, imagem ou documento da Partida, salvo para uso privado. 7. Os Detentores de Ingresso são estritamente proibidos de usar materiais comerciais ou promocionais, ou oferecer para venda bebidas, comidas, souvenirs ou outros bens comerciais nos Estádios. Os Detentores de Ingresso não poderão realizar qualquer atividade comercial ou participar de quaisquer promoções comerciais nos Estádios, exceto se autorizadas pela FIFA. Os Detentores de Ingresso não poderão usar o ingresso para fins comerciais. 8. CADA DETENTOR DE INGRESSO É RESPONSÁVEL POR SI E POR PESSOAS INCAPAZES POR ELE ACOMPANHADAS POR SE COMPORTAR NO ESTÁDIO E ACEITA TODOS OS RISCOS E PERIGOS QUE PODA ENFRENTAR ENQUANTO ESTIVER PRESENTE A PARTIR, SEM COMO RESUNDA A QUALQUER DEMANDA CONTRA AS AUTORIDADES. 8. CADA DETENTOR DE INGRESSO É RESPONSÁVEL PELA USO DE SEU INGRESSO E, NA MEDIDA PERMITIDA PELA LEI APLICÁVEL, DEVERÁ INDEMNIZAR AS AUTORIDADES POR TODAS AS DEMANDAS SOFRIDAS EM RELACÃO AO USO INVOLUNTÁRIO DO INGRESSO, ASSUMINDO TOTAL RESPONSABILIDADE FINANCEIRA. 9. Alterar ou danificar ingressos pode resultar na proibição de entrada no Estádio. 10. Os GTCS completos rejeitam qualquer disputa relativa a um ingresso.

O INGRESSO CONTÉM LUM CHIP, POR FAVOR NÃO DOBRE OU PERFURE

Fonte: O próprio autor, 2023.

APÊNDICE C – COPO DE DISTRIBUIÇÃO DE BEBIDA COCA COLA NA COPA DO MUNDO 2014 – BRASIL



Fonte: O próprio autor, 2023.

APÊNDICE D – DECORAÇÃO DA COCA COLA PARA A COPA DO MUNDO 2014 – BRASIL



Fonte: O próprio autor, 2014.

APÊNDICE E – LOJA DE PRODUTOS LICENCIADOS PARA A COPA DO MUNDO DE 2014




Fonte: O próprio autor, 2014.

APÊNDICE F – ESTANDE DA COCA COLA PARA A COPA DO MUNDO DE 2014

Fonte: O próprio autor, 2014.

APÊNDICE G - FRENTE E VERSO DO INGRESSO DOS JOGOS OLÍMPICOS – RIO 2016.

06 Agosto August 19:00 Início Start time 018



Futebol
Football

Estádio Olímpico
Olympic Stadium
Rua José dos Reis, 425 - Engenho de Dentro

ENTRADA ENTRY: OESTE
NÍVEL LEVEL: 2 BLOCO BLOCK: 214
SEM LUGAR MARCADO GENERAL ADMISSION

Ingresso para uso de (ou convidados de):
Ticket for use by (or by guest of):
ELVIS SIMOES P. DA SILVA
Sessão Session: FB010
Categoria Category: C
Preço Price: R\$ 20,00
Tipo Type: Estudante/Professor
Pedido Order: 907156
000310989200400110010000


059918-000393-C
000310989200400110010000 RPS: 8373


018

Proibida a revenda não autorizada. Unauthorised resale prohibited.

Fonte: O próprio autor, 2023.




TERMOS E CONDIÇÕES DE COMPRA DOS INGRESSOS: Esta é uma versão resumida do "Regulamento de Licença de Uso de Ingressos e Políticas do Espectador", que encontra-se disponível em www.ingressos.rio2016.com e em todas as bilheterias oficiais. **AO COMPRAR, ACEITAR OU USAR UM INGRESSO, VOCÊ AFIRMA QUE LEU, COMPREENDEU E ACEITA INTEGRALMENTE O REGULAMENTO.** Você deve manter seu ingresso consigo durante todo o tempo. Salvo se autorizado pelo Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos Rio 2016 ("Rio 2016"), este ingresso é intransferível e não pode ser vendido/anunciado para venda. A revenda não autorizada deste ingresso pode resultar em processo criminal contra os envolvidos. O ingresso não pode ser usado para marketing, leilões, ou captação de recursos, salvo se autorizado pelo Rio 2016. Ingressos obtidos por fonte que não o Rio 2016, ou por este autorizada, serão considerados INVÁLIDOS e PODEM SER APREENDIDOS/CANCELADOS, SEM DIREITO A REEMBOLSO OU ENTRADA NA SESSÃO. Qualquer Pessoa tentando usar um ingresso obtido em desacordo com o Regulamento poderá ser retirada do local e estar sujeita a ações civis e criminais. Sessões podem ser atrasadas, interrompidas, adiadas ou canceladas. Consulte os Termos e Condições para Compra de Ingressos para a elegibilidade e procedimentos de reembolso. Você concorda que está sujeito a inspeções de segurança, que leu e aceitou a lista de itens proibidos, restritos e de comportamentos proibidos, e reconhece e aceita os perigos e riscos inerentes a uma Sessão. Respeitada a legislação, você é responsável por seus pertences, sua segurança, ou de pessoas vulneráveis. O uso não autorizado de material promocional, ou venda de produtos na instalação é proibido. Você concorda em ser fotografado, identificado, e/ou gravado pelo Rio 2016/COI ou terceiros por eles autorizados, e que tais fotografias, filmes ou gravações podem ser usados para fins comerciais ou não-comerciais, sem pagamento, pelo período máximo permitido pela lei, em qualquer formato e através de qualquer mídia, para a promoção do Movimento Olímpico. Você concorda que imagens, vídeos, ou gravações de áudio dos jogos realizadas por você não poderão ser usados para fins comerciais.


TERMS AND CONDITIONS OF TICKET PURCHASE: This is a summary of the "Ticket License Agreement and Spectator Policy" available at www.ingressos.rio2016.com and from all official box offices. BY ACCEPTING, HOLDING OR USING A TICKET, YOU ACKNOWLEDGE THAT YOU HAVE READ, UNDERSTOOD AND ACCEPT THE AGREEMENT. You must keep this Ticket with you at all times. Save as authorised by the Rio 2016 Organising Committee for the Olympic Games ("Rio 2016"), Tickets are non-transferable and may not be sold/advertised for sale. Unauthorised resale of this ticket may result in criminal prosecution. Tickets may not be used for marketing, auctions, or fundraising unless approved by Rio 2016. Tickets obtained from Persons other than Rio 2016 or authorised sources are VOID and may be SEIZED/CANCELLED WITHOUT REFUND OR ENTRY TO A SESSION. Any Person using a Ticket obtained in breach of this Agreement may be ejected and face legal action. Sessions may be delayed, interrupted, postponed or cancelled. Refer to the Terms and Conditions of Ticket Purchase for refund eligibility and procedures. You agree that you may be subject to security searches, have read and understood the lists of prohibited and restricted items and forbidden behaviours, and accept the risks and dangers of attending a Session. Subject to the laws, you are responsible for your property and safety and for the safety of any vulnerable persons. Unauthorised use of promotional materials or sale of goods in the Venue are prohibited. You agree to be photographed, identified and/or otherwise recorded by Rio 2016/the IOC or third parties authorised by them, and that such photographs, films or recordings can be used in a commercial or non-commercial manner without payment, for the maximum duration permitted by law, in any format and through any media, for the promotion of the Olympic Movement. You agree that images, videos, or sound recordings of the Games taken by you cannot be used for commercial purposes.

O maior evento esportivo do mundo é feito do encontro de grandes parcerias. The world's greatest sporting event happens when great partners work together.

PATROCINADORES OLÍMPICOS MUNDIAIS | WORLDWIDE OLYMPIC PARTNERS



Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016
Rio 2016 Organising Committee for the Olympic and Paralympic Games
Rua Ulysses Guimarães, 2016 - Cidade Nova, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
CNPJ/MF 11.866.015/0001-53
Baixe o guia do espectador em | Download the spectator's guide at
rio2016.com/guiaoespectador
TM Rio 2016 © 2010



APÊNDICE H - FRENTE E VERSO DO INGRESSO DOS JOGOS PARALÍMPICOS – RIO 2016.

17 Setembro
September

10:00
Início Start time

130




Atletismo
Athletics

Estádio Olímpico
Olympic Stadium

Rua José dos Reis, 425 - Engenho de Dentro

ENTRADA ENTRY: WEST / OESTE

NÍVEL LEVEL: 2 BLOCO BLOCK: 214

SEM LUGAR MARCADO GENERAL ADMISSION

Ingresso para uso de (ou convidados de):
Ticket for use by (or by guest of):

ELVIS SIMOES P. DA SILVA

Sessão Session: PAT19
Categoria Category: C
Preço Price: R\$ 20,00
Tipo Type: Inteiro
Pedido Order: 907197
000344044600100110010000

059918-000537-B
000344044600100110010000 RPS: 1233



130

Proibida a revenda não autorizada. Unauthorized resale prohibited.

Rio 2016
JOGOS PARALÍMPICOS

TERMOS E CONDIÇÕES DE COMPRA DOS INGRESSOS: Esta é uma versão resumida do "Regulamento de Licença de Uso de Ingressos e Políticas do Espectador", que encontra-se disponível em www.ingressos.rio2016.com e em todas as bilheteiras oficiais. **AO COMPRAR, ACEITAR OU USAR UM INGRESSO, VOCÊ AFIRMA QUE LEU, COMPREENDEU E ACEITA INTEGRALMENTE O REGULAMENTO.** Você deve manter seu Ingresso consigo durante todo o tempo. Salvo se autorizado pelo Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 ("Rio 2016"), este Ingresso é intransferível e não pode ser vendido/anunciado para venda. **A revenda não autorizada deste Ingresso pode resultar em processo criminal contra os envolvidos.** O Ingresso não pode ser usado para marketing, leilões, ou captação de recursos, salvo se autorizado pelo Rio 2016. Ingressos obtidos por fonte que não o Rio 2016, ou por este autorizada, serão considerados INVÁLIDOS e PODEM SER APREENDIDOS/CANCELADOS, SEM DIREITO A REEMBOLSO OU ENTRADA NA SESSÃO. Qualquer Pessoa tentando usar um Ingresso obtido em desacordo com o Regulamento poderá ser retirada do local e estar sujeita a ações civis e criminais. Sessões podem ser atrasadas, interrompidas, adiadas ou canceladas. Consulte os Termos e Condições para Compra de Ingressos para a elegibilidade e procedimentos de reembolso. Você concorda que está sujeito a inspeções de segurança, que leu e aceitou a lista de itens proibidos, restritos e de comportamentos proibidos, e reconhece e aceita os perigos e riscos inerentes a uma Sessão. Respeitada a legislação, você é responsável por seus pertences, sua segurança, ou de pessoas vulneráveis. O uso não autorizado de material promocional, ou venda de produtos na Instalação é proibido. **Você concorda em ser fotografado, identificado, e/ou gravado pelo Rio 2016/IPC ou terceiros por eles autorizados, e que tais fotografias, filmes ou gravações podem ser usados para fins comerciais ou não-comerciais, sem pagamento, pelo período máximo permitido pela lei, em qualquer formato e através de qualquer mídia, para a promoção do Movimento Paralímpico.** Você concorda que imagens, vídeos, ou gravações de áudio dos Jogos realizadas por você não poderão ser usados para fins comerciais.

TERMS AND CONDITIONS OF TICKET PURCHASE: This is a summary of the "Ticket License Agreement and Spectator Policy" available at www.ingressos.rio2016.com and from all official box offices. **BY ACCEPTING, HOLDING OR USING A TICKET, YOU ACKNOWLEDGE THAT YOU HAVE READ, UNDERSTOOD AND ACCEPT THE AGREEMENT.** You must keep this Ticket with you at all times. Save as authorised by the Rio 2016 Organising Committee for the Olympic and Paralympic Games ("Rio 2016"), Tickets are non-transferable and may not be sold/advertised for sale. **Unauthorised resale of this ticket may result in criminal prosecution.** Tickets may not be used for marketing, auctions, or fundraising unless approved by Rio 2016. Tickets obtained from Persons other than Rio 2016 or authorised sources are VOID and may be SEIZED/CANCELLED WITHOUT REFUND OR ENTRY TO A SESSION. Any Person using a Ticket obtained in breach of this Agreement may be ejected and face legal action. Sessions may be delayed, interrupted, postponed or cancelled. Refer to the Terms and Conditions of Ticket Purchase for refund eligibility and procedures. You agree that you may be subject to security searches, have read and understood the lists of prohibited and restricted items and forbidden behaviours, and accept the risks and dangers of attending a Session. Subject to the laws, you are responsible for your property and safety and for the safety of any vulnerable persons. Unauthorised use of promotional materials or sale of goods in the Venue are prohibited. **You agree to be photographed, identified and/or otherwise recorded by Rio 2016/the IPC or third parties authorised by them, and that such photographs, films or recordings can be used in a commercial or non-commercial manner without payment, for the maximum duration permitted by law, in any format and through any media, for the promotion of the Paralympic Movement.** You agree that images, videos, or sound recordings of the Games taken by you cannot be used for commercial purposes.

O encontro de grandes parceiros fortalece o Movimento Paralímpico. Bringing together major partners to strengthen the Paralympic Movement.

PATROCINADORES PARALÍMPICOS MUNDIAIS
WORLDWIDE PARALYMPIC PARTNERS

PATROCINADORES OFICIAIS | OFFICIAL SPONSORS

Atos **Panasonic**

Bradesco **Bradesco Seguros** **Coca-Cola**


SAMSUNG **VISA**

Correios **Embratel** **Claro** **GE**

McDonald's **NISSAN** **OMEGA** **P&G**

Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016
Rio 2016 Organising Committee for the Olympic and Paralympic Games
Rua Ulysses Guimarães, 2016 - Cidade Nova, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
CNPJ/MF 11.866.015/0001-53
Baixe o guia do espectador em | Download the spectator's guide at
rio2016.com/guiaoespectador

TM Rio 2016 © 2011



Fonte: O próprio autor, 2023.

APÊNDICE I – COPO DE DISTRIBUIÇÃO DA CERVEJA SKOL NO JOGOS OLÍMPICOS – RIO 2016.



Fonte: O próprio autor, 2023.

APÊNDICE K – FACHADA DA LOJA OFICIAL DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL 2018 – RÚSSIA.



Fonte: O próprio autor, 2018.

**APÊNDICE L – ESTANDE DA HYUNDAI NA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL 2018
– RÚSSIA.**



Fonte: O próprio autor, 2018.

APÊNDICE M – ESTANDE DA HYUNDAI NA *FAN FEST* DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL 2018 – RÚSSIA.



Fonte: O próprio autor, 2018.

APÊNDICE N – ESTANDE DA HISENSE NA FAN FEST DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL 2018 – RÚSSIA.



Fonte: O próprio autor, 2018.

**APÊNDICE O – ESTANDE DA COCA COLA NA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL
2018 – RÚSSIA.**



Fonte: O próprio autor, 2018.

APÊNDICE P – ESTANDE DA CATAR AIRWAYS NA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL 2018 – RÚSSIA.



Fonte: O próprio autor, 2018.

APÊNDICE Q – CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO DE ATIVIDADE DA COCA COLA NA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL 2018 – RÚSSIA.



Fonte: O próprio autor, 2018.

**APÊNDICE R - ESTANDE DA BUDWEISER NA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL
2018 – RÚSSIA.**



Fonte: O próprio autor, 2018.

APÊNDICE S - ESTANDE DA BUDWEISER NA *FAN FEST* DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL 2018 – RÚSSIA.



Fonte: O próprio autor, 2018.

APÊNDICE T – COPO DE DISTRIBUIÇÃO DA CERVEJA BUDWEISER NA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL 2018 – RÚSSIA.



Fonte: O próprio autor, 2018.

APÊNDICE U – COPO DE DISTRIBUIÇÃO DE BEBIDA COCA COLA NA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL 2018 – RÚSSIA.



Fonte: O próprio autor, 2018.

**APÊNDICE V – EMBALAGEM DE DISTRIBUIÇÃO DA CERVEJA WARSTEINER
NA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL 2018 – RÚSSIA.**



Fonte: O próprio autor, 2023.

7. ANEXOS

ANEXO A – PARCEIROS E PATROCINADORES OFICIAIS DA COPA DO MUNDO DESDE 1982.

FACT Sheet

FIFA
 For the Game. For the World.

The Official FIFA World Cup™ Partners & Sponsors since 1982

	2014*	2010*	2006	2002	1998	1994	1990	1986	1982
adidas	x	x	x	x	x				
Coca-Cola	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Emirates	x	x	x						
Hyundai-Kia Motors (2002-2006: Hyundai)	x	x	x	x					
Sony	x	x							
Visa	x	x							
Alfa Romeo							x		
Anheuser-Busch (Budweiser)	(x)	(x)	x	x	x		x	x	
Asaya			x	x					
Bata								x	
Canon					x	x	x	x	x
Castrol	(x)	(x)							
Cinzano								x	
Continental	(x)	(x)	x						
Deutsche Telekom			x						
Energizer						x			
Fuji Xerox				x					
Fujifilm			x	x	x	x	x	x	x
Gillette			x	x	x	x	x	x	x
Iweco									x
Johnson & Johnson	(x)								
JVC				x	x	x	x	x	x
Korea Telekom/NTT				x					
MasterCard			x	x	x	x			
McDonald's	(x)	(x)	x	x	x	x			
Metaxa									x
MTN		(x)							
Oi	(x)								
Opel (1994: General Motors)					x	x		x	
Philips			x	x	x	x	x	x	
R.J. Reynolds (1986: Camel/1982: Winston)								x	x
Satyam		(x)							
Seara	(x)								
Seiko								x	x
Snickers (1990: Mars/M&M's)					x	x	x		
Toshiba			x	x					
Vini d'Italia							x		
Yahoo!			x	x					
Yingli Solar	(x)								
TOTAL	6 (+4)	6 (+6)	15	15	12	11	10	12	9

*FIFA's commercial hierarchy now comprises six FIFA Partners (shown in bold), eight FIFA World Cup Sponsors (previously six) and six National Supporters